"Afiado, brilhantemente planejado e envolvente."

— KAREN M. McMANUS, autora *best seller* de *Um de nós está mentindo*

As líderes de torcida



Populares. Admiradas. Mortas.

Kara Thomas

mood

As líderes de torcida

Kara Thomas

As líderes de torcida

Tradução
Karla Lima

mood

Esta é uma publicação Mood, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2025 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The Cheerleaders

Texto
Copyright © 2018 Kara Thomas

Editora
Michele de Souza Barbosa

Tradução
Karla Lima

Preparação
Eliel S. Cunha

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação e conversão para eBook
Linea Editora

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Ilustrações/capa
Alex Merto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T45 4l
Thomas, Kara
As líderes de torcida [recurso eletrônico] / Kara Thomas ; tradução de Karla Lima. - Jandira, SP : Mood, 2025.
352 p. ; ePUB.

Tradução de: The Cheerleaders
ISBN: 978-65-8306-038-9 (ePUB)

1. Literatura americana. 2. Romance. 3. Thriller psicológico. 4. Young Adult. 5. Suspense. 6. Escola. 7. Morte. 8. Assassinato. 9. Investigação. 10. Segredo. 11. Amizade. 12. Crime. 13. Família. I. Lima, Karla. II. Título.

2025 - 3685
CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

Versão digital publicada em 2025
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Em amorosa memória de
Kezban Mustafa

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Agradecimentos



Capítulo 1

Esta casa foi feita para alguém sem alma. Então acho que faz sentido que minha mãe a quisesse tanto. Consigo imaginar como os olhos dela se iluminaram, quando ela percorreu a construção nova, de cinco quartos e três banheiros e meio. Aposto que ela acha que esta casa é a solução para o nosso problema.

Quando Tom, meu padrasto, me mostrou o banheiro anexo ao meu quarto, com uma Jacuzzi só para mim, ele disse: "Aposto que você se sente uma Cinderela", porque ele é um idiota.

Eu deveria estar feliz por minha mãe e Tom, porque a casa antiga demorou tanto a ser vendida que quase acabou com o casamento deles. Eu deveria estar exultante por nunca mais precisar ouvir as palavras *mercado imobiliário terrível* e *localização ruim*. Nem eles nem o corretor tiveram coragem de abrir o jogo e dizer que ninguém queria comprar uma casa na rua dos horrores.

A pior coisa da casa nova é que não tem como eu entrar discretamente direto para o quarto. A sala de jantar fica bem na frente do saguão da entrada, então, quando volto do teste de dança em grupo, vejo minha mãe à mesa de jantar, comendo comida chinesa para viagem com Tom e Petey, o "filho acidental" deles.

Petey está com dez anos. Minha mãe se casou com Tom quando eu tinha cinco. Quando eu era criança, escutei por acaso minha mãe dizer à minha avó que ela e Tom não queriam mais crianças. Minha mãe tinha Jen e eu, e Tom

tinha, com a ex-mulher, uma filha já em idade de ir para a faculdade. Quatro meses mais tarde, minha mãe estava grávida de Petey.

Portanto, totalmente "filho acidental".

– Monica – mamãe chama –, estamos jantando.

Em outras palavras: "Não se atreva a desaparecer lá em cima".

Eu me arrasto até a sala de jantar, o cheiro de comida para viagem azedando meu estômago. Tudo dói: ficar de pé, andar, sentar.

À mesa, Petey está sugando *noodles lo mein*. Um fio escorrega de sua boca e cai na tela do iPad, porque Deus me livre que ele execute uma função básica como comer sem jogar "Guerra dos Clãs".

– Petey – mamãe diz –, por favor, pare de jogar.

– Mas eu tenho que fazer a colheita.

– Você quer que o iPad vá para o lixo?

– Você não ia jogar um *iPad* no *lixo*.

– *Peter*.

Os olhos de Petey se arregalam, porque a mamãe só usa o nome inteiro dele quando está prestes a perder a cabeça. Quase quero dizer à pobre criança que não é culpa dela que a mamãe esteja agindo como uma psicopata.

– Monica. – Tom levanta os olhos do telefone, finalmente reparando em mim. Ele tira os óculos de leitura e bafora nas lentes. Limpa-as na camisa. – Como foram os testes?

– Bem.

– O restaurante chinês novo nos mandou biscoitos da sorte extras!

Petey e eu dizemos "legal", o que basicamente resume a profundidade das minhas interações com meu meio-irmão.

Os olhos de mamãe estão em mim. Mantenho os meus próprios olhos em uma caixa de arroz branco. Pego um prato e me sirvo de um pouco.

– O que foi? – Petey pergunta. Levo um segundo para perceber que ele está falando comigo. Tom me observa também, agora. Minha mãe faz uma cara como se tivesse acabado de engolir vômito.

– Posso ir me deitar? – pergunto.

– Pode – ela diz.

Quando chego ao corredor, ouço Petey choramingar:

– Por que que ela pode fazer o que quer?

Subo até o quarto praticamente rastejando pela escada. Os analgésicos vendidos sem receita, que minha mãe pegou para mim, são simplesmente um lixo. Eu ligaria para o Matt, meu ex-namorado, porque, apesar de ele negar, é amigo de gente que consegue a coisa fina. Mas o Matt se formou e não está mais em Sunnybrook, e a gente não se fala desde julho.

Minha almofada térmica ainda está embalada em uma das caixas organizadoras que mamãe e eu compramos na Bed Bath & Beyond, antes da mudança. Tiro da embalagem mordendo o lábio. A enfermeira no consultório do doutor Bob falou que seriam como cólicas menstruais fortes. Mas dói tanto que quero morrer.

Começo a suar quando ligo a almofada térmica na tomada e tombo na cama novinha em folha. Tamanho *king*, como a de mamãe e Tom. Ela insistiu – uma de tamanho *queen* teria parecido pequena demais para o quarto.

Dizem que não se deve colocar a almofada direto sobre a pele, mas ponho mesmo assim e me encolho de lado. Prefiro minha pele derretendo a essa dor abdominal.

Uma batida à porta. Solto um grunhido e mamãe entra, segurando um frasco de naproxeno e um copo de água.

– Quando foi a última vez que você tomou analgésico?

– No almoço – minto. Engoli dois antes do teste.

– Pode tomar mais dois, então. – Mamãe se aboleta na beirada da cama. Daria no mesmo se estivesse a quilômetros de distância. É realmente obsceno como a cama é grande.

Gemo e aperto as pernas contra o peito, em posição fetal.

– Eu disse que você deveria ter ficado em casa hoje.

Mamãe sacode o frasco contra a palma da mão, saem dois comprimidos.

– A treinadora teria me cortado do grupo. – Aceito os comprimidos. Engulo avidamente.

Mamãe fica em silêncio. Ela bate os dedos (as unhas arredondadas, pintadas de esmalte claro) na cômoda. É o tique nervoso dela. Finalmente, pergunta:

– Você contou ao Matt?

– Não.

Não sei dizer o que ela está pensando, se realmente *quer* que eu ligue para o Matt na faculdade e conte a ele.

– Ele poderia te dar apoio – mamãe diz, após um instante. – Você não precisa passar por isso sozinha.

– Seja como for, não era dele.

Olho direto em frente, para não ter de ver a expressão no rosto dela.

Quando ela se levanta, seu perfil entra em foco. Ela parece triste, por um momento, antes de se recompor.

– Espero que você aprenda alguma coisa com essa dor.

Minha mãe apaga a luz ao sair; ou tenta, pelo menos. Não consegue encontrar o interruptor logo de cara, porque fica do lado oposto ao que era no meu quarto antigo. Por fim ela desiste e me deixa sob o brilho de lâmpadas LED de máxima eficiência energética.

"Ela está enganada", penso. A dor não serve para ensinar nada. Só existe para te machucar. E ela deveria saber disso melhor que qualquer um.

Na manhã seguinte, estou bem instalada na varanda, a chuva batendo na parte saliente do telhado, encarando a casa do lado oposto da rua, quando Rachel encosta o Volkswagen Beetle vermelho-cereja dela. Ninguém mora lá. Os empreiteiros precisaram abandonar a construção da parte interna da casa porque as pessoas que a compraram ficaram sem dinheiro. Desde que nos mudamos, a casa vazia é tema das ranhetices da minha mãe. A casa só está lá, existindo, sem incomodar ninguém. É exatamente o tipo de coisa que ofende minha mãe.

Rach e eu somos melhores amigas desde que éramos crianças. Ela fez dezessete anos em julho, o que significa que tirou carteira de habilitação mais de seis meses antes do que eu vou tirar. Rachel precisou repetir o jardim de infância, e a molecada tirava sarro dela, porque que tipo de bocó não passa de ano no jardim? Daí, no oitavo ano, ela tirou o aparelho e descobriu a chapinha, os seios cresceram e todo mundo calou a boca.

Ela baixa os óculos de sol para me olhar, quando me acomodo no banco do passageiro.

– Você está bem?

– Estou – minto. – Acordei atrasada demais para me maquiar.

– Espero que a lista já tenha saído – Rach diz, engatando a marcha à ré e saindo da entrada para carros da minha casa. Ela parece nervosa.

Claro que estaremos na lista. Rachel, nossa amiga Alexa e eu fomos as únicas calouras a entrar no grupo de dança, dois anos atrás. A mãe de Rach nos deu carona até a escola, naquela manhã, para podermos consultar a lista juntas. De braços dados, com os joelhos tremendo debaixo das saias jeans novas, na primeira semana do ensino médio.

Ver nosso nome naquela lista nos fez sentir que nada poderia nos deter. Eu fui ingênua e pensei que, estando no grupo de dança, não seria conhecida como a irmã de uma das animadoras de torcida. Mas nossa tragédia particular não é do tipo que as pessoas esquecem facilmente; ser irmã de Jennifer Rayburn é como ter uma cicatriz gigante, que toda manhã preciso cobrir para esconder.

Uma onda de nervosismo me revira o estômago. Ou talvez seja o naproxeno. Meu desempenho fraco nos testes ontem é razão suficiente para que a treinadora me dispense, se quiser. Ela não é conhecida por conceder segunda chance. Esqueceu seus sapatos de dança? Volte para casa e não se dê ao trabalho de vir ao ensaio amanhã.

Eu me pergunto se vou me importar, caso meu nome não esteja na lista. Apoio a cabeça na janela. Rachel freia no sinal de "Pare" no fim da minha rua. Olha para os dois lados, conta em silêncio para si mesma, sempre a motorista perfeita, cautelosa, sempre olhando duas vezes para a minha casa para ver se Tom está observando.

Tom é sargento da polícia local. Tê-lo como padrasto é um jeito bem fácil de descobrir quantas pessoas conheço que têm um medo bem enraizado das forças da lei.

Rachel encosta na entrada para carros de Alexa, e é claro que ela não está pronta; ela nunca está. Estou prestes a mandar uma mensagem de texto perguntando por que ela tem de nos atrasar toda maldita manhã. Mas a porta da frente se abre e ela desce, marchando, o caminho de carros, vestindo moletom dos Sunnybrook Warriors e jeans *skinny*.

Alexa se joga no banco de trás e imediatamente pega o estojo de maquiagem. Começa a aplicar o batom vermelho Merlot dela.

– Cinto de segurança! – Rachel grita.

Capto o olhar de Alexa pelo espelho lateral.

– O que você fica fazendo a manhã toda – pergunto, irritada –, se sempre precisa passar o batom no carro?

Alexa passa a mão pelos cabelos, fazendo ondular as madeixas com chapinha recente.

– Ora, ora, Monica obviamente está naqueles dias.

Quase faço Rachel encostar para seguir adiante a pé.

Chegamos à escola com alguns minutos de folga antes do primeiro sinal. As portas laterais do ginásio estão abertas, entramos no corredor e encontramos o caos. Há baldes espalhados pelo chão para captar os fios constantes da água que pinga do teto. O zelador está em uma escada, tentando prender um saco de lixo em volta do buraco. Ouço-o resmungar alguma coisa sobre a maldita chuva que já caiu este ano até agora.

– Este lugar parece um gueto – Alexa anuncia, e quero dar nela, porque ela não tem ideia do que a palavra realmente significa. Além do mais, somos um dos distritos escolares mais ricos do condado.

Várias estantes de troféus, geralmente acomodadas na frente do vestiário, foram postas no meio do salão. Passamos ao redor, mas não antes que eu a veja. Minha irmã.

Ela sorri para mim, na maior foto da maior estante de troféus. Ela está posando para a câmera com quatro amigas. Suas bocas estão pintadas de cereja; as saias plissadas de animadoras de torcida são azuis e amarelas. A foto é do primeiro jogo em casa da temporada, cinco anos atrás, quando ainda existia uma equipe de animadoras.

Uma onda de náusea me percorre. Todos os dias, depois da ginástica, depois do ensaio de dança em grupo, eu mudo de caminho para evitar essa foto.

Eu conhecia todas as meninas na imagem, algumas bem, outras nem tanto. Juliana Ruiz e Susan Berry eram as melhores amigas de Jen e presença constante em nossa casa desde que posso me lembrar. Quando entraram para a equipe de animadoras, no ano em que eram calouras, elas fizeram amizade com duas veteranas: Colleen Coughlin e Bethany Steiger.

Todas sorriem para mim: Jen, Juliana, Susan, Colleen e Bethany. É realmente uma linda foto.

No fim da temporada, todas elas estavam mortas.



Capítulo 2

Uma pequena multidão está reunida do lado de fora da secretaria principal, onde a treinadora disse que fixaria a lista nesta manhã. Conforme nos aproximamos do quadro de avisos, uma porção de calouras se afasta, abatidas.

Ao meu lado, Rach inspira fundo. Vamos até o quadro de avisos. Analiso os papéis cor pastel presos ali: uma lista de pessoas chamadas de volta para o jogo de outono, um panfleto anunciando o lava-rápido do time feminino de futebol, informações sobre um fim de semana de imersão em um cursinho pré-vestibular.

– Não tem nada aqui – Alexa diz.

– Tem, sim. – Uma voz familiar.

Eu me viro; as Kelseys estão atrás de mim, *lattes* gelados da Dunkin' Donuts em mãos. Kelsey Butler chacoalha o gelo do dela. Ela aponta; as unhas, pintadas de damasco, destacam-se contra a pele escura.

Olho para onde Kelsey está apontando, uma folha de papel espetada no quadro de avisos. Nela, uma única linha:

A lista da equipe de dança será afixada ao meio-dia.

A melhor amiga de Kelsey Butler, Kelsey Gabriel, aproxima-se dela para ver melhor. Os cabelos da Kelsey G, normalmente claros, estão com mechas ainda mais claras por causa do sol, e a pele tem sardas.

– Eita. Por quê?

– Mais gente se candidatou neste ano – Kelsey B diz. – Talvez ela tenha precisado de mais tempo para decidir.

As Kelseys se afastam juntas. Elas vão estar na lista; são veteranas, e ambas estudaram comigo no Royal Hudson Estúdio de Dança, quando éramos mais novas. As Kelseys, com seus saltos inumanamente altos e piruetas ágeis como chicotes, são as coisas mais próximas de favoritas que a treinadora tem.

Minhas amigas e eu ficamos juntas e seguimos para o segundo andar; somos Rayburn, Santiago e Steiger, e os quartos são atribuídos por ordem alfabética de sobrenome. Enquanto entramos em fila para subir a escada, vejo Rachel de relance. Ela está cutucando o canto da boca, onde o batom está rachando.

– Tá em ordem – digo, baixo o suficiente para que apenas ela possa ouvir. – Você está bem.

Ela sem dúvida está pensando no que a Kelsey B falou. Rachel é atormentada pelo salto triplo que não conseguiu dominar, aquele que a treinadora ameaçou incluir na série fixa da competição neste ano.

Antes que eu consiga encontrar minha carteira na sala de aula, o professor diz meu nome.

– Você está sendo chamada na orientação.

Meu estômago cai até os pés.

– Por quê?

– Sei lá. Não sou seu secretário – ele rebate com voz monótona.

Pego o papel da mão dele, espiando o rabisco quase ilegível do meu orientador.

Escolho o caminho mais longo até a sala da orientação para poder passar no banheiro. Tiro o saquinho plástico de naproxeno que minha mãe deixou no aparador hoje de manhã, ao lado do Tupperware de legumes e do molho *ranch*. Ela está me oferecendo os comprimidos quatro por vez, como se fossem um analgésico opioide ou coisa assim. Abro o saquinho e mando tudo para dentro com um gole de água da minha garrafa.

O senhor Demarco está sentado de costas quando bato no batente da porta do escritório dele. Ele gira na cadeira, o rosto se ilumina quando me vê. Está usando uma polo azul-clara que combina com os olhos dele e os realça. Rachel e Alexa o chamam de tiozão delícia.

– Aí está ela. – O senhor Demarco pousa na mesa o copo de café da

Starbucks, que traz as letras "PSL"[1]. – Sente-se, sente-se.

Ele puxa uma cadeira para perto da mesa. Tira do assento uma caixa de folhetos; vejo de relance o pátio interno de um *campus*, todo colorido pelas folhas de outono. Eu me sento e pressiono o livro de química contra o abdome.

– Então. – Demarco sorri sem mostrar nenhum dente. – Como você está?

– Bem. – Aperto o livro de química. Pressiono mais. Será que ele sabe? Ele não teria como descobrir. Não, a menos que minha mãe tenha contado, e eu a fiz jurar, minhas unhas criaram um semicírculo fundo no braço dela, que ela não contaria nem a Tom.

Demarco dá um golinho no café.

– Vou direto ao ponto. A senhora Coughlin está tentando organizar uma cerimônia *in memoriam* no pátio.

Senhora Coughlin, a professora de Saúde. Mãe de Colleen Coughlin.

O senhor Demarco não fornece nenhuma explicação adicional; ele não precisa. Colleen Coughlin estava no banco do passageiro do carro de Bethany Steiger, quando ele sofreu uma hidroplanagem durante uma tempestade e bateu em uma árvore. O carro ficou tão destruído que, dizem, o legista teve dificuldade de identificar qual garota era qual. Um dos paramédicos presentes à cena vomitou.

As duas primeiras animadoras de torcida a morrer naquele ano.

– Uma cerimônia *in memoriam*. – Tiro o elástico do pulso e amarro em volta dos dedos, interrompendo a circulação nas pontas. – Tipo uma coisa religiosa?

– Não, de forma nenhuma – Demarco diz. – Apenas uma pequena homenagem no pátio. A senhora Coughlin perguntou se você gostaria de participar.

Diante da minha expressão chocada, Demarco pega o copo vazio e bate o fundo contra a mesa.

– Obviamente, você não precisa dizer sim. A senhora Coughlin escolheu alguns poemas que ela acha que seria bacana que você lesse.

Ele me entrega um maço de folhas presas por um clipe borboleta. Eu não olho.

– É só que… – balbucio. – Seria muito estranho. Eu nem conhecia Colleen e Bethany.

– Ah, não, nós homenagearíamos as garotas logo no começo. Todo mundo achou que seria melhor assim.

Em outras palavras, fazer a cerimônia logo, antes do *homecoming*[2], porque as duas melhores amigas da minha irmã morreram cinco anos atrás na noite anterior ao *homecoming delas*. Não seria muito simpático relembrar a multidão sobre o jeito terrível como Juliana Ruiz e Susan Berry foram mortas, quando todo mundo só quer ver um pouco de futebol.

– Uau. Okay. Obrigada. Na verdade, acho que tenho prova na próxima aula.

– Claro. Vou lhe dar um passe.

Enquanto Demarco vasculha a gaveta em busca dos passes, deixo que meus olhos vagueiem. Há uma flâmula dos Sunnybrook Warriors em cima da mesa dele, bem ao lado de um calendário dos New York Giants. Logo acima de uma foto emoldurada do time de futebol do Sunnybrook de seis anos antes, posando com o troféu do campeonato estadual. Desde então, não vencemos mais.

Se você visse o álbum de fotos da minha família, poderia se perguntar se minha irmã era adotada. Mamãe, Petey e eu temos todos cabelo castanho-escuro volumoso e olhos azuis. Jennifer era loira, como nosso pai biológico, e tinha os olhos verdes dele.

Eu me lembro de uma época em que ela gostava de mim. Existem provas: fotografias de nós no dia das bruxas, vestidas como princesas-irmãs da Disney, e vídeos nossos no quintal, encenando peças de teatro estreladas por nós duas e Mango, nosso vira-lata mistura de *jack russell* com *rat terrier*.

Mas tínhamos quatro anos de diferença, e, quando Jen começou o fundamental 2, parecia que minha mera existência a incomodava.

– É assim que as coisas são entre irmãs – mamãe me dizia, quando eu ainda era pequena o suficiente para subir no colo dela, com o rosto viscoso de lágrimas depois de uma briga com Jen. Sentia os dedos dela deslizando na minha orelha enquanto ela brincava com o meu cabelo. – A tia Ellen e eu só ficamos amigas quando entramos na faculdade.

Antes do *homecoming* no segundo ano de Jen, eu passei uma faringite estreptocócica para ela. Acabaria salvando sua vida. Por algum tempinho, pelo menos.

Os pais de Susan estavam em Vermont para o casamento da prima dela, na noite anterior ao jogo, e Juliana e Jen haviam combinado de ficar na casa de Susan para lhe fazer companhia. Susan se recusou a perder o *homecoming*, mesmo que fosse pelo casamento, e além disso alguém precisava ficar em casa com Beethoven, o amado são-bernardo da família Berry.

O senhor Ruiz ia buscá-las na manhã seguinte para tomarem o café em uma lanchonete antes do jogo do *homecoming*. Era uma tradição que Juliana tinha com a família: panquecas antes de se apresentar.

Não era para ser grande coisa, um bando de meninas de quinze anos passando a noite sozinhas. Sunnybrook era uma das cidades mais seguras do país, e na nossa rua todos cuidavam uns dos outros. Mas, quando o pai de Juliana chegou para pegar as meninas, na manhã seguinte, estavam ambas mortas.

Elas tinham sido estranguladas. As mãos de Juliana tinham cortes abertos como fatias, e uma ainda segurava um caco do espelho quebrado que ficava na entrada. Ela havia lutado como um cão.

Susan não havia previsto aquilo. Estava de costas, no alto da escada, olhando para o teto. Do lado oposto do corredor, o chuveiro ainda estava ligado. Ela deve ter saído correndo quando ouviu os gritos de Juliana.

Se minha irmã não estivesse doente demais para dormir na casa de Susan Berry naquela noite, o vizinho de Susan com problemas mentais teria assassinado Jen também.

"Sortuda", as pessoas diziam sobre ela. "Abençoada."

No final, porém, não fez a menor diferença.

Algumas pessoas dizem que uma maldição caiu sobre a nossa cidade cinco anos atrás. O que mais poderia explicar as mortes trágicas de cinco garotas, em três incidentes separados, em menos de dois meses?

Algumas pessoas acham que a morte de Jen foi a mais trágica de todas.

Jen estava entre as três melhores alunas da classe e era amada por todo mundo que teve a sorte de conhecê-la. Ela queria passar o verão na América do Sul antes de ir para a faculdade como voluntária da Habitat for Humanity. Ela planejava estudar Veterinária, porque, na mesma medida em que amava ajudar pessoas, seu coração pertencia aos animais, especialmente cavalos, que ela montava na infância.

Jen não teria feito aquilo. É isso que eles não entendem. Minha irmã, com sua longa lista de tudo o que queria fazer na vida, jamais teria se matado. Talvez isso fizesse sentido para eles, se conseguissem se colocar no lugar dela. Viver cada dia imaginando o que Jack Canning lhe teria feito se ela estivesse naquela casa seria realmente vida? A vida valia a pena quando todas as amigas estavam mortas?

Não sei se somos amaldiçoados. Só sei que minha irmã não teria se matado. E, se ela se matou, por que não deixou um bilhete explicando o motivo?

---

[1] Iniciais de *Pumpkin Spice Latte*, bebida da Starbucks à base de café com calda de abóbora e especiarias. (N.R.)

[2] Homenagem que instituições de ensino dos Estados Unidos fazem a seus alunos. O evento dura uma semana, mistura calouros, veteranos e já formados, inclui apresentações de dança, competições esportivas e outras atividades e se encerra com um jogo de futebol. (N.T.)



Capítulo 3

Preciso fazer outra parada no banheiro, então vou para o dos professores, ao lado da secretaria principal, porque todo mundo sabe que eles não são porcos nojentos como o resto de nós. Você tem de pedir a chave para a secretária, mas a senhora Barnes é casada com um dos policiais que trabalham com Tom. Ela me deixa entrar todas as vezes.

Tem gente no banheiro feminino, então me apoio na parede em frente às portas enquanto espero, e fico vendo os atrasados entrarem no prédio. Quando você chega atrasado à escola, tem de assinar a entrada com o vigia, em uma escrivaninha ao lado da porta.

Um cara de cabelo castanho está curvado, rabiscando alguma coisa no caderno do vigia, rindo de algo que está dizendo. Esse cara não é aluno: é alto demais, de aparência não estudantil demais…

Que diabos ele está fazendo aqui?

Uma camada de suor brota nas palmas das minhas mãos. Viro-me para ficar de frente para a porta do banheiro, longe dele, mas é tarde demais. Uma espiada rápida por cima do ombro e sei que ele me viu.

Tenho vontade de chutar a porta do banheiro dos professores e gritar para que a pessoa lá dentro me deixe entrar. Em vez disso, giro e desço o corredor, na direção oposta à que ele toma, mesmo sabendo que estou me afastando da ala de Ciências e da sala do professor de Química, o senhor Franken.

Aperto o passo, mordendo o lábio inferior para me distrair das pontadas no

abdome. Desço o corredor direto e reto até onde há dois banheiros de alunos. *Não pare…*

– Monica! Espera!

Não é a voz de Brandon. É claro que não é Brandon me chamando; por que ele agiria aqui como se me conhecesse?

Eu me viro e vejo um cara com um colete de corrida ao ar livre de Sunnybrook. Jimmy Varney, um dos melhores amigos de Matt. Ele sorri e acena para mim.

– Ei. Como foi seu verão?

– Bom – murmuro, com medo de vomitar na cara dele se eu abrir a boca um pouco mais.

Os olhos de Jimmy focam algo, alguém, por cima do meu ombro. Ele levanta a mão.

– Treinador! Oi!

Jimmy pousa a mão no meu braço.

– Te vejo mais tarde?

Concordo com a cabeça e Jimmy sai apressado. Brandon está frito, agora que Jimmy caiu em cima dele. Acelero o passo e não paro até chegar ao banheiro, onde me tranco na primeira cabine.

Brandon é o novo treinador de corrida ao ar livre.

Não consigo nem me ajoelhar, antes de vomitar na privada.

Nada disso teria acontecido, se não fosse por aquele vestido branco.

Consegui o emprego no New Haven Country Club em junho. Quando falei para a minha mãe que precisava de carona para meu primeiro dia de trabalho, ela piscou, confusa, e disse:

– Por Deus, Monica, se você queria dinheiro, poderia ter me *pedido*.

Mas não era pelo dinheiro, não de verdade. Eu queria algo mais que dias de verão passados no quintal de Rachel, treinando saltos carpados e aéreos no trampolim dela. Eu queria um jeito de escapar das noites no lago, do hálito de cerveja de Matt na minha orelha e da mão na minha coxa.

Os sócios do New Haven Country Club têm o tipo de dinheiro que lhes permite dar oitenta paus para que alguém cuide de seus filhos enquanto eles jogam golfe e ficam na sauna do spa o dia todo. Meu título era de Monitora do

Acampamento Infantil, mas a única coisa que eu precisava fazer era acompanhar as crianças até a piscina e quadras de tênis e garantir que não morressem no processo.

No meu primeiro dia, vi Brandon à toa no quiosque do salva-vidas, balançando a correia do crachá no pulso.

Eu soube onde o tinha visto antes: nos campeonatos de corrida ao ar livre de Matt, em Nova Jersey, no outono. A família de Matt tinha me deixado ir no carro com eles, para que eu pudesse vê-lo competir. Laura, sua irmã mais velha, reparou em Brandon primeiro.

– Eita – ela murmurou me cutucando, até que o vi na base das arquibancadas. Precisei olhar para o outro lado, com medo de que Matt me flagrasse encarando o treinador sexy do time adversário.

No fim do primeiro dia de trabalho, eu tinha um nome: Brandon.

Quando terminou junho, Matt e eu nos separamos. Nós dois sabíamos que era inevitável; ele ia para a faculdade em Binghamton no fim de agosto. Mas a ideia de não o ver me esperando ao lado do meu armário no primeiro dia de aula era tão ruim que pedi para fazer turnos extras no clube, para não ficar sentada em casa pensando a respeito.

Rachel e Alexa acharam que o lugar perfeito para a estreia de Monica Solteira era a festa de Quatro de Julho de Jimmy Varney, já que Matt não estaria lá; ele e a família tinham ido ao interior para passar o fim de semana na casa deles no lago. Rachel tinha acabado de fazer dezessete anos e passado na prova de direção, então ela e Alexa planejaram ir me buscar quando meu turno no clube acabasse, às seis.

Naquela manhã, quando peguei o vestido branco para mudar de roupa depois do trabalho, pensei em Brandon.

Ele estava limpando a superfície da piscina com uma rede quando saí do banheiro de empregados. Brandon olhou para mim e entreabriu os lábios. O rosto dele ficou vermelho, e minha pele ficou quente sob o vestido.

Durante toda a festa, naquela noite, fiquei me lembrando da expressão no rosto dele.

Aquela expressão me fez sentir que eu poderia fazer qualquer coisa. Então comecei a usar meus intervalos para conversar com ele. Na hora do almoço, me sentava na cadeira vazia ao lado do quiosque do salva-vidas e comia a salada de

galinha da minha mãe, enquanto Brandon me contava sobre o que eu havia perdido durante os dias de folga. Uma menina de seis anos que tinha berrado e se recusado a entrar na água até Brandon recolher um besouro morto do fundo da piscina.

Ele nunca perguntou minha idade e eu nunca perguntei a dele. Nós dois entendemos que isso destruiria qualquer coisa que estivesse rolando.

Uma semana depois, quando o relógio bateu as seis e era hora de fechar, mandei uma mensagem de texto para minha mãe dizendo que tinha carona para casa. Eu me ofereci para ficar e ajudar Brandon a limpar a piscina. Depois nos sentamos na borda, as coxas quase se tocando, observando a equipe de garçons montar o salão para um casamento dentro do clube.

– Foi legal da sua parte ficar para ajudar – ele disse. – Tenho certeza de que você preferiria ter saído com seu namorado.

Ele cutucou meu joelho com o dele e eu mantive a cabeça baixa, para que ele não visse minhas bochechas corando.

– Quem disse que tenho namorado?

– Desculpe – ele riu. – Tenho certeza de que você preferiria ter saído com o cara para quem você pôs aquele vestido branco naquela noite.

Deslizei o pé pela superfície da água. Não falei nada. Não quis admitir que ele era o cara para quem eu tinha posto o vestido.

Mas ele deve ter percebido, porque perguntou se eu queria carona para casa. Ele se levantou e estendeu a mão, me ajudando a ficar de pé.

Quando ele deu a partida no Jeep, rock clássico explodiu nas caixas. Algo sobre um cara de olhos azuis e uma garota de olhos castanhos. Nós éramos o contrário.

Ele ia realmente me levar para casa. Era eu quem lhe dizia que caminho fazer, e quando chegamos à minha rua, falei para seguir em frente, e ele seguiu. Ele continuou dirigindo até chegarmos a Osprey's Bluff.

– Monica. – Ele engoliu em seco e em seguida fechou os olhos. Eu abri o cinto de segurança e me sentei no colo dele, encarando-o. Segurei as mãos dele no meu rosto por um tempo, estudando seu rosto. Ele me encarou de volta de um jeito como Matt nunca tinha olhado para mim, deslizando o polegar pelo meu queixo.

Brandon disse meu nome de novo.

– Isto é uma má ideia.

– Eu não vou contar para ninguém.

Ele não me afastou quando eu o beijei. Ele queria, eu sentia a intensidade do desejo dele, e quando ele perguntou "Tem certeza? Tem certeza mesmo?", eu confirmei. Ele se inclinou e abriu o porta-luvas, o tempo todo pontilhando meu pescoço com beijos de barba por fazer.

Aconteceu mais duas vezes antes do começo da última semana de agosto, quando minha mãe me levou à consulta anual com a ginecologista; e, quando a médica perguntou a data da última menstruação, eu falei que não sabia, porque sinceramente não me lembrava. Ela franziu o rosto e me pediu que fizesse xixi em um copinho.

Liguei dizendo que estava doente e que faltaria ao que deveria ser meu último turno no clube, três dias antes do início das aulas. Brandon não mandou mensagem para saber o que tinha acontecido nem por que eu não havia me despedido.

Na sexta-feira tomei o primeiro comprimido no consultório do doutor Bob. Passei o sábado encolhida na cama, deitada de lado, chorando no travesseiro e rezando para não vomitar o segundo comprimido, porque daí não iria funcionar.

De manhã, recebi uma mensagem de Brandon, perguntando se poderíamos conversar. Eu sou tão burra que pensei que ele talvez quisesse me ver de novo.

Mas ele estava tentando me avisar que tinha conseguido um emprego na maldita da minha escola.

Minha mãe não fala comigo quando vai me buscar na enfermaria. Assina a alta e me leva para o estacionamento sem dizer uma única palavra.

A chuva virou uma névoa fina. Inclino a cabeça para trás e deixo esfriar o rosto, enquanto mamãe destranca o carro.

Mantenho os olhos no colo, enquanto ponho o cinto de segurança.

– Desculpe-me. Eu vomitei.

Eu a observo pelo canto do olho, procurando alguma indicação de que ela possa perguntar se tem mais alguma coisa acontecendo. Ela dá a partida e liga o limpador de para-brisa.

– Você não pode continuar tomando analgésicos com o estômago vazio.

Um caminhão à nossa frente para de repente. Mamãe pisa fundo no freio, e tudo em que consigo pensar é na *dor*. Estou suando, os ouvidos apitando. A voz dela atravessa o zunido; está dizendo meu nome sem parar. Está me sacudindo.

Pisco para afastar os pontos pretos que escurecem minha visão. Encostamos e minha mãe está me encarando.

– Você desmaiou?

– Não sei. – A pressão atrás dos olhos aumenta. – Mãe. Eu só quero que isso pare.

– Eu sei. – A mão dela se demora no meu ombro. Seu toque é leve. Imagino seus dedos frios roçando meu cabelo atrás da orelha, como ela fazia quando eu era pequena, antes que minha irmã morresse e minha mãe parasse de encostar em mim. Como se eu tivesse me tornado quebrável.

Ela retira a mão e não diz mais nada até chegarmos em casa.

Mamãe é gerente de um teatro (é pequeno demais para ser chamado de casa de espetáculos) no centro da cidade. Ela precisa ir buscar folhetos de divulgação da próxima montagem de *A importância de ser prudente*, mas me deixa em casa primeiro e me faz tomar Gatorade, para fazer subir de novo meu nível de açúcar.

Do quarto eu a ouço ao telefone com o doutor Robert Smith. Eu me pergunto se o nome dele é realmente Bob Smith ou se ele trocou para um tão genérico para que ninguém pudesse encontrá-lo e explodir uma bomba em sua casa.

– Naproxeno pode provocar mal-estar estomacal. Ele prescreveu um remédio contra náusea – minha mãe diz, parada no batente. – Vai estar pronto quando eu sair do teatro; vou buscar no caminho de volta para casa.

Quando ela está fechando a porta, eu a chamo.

– Mamãe?

– Sim, Monica?

Meu coração ainda está acelerado pela visão de Brandon nesta manhã. A adrenalina é a única explicação para o fato de eu ter necessidade de contar à minha mãe a verdadeira razão pela qual lhe pedi que fosse me buscar.

Minha mãe e eu não temos exatamente um relacionamento franco; ela

descobriu que Matt e eu tínhamos nos separado ao encontrar por acaso a irmã dele na Starbucks. Mesmo que eu contasse as coisas para ela, seria totalmente idiota admitir meu flerte de verão com o novo treinador de corrida ao ar livre.

Eu ainda nem fiz dezessete. Brandon tem vinte e poucos. Tom é policial. Reprimo a ideia assim que me ocorre.

– Obrigada – digo.

– Você não precisa me agradecer.

Ela me analisa por um momento, antes de fechar a porta. É quase doloroso ver como ela mostra surpresa diante de uma minúscula demonstração de gratidão de minha parte. Isso me faz pensar no motivo pelo qual as pessoas querem ter filhos. Não consigo imaginar um trabalho mais ingrato.

Quando ouço a porta da rua se fechar lá embaixo, sento-me na cama. Estremeço com a nova onda de dor no baixo-ventre. Não tomei nenhum analgésico desde antes de ir à sala do Demarco, hoje de manhã.

Cada segundo de ausência da mamãe parece uma eternidade. Quando não aguento mais, me arrasto para fora da cama e vou para baixo.

O frasco de naproxeno não está no balcão da cozinha, onde minha mãe o deixou de manhã. Não conheço nem metade dos lugares desta casa onde ela poderia tê-lo escondido.

Paro em frente ao banheiro do térreo, espiando a porta do escritório de Tom. Suas costas estão zoadas desde o acidente de carro que ele sofreu no ano passado; um moleque idiota roubou um quadriciclo e jogou Tom e o parceiro dele, Mike, numa perseguição por Sunnybrook. O menino ignorou uma placa de "Pare" e bateu em um BMW, que por sua vez atingiu Tom e Mike.

Na primavera minha mãe fez Tom parar de adiar a cirurgia. O médico receitou Vicodin para a recuperação; num dia de dores fortes neste verão, vi Tom roubar dois comprimidos do frasco na gaveta da mesa dele.

A dor destruiu minha capacidade de pensar direito. Só pode, porque me convenci de que, se o frasco ainda contivesse comprimidos, Tom não notaria a falta de um. Eu só preciso de um.

Tom não tranca a porta. Na casa velha, ele e minha mãe dividiam um único escritório. As mesas ficavam praticamente uma em cima da outra, e, quando os dias de *home office* deles coincidiam, eles não faziam muita coisa além de se agredir. Agora o escritório de Tom parece mostrar que ele não soube o que

fazer com tanto espaço.

Vou até a mesa e puxo a alça da gaveta de cima. Vasculho os detritos: Post-its, uma bandeja de clipes e tachinhas caída, canetas marca-texto ressecadas.

Fecho a gaveta e vou para a de baixo. Quando puxo, o conteúdo faz barulho. Mango começa a latir e entra no escritório para investigar.

– Não. Cachorro feio. – Eu o afasto com o pé e tateio o que está dentro da gaveta. Nenhuma receita de Vicodin.

Uma pilha de envelopes, unidos por um elástico, chama minha atenção.

Cada um tem uma etiqueta impressa, todos endereçados a Tom Carlino no endereço da casa antiga: 13 Norwood Drive, Sunnybrook, NY.

Deslizo o dedo pelo vinco superior dos envelopes, contando-os. São quatro. Cada um com a mesma data no carimbo postal, 7 de novembro, cada um separado do outro por um ano.

Pouso os envelopes no colo, trêmula.

Sete de novembro é o dia em que a minha irmã se matou.

Olho depressa por cima do ombro. Mango está deitado na soleira da porta do escritório de Tom e me observa.

Desdobro o pedaço de papel do primeiro envelope, revelando uma foto em preto e branco. A qualidade é péssima, como se alguém tivesse imprimido uma imagem de internet. Levo um instante para processar o que é que estou vendo.

A foto da minha irmã e das amigas dela. A mesma da estante de troféus da escola.

Analiso a folha; minhas mãos tremem quando leio as palavras no rodapé. Deixo a foto de lado e inclino o envelope seguinte para fazer cair o conteúdo.

Todo envelope contém a mesma coisa. Quatro fotos no total, cada uma com a mesma mensagem impressa no rodapé.

EU SEI QUE NÃO FOI ELE. LIGUE OS PONTOS.



Capítulo 4

Sete de novembro foi o pior dia da nossa vida. E aparentemente todo ano, desde o primeiro aniversário da morte de Jen, alguém vem mandando ao meu padrasto cartas anônimas.

Será que minha mãe sabe? Seriam as cartas a razão pela qual ela e Tom queriam tanto vender a casa, para fugir delas?

Eu sei que não foi ele. Ligue os pontos.

Viro as cartas, inspeciono cada envelope por dentro e por fora. Todos têm carimbo de Newton, uma cidade vizinha. Não há endereço do remetente, e nosso antigo endereço está impresso em uma etiqueta.

Recoloco as cartas exatamente onde as encontrei. De repente o Vicodin não é mais tão importante. A gaveta seguinte não se mexe quando puxo a alça. Tento outra vez para confirmar: está trancada, não emperrada.

Chave, chave. Remexo o resto das gavetas. Tem um aro com chaves pequenas na gaveta superior. Eu nem sei o que estou procurando. Deve haver alguma outra coisa aqui que possa explicar essas cartas. Por que Tom as guarda; e que diabos significam.

Meu telefone vibra, mensagem de Rachel:

> passamos ☺
> Onde você está?? Tem reunião
> hoje às 14h30

Disparo uma resposta:

> em casa, doente. Fala pra treinadora que sinto muito

No batente, Mango se endireita e solta um rosnado rouco. Em instantes, uma porta de carro se fecha. Minha mãe já está em casa.

Fecho a gaveta de Tom. Cambaleio para me manter de pé e expulso Mango do escritório. Ele sai em disparada para a porta, latindo, escorregando no piso de madeira, porque ainda não se acostumou com a falta de tapete. Fecho a porta do escritório de Tom e subo silenciosamente, antes que as chaves de mamãe girem na fechadura.

É quase meia-noite e a chuva apertou de novo. Parecem moedas de vinte e cinco centavos sendo jogadas no telhado. Estou na cama vendo as gotas escorrerem pela claraboia. Ao meu lado está o volume esfarrapado do romance que eu deveria estar lendo para a aula de Literatura Inglesa. Mal toquei o livro.

Algum psicopata poderia ter enviado aquelas cartas para Tom. Um alucinado anônimo. Os assassinatos de Juliana e Susan foram parar no noticiário nacional por um breve período, antes que as manchetes fossem desbancadas por uma trifeta: um escândalo sexual envolvendo um político, um ataque terrorista na Europa e um incêndio brutal na Califórnia. O suicídio de Jen mal foi captado pelo radar da mídia local. Pessoas se matam todos os dias.

Abro o navegador e digito *Sunnybrook NY mortes*. O primeiro resultado é um artigo do jornal *Westchester Courier* datado do mês de janeiro seguinte ao assassinato de Juliana e Susan.

POLICIAL INOCENTADO DA MORTE DE SUSPEITO DE ASSASSINATO

Uma investigação interna determinou que um agente de polícia de Sunnybrook agiu corretamente quando atirou em Jack Canning, 38, suspeito do assassinato de duas adolescentes em outubro do ano passado. O senhor Canning morreu em casa, após confronto com dois agentes de polícia de Sunnybrook, Thomas Carlino e Michael Mejia.

Mesmo depois de todos esses anos, ver o nome de Jack Canning ainda me embrulha o estômago. Tom e o parceiro dele, Mike, tinham acabado de começar o turno naquela manhã, quando o senhor Ruiz encontrou as meninas

e chamou a polícia. Eles foram os primeiros agentes a chegar à cena.

Enquanto as ambulâncias e o reforço chegavam, Jack Canning saiu para a varanda. Ao ver Tom, ficou pálido, correu de volta para dentro e bateu a porta.

Tom e Mike foram atrás dele; quando encurralaram Jack, ele apontou uma arma para eles. Tom atirou primeiro. Enquanto sangrava até a morte no tapete, Jack Canning agarrou Mike pela manga e murmurou as palavras *Sinto muito*.

Mais tarde, quando os policiais estavam vasculhando o lugar, reviraram o quarto de Jack Canning e encontraram várias fotos de Susan tomando sol na piscina de casa.

Minha cabeça volta para os meses depois dos assassinatos, enquanto a investigação estava em andamento. Foram os piores da nossa vida: Jen estava morta e não sabíamos se Tom iria enfrentar acusações pelos tiros. Ainda consigo ver Tom sentado no escuro toda noite em casa, uma garrafa de cerveja encaixada entre os joelhos. Matar Jack Canning foi a única vez que meu padrasto descarregou a arma.

Eu me forço a ler o resto da história.

> Jack Canning morava na casa vizinha à de Susan Berry, 15, uma das vítimas. Registros jurídicos revelam que, quando o senhor Canning tinha vinte anos, foi preso por atos obscenos com uma menor. Devido à recusa da vítima em cooperar com a polícia, a promotoria do distrito decidiu retirar todas as queixas.
>
> Muitos em Sunnybrook sentem que essa negligência custou a vida das duas jovens. "Essa tragédia poderia ter sido evitada", diz Diana Shaw, que vivia em frente à casa onde o senhor Canning morava com a mãe. "Deveríamos ter conhecimento de que um predador vivia em nosso bairro. O sistema de justiça falhou e agora duas lindas meninas estão mortas."
>
> De acordo com os agentes Carlino e Mejia, eles perseguiram o senhor Canning para dentro de casa depois que o viram se comportar de forma suspeita perto da cena do crime. Os agentes alegam que o senhor Canning se protegeu com uma barricada em seu quarto. Ao derrubar a porta, o agente Carlino viu o senhor Canning retirar algo de uma gaveta da cômoda. Quando o homem se recusou a mostrar as mãos, o senhor Carlino disparou. O senhor Canning morreu no local. Mais tarde, investigadores encontraram um revólver na gaveta da cômoda do senhor Canning, e diversas fotos de Susan Berry, incluindo algumas em que toma sol ao lado da piscina.

Sento-me de volta na cadeira, com uma pulsação esquisita no corpo. Alguma coisa não está certa.

Este artigo diz que Jack Canning estava indo para a gaveta da cômoda antes que Tom atirasse nele.

Leio o parágrafo de novo, buscando citações em que Jack Canning apontava uma arma para Tom e Mike. Quando não encontro, volto à página de

resultados e refino a busca às que mencionam Tom e Mike pelo nome.

Isto não pode estar certo. Todos dizem a mesma coisa, que Jack Canning ia na direção da gaveta, onde guardava uma arma, quando Tom o matou.

Então, na versão dos fatos que tenho na memória, por que Jack Canning estava apontando a arma para Tom e Mike?

Nas semanas seguintes, minha mãe me protegeu das notícias. Ela disse que Tom tinha precisado atirar em Jack Canning, ou Canning teria atirado em Tom e Mike. Todo mundo na cidade falava a mesma coisa, que Jack Canning tinha assassinado duas garotas e teria assassinado dois policiais também, se Tom não o tivesse derrubado. Em público, e principalmente na frente das câmeras, todo mundo comentava sobre a tragédia que tinha sido aquela noite. Em particular, ouvi muita gente cochichar sobre como estavam aliviados por meu padrasto ter matado o depravado, e como esperavam que Jack Canning tivesse sofrido em seus momentos finais.

Suspendo os pés até a cadeira. Abraço os joelhos contra o peito. Se Jack Canning não estivesse de verdade tentando pegar a arma…

Minha porta se abre um pouquinho e manda meu estômago para a garganta.

Fecho o laptop com força. Tom está parado ali, a silhueta iluminada pela claridade da arandela do corredor.

– Jesus – digo. – Você não sabe bater?

Tom inclina a cabeça para mim. Mango passa correndo por ele e se abaixa aos pés da minha cama. Tenta saltar, mas não está acostumado à altura da cama nova. O resultado é ele pateticamente pulando nas patas traseiras.

– Pensei que você estivesse dormindo – Tom diz. – O cachorro estava arranhando sua porta para entrar.

Eu me afasto da mesa, pego Mango e o coloco na cama.

Tom continua me observando.

– O que está fazendo, acordada?

– Nada. Não consegui dormir.

Tom olha para o laptop.

– Ficar olhando para a tela só vai piorar as coisas.

Tento imaginar qual seria a reação dele se soubesse o que eu estava lendo.

Eu sei que não foi ele. Ligue os pontos.

Quero perguntar o que isso significa, mas não posso lhe contar que sei das

cartas. *Olha só, Tom, eu descobri um troço estranho enquanto estava bisbilhotando sua gaveta atrás de drogas*. Não consigo formular nenhuma palavra.

– Eu sei – digo. – Talvez eu tome um pouco de melatonina.

– Essa é uma boa ideia – ele diz.

Enquanto Tom está fechando a porta, tenho a impressão de que olha mais uma vez para o meu laptop.

Preciso fazer a substitutiva da prova de Química que perdi ontem. Termino dez minutos antes do intervalo do almoço. A caminho da cafeteria, um vigia me para.

– Tá indo aonde, meu bem?

– Almoçar – digo. Ele assente e fica por isso mesmo.

Ninguém nunca me fala merda. Por estar no corredor depois do sinal, por estar na redação do jornal sem um passe. Eu já vi como a segurança persegue os outros: grupos de meninas pretas, os caras que conversam entre si em espanhol, os jogadores de futebol bagunceiros. Em um verão eu fiz coisas piores do que provavelmente todos juntos vão fazer ao longo da vida toda.

Rachel me vê do outro lado da cafeteria; acena com uma mão e com a outra sacode o ombro de Alexa. Alexa olha para mim e fecha a boca de supetão. Uma onda de paranoia me inunda.

Elas não podem ter descoberto. Elas nem sabem que saí com um cara depois de romper com Matt.

Rachel põe a bolsa na outra cadeira, para eu poder me sentar. Contenho um estremecimento.

– A gente estava falando das veteranas – Rachel diz, com uma voz que indica que elas não estavam falando sobre as veteranas. – A treinadora ainda não escolheu as capitãs.

– Não serão as Kelseys?

– Aí é que está – Alexa diz. – Elas chegaram atrasadas para a reunião de ontem, porque foram ao Dunkin' Donuts.

– Eu nem dei as caras.

A expressão de Alexa se fecha.

– Bom, você tinha uma *desculpa*. Você estava doente.

– Quem mais passou? – pergunto, ansiosa para afastar o pensamento sobre o

que a treinadora vai fazer para me punir por ter perdido a reunião.

Alexa suga ruidosamente o resto do chá gelado.

– Todo mundo do ano passado, mais essas duas calouras.

– E aquela garota, Ginny, ou sei lá qual é o nome dela – Rachel diz. – A que está no mesmo ano que nós.

Obviamente Rachel sabe exatamente que é Ginny Cordero; nossa classe tem duzentas pessoas, então é virtualmente impossível passar dez anos sem saber o nome de todo mundo. Mas a gente finge não saber, porque isso nos faz sentir importantes.

– Ela – Alexa diz.

Olho para a fila do almoço. Ginny Cordero está comprando um Snapple. Mantém os olhos baixos enquanto recebe o troco da senhora que serve o almoço e tenta sair discretamente da cafeteria. Joe Gabriel, irmão gêmeo de Kelsey, tropeça ao recuar um passo para pegar uma bola de futebol e quase derruba Ginny.

Ginny Cordero não é uma vacilona nem nada. As pessoas só não pensam muito nela. Ela é bonita daquele jeito intocado: pele clara pontilhada de sardas, cabelos loiros com mechas de sol, que ela nunca corta.

Às vezes eu penso nela.

Quando Jen tinha treze anos, não estava no ensino médio nem na animação de torcida, então ainda tinha aulas de acrobacia na Jessie's Gym três noites por semana. Sempre que Tom precisava trabalhar até mais tarde, meu irmão e eu tínhamos de ir junto no carro com mamãe, quando ela ia buscar Jen.

Jen sempre comentava como Jessie ficava irritado com a mãe de Ginny Cordero, que estava sempre atrasada para buscar a filha. A aula acabava às dezenove horas, e às vezes a mãe de Ginny atrasava até quarenta minutos. Jessie precisava esperar que ela chegasse para fechar o ginásio.

Uma noite minha mãe parou no estacionamento e Jen não estava do lado de fora com as outras meninas. Petey estava ao meu lado no banco de trás, se retorcendo na cadeirinha, irritado, porque estava perto da hora de ele dormir.

Através da janela frontal do ginásio, vi minha irmã sentada ao lado de Ginny na área de espera. Ela se recusou terminantemente a vir para fora até que a mãe de Ginny chegasse, às sete e vinte.

Agora os olhos de Ginny encontram os meus por um momento, antes de ela

sair da cafeteria.

Eu me pergunto se ela se lembra daquela noite, se é por isso que ela sempre evita me olhar no rosto.

– Ela foi muito boa – Rachel diz.

Eu nem me lembro de ter visto Ginny nos testes de segunda-feira.

– Você foi muito boa – digo. Mas sei que ela está pensando naquele salto triplo, seu calcanhar de aquiles.

Quando Alexa se levanta, anunciando que vai comprar um *cookie*, Rachel se vira para mim e pergunta em voz baixa.

– Por que você foi chamada à orientação?

– Coughlin quer que eu ajude com uma cerimônia em homenagem às animadoras.

– Ela pediu para mim também – Rachel diz. – Depois da aula de Saúde, ontem.

Bethany Steiger era prima de Rachel. Rach a odiava; Bethany só queria sair com a irmã mais velha de Rachel, Sarah, e tirava sarro dos dentes da frente separados de Rachel.

Baixo os olhos para o sanduíche de pasta de amendoim e geleia, que mal toquei. Arranco um pedaço da casca.

– Você falou que ia ajudar?

– Não tive como dizer que não. Ela me enquadrou. – Rachel me encara. – Você vai participar?

Não respondo. Uma parte de mim está se coçando para contar a ela sobre as cartas, assim como eu também quis contar sobre Brandon no verão. Ela e eu contamos tudo uma à outra; dois verões atrás, quando Matt falou pela primeira vez que me amava, à luz da varanda da casa antiga, telefonei imediatamente para Rachel, apesar de ser quase meia-noite. Sou a única das nossas amigas que sabe que os pais dela ficaram separados por um ano, quando éramos crianças, e que ela não se lembra de ter perdido a virgindade com um cara mais velho do time de futebol, no ano passado, em uma das festas de Kelsey Gabriel. Ela me fez jurar que eu nunca contaria, e eu sei que ela faria o mesmo por mim.

Mas, quando penso em contar a ela por que eu estava no escritório de Tom, o que encontrei na mesa e o que li na internet ontem à noite, alguma coisa aqui dentro grita para eu não contar. E eu não sei por quê.

– Monica. – Rachel passa a mão em frente ao meu rosto. – Você me ouviu? Você vai ajudar com a homenagem?

– Eu não sei. – Após um instante, acrescento: – Você alguma vez já se perguntou se sabemos tudo sobre o que aconteceu no ano em que elas morreram?

Rachel fica boquiaberta.

– Como assim?

– Não sei. – Pego o sanduíche. – Deixa pra lá.

– Não, sério. Me conta o que está pensando.

– É tipo… o acidente, os assassinatos… – Preciso engolir. – E Jen. Às vezes parece que são todos pontinhos que ninguém nunca tentou ligar.

Rachel parece quase assustada.

– Monica, do que você está falando?

– Nada. Esquece, tá? – Pego minha garrafa de água vazia e me levanto, ciente de que ela me observa ao longo de todo o caminho até o coletor de material reciclável, do lado oposto à cafeteria.

Pelo resto do dia, Rachel não volta ao que aconteceu durante o almoço. Nos quinze primeiros minutos do ensaio da dança em grupo, fica claro que ela tem problemas maiores.

Nosso aquecimento é uma série de alongamentos, saltos no solo, giros *fouettés* e piruetas. Momentos antes do suposto fim da música, a melodia é interrompida abruptamente.

Todas nos viramos para a treinadora, tentando disfarçar que estamos ofegantes. Ela está de pé ao lado da caixa de som, braços cruzados na frente do peito. A treinadora mede apenas um e sessenta, mas isso a faz parecer ainda mais assustadora, por algum motivo.

As veteranas na fileira da frente se entreolham. *Qual de nós vai ser?*

Meu estômago se aperta; eu sei quem vai ser.

– Steiger – a treinadora late. – Domine o triplo para segunda-feira.

A treinadora começa a música do começo. Vejo Rachel piscar depressa, enquanto voltamos à formação. Na fileira à nossa frente, Ginny Cordero olha por cima do ombro. Quando nossos olhares se encontram, ela desvia.

Quando chega a hora do intervalo para reidratação, as Kelseys aterrissam aos

pés da treinadora. *O que vai fazer no fim de semana, treinadora? Você vai ao jogo?*

Faz três anos e elas não desistiram de provocá-la em busca de sinais de que é, de fato, humana. Tem uma foto do filho dela (um loirinho sem graça no jardim de infância) na mesa, mas ainda não confirmamos se ele realmente existe.

Faz quatro anos que ela é nossa treinadora, e conduz o time até as disputas nacionais todo mês de fevereiro. Antes que ela chegasse, a equipe de dança era um bando de bundas exaltadas rebolando ao som de um tipo de rap que meninas brancas de classe média não têm nada de sair dançando por aí. Qualquer pessoa com talento era animadora de torcida, até que as garotas morreram, a treinadora delas se demitiu e o diretor Heinz achou que era doloroso demais manter a equipe unida.

A treinadora ignora as Kelseys e vira-se para o resto de nós, que estamos papeando em grupos. Ginny Cordero está afastada na lateral, os olhos na garrafa de água.

– Detesto interromper sua fascinante conversa – a treinadora diz. – Mas os uniformes novos chegaram.

Gritinhos de animação enquanto todas se reúnem ao redor da caixa que a treinadora deposita diante dos próprios pés. Alexa pega um pacote onde se lê "pequeno". Ela olha para os seios, suspira e troca o uniforme por um de tamanho médio. Cada uma pega o respectivo tamanho e sai para o vestiário.

Os uniformes do ano passado tinham decote em V, e pelo jeito eram muito escandalosos, pois agora temos blusas triangulares sem mangas que cobrem tudo, exceto braços e ombros.

A treinadora enfia a cabeça no vestiário e pergunta por que estamos demorando tanto, e então saímos puxando a cintura das calças, alisando o elastano na bunda. Os uniformes, escorregadios como pele de foca, revelam cada saliência, cada gordurinha, e ninguém quer ser forçada a experimentar um tamanho maior.

No fim do corredor, ouve-se uma série de rangidos e estalos de borracha contra o linóleo. Vários caras da corrida ao ar livre vêm em nossa direção; eles não podem correr lá fora na chuva, então Brandon deve ter mandado que dessem voltas pelo interior do prédio.

Meu estômago se contorce. Eu me posiciono atrás de Rachel, quando o grupo

passa por nós. Kelsey G se exibe, estica os braços acima da cabeça. Alguns veteranos assobiam; Joe Gabriel dá um tapa na cabeça de um deles.

– É minha irmã, mané.

– Continuem. Nada de importunar as senhoritas – diz Brandon. Ele está atrás dos meninos, um sorrisinho divertido na cara.

– Oi – Alexa grita, e quero enforcá-la.

Brandon não desvia o olhar do cronômetro que tem em mãos.

– Olá, garotas. É melhor não deixar sua treinadora esperando.

Quando ele se afasta, Alexa suspende o rabo de cavalo da nuca.

– Ele é tão gostoso.

– Ele tem namorada – diz Kelsey B, impaciente com todas nós.

Meu sapato gruda no chão. Tropeço para a frente.

Alexa olha para Kelsey.

– Como você sabe?

– Encontrei com ele no shopping – Kelsey G diz. – Ele e uma garota estavam olhando cafeteiras na Macy's.

Eu me esforço para verbalizar uma única palavra:

– Quando?

– Nesse fim de semana. – Kelsey dá de ombros. – Kels estava comigo.

Todas nós olhamos para Kelsey B, que assente. *É verdade*.

Nesse fim de semana. Enquanto eu estava debaixo das cobertas, com uma almofada térmica pressionada no abdome e travesseiro em cima da boca para que Tom e Petey não me ouvissem chorar, Brandon estava brincando de casinha com a namorada.

Namorada. Brandon tem namorada.

Depois do ensaio, digo para Rachel que preciso pegar uma coisa no meu armário e que vou ao encontro dela e de Alexa no carro. Quando os atletas esvaziam o corredor, paro em frente à sala de Brandon. Inspiro. Bato na porta.

Os olhos dele se arregalam quando ele me vê.

– Oi.

– Preciso falar com você.

– Está bem, entre.

Brandon dá um passo para o lado. Faz que vai fechar a porta, mas prontamente baixa a mão, percebendo que ideia péssima isso seria.

Lanço um olhar rápido para o corredor. Não tem ninguém. Mesmo assim, cochicho.

– Você tem namorada?

Os lábios de Brandon se abrem. Ele fecha a boca bem apertado.

– Okay – digo. – Ótimo. Bom saber.

– Monica, espera – ele diz, embora eu não tenha dado nenhum sinal de estar indo embora. – Ela e eu não estávamos juntos no verão. Eu juro.

Ela. A palavra me atinge como um chute na barriga. *Ela* confirma que ela existe. Uma namorada. Brandon tem namorada.

– Desculpe por eu nunca ter perguntado por que você parou de me mandar mensagem – ele diz suavemente. – Ela se mudou de volta de Boston há algumas semanas. Nós rompemos quando ela aceitou um emprego lá, um ano atrás. Meio que aconteceu.

– Tá tudo bem. Estava feito. Fosse o que fosse que a gente estava fazendo. – Pressão atrás dos olhos. – Já vou indo, agora.

Ele diz meu nome, mas não me viro. Duas piscadas fortes e um olhar para a lâmpada acima da minha cabeça no corredor. Técnica testada e aprovada para impedir as lágrimas.

Ginny Cordero está sentada no chão com as pernas cruzadas, as costas apoiadas no armário. Ela levanta os olhos do exemplar de *As vinhas da ira* quando Brandon sai da sala.

Um buraco se abre no meu estômago. Ginny olha de Brandon para mim, depois de volta para o livro. Bochechas vermelhas. Brandon recua para dentro da sala e fecha a porta, mas não faz diferença; é tarde demais. Ela sabe que estive lá dentro sozinha com ele.

– Perdi o ônibus – ela diz, do nada. – Estou esperando minha mãe vir me buscar.

Não digo nada. Simplesmente saio dali, envergonhada demais para olhar para ela por alguma razão.

A gaveta trancada na mesa de Tom anda assombrando profundamente meus pensamentos.

Meu irmão tem futebol nas noites de quarta-feira, então a casa está vazia, quando Rachel me deixa depois do ensaio.

Fecho e tranco a porta da frente. Mango corre em círculos em volta dos meus pés. Passo por ele e vou à cozinha. Ele se apoia nas patas traseiras e arranha minhas panturrilhas até que cedo e tiro um petisco da despensa para ele.

Mango amava Jen mais do que ama qualquer um de nós. Dormia na cama dela toda noite, e toda tarde se sentava nas costas do sofá, olhando pela janela saliente, esperando que ela voltasse para casa depois do ensaio de animação de torcida.

Enquanto o cachorro se esparrama no chão da cozinha e rói o petisco, espio o corredor escuro que leva ao escritório de Tom.

O treino de Petey começou às cinco, então ele e minha mãe não estarão em casa por pelo menos mais uma hora, e o turno de Tom termina às sete. Vou para o quarto e tiro a meia-calça de dança suada e a substituo por calça de pijama de algodão.

De volta ao térreo, Mango está arranhando a porta dos fundos. Deixo que ele saia para o jardim e deixo a porta aberta, para que volte quando terminar, e sigo pelo corredor até o escritório de Tom.

Como sempre, a porta não está trancada. Abro e vou direto para a mesa. Puxo a segunda gaveta de novo, antes de revisitar a de cima. Nada de chave. A bandeja retrátil sob o teclado está vazia, exceto por uma caneta e alguns elásticos e clipes soltos.

Já vi Alexa abrir o armário de bebidas dos pais com menos ferramentas. Pego um clipe e dobro até formar um gancho. Mordo o lábio e enfio o clipe de papel na fechadura.

Consigo sentir onde a trava se junta à mesa. Só preciso encaixar algo entre entre elas. O telefone fixo toca; ignoro e enxugo o suor que se forma na minha testa. Em algum momento por volta da minha centésima tentativa, Mango entra no escritório e arranha meu joelho, pedindo para subir no colo. Empurro-o.

– Não. Cachorro feio.

Mais um clipe. Endireito esse segundo clipe até ficar reto como uma agulha. Enquanto ele está enfiado entre a trava e a fechadura, enfio o clipe em gancho e giro, quase caindo da cadeira de Tom quando a fechadura dá um estalido.

O interior da gaveta parece bem inocente. Há várias pastas de arquivo; eu as folheio; páginas de informação sobre a conta de luz, a hipoteca da casa.

Guardo as pastas de volta; alguma coisa brilha no fundo da gaveta, chamando minha atenção. A tela de um telefone celular.

Um gosto amargo me vem à boca. Eu vi os filmes sobre caras que traem. Sei o que um segundo aparelho celular significa.

É um modelo antigo, do tipo que eu tinha alguns anos atrás. Menor que a versão que minha família toda tem agora. Eu o pego e viro.

Os rostos de Juliana, de Susan e da minha irmã sorriem para mim.

Meus dedos ficam dormentes. Juliana mandou fazer essa capinha como presente de Natal para minha irmã; a foto foi tirada na primeira partida de futebol delas. As meninas estão abraçadas, os braços em cima dos ombros uma da outra. Cabelos sem riscas, puxados para trás e sedosos, fitas azuis amarradas em volta dos rabos de cavalo.

Aperto o botão de ligar, mas nada acontece. Claro que não tem bateria, minha irmã morreu há quase cinco anos.

Por que, então, Tom está com o celular dela?

No corredor, Mango está ficando furioso. Latindo, as unhas escorregando no piso de madeira. Fecho a gaveta no mesmo segundo em que uma porta de carro se fecha, na entrada.

Meu pé fica preso no carpete. *A gaveta*. Não tenho chave para trancar de novo. Examino o escritório, em pânico, ao ouvir a voz de Tom.

– Monica?

Saio do escritório e fecho a porta silenciosamente, os batimentos golpeando meus ouvidos. Dobro a esquina do corredor ao mesmo tempo que Tom entra nele.

– Você chegou cedo – digo.

Tom franze o rosto.

– O cara que vai consertar o ar-condicionado vai chegar mais cedo. A mamãe disse que te ligou para contar que eu estava a caminho.

– Meu telefone está lá em cima.

O celular de Jen pesa no tecido fino do bolso do pijama. Ponho a mão por cima. Se Tom sabe que minha mãe telefonou para o fixo também, não diz nada.

Ele me lança um olhar estranho, antes de espiar a porta do escritório. Meus batimentos param: os olhos de Tom percorrem a porta e, não vendo nada de

interessante, ele volta para a cozinha.

– Vou pegar umas fatias de pizza, caso esteja com fome.

Sinto o contrário de fome. A ideia do celular de Jen trancado na gaveta da mesa de Tom todos esses anos me deixou profundamente perturbada.

– Estou de boa. Tenho lição para fazer.

Vou para cima sem olhar de novo para ele.

Não gosto de desconfiar de Tom. Ele sempre foi mais um pai para mim do que meu pai verdadeiro, de quem tenho notícias apenas no Natal e no meu aniversário. Eu tinha três anos quando ele saiu de casa e depois foi morar com a professora da universidade dele, com quem vinha tendo um caso. Eles compraram uma casa em Iowa quando ele aceitou um cargo de professor em uma faculdade de lá, e não muito tempo depois minha mãe conheceu Tom.

Tom tem estado aqui desde que me lembro. Acomodado na poltrona às nove da noite, assistindo àqueles programas que minha mãe odeia, de gente que caça tesouros em armários de armazenamento abandonados. Tom é quem está nas fotos de viagem à Disney World, quem foi às minhas apresentações de dança com uma braçada de rosas. Na época em que Jen morreu, Tom a estava ensinando a dirigir.

Apesar de ela não ser filha de sangue dele, Tom ficou tão arrasado com a morte de Jen quanto o restante de nós. Às vezes, acho que é possível que tenha sido pior para ele do que para o restante de nós. Ele viu o corpo de Colleen e o de Bethany no local do acidente, o de Juliana e o de Susan na cena do crime; quando Jen não atendeu o telefone na manhã em que morreu, foi Tom quem foi vê-la e precisou arrombar a porta trancada.

Tom amava minha irmã como filha. Faz sentido que ele tivesse querido investigar o telefone dela após a morte; Jen não deixou um bilhete. Quando um filho se mata, todos os pais não ficam desesperados para saber o motivo?

Mas não consigo pensar em uma única boa razão pela qual ele tenha se apegado ao telefone dela por todos esses anos.

Abro caminho entre as caixas organizadoras no meu quarto, o telefone de Jen balançando no meu bolso. Em algum lugar no meio desta baderna há uma caixa com as bagunças da minha antiga mesinha de cabeceira. Sei que um carregador antigo, que vai se encaixar no telefone de Jen, está enterrado no meio delas.

Levanto uma caixa com as roupas de inverno; na caixa debaixo dela, vejo um velho carregador enrolado. Tiro de lá e me sento de novo, com o coração acelerado como o de uma lebre.

Eu sei que não foi ele. Ligue os pontos.

É por isso que Tom está com o telefone dela? Ele tentou ligar os pontos? A alternativa me dá arrepios. Tom foi o policial que atendeu ao chamado do acidente de Bethany e Colleen. Ele atirou no assassino de Juliana e Susan. Tom encontrou o corpo de Jen.

Tom é quem liga os pontos.

Vou até a mesinha de cabeceira e enfio o carregador na tomada atrás dela. Eu me jogo na cama e sento-me de pernas cruzadas, com o aparelho no colo. Quando enfio o carregador no celular, a tela continua preta, e penso que talvez o telefone esteja morto mesmo.

Depois, um movimento. Um ícone de relâmpago surge na tela.

Espero pelo que parece ser uma eternidade, mas, quando a tela se acende, o horário prova que se passaram apenas dois minutos. O papel de parede de Jen se forma; é uma foto em que ela aninha Mango, com a dentição inferior, horrorosa, em plena exibição, enquanto ele aceita um carinho na barriga.

Alguma coisa não está certa. Eu não deveria conseguir ver a tela de fundo de Jen. Minha irmã mantinha o celular bloqueado; sei disso porque eu era uma xereta, e, sempre que ela deixava o aparelho ao meu alcance, eu tentava adivinhar a senha.

Tom deve ter encontrado um jeito de driblar a senha e a desabilitou. Inspiro, o ar queima minhas narinas, abro as mensagens de texto de Jen.

Não tem nada ali.

Ela apagou todas as mensagens? Ou foi Tom?

Alterno para o registro de chamadas e solto a respiração. Está intato. As chamadas terminam na manhã de 7 de novembro.

Minha mãe ligou do trabalho, de hora em hora naquela manhã, do trabalho, para ver se ela estava bem. Ainda me lembro que ela estava trabalhando só meio período. Jen tinha acordado nauseada e minha mãe a deixou ficar em casa.

Ensanduichado entre duas dessas ligações há um número que não reconheço.

Não está salvo na agenda associado a um nome. A pele da minha nuca se

arrepia. Percorro o resto dos registros de chamadas.

O número não aparece. Seja a quem for que o número pertença, a pessoa só ligou para Jen uma vez, no dia em que ela morreu. A conversa durou dezessete minutos, longa demais para ser propaganda ou engano.

A conversa terminou por volta das 10h20. Não muito depois, minha mãe ligou para Jen três vezes. Ela deve ter pedido a Tom que fosse até a casa, depois disso, para ver se ela estava bem.

Este quarto está abafado demais. Tiro a camiseta, arquejo dentro da regata de dança.

Copio o número no meu telefone e mando uma mensagem de texto. Encaro a tela, os polegares pairando sobre o teclado.

Isto é absurdo. Não há nada que eu possa dizer ao dono do número que não vá soar totalmente absurdo.

Oi, encontrei seu número no celular da minha irmã e fiquei pensando: você sabia que ela estava prestes a morrer quando falou com você naquela manhã?

Aperto *send*; engulo em seco e digito mais:

Quem é você?

Meu corpo todo se tensiona quando aperto *send* de novo. Fico olhando para a tela, as mãos suando. O *status* da mensagem muda para *lida*. Um balãozinho aparece. Alguns segundos depois, aparece um texto.

Hum… quem é VOCÊ?

Sinto meus batimentos nos ouvidos. Respondo:

Irmã de Jen Rayburn.

A confirmação de leitura aparece. Encaro a tela, esperando que o balãozinho surja, para indicar que ele ou ela está digitando. Meu estômago afunda mais a

cada momento que passa, e a tela continua vazia.

Estico o braço na direção da mesinha de cabeceira. No instante em que pouso o celular, a tela se acende.

Como conseguiu este número?

No telefone dela. Quem é você?

Meus dedos voam tão depressa no teclado que erro a digitação duas vezes e preciso reescrever.

Você foi a última pessoa a falar com ela.

Dou *send.* Encosto na cabeceira da cama, segurando o telefone na minha frente com uma mão e cobrindo a boca com a outra.

Passam cinco minutos sem resposta. Pisco para afastar lágrimas de frustração, depois escrevo outra vez para ele ou ela.

Por favor, só me diga quem é você.

Observo a tela, desesperada, mas dessa vez a resposta vem rápido.

Isso não importa.

E depois:

Tome cuidado.

Jennifer

CINCO ANOS ANTES
AGOSTO

Jen nunca quis estar no topo. O topo era para garotas miúdas, como Juliana, ou magras como uma zarabatana, como Susan, os músculos fortalecidos por anos de prática de tênis. Jen, que crescera como um girassol no verão anterior ao oitavo ano, sabia que estava fadada a ser base para sempre. E para ela estava tudo bem que fosse assim, havia aceitado a posição como um dos azares de ser uma garota alta. Voar era simplesmente uma coisa que ela nunca poderia fazer, como usar saltos ou sair com um cara com menos de um metro e oitenta.

Sua irmã, que acabara de entrar no fundamental 2, estava passando pelo próprio estirão de crescimento. Monica já tinha tido várias crises em relação ao novo corpo. Era mais alta que todas as outras meninas da aula de balé, e o menino que se sentava atrás dela na aula de matemática pediu que trocassem de lugar, pois a cabeça dela impedia que ele enxergasse a lousa.

Jen queria agarrar e sacudir Monica, às vezes. *Os meninos logo vão atravessar a puberdade! Há coisas piores na vida do que ser alta!*

Mamãe estava sempre dizendo a Jen para se acalmar. Monica só tinha onze anos, e Jen também fora difícil aos onze.

Jen seria capaz de matar para voltar a ter onze anos.

– Cinco, seis, sete, oito – Allie (que se recusava a permitir que as garotas a chamassem de treinadora) cantarolou os números. Jen colocou as mãos em concha sobre as da parceira, de joelhos dobrados para conseguirem suspender Juliana.

As mãos de Juliana mal pareceram tocar os ombros de Jen quando subiu. As outras que voavam se soltavam completamente nos ombros das bases, as meninas vergando sob o peso. Juliana, que mal atingia um metro e cinquenta e cinco, tinha uma rara combinação de graça e atletismo.

As outras garotas só tinham uma das duas coisas, e isso se tivessem sorte. As verdadeiramente desajeitadas eram deixadas de lado durante as acrobacias, relegadas a sacudir os pompons e animar de fato a torcida.

Jen sabia que era mais atlética que graciosa. Na infância ela queria ser ginasta,

mas carecia do foco e da disciplina das meninas que treinavam na Jessie's Gym seis dias por semana. Ela jogara softbol e basquete no fundamental 2; fora ideia de Juliana fazer o teste para animadoras de torcida no verão anterior ao ensino médio.

Jen ficou grata à força que tinha nos braços quando lançou Juliana para um *toe touch* perfeito. Juliana aterrissou nos braços esticados das meninas, com as pernas unidas e os pés em ponta.

– Boa, Ruiz! – Allie bateu palmas. – Pausa de cinco e vamos retomar do início.

Jen olhou de esguelha para o rosto de Susan, enquanto as meninas saíam da formação e iam para os cantos. Susan dividiu o rabo de cavalo em dois e puxou para apertar, com os olhos voltados para baixo. Sem dúvida sentindo o baque por Allie não ter elogiado a apresentação *dela.* Susan era programada assim: para acreditar que era um fracasso quando não era a melhor.

Jen se perguntava quanto a senhora Berry tinha a ver com aquilo. A mãe de Susan estava sempre lá no fim dos ensaios, sempre perguntando como estavam, oferecendo carona para todo mundo, com um sorriso que fazia Jen se questionar se, no fundo, ela não era uma psicopata.

– Qual o problema, J-Ray? – Juliana brincou com o coque de Jen.

Jen levou a mão à nuca, desorientada com o apelido que Juliana lhe dera naquele verão.

– Nenhum.

O olhar de Juliana abandonou Jen tão depressa quanto havia parado nela. Jen se virou para ver o que Juliana estava observando. Ou melhor, *quem*. Carly Amato, que se mudara para Sunnybrook no fim do ano anterior.

Juliana apertou o braço de Jen.

– Já volto.

Jen se lembrou da feira do condado, apenas algumas semanas antes. Ela estava esperando na fila do banheiro, enquanto Susan e Juliana pegavam refil de refrigerante. Fosse quem fosse que estivesse no banheiro, estava demorando séculos; bem quando Jen estava prestes a desistir e ir procurar um banheiro em outro lugar, duas meninas saíram aos trambolhões, ajudando-se mutuamente a descer os degraus.

Uma das meninas a encarou por um momento.

– Oi – Carly soltou. A amiga dela riu. Jen forçou um sorriso.

Os olhos de Carly não estavam vermelhos, como se estivesse bêbada ou brisando. Mas as pupilas eram dois buracos negros, os cílios ultramaquiados piscando de um jeito maníaco.

As meninas se afastaram tropeçando. Jen as observou entrelaçar os braços e se desviar de um casal que empurrava um carrinho para bebês gêmeos. O pai olhou por cima do ombro e balançou a cabeça para Carly e a amiga dela.

Elas acabaram na barraca de sorvete, conversando com dois caras. Um era alto e magro, com ombros bronzeados e cabelo castanho grosso, que formava cachos ao redor das orelhas. O outro era mais baixo e mais musculoso, loiro, os olhos ocultos atrás de um par de Ray-Ban.

Carly riu de alguma coisa que o cara loiro falou, esticou o braço e o empurrou de brincadeira. Jen se perguntou como elas conseguiam ficar tão à vontade com caras que tinham acabado de conhecer. Lembrou-se da aparência dos olhos de Carly, do modo como ela havia limpado o nariz.

Jen não contara a ninguém, mas, vendo Juliana ir na direção de Carly, desejou ter contado.

Susan apareceu ao lado de Jen, apertando a garrafa de água vazia como se fosse uma bola antiestresse.

– Quando foi que Juliana e Carly se tornaram melhores amigas? – Jen perguntou.

Susan parou de apertar a garrafa.

– No acampamento das animadoras de torcida, provavelmente. Por quê? Está com ciúme ou algo assim?

Jen sabia que Susan estava brincando com ela, mas ainda assim sentiu uma pontada no peito. O verão anterior tinha sido o primeiro em que ela, Juliana e Susan haviam ficado separadas. Susan estivera fora por duas semanas para fazer um cursinho preparatório para o vestibular, enquanto Jen passara a maior parte dos dias distraindo os irmãos mais novos a dez dólares por hora, para que a mãe pudesse voltar a trabalhar em período integral, agora que Petey estava no jardim de infância.

Susan e Jen observaram Juliana e Carly. Juliana disse algo que fez Carly jogar a cabeça para trás e gargalhar. Jen sentiu uma inquietação se apossar dela, seguida por uma urgência incontrolável de tirar Carly de perto de Jules.

– Não confio nela – Jen disse para Susan.

O que ela realmente queria dizer era *Carly me dá um medo do cacete*, mas Susan não parecia estar nem ouvindo. As engrenagens de seu cérebro provavelmente estavam ocupadas com a lição que precisaria fazer quando chegasse em casa, organizando mentalmente os fichários com divisórias coloridas que tanto a entusiasmaram e que levaram Jen e Juliana a debochar dela.

– Por favor, Allie. – A voz artificialmente infantil de Carly alcançou o lado oposto do ginásio. – Só deixa a gente te mostrar!

– Mostrar o quê? – Jen se viu do lado oposto ao colchonete onde Juliana, Carly e um bando de veteranas haviam cercado Allie.

– Um mergulho do cisne. – Carly passou os olhos por Jen como se nunca a tivesse visto. – Nossa monitora do acampamento ensinou a fazer.

– Bem, isso foi superirresponsável da parte dela – Allie disse. – Essa manobra é proibida no nível do ensino médio.

Ouviu-se um coro de *só deixa a gente tentar/a gente não vai fazer em competição/ah, vai, Allie, por favoooooor* por parte das outras garotas. Allie, temendo um motim, levantou as mãos.

– *Talvez* possamos tentar depois de repetir o ciclo do treino.

– *Yeeeeees!* – Carly agarrou Juliana, pulando na ponta dos pés. – Juju ficou *tão* boa nisso.

Juju? Mas que diabos? Jen tentou captar o olhar de Juliana, mas as outras meninas já estavam se reunindo ao redor dela.

– Mas, afinal, o que *é* um mergulho do cisne? – perguntou uma das veteranas.

– Vou mostrar a vocês – Carly disse. – Tem vídeos no YouTube.

Allie suspirou, derrotada, e recuou para permitir que as meninas se esparramassem pelos colchonetes. Carly se curvou diante do grupo, segurando o telefone de modo que todas conseguissem ver o vídeo que ela abrira.

As animadoras de torcida do vídeo formaram uma rede com os braços. No fim da fila, uma menina subiu nos ombros de duas bases. Lançando-se adiante com uma flexão frontal, ela mergulhou ao estilo Super-Homem e pousou nos braços esticados abaixo dela.

– Isso é tão perigoso – Allie murmurou, abafada por suspiros boquiabertos de *Caramba, isso foi insano*.

Juliana estava radiante, sentada de pernas cruzadas no colchonete, os ombros tocando os de Carly. Jen imaginou Juliana navegando pelo ar como se não pesasse nada, e seu estômago se contraiu.

Ela pensou em Susan, de pé atrás dela, vivendo em um mundo desprovido de lances de basquete e de mergulhos do cisne, e preenchido com candidaturas às universidades de Brown e Stanford.

Jen pensou nas amigas se afastando dela e em como parecia que ela estava se jogando na borda de algo do qual elas não poderiam ser salvas.



Capítulo 5

Quando acordei, minha última mensagem continuava sem resposta.

Tomar cuidado com o quê?? Lida às 21h03.

Esfreguei os olhos e conferi as horas. Fiquei acordada até tarde, encarando a tela do celular, esperando uma resposta. O som abafado do chuveiro na suíte principal ao lado significa que não acordei com o primeiro alarme: Tom entra no banho todas as manhãs às seis e meia em ponto.

Jogo roupas de dança limpas na mochila e me enfio numa calça jeans. A camiseta SUNY Binghamton que Matt me deu antes de terminarmos está por cima, na gaveta da cômoda; pego e enfio os braços pelas mangas longas, cambaleio até o banheiro para pentear o cabelo.

Quando estou vestida, sento-me na borda da cama e desconecto o celular do carregador. Não tenho tempo para ficar enrolando, mas abro a conversa com o número misterioso e releio as mensagens. Tentei pesquisar o número online ontem à noite, mas a única coisa que o Google pôde me dizer foi que o celular estava registrado no condado de Ulster, o que eu já sabia, pelo código de área.

Eu não tenho como conseguir o nome do dono da linha, mas o Tom definitivamente tem.

Teve. Tom deve ter ficado com o telefone de Jen por anos. Ele teria visto que Jen conversou com alguém na manhã em que morreu, e é quase certo de que teria usado seus onipotentes poderes policiais para procurar o dono do número. Se é que ainda não sabia quem era.

Mas por que ele guardou o aparelho, para começo de conversa? Será que ele também considerou que havia algo, em relação à morte dela, além do que concluiu o legista, um suicídio nada suspeito?

Ou haveria alguma razão mais sinistra?

A voz da minha mãe chega pela escada. Abro a porta do quarto e grito de volta:

– O quê?

– Rachel está aqui.

Olho o celular; Rachel está dez minutos adiantada, justo hoje. Pego minhas coisas e voo para baixo.

O caos está à minha espera. Petey se esqueceu de uma folha de exercícios de matemática na pasta da lição de casa e tem um surto diante do cereal.

– Vou levar ponto negativo!

Mamãe deveria estar no teatro cedo hoje, mas abandona a torrada e o café e senta-se ao lado de Petey para ajudá-lo com a tabuada do seis. Lá em cima, Tom pisa ruidosamente de um lado a outro, gritando que Mango fez xixi no tapete e ele vai se atrasar para o trabalho. A cena toda me faz desejar que Jen voltasse só para eu perguntar por que ela me abandonou com estas pessoas.

Apesar de Rachel estar adiantada, não quero que ela fique esperando, então pego o café da manhã para comer no caminho, a caneca de café para viagem e um donut de erva-cidreira em mãos.

Quando travo o cinto de segurança, dou uma mordida ávida no donut de erva-cidreira, sentindo os olhos de Rachel nele.

– O que é isso? – ela pergunta.

Imagino o café da manhã dela: café preto e meio potinho de iogurte desnatado. A Dieta Não Oficial da Equipe de Dança.

– Um donut – digo.

– Ah – ela faz, como se nunca tivesse visto um donut antes.

No suporte de copo do painel há uma garrafa de água cheia de uma coisa que parece xixi. Sua purificação quinzenal de chá de dente-de-leão, pimenta-caiena e xarope de bordo. Teoricamente, faz uma pessoa secar quatro quilos e meio em uma semana. Sem dúvida, isso foi provocado pelo jeito como o busto dela ficou esmagado na regata do uniforme novo e pelo olhar fulminante que a treinadora lançou a ela.

Há um ponto de ônibus na esquina; o motorista deve estar superatrasado hoje, porque uma menina ainda está esperando. Um cardigã grande demais para ela pende de sua figura esguia. Ela mordisca a unha do dedão, olhos para baixo para não precisar nos encarar.

Ginny Cordero.

– Encosta – digo a Rachel. – A gente devia dar carona para ela.

Rachel franze o nariz.

– Tem certeza de que tem espaço?

– Por que você está agindo esquisito? Ela está na equipe de dança.

– Não estou agindo esquisito. É só que… – Rachel não conclui o raciocínio. Mas encosta no meio-fio, onde Ginny aguarda. Baixo o vidro.

– Ei – chamo. – Quer carona?

– Ah. – Ginny olha para mim, depois para Rachel. O tom de surpresa em sua voz e a desconfiança no olhar me deixam triste. Como se ela achasse que isso é uma pegadinha ou coisa assim. A gente sendo legal.

– Tá tudo bem – ela diz. – O ônibus deve estar chegando.

Meu estômago se contrai. Será que ela está pensando sobre o que ouviu (ou não ouviu) do lado de fora da sala de Brandon, ontem? Acha que estou sendo bacana porque quero descobrir o que ela sabe?

– Mas obrigada – Ginny acrescenta. – Vejo vocês mais tarde no ensaio.

– Tá bom, até mais. – Fecho o vidro. Quando chegamos ao semáforo onde minha rua cruza com a avenida principal, Rachel aperta o polegar até que a junta estrale.

– Você sabia que meu pai demitiu o pai dela?

Eu relaxo um pouco; é natural que Ginny se sinta pouco à vontade perto de Rachel.

– Não. Não sabia nem que ele trabalhava para seu pai.

O pai de Rachel é dono da Steiger's, uma loja de pneus e autopeças no centro. O negócio está na família há anos; o tio de Rachel (pai de Bethany Steiger) era sócio.

Pensar em Bethany me leva a pensar nas animadoras de torcida, o que me leva a pensar na minha irmã, o que me leva a pensar na mensagem de texto ainda não respondida. Tanto pensamento cria uma névoa na minha cabeça. Quando chegamos à casa de Alexa, tiro o telefone do bolso lateral da mochila.

Enquanto Rachel está ocupada mandando mensagem para Alexa para dizer que estamos lá, escrevo para o número de novo:

Só me diz uma coisa. Eu te conheço?

A voz de Rachel desvia minha atenção da tela.

– Ela está atrasada. Que novidade.

– Bom, nós estamos adiantadas – digo. Deixo o celular no colo para poder abrir a tampa da caneca. Enquanto estou dando um golinho no café, o telefone vibra.

– É Alexa? – Rachel pergunta. – Ela está reclamando de mim, porque falei para ela se apressar?

Agarro o aparelho antes que Rachel possa olhar para a tela.

– É minha mãe.

Enquanto Rachel mexe no celular dela, provavelmente mandando outra mensagem para Alexa, abro o texto.

Não.

Alexa entra no carro e torce o nariz para a garrafa de água.

– Já é época disso de novo?

– Me deixa em paz – Rachel diz. – Nem todo mundo pode comer tudo que quer.

Alexa revira os olhos.

– Não sei como isso não te dá desarranjo.

– Eu nunca falei que não dá.

Alexa dá um soco brincalhão no apoio de cabeça do assento de Rach; meu telefone vibra; é outra mensagem de texto daquele número, apesar de eu não ter respondido à última mensagem.

Minha vez de fazer uma pergunta.
Como você pegou o celular da Jen?

Tento não ouvir a risada maníaca que Alexa está dando por algo que Rachel disse, enquanto penso em como responder. Decido que não há razão para não

dizer a verdade.

Encontrei na mesa do meu padrasto.

Ele/ela responde imediatamente:

Você não acha estranho que estivesse com ele?

Alexa se inclina para a frente e apoia o queixo no meu ombro.

– Ooou, pra quem está escrevendo?

Eu me desvencilho dela e viro o telefone.

– Ninguém.

– Sua vaca, você tem um namorado secreto?

– Não é da sua conta, sua vaca.

– Para com isso – Rachel diz.

Apesar de Alexa bocejar e se apoiar no encosto do banco, desconfio de que está tentando olhar por cima do meu ombro. Enfio o telefone na mochila.

Chegamos à escola cinco minutos antes do primeiro sinal. Vou direto para o banheiro, para longe das minhas amigas enxeridas, e me tranco em uma cabine. Pego o celular e releio a última mensagem.

Você não acha estranho que estivesse com ele?

Ele deve ter guardado por alguma razão. Sobre o que você e a Jen falaram naquele dia?

Um minuto inteiro transcorre. Do lado de fora da cabine, ouço a senhora Brown, supervisora do corredor, fazendo a varrição diária do banheiro, latindo para que as meninas na pia terminem logo de se maquiar e ponham-se a caminho; o primeiro sinal vai tocar a qualquer segundo.

Engulo em seco de frustração e disparo outra mensagem:

Você não pode me contar nada???

O sinal toca; enfio o celular no bolso de trás e aciono a descarga, para disfarçar. Passo apressada pela senhora Brown e subo para a classe. Enquanto estou me acomodando na cadeira, o aparelho vibra.

Não confie em nada que seu padrasto diga.

Parece que todo o ar é sugado da classe. Sugado de mim. O segundo sinal toca e a voz da senhora Barnes sai dos alto-falantes, pedindo que a gente se levante para o juramento de lealdade.

Em nada do que ele diga sobre o quê?, respondo.

– Monica – diz a professora –, largue o telefone antes que eu o tome.

Escondo o aparelho na bainha da camisa, meus dedos tremem em volta dele. Quando volto a me sentar, dou uma olhada rápida na tela para a resposta de uma palavra.

Tudo.

Checo o celular em cada momento livre que tenho pelo resto do dia, mas minha mensagem (*O que é "tudo"?*) continua lá, sem resposta. Depois da última aula, o aparelho vibra.

Pego depressa, mas a mensagem não é dele/dela. É de Kelsey Butler. Ela diz que o ensaio foi cancelado; o filho da treinadora está doente.

Rachel escreve para mim e Alexa para dizer que precisa ficar para tutoria em pré-cálculo, o que significa que, pela primeira vez este ano, vou precisar tomar o ônibus. Eu nem sei qual é o número do meu ônibus, e quando obtenho a informação com a senhora Barnes e saio do estacionamento correndo, o ônibus está começando a se afastar.

– Merda. – Corro na direção do ônibus, agito as mãos. – Ei! Espera!

O ônibus desacelera; a porta se abre e eu subo, ignorando o olhar irritado da motorista. Ela não espera que eu me sente e já arranca com tudo; eu me desequilibro para a frente e me seguro no banco ao lado. O assento da janela está ocupado, mas o outro está livre. Eu me jogo nele e acomodo a mochila entre os pés. Espio minha companhia de banco; Ginny Cordero está olhando para fora da janela, com as mãos cruzadas por cima da bolsa tipo carteiro no

colo.

Eu a cutuco no ombro. Quando ela vira a cabeça, não parece surpresa por me ver, o que me faz pensar que aquilo de ficar olhando pela janela era um jeito de evitar contato visual, na expectativa de que eu não me sentasse ao lado dela.

– Oi – digo.

– Olá. – Ginny indica a mochila encaixada entre meus pés. – Precisa de mais espaço? Posso me mudar…

– Não, não preciso.

– Okay. – Ginny baixa o olhar para as próprias mãos. Entrelaça os dedos com mais força. Na mão esquerda ela tem uma cicatriz na articulação do dedo médio, pequena como um grão de arroz.

O ônibus passa por uma lombada e todo mundo tomba para a frente. No fundo do ônibus, dois caras estão gritando pela janela; a motorista berra para eles sentarem a bunda, ou ela vai encostar.

– É legal ter uma folga do ensaio – digo para Ginny, quando não consigo mais aguentar o silêncio incômodo entre nós.

Ela volta um pouco à vida, diante do meu comentário sobre a equipe de dança.

– Sim, para minha sorte. Eu esqueci o dinheiro do uniforme.

Não respondo que *sorte* é um eufemismo.

– Você é muito boa. Como pode não ter se candidatado antes?

– Eu me candidatei – Ginny diz. – Quando éramos calouras. Não passei.

Eu nem me lembro de Ginny estar lá.

– Você fazia ginástica, não é?

Ginny assente.

– Fazia.

– Por que parou? – pergunto.

– Meu pai… Meus pais se separaram e minha mãe não podia mais pagar. Os grupos de viagem são caros… – As bochechas dela ficam vermelhas, e odeio tê-la feito sentir que precisava falar a respeito. – De toda forma, agora eu tenho uma equipe de dança.

Ela está com a mesma expressão que fez quando me viu saindo da sala de Brandon. Ela acha que estou sendo simpática como tática de intimidação para que mantenha a boca fechada?

Engulo em seco.

– Ontem, na sala do treinador de corrida ao ar livre… Aquilo não foi…

A voz dela é gentil quando me interrompe.

– Você não precisa compartilhar. Não é da minha conta.

Sei que com ela é diferente do que é com as minhas amigas, e que não é justo fazer comparações. Mas só desta vez fico grata por não ser investigada.

A motorista do ônibus desacelera até parar, no cruzamento da rua Lennox com a Wilson.

– É meu ponto – Ginny fala baixinho. Eu me afasto para deixá-la passar.

O olhar dela encontra o meu quando o ônibus se afasta. Ela levanta a mão e sorri.

O carro da minha mãe está na entrada. Duas vezes por semana ela sai do trabalho ao meio-dia. Vou pelo corredor e paro perto da porta do escritório dela, que está aberta. Ela está olhando para o outro lado, inclinada na cadeira, girando uma caneta em uma das mãos. Uma voz masculina sai pelo viva-voz do telefone em sua mesa.

– Não creio que tenhamos verba para isso – minha mãe o interrompe.

Passo pela porta dela na ponta dos pés e subo. Quando chego ao quarto, deixo a mochila na cama e me afundo na cadeira da escrivaninha; pego o celular. Releio as últimas mensagens que o número desconhecido me enviou.

Não confie em nada que seu padrasto diga.

Em nada do que ele diga sobre o quê?

Tudo.

Não sei o que "tudo" significa, então decido que o lugar mais lógico por onde começar é com os assassinatos. Desde que encontrei aquelas cartas na gaveta de Tom, já descobri um detalhe que contradiz a história que aceitei durante todos esses anos:

Jack Canning nunca apontou uma arma para Tom.

Tudo que eu sei de verdade sobre os assassinatos é o que a polícia diz que

aconteceu, e nunca tive motivo algum para duvidar do que a polícia diz que aconteceu.

Eles dizem que Jack Canning matou Susan e Juliana. Eles dizem que ele era um predador, que estava obcecado por Susan, que viu que as garotas estavam sozinhas e vulneráveis e atacou. Eles dizem que fotografias de Susan, tiradas sem o conhecimento dela, simplesmente sustentavam a teoria deles.

Pisco diante da tela inicial em branco no meu laptop. A barra de pesquisa é acompanhada pela mensagem *O que você está buscando?* Parece uma provocação.

Existem muitos Jack Cannings no mundo. Refino a pesquisa para incluir apenas Sunnybrook, NY.

No alto da página aparecem várias opções de imagem. Juliana Ruiz com um rabo de cavalo alto e argolas de prata nas orelhas. Susan Berry de pé ao lado dela, exibindo seu sorriso ligeiramente robótico. Seus cabelos, normalmente retos como alfinetes, estão frisados, e ela usa um batom rosa-pêssego. A legenda diz que essa foto foi tirada durante a Semana Comunitária[3], na Terça da Viagem no Tempo[4]. Todas as séries receberam uma década; as veteranas ficaram com os anos 1980.

Percorro as imagens com um nó na garganta. Mais fotos de Juliana e Susan. Só tem uma de Jack Canning, uma foto borrada e sem sorriso da carteira de habilitação. O cabelo dele é sujo, e os óculos ocupam metade do rosto.

Não há outras fotos de Jack Canning, nenhum registro dele quando criança brincando com o cão da família nem exibindo uma medalha na competição de robótica no ensino médio. Nenhuma das fotos de assassinos que os noticiários gostam de mostrar, enquanto relatam que "ele parecia tão normal!".

Volto à página de resultados e rolo para baixo. Uma manchete salta na minha cara: QUANDO A MORTE CHEGA À CIDADE. Está arquivada no Crunch, um site onde todas costumávamos xeretar no computador da biblioteca, antes que a escola bloqueasse o acesso. Chamar o conteúdo do Crunch de "notícia" é uma generosidade. A maior parte são uns testes vagabundos e fofocas sobre celebridades; dificilmente seria um foco de jornalismo sério.

No entanto, três anos atrás, alguém dali decidiu escrever sobre as mortes das animadoras de torcida de Sunnybrook.

Olho de relance para a minha porta, para ter certeza de que está fechada.

Como se eu estivesse vendo pornografia ou algo assim. Mordo o polegar e abro o artigo. Passo depressa pelos perfis de Bethany Steiger e Colleenn Coughlin e pelos detalhes pavorosos de seu acidente de carro. O redator deve ter conversado com alguém de Sunnybrook; o relato deles é sinistramente acurado, até a parte sobre o paramédico ter vomitado no local.

A primeira menção aos assassinatos está vários parágrafos mais para baixo. Começa com a noite anterior ao *homecoming*, descrevendo como Juliana e Susan estavam animadas com as comemorações do dia seguinte.

Meu peito se aperta mais. Ler os detalhes dos assassinatos é como ler um romance de horror: o assassino havia posto uma toalha de banho sobre o corpo nu de Susan. Pulo o resto da descrição da cena do crime, insegura sobre quanto mais meu estômago aguenta.

> Para muitos, foi um caso rápido, sem o circo midiático que acompanha um julgamento prolongado. Jack Canning estava morto, levando para o túmulo suas razões para matar as meninas. A idosa senhora Canning foi alojada em um asilo e morreu pouco depois.
>
> Apesar disso, muitos que conheciam Jack Canning ainda não conseguem conciliar a percepção que têm dele, de um gigante gentil e infantil, com o homem que a polícia diz ter matado cruelmente duas adolescentes. É preciso questionar se as circunstâncias que cercam os assassinatos criaram uma tempestade perfeita para uma investigação apressada. A cidade ainda estava se recuperando das mortes trágicas de Colleen Coughlin e Bethany Steiger. Quase todos que trabalhavam para o Departamento de Polícia de Sunnybrook tinham uma relação pessoal com as meninas. Estaria a polícia usando tapa-olhos emocionais?

Quando termino de ler, passou quase uma hora. No rodapé da página tem uma foto da autora do artigo: Daphne Furman, loira e séria. Provavelmente trinta e poucos anos.

Tem um email de contato de Daphne na breve biografia dela. Abro o email e começo a escrever.

> *Olá, senhorita Furman. Sou irmã de Jennifer Rayburn. Li seu artigo "Quando a morte chega à cidade" e tenho algumas perguntas.*

Hesito por um momento antes de enviar a mensagem. Recosto na cadeira e mordo minha unha cor-de-rosa já descascada. Desligo o computador, engulo dois ibuprofenos com água da torneira do banheiro e vou para a cama.

Quando acordo, de manhã, tem resposta.

Oi, Monica. Pode me chamar de Daphne. O que vai fazer no sábado de manhã? Deveríamos conversar. Posso ir até você.

Mentalmente, divido a espera angustiante por sábado: vinte e quatro horas; nove aulas; um ensaio de dança; uma sexta estranha de jantar com a família no Ristegio's, um restaurante italiano no centro; e uma noite de sono agitado. Todos obstáculos a vencer, antes que eu possa conversar com Daphne Furman.

Pesquiso sobre ela obsessivamente, desde que respondeu ao meu email. Daphne se formou pela Universidade da Virgínia oito anos atrás, com uma graduação dupla em Inglês e Jornalismo. (Ela também jogava *lacrosse*.) Até poucos anos atrás ela escrevia exclusivamente para o jornal local de sua cidade natal, Westchester. "Quando a morte chega à cidade" foi sua primeira matéria publicada em um site grande.

Às tantas, uma lembrança há muito adormecida se acende no meu cérebro. Rumores, três anos atrás, sobre uma repórter assediando a família das garotas mortas. Murmúrios, entre os amigos dos meus pais, sobre *aquela repórter*. As pessoas diziam isso com um tom de voz geralmente reservado aos molestadores de crianças e praticantes de crueldade contra animais: *aquela repórter*.

Daphne Furman deve ser *aquela repórter*. E agora vou encontrá-la para um café para falar sobre minha irmã morta.

Faz cerca de vinte graus na manhã de sábado e não há uma nuvem no céu. Falei para Daphne que poderia encontrá-la na Starbucks de Sunnybrook às dez. Minha bicicleta é de um modelo antigo, de passeio, com quadro verde-menta e rodas cor de pêssego. Jogo o celular e a carteira no cestinho e parto para o centro da cidade assim que minha mãe e Petey saem para o treino de futebol dele.

Passo pelo gazebo da Rua Principal, pela placa que em letras douradas me dá boas-vindas a Sunnybrook. Ao lado dela há um diretório da cidade, que se gaba do nosso festival anual de artesanato e da microcervejaria premiada.

Meus pneus esmagam folhas e a brisa solta alguns fios de cabelo que prendi para tirar do rosto. Viro na saída perto da Rua Segunda e deixo a bike nos ganchos do correio; ninguém nunca tranca nada por aqui, porque ninguém nunca rouba nada.

Todo ano os comerciantes da Rua Principal tentam se superar mutuamente em um concurso de roupas para espantalhos. Na cabine telefônica em frente ao

day spa, um espantalho veste um roupão de banho e tem falsos pepinos no lugar dos olhos. Do lado de fora da Starbucks, um espantalho descolado, de camisa de flanela, toma um *latte* em copo de papel.

Uma loira com sua trança grossa está sentada a uma mesa de dois lugares junto à janela, um laptop aberto à frente. Daphne parece mais jovem que na foto do Crunch's. Uma jaqueta preta da Under Armour com o zíper puxado até o queixo, brincos de pérola.

Levanta a cabeça. Ela me vê e acena.

– Monica?

Concordo com a cabeça. Avalio a cadeira vazia à minha espera. Um bolinho intocado repousa em um guardanapo ao lado do laptop, que Daphne fecha.

– Obrigada por vir – ela diz, como se *ela* tivesse entrado em contato *comigo*. – Você aceita alguma coisa?

– Não, obrigada. – Eu me acomodo na cadeira e olho para o copo de água de Daphne. Que tipo de jornalista vai a uma Starbucks e pede água?

Daphne me oferece um sorriso irresistível.

– Suponho que você queira conversar sobre minha reportagem a respeito das animadoras de torcida, e não sobre os cinco melhores vídeos de gatinhos derrubando coisas da mesa.

Fico corada. Retribuo o sorriso.

– Como você adivinhou?

Daphne parece se fechar. Tamborila a ponta do dedo na tampa do copo.

– Eu passei seis meses trabalhando naquele artigo. Nunca imaginei a reação que ele obteve.

– Bem. Acho que as pessoas podem ter se ressentido de algumas coisas que você insinuou – digo. – Sobre como a polícia conduziu a investigação.

– Eu não escrevi a história do nada, Monica. Eu obtive aquelas informações, tudo que está ali, com base em conversas com as pessoas.

– Mas você não falou diretamente com a polícia.

Os dedos de Daphne se movem para a superfície do laptop.

– Não foi por falta de tentar. O negócio é que não comecei com a intenção de lançar dúvidas sobre ninguém. Era para ser um perfil das garotas e de Sunnybrook. Daí, dias depois da publicação, as pessoas começaram a mandar emails para o meu editor, acusando-me de atacar a polícia.

No entanto, de algum modo ela acabou sugerindo que a polícia não fez uma investigação completa, que era impossível para eles ser objetivos, quando conheciam as meninas e gostavam delas.

– Tapa-olhos emocionais – digo. – Foi isso que você acusou os policiais de usarem.

– Eu não os acusei de nada. – Daphne se inclina para a frente, apoia os antebraços na mesa. Baixa a voz. – Existem vários detalhes sobre aquela noite que não se encaixam.

Meu estômago se agita.

– Tipo o quê?

– Não havia nenhum sinal de entrada à força na casa dos Berrys naquela noite. Se as garotas estavam tão assustadas com Jack Canning, por que Juliana abriria a porta para ele? A porta tinha olho mágico. Ela teria visto que era ele na varanda.

– Como você sabe que a porta tinha olho mágico?

– Eu te disse. Algumas pessoas se dispuseram a conversar comigo.

Belisco a membrana carnuda entre o polegar e o indicador. Um truque para me livrar da náusea, diz minha mãe.

– Mas Jack Canning era um agressor sexual. Ou teria sido.

A boca de Daphne forma um sorrisinho condescendente.

– Você sabe o que ele fez?

– Não.

– Ele foi flagrado no carro, com a namorada, pelo pai dela – ela diz. – Ele tinha vinte e um anos, e ela, dezessete. O pai dela bateu nele até quase matar.

Quatro anos. A diferença de idade entre mim e Brandon é o dobro disso.

Aperto com mais força o espaço entre os dedos.

– Ele tinha fotos da Susan no quarto dele. Ela tinha quinze anos, e ele, trinta e poucos. É totalmente diferente.

– Você tem razão. – Daphne dá um golinho na água. – Mas a polícia nunca encontrou roupas com sangue na casa de Jack. Juliana tinha cortes pelo corpo todo. O assassino teria sangue dela em si.

– Mas ele teve tempo mais que suficiente para se livrar das roupas – digo. – Isso não prova nada.

– É verdade também. Como eu disse. Eu não tinha a intenção de provar que

não foi ele. Com toda a probabilidade, *foi*. Mas fatos são fatos, e nem todos eles sustentam a conclusão da polícia.

Penso nos outros detalhes presentes em "Quando a morte chega à cidade". Frases soltas sobre as outras meninas, colhidas dos comentários de amigos e familiares que concordaram em conversar com Daphne.

Os alunos de Sunnybrook High se lembram de Bethany Steiger como uma menina que gostava de festas mas era responsável; ela nunca bebia e dirigia. A família negou veementemente rumores segundo os quais Bethany estava digitando no celular no momento do acidente.

Jennifer Rayburn estava sempre sorrindo. No começo daquele ano, se você dissesse a alguém que a conhecia que Jen tiraria a própria vida, pensariam que você era louco.

Minha boca fica seca.

– Aquela parte do seu artigo em que ninguém conseguia acreditar que minha irmã se mataria: quem te contou isso?

A expressão de Daphne se suaviza.

– Todo mundo que conversou comigo. Jen era muito amada.

– Eu sei – digo, com um nó na garganta. – Preciso ir.

Daphne pega a bolsa do laptop. Tira de lá um cartão com o email e o número de telefone, entrega para mim.

– Se você precisar de qualquer coisa, me liga. Ficarei mais que feliz em conversar outra vez.

Não me viro para olhar para trás quando me levanto e vou para a porta de saída. Tem coisa demais fervilhando na minha cabeça. Hipóteses terríveis, terríveis, para avaliar.

A pior é que Jack Canning pode não ter matado Julian e Susan. Tom pode ter matado um homem inocente, e um culpado poderia estar andando livre por Sunnybrook.

Mas, se Jack Canning não matou Susan e Juliana, por que ele tinha fotos de Susan na gaveta da cômoda?

Se Jack Canning não matou Susan e Juliana, por que suas últimas palavras foram *Sinto muito*?

[3] Semana Comunitária ou Noite Comunitária: evento de angariação de fundos para escolas, instituições de caridade ou outras organizações. (N.T.)

[4] Nos Estados Unidos, Time Travel Tuesday é a terça-feira em que empresas de turismo oferecem descontos em viagens. Na adaptação feita por escolas, nesse dia são organizadas viagens no tempo. (N.T.)



Capítulo 6

Prometi a Rachel que iria até sua casa ajudar no treino. Ninguém quer dizer, mas todas sabemos que, se Rachel não conseguir dominar o salto triplo até segunda-feira à tarde, a treinadora pode tirá-la dos treinos da competição.

O porão dos Steigers não é como os porões da casa de pessoas normais. Alexa, Rach e eu passamos várias noites ali, de boa, de biquíni na banheira Jacuzzi, bebericando daiquiris de morango sem álcool que preparamos atrás do balcão. Alguns anos atrás, o pai de Rach instalou uma academia completa, com equipamentos mais caros que os da Planet Fitness que minha mãe e Tom frequentam. Rachel e eu arrastamos a esteira para o canto, para abrir espaço para a dança dela.

Meu telefone está pareado com o alto-falante bluetooth. Volto a música para a marca do 1'20 para preparar para o salto. Ela está se adiantando demais, compensando exageradamente com velocidade, quando precisa manter reta a perna que gira.

Rachel repete a sequência a partir do 1'20, e eu não percebo que a música parou até que ela vem se juntar a mim ao lado da caixa. Passa as costas da mão pela testa suada.

– Esse foi melhor?

Para dizer a verdade, naquela hora eu não estava prestando atenção.

– Você está quase lá – digo, e Rach parece contente.

– Preciso de uma pausa – ela diz, abanando o rosto com as mãos.

Pego o telefone e fecho o reprodutor de música. Meu coração se acelera quando vejo que há uma mensagem de texto da última pessoa com quem minha irmã conversou.

Você voltou a pensar sobre o que falei?

Lanço um olhar para a porta aberta; na outra sala (a "caverna masculina" do pai dela), Rachel ligou a TV. Digito: *Qual parte?*

– Mon! O que você está fazendo aí?

Mantenho um olho no celular enquanto vou para a outra sala, onde Rachel está no sofá de couro. Está deitada de costas, com as mãos cruzadas sobre a barriga, que sobe e desce ao ritmo de sua respiração acelerada.

– Você quer pedir pizza? – ela pergunta.

– Pensei que você estivesse na purificação.

– Dane-se isso. – Rachel inclina a cabeça para olhar para mim. – Você ainda está enjoada? Está meio pálida.

Meu telefone vibra na minha mão.

– Preciso fazer xixi – digo. – Já volto.

Quando me tranco no banheiro do porão, com o ventilador ligado, sento-me na borda da Jacuzzi e abro a mensagem mais recente.

A parte sobre seu padrasto estranhamente guardar o celular da sua irmã na mesa dele.

Sinto uma onda de irritação.

Por que eu deveria confiar em você? Nem sei quem você é.

Eu tinha amizade com a sua irmã.

Então por que ela não tinha seu nome no telefone dela?

A pessoa está digitando; o balãozinho some, como se ele/ela tivesse apagado a

resposta. Talvez eu tenha feito uma provocação. Uma batida na porta do banheiro me faz dar um pulo.

– Monica? Está tudo bem aí dentro?

– Já estou saindo.

Aciono a descarga e lavo as mãos para disfarçar. Pouso o telefone na borda da pia. Enquanto estou enxugando as mãos, a tela se acende.

Eu posso provar.

Como?

Você vai ver.

Rachel e eu dividimos uma pizza vegana e assistimos a uma comédia sem graça na HBO, antes de ela me levar para casa. Quando ela está encostando na entrada para carros, meu telefone vibra.

Dá uma olhada na casa em obras do outro lado da rua.

Eu me sento tão empertigada que bato a cabeça no teto do carro. Rach estaciona.

– Qual o problema?

– Nenhum. – Eu me viro para olhar o lado de lá da rua; a entrada para carros da casa inacabada ainda está vazia, os bosques de ambos os lados totalmente imóveis. – Achei que tinha visto um cervo.

Pressiono a mão no teto e saio do carro.

– Valeu pela carona.

– Tranquilo. Te vejo na segunda.

Observo Rachel se afastar, ansiosa para atravessar a rua até a casa inacabada. Mas não sou burra; pensei na possibilidade de isto ser uma armadilha e a pessoa que está me escrevendo ser psicopata.

Um psicopata que claramente sabe para onde nós nos mudamos.

Quando olho para cima, vejo um movimento na janela da nossa cozinha.

Minha mãe, provavelmente, preparando o jantar. De olho na rua, esperando que eu chegue. Mesmo que ela já não estivesse pegando no meu pé, teria perguntas a fazer, caso me flagrasse rondando a propriedade em frente.

Mantemos a porta da frente trancada o tempo todo, e não estou com a minha chave. Insiro o código da garagem e uso a porta interna que leva à cozinha. Mamãe está no fogão, usando uma espátula para partir um pedaço de carne rosada na frigideira. A lousa do cardápio na geladeira informa que hoje é noite de chili de peru.

Ela não se vira.

– Você chegou tarde.

– Ainda não são nem cinco.

Mamãe grita para a sala.

– Petey, o que você está fazendo?

Petey grita que alguém acabou de incendiar o vilarejo dele inteiro, e mamãe grita de volta que ele precisa largar o jogo, tirar o uniforme de futebol e ler alguns capítulos de *Onde crescem as samambaias* antes do jantar. Tenho vontade de dizer a ele que não desperdice seu tempo, que os cachorros morrem no final e que tudo é uma chatice.

Quando minha mãe volta a ficar de costas, atravesso a cozinha até a pia e espio pela janela. A casa ainda está lá, existindo de um modo totalmente não ameaçador.

– O que você está olhando? – a voz da minha mãe soa atrás de mim.

– Nada. Dá tempo de passear com o Mango antes de comermos?

Ela franze as sobrancelhas.

– Por que você precisa levá-lo bem agora?

– Porque ele está engordando e não quero que morra.

Ela pisca, sacode a cabeça.

– Volte em quinze minutos.

Pego a guia no suporte para chaves e chamo o cachorro.

– Passear? Quer ir passear?

Mango chega correndo à cozinha imediata e obedientemente e senta-se aos meus pés. Prendo o gancho na argola da coleira e saio pela porta da frente. No segundo em que pisamos do lado de fora, ele arranca para a frente, me arrasta pela entrada de carros, o rabo subindo e descendo como se não acreditasse na

sorte que deu.

Ele vira para a direita e travo a guia.

– Não. Para cá.

Meu cachorro não é o mais inteligente nem o mais rápido, mas tem uma audição impecável e late como um desvairado. Se houver alguém rondando a casa, Mango vai escutá-lo ou escutá-la e latir em fúria.

As folhas no gramado estalam sob meus pés. Uma vez a cada duas semanas os proprietários vêm aparar a grama para acalmar a minha mãe. Atravesso a entrada para carros e subo. A elevação tem dezenas de metros, e Mango fica cansado na metade do caminho. Quando chegamos à porta da frente, ele está mais de um metro atrás de mim e resiste a todos os puxões que dou na guia.

O exterior da casa está completo, mas não há porta na garagem. Os pelos do meu braço se arrepiam. Qualquer um pode entrar. Engulo em seco e vou para a porta que sai da garagem, que é igual à da nossa casa.

Uma fina camada de pó cobre o chão da cozinha e nenhum dos armários tem porta. Um lustre sem lâmpadas pende do teto da sala de jantar, a fiação ainda exposta.

Vejo o contorno de pegadas na poeira.

Eu me endireito devagar. Acompanho as pegadas para fora da cozinha e para dentro da sala. As pegadas param diante da janela saliente que dá vista para a rua. Uma bituca de cigarro está a centímetros do meu sapato.

A janela saliente proporciona uma visão quase perfeita da minha casa e faz meu estômago se revirar.

Onde?

Janela.

Eu me aproximo da janela saliente.

No parapeito há um envelope. Eu quase não quero tocá-lo. Há quanto tempo a pessoa com quem troco mensagens vem aqui? Ele ou ela anda nos observando? Duas horas atrás, ele/ela me escreveu dizendo que poderia provar ter tido amizade com Jen. De algum jeito, essa pessoa conseguiu vir aqui entre me mandar aquela mensagem e eu chegar da casa de Rachel, sem que minha

mãe notasse um carro encostando perto da casa e ficasse desconfiada.

O futebol de Petey. Ele e minha mãe não chegariam em casa até depois das quatro. Tempo mais que suficiente para que ele ou ela viesse aqui, deixasse o envelope e saísse sem ser visto ou vista.

Uma folha de papel avulsa, dobrada ao meio. Engulo o nó que se forma na garganta e desdobro.

No alto da folha, uma sentença escrita em letra cursiva caprichada.

Eu não estou bem.

Abaixo, em letras de forma feitas com caneta preta de ponta de feltro:

QUER CONVERSAR A RESPEITO?

Sim.

Tapo a boca. Acompanho com a ponta do dedo as subidas e descidas da caligrafia da minha irmã.

Não quero ir para casa, mas também não posso ficar nesta casa de dar arrepios. Saio pelo caminho por onde entrei, conduzo Mango para a área arborizada atrás da casa.

Quando volto para casa, digo para mamãe que almocei tarde na casa de Rachel e que não estou com fome, e que comerei dali a algumas horas o que tiver sobrado do chili. Ela faz um grunhido para indicar que ouviu, em meio a uma discussão com Petey sobre ele não poder ir à casa do amigo TJ Blake porque, apesar de amanhã não haver aula, os pais de TJ ainda precisam ir trabalhar.

Sento-me à minha mesa e tiro o envelope do bolso da jaqueta.

Eu não estou bem.

Penso no diário de pelúcia roxa com um cadeado insignificante que mantive debaixo da cama até o fundamental 2. As coisas que rabisquei nas páginas em acessos de raiva. *A Jen é tãão má às vezes. A mamãe gosta muito mais dela. Todo mundo acha que ela é perfeita e isso é muito irritante.*

Por que ela não estava bem?

Jen era do tipo que mantém um diário? Eu não sei.

Se Jen tivesse um diário, mamãe o teria encontrado primeiro.

Não; minha mãe nem mexeu nas coisas de Jen depois que ela morreu. O quarto da minha irmã ficou fechado por quase um ano, antes que minha mãe anunciasse que ia contratar alguém para empacotar os pertences de Jen e se livrar deles. Eu falei que a odiava. Ela se fechou no próprio quarto; Tom saiu e voltou uma hora depois com uma pilha de caixas organizadoras do Walmart e empacotou tudo pessoalmente.

Agora as coisas de Jen estão no porão, um lugar onde não tenho nenhuma boa razão para estar. Por volta das dez, quando se calam as risadas gravadas dos programas noturnos que Tom vê na sala, espero até que ele suba.

Quando a porta do quarto dele se fecha com um estalido, deslizo-me para fora da cama, avanço pelo corredor, desço a escada e sigo na direção dos degraus do porão, que começam na garagem.

O sistema de aquecimento faz um barulho de unhas batendo em metal. Tateio a parede em busca do interruptor.

A lâmpada fluorescente zune e se acende. Desço.

As caixas de armazenamento com as tralhas da casa velha estão empilhadas no canto, perto do aquecedor de água. Para chegar até elas, passo por cima da caixa onde fica nossa árvore de Natal falsa.

Há três caixas organizadoras com JENNIFER escrito nas laterais. Respiro fundo, o cheiro barrento do porão enche minhas narinas. Solto a tampa da caixa mais perto de mim.

Uma embalagem de roupa, de papelão, está por cima do conteúdo. Levanto a tampa e delicadamente empurro o papel de seda para o lado. Um vestido branco de renda e uma boina. O traje de Natal de Jennifer.

Prendo a tampa de volta e vou para a seguinte. Examino trabalhos de arte, trabalhos de pesquisa avaliados, folhetos da cerimônia de admissão ao grupo de excelência acadêmica e em conjuntos musicais de sopro. O estojo da flauta dela.

Tiro um caderno de capa marmorizada etiquetado com *Inglês, 10.ºP, senhor Ward*. Inglês avançado, décimo período[5]. Folheio, lendo a letra acidentada de Jen, um exercício de texto copiado no alto de cada página. *Em cinco anos, eu me vejo… Escreva um parágrafo convencendo um amigo a não usar drogas… Qual personagem de livro você gostaria de conhecer e por quê?*

Um exemplar de *O morro dos ventos uivantes*. Eu me lembro de ter lido esse

no curso do senhor Ward, no ano passado, e meu peito se aperta. Jen o estava lendo quando morreu, e não ocorreu a Tom devolver à escola, quando o encontrou entre as coisas dela.

Folheio o livro. Ela estava a poucas páginas do capítulo catorze, o lugar marcado por uma folha de papel avulsa. Dá para ver algo escrito em verde.

Desdobro.

EU TE OBSERVO MASTIGAR A TAMPA DA CANETA QUANDO ESTÁ PENSANDO
EU TE OBSERVO NO CORREDOR, RINDO, SEUS OLHOS NÃO VENDO OS MEUS
GOSTARIA DE SABER O QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO
GOSTARIA DE ENTENDER A PIADA.

Os pelos da minha nuca se arrepiam, conforme vou passando pelo resto. É mais do mesmo. Um poema idiota. O manifesto de um perseguidor, escrito na mesma caligrafia do bilhete que está na minha mesa.

De manhã, espero até ouvir o abre e fecha dos armários da cozinha antes de descer. Tom está enfiando uma colherada de cereal na boca, os olhos em um exemplar do *Daily News*.

– Acho que devíamos instalar câmeras de vigilância – digo.

– Ah, é? – Tom não levanta os olhos da tigela de Cheerios. – E por quê?

– Esta casa é muito grande. Não me sinto segura quando fico aqui sozinha.

Minha mãe fecha com força a porta da geladeira.

– Você raramente fica sozinha aqui.

Tom e eu a acompanhamos com os olhos quando ela sai da cozinha. Momentos depois, grita para que Petey desça e coma, ou ela vai jogar o iPad no lixo.

Quando deixamos de ouvir a pisada dura de mamãe na escada, Tom pousa a tigela e me encara.

– Tem a ver com Juliana e Susan?

Minha coluna se endireita. Faz anos que não o ouço pronunciar os nomes delas.

– Talvez.

– Eu não sabia que isso ainda assustava você.

Uma imagem de mim, cinco anos atrás, enrodilhada aos pés da cama de Tom e de minha mãe, como um cachorrinho. Assustada demais para dormir no meu quarto depois dos assassinatos.

– É claro que fico assustada. Não posso simplesmente esquecer que aconteceu.

– Eu não disse que você deveria. Fazia muito tempo que você não mencionava as meninas, é só. Por que está pensando nisso agora?

Não sei se estou imaginando o tom de desconfiança na voz dele.

– Daqui a pouco faz cinco anos.

– Mon – Tom diz. – Nada parecido com aquilo vai acontecer de novo, nunca.

– Você não pode afirmar isso com certeza.

– Eu não posso afirmar com certeza que um tornado não vai nos atingir amanhã. Mas ainda é improvável que aconteça.

Eu me pergunto como ele acha que isso vai fazer eu me sentir melhor.

– Vou pesquisar umas câmeras. – Tom se levanta e aperta meu ombro. – Tente aproveitar o dia. Está bonito lá fora. Quem sabe levar aquele cachorro gordo como um porco para passear.

Ao ouvir a palavra iniciada por P, Mango corre para a cozinha. Tom vai para a sala e diz a Petey que é realmente melhor que ele deixe de lado o iPad e coma, antes que mamãe termine de tomar banho.

Sento-me no balcão. Meu irmão entra na cozinha, os olhos grudados em "Guerra dos Clãs" enquanto se senta na banqueta à minha frente, onde mamãe deixou uma tigela vazia ao lado da caixa do cereal dele.

Quando o som da mastigação de Petey se torna insuportável, eu me levanto. Preciso pensar; até amanhã de manhã, quando encontrar o senhor Ward, não há nada que eu possa fazer para descobrir quem escreveu aquele poema para Jen.

Meus pensamentos se concentram na casa do outro lado da rua. Ele ou ela disse que eu não o/a conheço, mas ele ou ela sabe onde nós moramos. Ele ou ela também está seguro de que Tom é um mentiroso, entre outras coisas. Portanto, existe a possibilidade de que quem escreveu a carta conheça Tom e o conheça bem o bastante para ter nosso endereço novo.

Isso é quase tão perturbador quanto a ideia de que um lunático aleatório esteja nos espionando.

A ponta de cigarro perto da janela saliente. Ele ou ela pode ter deixado mais alguma coisa para trás.

Mango continua esparramado no chão da cozinha como um sapo, o rabo abanando para a frente e para trás. Tiro a guia do gancho na parede.

– Fala pra mamãe que fui passear com o cachorro – grito para meu irmão, enquanto conduzo Mango porta afora. Estanco assim que chegamos à rua.

Um furgão está parado na entrada para carros da casa. Perto dele um homem está encostado em um SUV preto reluzente, conversando com o motorista do furgão. Mango começa a latir; o homem olha para mim.

Nunca vi ninguém fora daquela casa desde que nos mudamos para cá; não pode ser coincidência que os proprietários ou empreiteiros ou corretores (sejam quem forem esses caras) tenham vindo no dia seguinte àquele em que perambulei por ali.

Será que alguém me viu?

Baixo a cabeça, interrompendo o contato visual com o homem, e viro à direita. Continuo andando até que as construções novas escasseiam, e casas menos pomposas aparecem.

Em frente a um pequeno sobrado de revestimento amarelo descascando, Ginny Cordero está mexendo no jardim. Sozinha; não está ajudando ninguém, como eu ajudava minha mãe a tirar o mato do nosso jardim na casa velha. Ginny está curvada, arrancando galhos mortos e tortos da terra, como se esse jardim fosse todo dela.

– Oi – digo.

Ginny se vira. Levanta a mão em um aceno débil, a confusão unindo suas sobrancelhas. Pinga água do regador que ela segura com a outra mão.

Ginny vai ao meu encontro no começo da entrada para carros. Olha para Mango, mas não se abaixa para fazer carinho, como a maioria das pessoas geralmente faz.

– Qual é o nome dele?

– Mango. – Há um instante de silêncio incômodo. Daí escapa da minha boca: – Foi minha irmã quem deu o nome.

Ginny fica calada. Mas a expressão em seu rosto diz que não a fiz sentir-se

estranha; ela parece quase triste.

– Ela era muito legal. Sua irmã.

Hesito.

– Você quer dar um passeio comigo?

– Claro.

Ginny deixa o regador na frente da varanda. Um gato preto e branco vem pela porta de vidro. Quando vê Mango, o rabo fica ereto. Mango rosna e o gato foge em disparada.

– Desculpe – digo.

– Tudo bem. – Ginny se junta a mim e descemos juntas o caminho. – Está fazendo calor.

– Nem me fale. – Não sei se consigo fazer isso, manter conversinhas bobas sobre o tempo. Não sei nem por que vim até aqui.

– Sabe, a Jen ia ao mesmo ginásio que eu – Ginny diz. – Muito tempo atrás.

Mango para de repente. Fareja onde o gramado encontra a rua, várias casas depois da de Ginny. Começa a andar em círculos; se Ginny não estivesse aqui, eu o puxaria para que continuasse andando. Mas não quero que Jen escape, que desapareça no cemitério das conversas mortas.

– Eu me lembro de te ver no ginásio – digo.

– Sua irmã era gentil. Não existe muita gente gentil.

A voz dela some e sou atingida por uma lembrança do nono ano, sentada no fundo da sala na aula de Ciências. As meninas perto de mim davam risadinhas sempre que nossa professora chamava Ginny pelo nome inteiro durante a aula. *Virgin*-ia, elas diziam, com ênfase no "Virgin", olhem só os ombros de zagueiro dela, e esse peito liso. Ela provavelmente nem tinha menstruado ainda.

E eu não fiz nada, porque não era problema meu. Eu não disse nada, porque Kelsey Gabriel, que fazia o curso pela segunda vez, era quem tinha apelidado Ginny de *Braços Masculinos*.

Ginny finalmente olha para mim, com sua linha de raciocínio agora recuperada.

– Sua irmã não merecia aquilo. Nenhuma das garotas merecia.

– Sabe aquela casa na frente da minha? – pergunto.

– A inacabada?

Assinto.

– Você viu alguma coisa estranha? Tipo alguém que não mora por aqui zanzando perto dela?

– Não, acho que não. – A testa dela se franze. – Por quê?

A mesma coisa que me levou a lhe perguntar sobre a casa, seja lá o que foi, agora está me dizendo também para não contar que encontrei algo estranho nela. Se eu contasse, teria de dizer também por que eu entrei na casa. Será que Ginny acreditaria em mim se eu dissesse?

– Por nada – digo. – Preciso voltar. Obrigada por passear comigo.

Ginny assente. Quando me viro, ela diz meu nome. Ela levanta uma mão.

– Te vejo no ensaio amanhã.

---

[5] O ensino médio americano distribui as aulas em períodos, cada um dedicado a uma disciplina. Como em geral há de seis a oito períodos, décimo período indica um aluno com excelência acadêmica e uma carga horária maior, dedicada a conteúdos mais complexos que os da grade comum. (N.T.)



Capítulo 7

Na primeira semana de aula, no outono passado, o senhor Ward me mudou para uma carteira longe de Rachel, porque não parávamos de conversar. Então começamos a trocar mensagens de texto, e o senhor Ward passou o resto do ano de olho em nossos celulares sob a carteira, suspirando como se estivesse questionando todas as escolhas que fez na vida.

Eu era uma pentelha naquela época.

Seja como for, o senhor Ward não parece esfuziante quando me vê esperando à porta de sua sala, depois da última aula, na tarde de segunda-feira. Ele enfia uma pilha de papéis na maleta e pisca.

– Você está procurando a senhorita Axelrod? A última aula dela foi no andar de cima.

– Na verdade eu queria conversar com o senhor. Teria um minuto?

– Claro, claro. Entre.

O senhor Ward dá um puxão na gravata para afrouxar o nó e escancara a janela atrás da mesa.

Entro na sala, inexplicavelmente nervosa. O senhor Ward senta-se em uma das carteiras na frente da sala e puxa outra cadeira, para que fique de frente para ele. Ele gesticula para que eu me sente nela. Quando pouso a mochila na mesa e sento-me na cadeira, noto uma mancha de mostarda ressecada na gravata dele.

– Então, o que manda? – O senhor Ward cruza as pernas na altura dos

tornozelos.

– Minha irmã era da sua turma quando estava no segundo ano.

O senhor Ward pisca, como se não soubesse dizer se estou fazendo uma pergunta ou contando isso a ele.

– É, era. Uma escritora realmente talentosa.

– Isso vai soar estranho. – Relaxo a mão que está segurando o poema que encontrei no exemplar da minha irmã de *O morro dos ventos uivantes*. Eu o ando segurando com tanta força que temo que o suor das palmas faça borrar a tinta. – Estou procurando alguém. Acho que essa pessoa esteve na sua turma na mesma época que minha irmã.

– Okay. Quem é esse alguém?

– Eu não sei – digo. – Mas tenho noventa e nove por cento de certeza de que é um menino.

A testa do senhor Ward se enruga.

– Pode me contar mais alguma coisa sobre ele?

Penso nas mensagens argumentativas e na recusa de me revelar sua identidade.

– Ele era provavelmente um babaca.

O senhor Ward se recosta profundamente na cadeira, cruza as mãos atrás da cabeça.

– Por que acha que ele estava na minha turma?

– Encontrei um poema que ele escreveu, no exemplar dela de *O morro dos ventos uivantes*.

Devo parecer desapontada, porque o senhor Ward se endireita na cadeira e diz:

– Deixe-me abrir as listas de chamada das turmas antigas.

Tamborilo os dedos no joelho enquanto o senhor Ward vai até o computador. Está havendo um pouco de gritaria no corredor, e um cara de boné preto de beisebol para à porta quando me vê.

– A reunião do jornal ainda vai ser aqui?

– Sim, às três – o senhor Ward fala para ele. – Volte mais tarde.

O menino recua e fecha a porta atrás de si, abafando o barulho do corredor. No computador, o senhor Ward bate o dedo no mouse, de olho na tela.

– O sistema está lento – ele murmura.

Não sei para onde olhar, então examino o Globe Theatre feito de palitos de sorvete em cima da estante de livros no canto.

– Consegui – o senhor Ward diz. – Jen estava no Inglês avançado do quinto período.

Ele resmunga sozinho, enquanto olha para a tela.

– Ah.

Eu me endireito na cadeira.

– O que foi?

– Ethan McCready estava na classe de Jen. – O senhor Ward franze a testa.

Ethan McCready. Reviro o nome na cabeça, esperando que surja um rosto. Nada. Baixo os olhos para o papel nas minhas mãos. Os cantos quase se desfizeram, de tanto que dobrei e desdobrei a folha.

Vou até o senhor Ward e estendo o poema para ele.

– Isto foi o que encontrei.

Ele pega o papel e o estuda. O senhor Ward pousa o poema na mesa, sem desviar os olhos.

– Uau. Ethan McCready. Pensando melhor agora, ele se sentava atrás de Jen.

– Ele tinha fama de importunar as meninas?

– Não que eu saiba. – O senhor Ward esfrega o queixo. – Mas ele era um desses meninos que deixam todo mundo desconfortável. Um pouco solitário, só vestia preto, e eu sempre precisava pedir que tirasse os fones dos ouvidos.

O senhor Ward não precisa elaborar. Toda série tem um moleque assim.

– Minha irmã alguma vez reclamou dele?

O senhor Ward parece quase triste.

– Não… Pelo que vi, Jen era sempre gentil com meninos assim.

O nó no meu peito se aperta. Claro que minha irmã teria sido gentil com Ethan McCready. Às vezes ela era gentil com gente que não merecia.

Ela nem conseguiu se forçar a jogar fora o poema de Ethan McCready.

– O senhor sabe o que aconteceu com Ethan? – pergunto. – Depois que ele se formou?

– Ele não se formou. Foi expulso naquele outono.

– Por quê? O que ele fez?

Do lado de fora da sala do senhor Ward, as vozes vão aumentando. Um baque de um corpo contra a porta. Os bagunceiros que fazem o jornal. Eu

estou atrasando a reunião.

– Eu não sei. Sempre me pareceu que a coisa toda foi um exagero – o senhor Ward diz. – Mas uma menina o viu escrevendo nomes no notebook e foi falar com o senhor Heinz.

– Que nomes?

O senhor Ward hesita.

– Os nomes de todas as animadoras de torcida.

– Como se fosse uma lista de alvos ou coisa assim? – Meu estômago está embrulhado.

– Pelo menos foi isso que a administração decidiu que era. – O senhor Ward lança um olhar para a porta. – Não sei, Ethan nunca me pareceu violento. Mas não os culpo por não desejarem correr riscos.

Ele se levanta. Minha deixa para ir embora. Ele começa a me acompanhar até a porta.

– Sabe, você pode ficar para a reunião do jornal. Estamos com falta de redatores este ano.

– Já estou com muitos afazeres. Mas obrigada.

O senhor Ward não olha para mim ao abrir a porta. O menino apoiado nela tomba para dentro da sala, para gargalhadas gerais dos outros meninos reunidos no corredor.

– Em todos os aspectos, um ano muito triste – o senhor Ward diz.

Tenho trinta minutos até o início do ensaio. Vou para o andar de cima e ignoro as mensagens de Rach e Alexa perguntando se quero ir à Starbucks. Responderei mais tarde que precisei de tutoria extra em Química.

A placa na porta da biblioteca me desanima totalmente. FECHADA PARA REFORMA. Recordo vagamente que a senhora Barnes informou, nos pronunciamentos da manhã, que havíamos conseguido fundos para uma nova estação de "aprendizagem dinâmica".

Espio através do painel de vidro da porta. As luzes estão acesas, a bibliotecária está lá dentro, de braços cruzados, entretida em uma conversa com uma professora de costas para mim.

O cabelo grisalho da mulher está amarrado com elástico. Só há uma pessoa na escola (e provavelmente em toda Sunnybrook) que usa elástico todos os dias.

Eu recuo, pronta para dar o fora, mas a bibliotecária me vê por cima do ombro da senhora Coughlin. Ela franze a testa e vem em minha direção; estou enrascada. A senhora Coughlin se vira, os olhos se estreitando quando me vê.

A bibliotecária abre um pouquinho a porta.

– Estamos fechados, flor.

– Eu sei – digo. – Eu só preciso de um livro específico.

– Qual?

– Um anuário antigo.

– Veja com a senhora Goldberg.

A porta se fecha na minha cara.

Bufo. A senhora Goldberg é a professora de Design Gráfico e supervisora do anuário. A sala dela é no andar de baixo, na mesma ala que o laboratório de revelação de fotos e dos estúdios de pintura e escultura.

A porta do laboratório está aberta. Enfio a cabeça; está estranhamente quieto. Os vários adolescentes nos computadores trabalham em silêncio, os olhos nas telas. Não vejo a senhora Goldberg.

Alguém chama meu nome, suavemente, no fundo da sala. Ginny Cordero está no computador e me observa. Acena para que eu me aproxime.

– Oi. A senhora Goldberg está aqui? – solto, num fôlego só. Não quero que Ginny pense que a estou perseguindo ou coisa assim.

– Ela foi até a copiadora há alguns minutos – Ginny diz. – Eu não sabia que você fazia Design Gráfico.

– Não faço. Preciso de um anuário antigo. A bibliotecária me falou que a senhora Goldberg tem um exemplar na sala dela.

– É, ela tem todos. Posso pegar para você. Sou da equipe do anuário, então ela me deixa entrar na sala dela. De qual você precisa?

– O de cinco anos atrás. – Faço uma pausa. Não sei se alguém que foi expulso antes que o anuário fosse para a gráfica estaria na seção de fotos. – E talvez o de seis anos atrás, também.

Ginny assente e se encaminha diretamente para a sala dos fundos. Preso à porta da sala da senhora Goldberg há um pôster gigante de uma galáxia. Chego mais perto e o esquadrinho com o olhar; um monte de rostos foi encaixado entre as estrelas, com o uso de Photoshop. NÓS TE AMAMOS, SENHORA G!!! – DESIGN GRÁFICO SÊNIOR, 5.º PERÍODO.

Quando Ginny volta, traz dois anuários.

– Estes são os exemplares dela, então você precisa ficar aqui com eles. Tudo bem pra você?

– Claro. Valeu.

Pego os volumes e sento-me na cadeira vazia do computador ao seu lado. Ela volta a trabalhar na diagramação do anuário, mas flagro seus olhos se desviando da tela em direção a mim enquanto folheio as páginas do primeiro anuário.

Ethan McCready não está no do ano em que minha irmã morreu. Ponho-o de lado e abro o volume do ano anterior, folheando os retratos dos calouros. Percorro com o dedo os sobrenomes na coluna lateral. *Mackie, Maroney, Maldonado, McCready*.

Conto os retratos até o de número quatro e chego à foto de um menino de cabelos loiros sujos caídos sobre os olhos. Os ombros são curvados para a frente, sob uma camiseta do Nine Inch Nails. Os olhos são tão escuros que parecem quase pretos.

Quando levanto a cabeça, Ginny está me observando com uma expressão estranha.

Engulo em seco e aponto para Ethan.

– Você já viu esse cara antes?

Ginny olha a foto.

– Sim, eu o conheço.

– Sério?

– Bom, sei quem é – Ginny diz. – Minha mãe foi enfermeira da mãe dele, quando ela ficou doente. Acompanhei minha mãe ao velório dela. Ele parecia muito solitário, como se as pessoas estivessem mantendo distância dele. Minha mãe me contou que ele foi expulso naquele outono.

– Ele tinha uma lista de alvos – digo. – As animadoras de torcida estavam nela.

Analiso a expressão de Ginny, vejo as peças se encaixarem na cabeça dela: o acidente de carro, os assassinatos, o suicídio da minha irmã. E um menino que queria todas as garotas mortas.

Supostamente.

– Ele disse que era amigo da Jen.

– Mas Jen era animadora de torcida – Ginny diz. – Por que ele colocaria uma

das amigas na lista de alvos?

– Não sei.

Ginny fica calada por um momento.

– Isso tem a ver com o que você me perguntou ontem? Sobre a casa?

Minha garganta se fecha. Quem deixou o bilhete não era um amigo inocente de Jen, que tinha um *crush* por ela. Ele é o cara que foi expulso por querer minha irmã e as amigas dela mortas. E ele sabe onde eu moro.

– Ethan esteve lá – digo. – Ele me deixou uma coisa, um bilhete que minha irmã escreveu para ele.

Ginny pisca, confusa.

– Por que ele faria isso? Como você encontrou o bilhete?

Hesito.

– Você pode fazer um intervalo de alguns minutos? Talvez seja melhor ir lá fora.

– Claro. Eu já estava mesmo acabando. Um segundo. – Ginny salva o trabalho no computador e pega a mochila de ginástica a seus pés. Ajeita a alça no ombro.

O pátio está entupido de gente esperando o início dos treinos esportivos. Vejo Jimmy Varney jogando *frisbee* com uns caras da corrida ao ar livre. Ele vira a cabeça e acena para mim; o *frisbee* o atinge no peito e cai no gramado.

Largo a mochila no chão ao lado de uma das árvores perto do gazebo e me sento. Ginny faz o mesmo. Dentro do gazebo, várias meninas reunidas, deitadas nos bancos, papeando sobre um encontro próximo, exclusivo para convidados. Quanto mais barulho ao redor, melhor.

– Desculpe estar sendo tão estranha – digo. – Só não quero que ninguém nos ouça.

– Tá tudo bem. – Ginny puxa os joelhos para o peito. No momento em que faz isso, um *frisbee* voa direto nas canelas dela.

– Perdão! – Jimmy Varney se aproxima, o rosto vermelho de vergonha. Atrás dele, os amigos dão risada, um deles dá um tapa nas costas de Joe Gabriel. Joe sorri e grita "Foi mal", a voz soando tudo, menos arrependida.

Ginny pega o *frisbee* e entrega a Jimmy. Ele fica ainda mais corado.

– Eu sinto muito, de verdade.

– Tá tudo bem – Ginny diz.

Jimmy me oferece um sorriso acanhado.

– Oi, Mon. Desculpa aí.

– Tá tudo bem, Jimmy, mesmo. – Não quero ser indelicada com ele, mas quero que vá embora logo, para poder conversar com Ginny.

Quando Jimmy volta para junto dos amigos, trocando olhares com Joe e cochichando alguma coisa, falo para Ginny:

– Esse Joe é um babaca. Ele te acertou de propósito.

– Não acho que ele quisesse me machucar – ela diz. – Ele só fez isso para que o amigo pudesse vir até aqui conversar com você.

Sinto um aperto no peito. Entendo por que gosto tanto de Ginny: não é só por causa da conexão dela com a minha irmã. Ginny me faz lembrar de Jen. Minha irmã tão gentil, que sempre dava às pessoas o benefício da dúvida, mesmo quando elas não mereciam.

A foto de Ethan McCready no anuário me volta à mente, e o papel dele em tudo isso começa a se encaixar: o bilhete, as alegações de que Tom não é confiável, tudo parece mais insidioso agora. Ele está tentando me fazer desconfiar de Tom para desviar a suspeita sobre si mesmo? Exceto por Jack Canning, Ethan é agora a única pessoa que queria as animadoras de torcida mortas.

Assim, conto tudo para ela. Começo com as cartas na mesa de Tom e como elas me levaram ao celular de Jen e ao número de Ethan. Recapitulo minha reunião com Daphne e todas as inconsistências sobre os assassinatos. O alerta de Ethan sobre Tom estar escondendo alguma coisa.

Enquanto falo, Ginny me olha com uma expressão que não consigo definir. Penso na reação de Rachel no outro dia, quando perguntei se ela achava que tudo que tinha acontecido naquele ano poderia não ser uma coincidência.

– Sei que soa ridículo – digo. – Mas minha irmã… Eu nunca acreditei nisso, que ela se mataria por causa da morte das amigas. E talvez isso faça parecer que estou em negação ou coisa assim, mas tudo isso com Ethan McCready… Ele ligar para ela na manhã em que ela morreu… Não sei… – Tomo fôlego. – Não pode ser coincidência.

Ginny parece refletir a respeito. Move os pés para se sentar de pernas cruzadas.

– Você conhece aquela teoria de que o bater de asas de uma borboleta poder

provocar um tsunâmi ou um tornado do outro lado do mundo?

Confirmo com a cabeça.

– Já ouvi falar. Tipo, uma coisa pequena pode acontecer e dar início a uma reação maior.

– Isso – Ginny diz. – O oposto de coincidência.

Arranco uma haste de grama que roça meu tornozelo e enrolo na ponta do dedo. A explicação simples de Ginny rompeu a confusão mental que nublava minha cabeça. Não sei por que não pensei nessa possibilidade mais cedo, que as mortes não são um monte de pontos esperando para ser conectados, mas uma série isolada de eventos, postos em marcha por algo ocorrido naquele outono.

Mas o que aconteceu? Como é que vou encontrar o lugar exato em que uma borboleta bateu as asas cinco anos atrás?

E como posso acreditar em qualquer coisa que Ethan diga, que era amigo de Jen, que não devo confiar em Tom, quando, segundo o senhor Ward, ele a queria morta?

O carro de Tom está em casa quando chego do ensaio. O lugar onde minha mãe estaciona o SUV está vazio. Eu me lembro de ela ter dito algo sobre ser noite de reunião de pais e mestres na escola de Petey. Ela deixou um cardápio de comida chinesa para viagem no balcão da cozinha.

Ethan McCready foi expulso por fazer uma lista de alvos que conteria o nome de Juliana e o de Susan. Algumas semanas depois, as duas foram assassinadas.

Não existe a menor chance de que Tom não fizesse a conexão entre Ethan McCready e as garotas. O diretor Heinz teria envolvido a polícia se um de seus alunos tivesse criado uma lista de alvos.

A acusação contra Jack Canning foi convincente, mas não irrefutável. Preciso saber se em algum momento Ethan foi um suspeito em potencial; o problema é que a pessoa que pode me dizer com certeza é provavelmente a última pessoa que quer falar sobre a possibilidade de que outro, que não Jack, foi o assassino.

A porta do escritório de Tom está fechada. Ele geralmente a mantém aberta enquanto trabalha. Ignoro a paranoia me dominando e bato.

– Entra.

Abro a porta e encontro Tom curvado em frente ao computador. Ele está

percorrendo imagens de um Honda Civic com o para-choque amassado. Minimiza a janela e gira a cadeira.

– E aí, garota? Quer pedir o jantar? Estou ficando com fome.

– Claro. – Aponto para o computador. – O que estava vendo?

Tom esfrega os olhos.

– Um atropelamento com fuga que houve no mês passado. Está me atormentando.

– Pensei que não era para você trazer trabalho para casa.

– Quando uma pessoa faz o que eu faço, o trabalho nunca acaba.

Tom me analisa.

– Você está bem? A mamãe diz que você anda esquisita.

– Não sei – digo, refletindo cuidadosamente sobre cada palavra, antes que ela saia da minha boca. – Tem uma coisa que eu gostaria de discutir com você.

As sobrancelhas de Tom se levantam. Seja o que for que esperava que eu fosse dizer, não era isso.

– Claro. Conta tudo.

– Você conhece um cara chamado Ethan McCready?

– Ethan McCready?

– Ele estava na classe de Jen. Foi expulso naquele ano por ameaçar matar as animadoras de torcida.

– Você está falando do cara que fez a lista de alvos? Mandei agentes à casa dele. Ele não tinha uma arma. – Tom franze a testa. – Eu não sabia que você sabia disso. Sua mãe e eu não conversamos sobre isso perto de você nem do seu irmão, porque não queríamos perturbar vocês.

– Você sabia que Ethan escreveu para Jen um poema persecutório assustador?

Tom para de balançar a perna cruzada sobre o joelho na altura do tornozelo.

– Jen te contou isso?

Hesito.

– Encontrei nas coisas dela.

Tom levanta uma mão.

– Você mexeu nas coisas de Jen? Quando?

– Que importância tem isso? – O tom de voz dele inflama minha raiva, como se ele sugerisse que escavei o túmulo da minha irmã para conseguir o tal do poema.

– Teria importância para sua mãe – Tom diz. – Monica, este mês já vai ser difícil o suficiente para ela.

– E você acha que não é difícil para mim? Para o restante de nós?

– Não levante a voz. E isso não é justo. Você sabe muito bem que eu não quis dizer que não seria difícil para você. – Tom olha para o colo, aperta o alto nariz entre os olhos. – Não entendo qual é seu objetivo aqui. Não sei o que você quer de mim.

Reprimo a vontade de berrar: *Quero que você pare de agir como se estivesse escondendo alguma coisa.* Quero perguntar a ele por que estava com o telefone de Jen e se sabe que Ethan McCready foi a última pessoa a conversar com ela.

– Você não entende? – pergunto. – Ethan queria todas as animadoras de torcida mortas, e daí Juliana e Susan foram assassinadas simplesmente ao acaso?

– Monica – Tom diz, com voz firme. – Ethan pesava cinquenta quilos quando ensopado.

– E?

Tom se recosta na cadeira, o estofado de couro rangendo sob seu peso. Ele me observa por um momento antes de dizer:

– Susan e Juliana foram estranguladas.

– Eu sei disso.

– As meninas estavam em excelente forma física. Entre as duas, tinham dez quilos a mais de músculo do que Ethan. Você sabe quanta força é necessária para se estrangular uma pessoa?

Meu estômago se contrai enquanto luto para afastar o instinto de imaginar um par de mãos envolvendo o pescoço de Susan Berry.

– Não.

– Os membros de Ethan eram finos como gravetos. Susan poderia ter quebrado os braços dele de olhos fechados – Tom diz. – As meninas foram subjugadas. O assassino era muito maior que elas.

– Você quer dizer que o assassino tinha o tamanho de Jack Canning.

Os olhos de Tom disparam um aviso.

– Esta não é uma conversa que eu queira continuar.

– Bem, mas eu quero. Ethan estava apaixonado por Jen. – Minha garganta se fecha. – E se ele resolveu que, se não pudesse ter Jen, ele iria atrás das amigas dela? E se ele sabia que ela estaria na casa de Susan naquela noite e foi lá e…

– Monica! – A intensidade da voz de Tom quase me faz recuar. Meu padrasto gritou comigo, se tanto, uma vez nos últimos dez anos.

Sei que ele se dá conta também, porque estremece.

– A pessoa que matou Susan e Juliana está morta. Ele não vai machucar ninguém nunca mais. Se alguém está lhe dizendo algo em contrário, mande a pessoa falar comigo e eu vou resolver as coisas.

Meu padrasto não é um homem teimoso. É por isso que é tão assustadora a convicção que ele sente de que teve uma razão para atirar em Jack Canning.

– Monica. Olhe para mim.

Eu olho. Tom força um sorriso.

– Okay?

O buraco no meu estômago aumenta.

– Okay.

Estou a caminho da porta quando me diz para pedir para ele um frango à General Tso. A voz é contida, jovial. Para me informar que está disposto a esquecer essa conversa, desde que eu nunca mais mencione os nomes Ethan McCready e Jack Canning para ele de novo.

Jennifer

CINCO ANOS ANTES
SETEMBRO

Juliana tinha grandes planos para seu segundo ano no ensino médio. Elas haviam rompido o irritante rótulo de calouras; os veteranos do ano anterior, que nem olhavam para elas, tinham sumido e dado lugar a formandos que as olhavam disfarçadamente mesmo quando estavam com os braços na cintura das namoradas.

Jules parecia não notar os olhares dos caras mais velhos. Não como Susan, que encolhia a barriga e ajeitava o cabelo atrás da orelha quando jogadores de futebol ou de futebol americano iam ao ginásio onde as animadoras de torcida estavam ensaiando. Juliana pensava mais alto, o calendário em seu quarto tinha códigos coloridos: ensaio de animação de torcida, Noite Comunitária, *homecoming*. Juliana parecia não perceber quanto elas já eram populares. Jen e Jules haviam ambas sido eleitas para a comissão do evento no ano anterior, e Susan era a secretária da classe.

Jen, porém, percebeu. As pessoas com quem cresceu pareciam de repente nervosas à sua volta. O topo era solitário, com pessoas mantendo distância, como se as outras alunas do segundo não tivessem certeza de que Jen as considerava dignas de compartilhar sua presença.

Também não ajudava que Jules tivesse um horário de almoço diferente do de Jen e que Susan houvesse abolido totalmente o almoço, para poder cursar mais uma matéria eletiva. Jen precisava se sentar com Bethany e Colleen e as amigas mais novas delas na cafeteria.

Era uma vida que outras meninas invejavam. Era uma vida que ela não sabia se queria.

Juliana tinha desistido de Matemática e Ciência avançadas, ponderando que a carga de trabalho seria grande demais para que ela conseguisse equilibrar com a animação de torcida e o emprego na Alden's, a mercearia que os pais possuíam. Então, a única aula que Jen e Jules tinham juntas era Inglês, com o senhor Ward. Quando Jules saía da ginástica, no horário anterior, encontrava Jen nos

armários, e elas iam juntas para a aula.

Hoje, Jules estava atrasada. Jen esperava perto do armário, perguntando-se se deveria seguir para a aula sozinha. Viu mais um minuto avançar no celular, antes de levantar os olhos e vê-la no fim do corredor. Juliana, com a testa brilhando de suor, uma bandana cor-de-rosa forte tirando o cabelo do rosto.

Ao lado dela, Carly Amato ria de alguma coisa. Jules viu Jen; ela se afastou de Carly, acenando para ela.

– Você não me contou que Carly estava na sua turma de ginástica – Jen disse, quando Juliana se aproximou.

– E eu deveria? – Juliana abanou o rosto com o caderno de Inglês. – Qual é o seu problema com ela, afinal?

Tenho certeza de que cheira pó. Era uma acusação terrivelmente pesada para ser lançada assim, do nada.

– Não tenho problema nenhum com ela – Jen disse.

– Então tá. – Juliana passou por ela e entrou na sala do curso do senhor Ward.

Jen parou à soleira por um momento, em choque. Juliana lhe havia dito "Então tá". "Então tá" era uma porta batida na sua cara; significava "estou chateada, mas não me importo o suficiente para brigar com você". Em vários sentidos, era a pior coisa que se poderia dizer a um amigo.

Juliana não olhou para trás na direção de Jen quando foi até o senhor Ward e lhe mostrou um passe para a aula de impostação de voz, na sala do coro. O senhor Ward suspirou e apontou para o quadro branco onde estavam listados os números das páginas de leitura designadas para aquela noite. Jules copiou na agenda e saiu da sala quando o sinal tocou.

Os olhos de Jen ardiam e os pulmões se comprimiram diante daquela sensação de pânico que tinha ao chorar em público. Seu último choro em classe fora após uma prova de Matemática no sétimo ano, a única prova em que já tinha se saído mal. Os meninos da fileira de trás debocharam dela o dia inteiro; chorar na classe era como se seu corpo a traísse. Ela manteve a cabeça baixa enquanto o senhor Ward brigava com as garotas sentadas no parapeito da janela, tomando sol como tartarugas sobre uma pedra.

– Por favoooor, podemos abrir a janela? – Hailey Rosenfield se abanava com um caderno de capa marmorizada.

– Sente-se – o senhor Ward pediu.

– Nós *estamos* sentadas – Hailey bateu o ombro no da amiga.

As meninas riram e reclamaram que tinham acabado de chegar da ginástica. O coitado do senhor Ward parecia mal ter saído da faculdade.

Jen as ignorou e só levantou a cabeça do caderno para copiar o exercício diário do quadro branco. *Discuta o cenário e como ele contribui para a atmosfera da história*. Ela não conseguia pensar, não conseguia nem se lembrar do que lera em *O morro dos ventos uivantes* na noite anterior.

Juliana estava brava com ela. Jen não conseguia pensar em uma única ocasião em que tivesse realmente deixado Jules brava. Era difícil conseguir isso, o que só tornava pior que a briga idiota tivesse sido sobre Carly Amato, uma garota que Juliana só conhecia havia poucos meses.

Eu não estou bem. Jen não percebeu que era isso que havia escrito no caderno, até que o senhor Ward perguntou se todos já haviam acabado de escrever, se alguém queria compartilhar a reposta com a turma.

Quando o sinal tocou, Jen arrancou a página do caderno. Amassou e jogou no cesto de lixo do senhor Ward.

Quando chegou ao armário, estava chorando. Enterrou a cabeça.

Um toque suave no ombro. Jen se viu cara a cara com Ethan McCready.

Ela conhecia Ethan desde que eles eram crianças; ela odiava que as pessoas o chamassem de Ethan McCredo, e se encolhia toda vez que um dos caras do futebol dava um pescotapa nele quando passava por seu banco no ônibus.

Mas, se fosse para ser sincera, Jen sabia que Ethan não facilitava que o defendessem. No fundamental 2 ele tinha parado de conversar com todo mundo, exceto com dois amigos: garotos do clube de competição flagelados por jeans de caimento péssimo e hálito de pizza da cafeteria. Era raro ver Ethan não curvado sobre uma mesa, o capuz do moletom enfiado na cabeça e fones nos ouvidos, por mais que os professores lhe dissessem para tirá-los.

O pior de tudo, porém, era que Ethan podia, de fato, ser extremamente assustador. Na primeira vez que Jen o viu, ele a estava observando.

Ela estava no bosque atrás de casa, esquadrinhando o riacho em busca de pedras polidas pela água, quando ouviu gravetos estalando. Permaneceu agachada, imóvel, esperando ver um cervo quando levantasse a cabeça. Em vez disso, era um menino com o cabelo mal cortado em uma camiseta do Led

Zeppelin.

– Oi – ele falou. – O que você está fazendo?

Ela abriu a mão. Ethan chegou mais perto, inspecionou a pedra, que era lisa e branca como uma pérola.

Depois daquele dia, ele apareceu algumas vezes. Depois que Jen contou que queria ser veterinária quando crescesse, Ethan lhe trouxe da biblioteca um livro cheio de fotos brilhantes de répteis e anfíbios. Quando tinham sorte, capturavam sapos em baldes plásticos de praia, mas Jen sempre o fazia soltar os animais.

Jen pensou em convidar Ethan para jantar em casa, como fazia com Susan o tempo todo, mas ficou com vergonha de pedir à mãe. Ela odiava quando a mãe fazia perguntas sobre garotos, e a última coisa que ela queria era admitir que vinha passando algum tempo a sós com um.

E então Ethan destruiu tudo.

No verão entre o quarto e o quinto ano, eles caçaram girinos. Jen viu um grupo deles sacudindo-se ao lado da pedra onde ela e Ethan estavam agachados.

Ela pôs as mãos em concha e os tirou da água.

– Consegui alguns!

Ethan pôs as mãos sobre as dela para evitar que os girinos escapassem. Quando Jen olhou para cima, ele a estava observando, e suas entranhas lhe disseram exatamente o que estava prestes a acontecer.

A boca dele roçou o lábio superior dela, e ela pensou que talvez ele houvesse errado a mira. Antes que Jen conseguisse piscar, os lábios dele encontraram os seus. Quando ele se afastou, ela sentiu o gosto das balas ácidas Sour Patch Kids.

– Desculpa – ele disse.

E Jen voltou para casa correndo, deixando o balde para trás.

Ela mentira para Juliana e Susan sobre seu primeiro beijo. Dissera que fora com Joe Halpern em um cinema escuro no sétimo ano. Na época, não falava com Ethan fazia muito tempo; ela não voltara ao riacho depois do dia dos girinos. Sentava-se longe dele no ônibus e evitava contato visual quando caíam na mesma mesa na aula de Arte.

Quando ela notou os pelinhos que começaram a surgir acima do lábio superior dele, sentiu uma coisa engraçada no estômago.

– Você deixou cair isto – Ethan murmurou, e depois sumiu.

Jen desdobrou o papel. Reconheceu as palavras que escrevera no caderno no início da aula. *Eu não estou bem*.

Ethan rabiscara uma resposta: *Quer conversar a respeito?*

Jen corou, mesmo que fosse impossível que alguém descobrisse o que acabara de acontecer. Ela enfiou o bilhete no bolso e foi para a cafeteria, esquecendo-se de que ela e Ethan tinham o mesmo horário de almoço.

A mesa dela já estava completa; Mark Zhang estava com o braço sobre os ombros de Bethany Steiger. Bethany revirou os olhos e tirou o braço dele de si, apesar de todo mundo saber que eles estavam saindo desde o verão.

Quando Mark viu Jen, seu rosto se iluminou. Bethany fez cara de quem comeu e não gostou, e Colleen começou a examinar as unhas, tentando parecer tão distraída quanto possível.

Todo mundo sabia também que Mark Zhang tinha um *crush* por Jen desde que ela estava no primeiro ano.

Jen não olhou para eles quando se sentou. Colleen olhou para ela.

– Você andou chorando?

Jen levou uma mão à bochecha. Seu rosto provavelmente ainda estava roxo como uma beterraba, e as lágrimas que escaparam de seus olhos na aula do senhor Ward haviam provavelmente borrado o rímel.

– Não. Só não estou me sentindo bem.

– Você está um lixo – Bethany falou. Colleen arregalou os olhos, horrorizada. – Como se estivesse com febre ou coisa assim – Bethany emendou.

Jen não ia morder a isca de Bethany. Ela estava sempre agindo assim, fazendo comentários maldosos, cortantes como lâmina de diamante, que você não percebia, até muito tempo depois, quanto ardiam.

– Eu sei o que vai te fazer rir – Bethany sorriu maliciosamente por cima do chá gelado, olhando para alguma coisa na mesa atrás de Jen. – McCredo está pagando cofrinho.

O estômago de Jen se contraiu: Mark Zhang uivava de tanto rir.

– Que nada. O cinto dele rasgou na ginástica. Deixe-me ver.

Colleen se inclinou para o lado, apertando o ombro contra o de Jen, para que Mark pudesse se inclinar sobre a mesa e ver. Jen se recusou a virar e olhar.

A gargalhada de Mark foi aumentando, e um amigo dele, outro jogador de

futebol babaca, se juntou a ele.

– Ei, alguém tem uma moeda?

Bethany tirou uma da bolsinha e entregou a Mark. Antes que Jen entendesse o que ele estava fazendo, Mark se levantou e jogou a moeda contra Ethan. Jen se virou a tempo de vê-la quicar em Ethan e cair no chão. Os ombros de Ethan ficaram rígidos, mas ele não se virou para encará-los.

– Que merda – Mark disse. – Vai lá, Beth, sua vez.

O restante da mesa riu quando Bethany segurou a moeda entre o indicador e o polegar. Enquanto Bethany examinava a moeda, Colleen enterrou a cabeça na comida. Jen ficou horrorizada quando Bethany jogou a moeda em Ethan.

Mark vaiou.

– Quase! Quem é o próximo?

A garganta de Jen estava se fechando. Ela queria gritar com eles, mas algo a impedia. Então Ethan se levantou. Puxou a calça para cima e a camiseta para baixo. Seu rosto estava estranhamente calmo quando ele foi até a lixeira levando a bandeja vazia.

Ele parou perto da mesa deles e soltou uma moeda na frente de Mark.

– Acho que isto é seu.

Mark sustentou o olhar de Ethan, enquanto golpeava e derrubava a bandeja das mãos de Ethan. O que havia sobrado de fruta na embalagem de papelão estourou e sujou os tênis de Ethan. Ele sustentou o olhar de Mark. E deu um meio-sorriso malicioso.

– Qual é o seu problema? – Mark não estava mais sorrindo. A mesa estava em silêncio. O sorrisinho de Ethan parecia tê-los perturbado.

Ethan não respondeu. O olhar dele passou por Jen como se não a visse. Ela o observou se afastar, e, no último momento, quando o restante da mesa tinha retomado a conversa, rindo de um jeito estranho, Jen viu.

O modo como Ethan dobrava os dedos de uma das mãos no formato de uma arma.



Capítulo 8

Não mandei mensagens para Ethan McCready desde que encontrei o bilhete que ele deixou na casa do outro lado da rua. Não quero que ele saiba que eu sei quem ele é. Ele provavelmente não esperava que eu descobrisse. Ele guardou uma coisa de Jen, mas como poderia saber que ela guardou uma coisa com a caligrafia dele, e que eu poderia usar para identificá-lo?

Não quero assustá-lo e com isso induzi-lo a fazer alguma coisa. Principalmente porque ele sabe onde moramos. Se eu contasse aos meus pais que Ethan está na casa em frente, se contasse sobre os insultos, Tom entraria em DEFCON 1[6] e Ethan nunca mais conseguiria entrar em contato conosco outra vez.

Se quero manter minha família em segurança e ao mesmo tempo obter respostas, preciso ficar de boca fechada.

Na sexta-feira, quando recebo de volta a prova de Química avançada da semana passada, ela vem com um grande e grosso "52%" no alto, circulado em caneta vermelha. O ensaio não corre melhor; a treinadora grita com as veteranas por ficarem de risadinhas no aquecimento e, no meio da terceira repetição da nova sequência de competição, desliga a música.

Ao meu lado, Rachel parece que vai cagar na calça. Mas, em vez de olhar para ela, a treinadora encara a mim.

– Seus *fouettés* estão desleixados, Rayburn.

O fim de semana me parece um pequeno oásis. Quando desço do quarto no

sábado de manhã, Tom está vindo pela porta da frente segurando uma sacola de papel da padaria. Mango dança ao redor dos calcanhares dele, farejando o sanduíche de bacon, ovo e salada que ele pede todo fim de semana.

– Ah, que bom que você está de pé. Pedi seu *bagel* de canela e uva-passa.

– Obrigada. – Meu coração está batendo na garganta. Tom olha para mim de sobrancelhas franzidas. *Você sabe que peguei o telefone?*

Até parece que ele diria alguma coisa, se soubesse. Ele emparelha comigo enquanto avanço para a sala de jantar.

– O que você acha de ir comigo ao estande de tiro hoje?

Tom me levou ao estande de tiro quando fiz dezesseis anos, na primavera. Minha mãe quase teve um aneurisma quando descobriu, houve certa gritaria e Tom falou que eu deveria saber como me proteger.

Quando perguntei a Tom no fim de semana seguinte se eu poderia ir ao estande de tiro com ele de novo, ele respondeu para deixar mamãe se acostumar à ideia primeiro.

Nenhum de nós voltou ao assunto. Sei exatamente o que está rolando: Tom acha que estou meio que surtando por causa da câmera de segurança e as coisas de Ethan McCready, e imagina que uma atualização de autodefesa é a resposta.

Sigo Tom para a sala de jantar.

– Não sei. A mamãe pode ficar brava.

Tom olha para mim enquanto apoia a sacola da padaria na mesa.

– A mamãe não precisa saber de cada mínima coisa que acontece por aqui.

Concluo que ele descobriu a gaveta destrancada e sabe que estive em sua mesa. Esse dia de pai e filha no estande de tiro é uma missão de reconciliação; ele vai me questionar sobre o telefone, perguntar o que mais eu vi na gaveta. Pela primeira vez na vida, a ideia de estar sozinha com ele me perturba.

– Vou encontrar o Mike lá – Tom diz, como se lesse meus pensamentos. – Para o caso de isso convencer você.

Mike Mejia é o parceiro de Tom. Não tenho dúvida de que, quando se casou, ele destruiu o coração de todas as mulheres de sua vida que não fossem suas parentes de sangue. Nós quatro fomos convidados para o casamento, em abril. Tom deixou a enteada de Mike, uma garotinha de quatro anos e bochechas rosadas, pisar em seus sapatos, enquanto a girava pela pista de dança. Até minha mãe, depois de três taças de champanhe, levantou-se da mesa para

dançar quando tocaram a música favorita dela.

Mike é popular por aqui. Tom me provocava sobre eu ser apaixonadinha por ele quando era menina. Agora o pensamento me dá vontade de vomitar, porque Mike tem a idade de Brandon.

Algo se acende na minha cabeça. O primeiro ano de Mike na polícia foi o ano dos assassinatos. Ele talvez possa me dar alguma ideia.

– Só vou mudar de roupa – digo.

Sento-me no banco de trás do carro de Tom para podermos ir buscar Mike. Ele me dá um "E aí, garota?" e um grande sorriso.

– Oi. Como vão Anna e Danielle?

– Bem, bem. Anna me fez dormir no sofá por eu ter esquecido o purê de batata no KFC, mas bem.

– Eu me lembro bem desses hormônios da gestação – Tom diz. – Phoebe atirou um copo em mim porque fiz uma piada a respeito. – Tom me olha pelo retrovisor. – Bom, uma piada suja.

– Eca – digo.

Eles começam a se provocar com coisas do trabalho, depois falam sobre armas; eu fecho os olhos, tentando sobreviver à náusea que me vem toda vez que passamos por essas estradas rurais cheias de curvas. O Clube de Tiro Triple B fica a vinte minutos de Sunnybrook, no sentido norte, mas daria no mesmo se fosse em outro Estado, em termos culturais.

A proprietária do Triple B se lembra de mim, de quando estive lá na primavera, então não pega muito no meu pé durante o anúncio obrigatório de segurança. Tom me faz passar pela porta que separa as raias do saguão.

O pop-pop das armas sendo disparadas faz meus ombros subirem até as orelhas. Tom põe a mão nas minhas costas e me guia até a raia que alugou para nós. Ele me equipa com a pistola .22 dele e fica de olho em mim, enquanto ajusto o protetor de ouvidos e os óculos de proteção.

Fico na posição devida e aponto a arma para o alvo de papel, um desenho de um zumbi doentiamente magro. Meu indicador treme em volta do gatilho.

– Lembre-se – Tom diz. – Não conte com isso.

Disparo dez cargas. Todas atingem a barriga do zumbi, e não o alvo na cabeça dele.

– Aqui. – Tom tira a arma de mim quando o pente fica vazio. – Você precisa relaxar os ombros. Observe a minha postura.

Dou um passo para o lado e deixo que Tom dispare contra o zumbi. A primeira rodada perfura perfeitamente a cabeça do zumbi. Ele dispara o resto em sequência, os ombros aprumados, olhos tão focados quanto raios laser, e sou invadida por uma onda de náusea.

Foi assim tão fácil para ele disparar a arma contra Jack Canning? Ele hesitou?

Ele entrou naquela casa esperando matar Jack Canning?

Tom se vira, gesticula para que eu pegue a arma de novo. Balanço a cabeça.

– Não quero.

– Por quê? Você estava no caminho certo. Estava se inclinando um pouco para a esquerda…

– Não quero disparar a droga da arma. – O som que sai de mim é gutural. Mike e a mulher na última raia devem ter escutado, porque estão me encarando. – Ainda estou enjoada do carro – digo. – Posso, por favor, simplesmente esperar na entrada?

– Claro – a testa de Tom se franze e saio dali sem olhar para trás.

Quando estamos saindo, a proprietária do estande de tiro gesticula para pararmos e nos dá um cupom de 20% de desconto para o bar e restaurante ao lado, que é dela também.

Depois que a recepcionista nos acompanha até a mesa e pega os pedidos de bebida, Tom e eu vamos direto para o bufê de salada. Ponho umas folhas e uns nacos pálidos de tomate no prato, mantendo um olho em Tom. Uma das garçonetes, uma mulher mais velha com cara de *basset hound*, reconhece-o e o encurrala do lado oposto do bufê de saladas. Tom concorda educadamente com seja lá o que for que ela está dizendo, uma expressão de refém no rosto.

Termino de temperar minha salada e me sento de volta à mesa, de frente para Mike. Há um copo suado de Diet Coke diante de mim na mesa; eu nem vi quando a garçonete trouxe.

Mike segura uma garrafa de Heineken e me observa atentamente, como se eu fosse um gatinho levado.

– E como você tem passado, garota? Que tal está indo o terceiro ano do médio?

No curto trajeto até aqui, ele e Tom pareceram desesperados para evitar o

tema do meu comportamento dentro do estande. *Onde você vai ver o jogo dos Giants amanhã? Cara, o Beckham Jr. está preguiçoso este ano.*

– Tudo bem, acho. Ando ocupada com a equipe de dança e outras coisas. – Hesito, rasgando em tiras finas o guardanapo de papel em volta dos talheres. – Posso perguntar uma coisa? Sem que você conte a Tom?

Os olhos de Mike se voltam para Tom, no bufê de salada. Ele pousa a garrafa.

– Depende do tamanho da encrenca em que você está metida.

– Não é nada desse tipo. É sobre uma coisa que aconteceu na escola, algum tempo atrás.

Mike levanta as sobrancelhas.

– Você sabe quem é Ethan McCready?

Ele confirma com a cabeça e dá um golinho na cerveja. Enxuga um ponto que ficou molhado acima do lábio superior.

– Conheci. Fui eu quem o entrevistou sobre aquela listinha dele.

– É verdade que a coisa toda era com as animadoras de torcida?

– E com o time de futebol. – O rosto de Mike está rígido. – Que bagunça do caramba. Vários pais histéricos telefonaram para a delegacia naquela semana.

– Mas ele não foi acusado de nada? Ele só foi expulso?

– Não havia nada do que acusá-lo. Ele não fez ameaças explícitas. Não tinha armas nem material de admiração a atiradores em casa. – Mike dá de ombros. – Ele não teve muito a dizer a respeito.

– Como assim?

– Eu o interroguei sobre a lista e nem ele mesmo sabia por que a havia feito. Pensei que provavelmente fosse uma coisa para chamar atenção. – Mike beberica a cerveja de novo. – A mãe tinha câncer em estágio avançado, do pai não havia nem o cheiro. Ethan não era exatamente cheio de amigos. Alguns meninos fazem qualquer coisa para ser notados.

Minha mão direita ainda está dolorida por ter segurado a arma com força. Massageio a área entre o polegar e o indicador.

– É um pouco estranho que duas das meninas na lista dele tenham sido assassinadas na semana seguinte e que ele nunca tenha sido suspeito.

Mike estala os lábios.

– Nunca houve suspeitos porque estava claro quem tinha sido.

Mike estava lá quando Tom atirou em Jack. Fazia poucas semanas que Mike e

Tom faziam patrulha juntos quando ele seguiu Tom para dentro da casa de Jack Canning, porque é isso que parceiros fazem. Eles se protegem mutuamente. Nenhum tira quer que o parceiro se meta em problemas por tomar uma decisão apressada.

Cinco anos atrás, fiquei apavorada com a ideia de que Tom pudesse ser demitido ou preso. Eu rezava todas as noites para que Mike ajudasse a trazer a verdade à tona. Na época eu tinha tanta certeza do que era a verdade. Que Tom só tinha atirado em um assassino.

Quero perguntar se Mike ainda pensa naquele dia, mas ele está com uma aparência assustada desde que mencionei os assassinatos.

– Desculpe ter tocado no assunto – digo. – As pessoas estão comentando, na escola, e pensei em perguntar a você.

Mike franze o rosto. Coça o canto da boca com a articulação de um dedo.

– Não, eu entendo que você fique incomodada, considerando as circunstâncias.

– Que circunstâncias?

– Ethan morava próximo à esquina da sua casa. Tom reclamava que ele perambulava pelo bairro à noite. Você não sabia disso?

Olho de relance para Tom, ainda preso na conversa com a garçonete. Como se sentisse que o observo, ele vira a cabeça. Capta meu olhar. Contrai o rosto.

– Não – digo a Mike. – Eu não fazia ideia.

---

[6] "*Defense Readiness Condition*", estado de prontidão de defesa, escala usada por militares dos Estados Unidos para indicar o nível de alerta necessário em dada situação. O 1 é o mais grave. (N.T.)



Capítulo 9

Rachel está de mau humor quando vem me pegar na manhã de segunda-feira. Eu pensei que ela já tivesse superado a bronca da treinadora na sexta, mas um fim de semana fermentando deve ter piorado as coisas. Quando entro no carro, ela está até com uma careta zangada.

Quando estou afivelando o cinto de segurança, meu telefone vibra. É uma mensagem de texto de um número que não conheço, mas não é o de Ethan McCready.

> Você pode ir à sala da senhora Goldberg na hora do almoço?

Quando saímos da entrada para carros, uma névoa fina cobre o para-brisa. Rachel aciona o limpador com mais força do que seria necessário.

– Que ótimo eu ter alisado o cabelo hoje de manhã.

Minha vontade é de perguntar se ela sabe que há guerras em curso em outros países, mas ela poderia de verdade ficar brava o suficiente para me obrigar a ir a pé. Minha outra vontade é de que ela emputeça em silêncio e me deixe pensar.

Não sei quem quer me encontrar na sala da senhora Goldberg. Estou prestes a responder que o remetente escreveu para a pessoa errada, mas outra mensagem chega.

Ah, aqui é a Ginny. Seu número estava na lista de contatos que a treinadora nos deu.

Solto um pequeno suspiro. Não sei o porquê, mas a mensagem de Ginny me suspende e me mantém à tona até a hora do almoço.

A porta da senhora Goldberg está aberta quando chego, e vejo Ginny no mesmo computador que estava usando na semana passada. Sento-me na cadeira ao lado dela.

– Encontrei uma coisa que queria te mostrar – ela cochicha.

Sigo o olhar de Ginny para a tela. Ela clica em *Minhas fotos* e rola a página até uma pasta chamada *Homecoming*, que se divide em mais pastas: *Preparativos, Desfile, Jogo, Baile*.

Ela abre a pasta *Preparativos*. A noite anterior ao jogo de futebol é quando todo mundo se reúne no estacionamento da escola para dar os toques finais aos carros alegóricos.

Ela gira a tela do iMac para que eu possa ver o que há na pasta. Uma olhada rápida e sinto a testa se enrugar. Nenhuma dessas pessoas me parece familiar. Ginny aponta para um grupo de garotas reunidas ao redor de uma cabeça gigante de Pac-Man. Uma das garotas está abaixada, afastando-se de um menino cujas mãos estão cobertas de gosma de papel machê.

Eu me endireito. *Essa* eu conheço. Em uma das demais fotos tiradas no mesmo momento, Susan Berry posa por cima da cabeça de Pac-Man, um pincel com tinta amarela em uma mão. Boca fechada, lábios apertados. Susan raramente sorria; mesmo quando estava animando a torcida, sempre tinha a expressão diligente de alguém que desempenha uma tarefa e quer acabar logo com aquilo. Essas fotos são de cinco anos atrás.

Viro-me para Ginny.

– Como você conseguiu isso?

– As pessoas mandam zilhões de fotos para o anuário todos os anos. Nós guardamos tudo em pen drives, quer as imagens entrem, quer não entrem no livro.

Ginny desliza a cadeira e empurra o mouse na minha direção. Percorro as fotos. Percebo, com uma pontada no peito, que estou procurando minha irmã. Mas Jen estava em casa naquela noite, enrolada em um cobertor e em uma

névoa de analgésico e antibiótico, furiosa por estar perdendo tudo.

– Desce mais um pouco – Ginny diz. – Olha a que…

Mas se cala, porque encontro: uma foto de todas as animadoras de torcida reunidas, braços na cintura uma das outras.

Juliana Ruiz, miúda, está agachada na frente do grupo, mãos enfiadas nos bolsos do moletom do uniforme, a boca esticada em um sorriso frenético. A agitação de Juliana era contagiante. Jen dizia que Juliana era regularmente expulsa da classe, por seus surtos incontroláveis de riso. Nos jogos, era ela quem sempre gritava mais alto, de um jeito que seria detestável, se fosse outra.

– Olha o que aconteceu em seguida – Ginny diz em voz baixa.

As demais fotos foram tiradas em sequência, como em um *flipbook*[7]. Na seguinte, Juliana está se afastando do grupo de meninas. Depois, ela pode ser vista no canto da imagem, de pé perto do alambrado que separa o estacionamento do campo de futebol, celular em uma mão, o dedo da outra enganchado no aro de metal. Ela não está sorrindo. Pode até estar chorando; é impossível saber, nesse ângulo.

Na última foto, Juliana está de pé perto do alambrado, imóvel, o rosto entre as mãos.

Não sei o que dizer.

– Provavelmente não é nada – Ginny diz em voz baixa. – Eu só achei estranho que ela estivesse chorando…

– E, poucas horas depois, estivesse morta. – Aproximo a cabeça da de Ginny. – Tem como eu olhar as fotos todas?

– Posso salvar em um pen drive para você. Só um minuto.

Ela desaparece na sala dos fundos. A bola de ansiedade que fixou residência no meu peito cresce, e, quando Ginny volta com o pen drive, estou tão zonza que preciso apoiar a cabeça nas mãos.

– O que foi? – ela pergunta.

Olho para ela.

– Meu padrasto mentiu para mim. Quando mencionei Ethan McCready, ele agiu como se não se lembrasse do nome. Mas o parceiro dele me disse que Ethan morava no bairro onde a gente também morava, e que Tom reclamava dele o tempo todo.

– Você não sabia que Ethan morava perto de vocês?

Abano a cabeça.

– Tinha uma galera que morava no nosso bairro. Eu me lembro de um grupo de garotos meio suspeitos. Ethan poderia ser um deles, mas eles definitivamente não eram o tipo de meninos com quem minha irmã saía.

Ginny dá uma mordida minúscula no sanduíche que tirou da mochila. No quadro branco da senhora Goldberg, um cartaz diz NADA DE COMIDA NO LABORATÓRIO DE ARTE!!! em letras garrafais. Ela mastiga e engole. Parece quase tão nervosa quanto eu. Sua voz mal passa de um sussurro quando por fim volta a falar.

– Seu padrasto foi quem atirou no vizinho de Susan Berry.

– É. Foi.

Nenhuma de nós verbaliza o que sei que ambas estamos pensando: alguma coisa tinha chateado Juliana mais cedo naquela noite, antes que ela e Susan voltassem para casa e Jack Canning notasse que estavam sozinhas. Isso pode não estar relacionado aos assassinatos, mas, se estiver… significa que há uma chance de que Daphne tenha razão, e que o agressor de Juliana foi alguém próximo a ela.

Significa que há uma chance de que Tom tenha matado um homem inocente e que quem matou Juliana e Susan ainda esteja à solta.

Quando volto para casa depois do ensaio, eu me aboleto no laptop. Enfio o pen drive que Ginny me deu e recosto, enquanto as imagens baixam para o *hard drive*.

Juliana Ruiz e a mãe eram mais próximas que qualquer par de mãe e filha que eu conheça. Quando Juliana e Susan passavam a noite de sábado na nossa casa, Juliana acordava supercedo para poder tomar café da manhã com a mãe antes de ir à igreja.

Uma das minhas lembranças mais nítidas é de Juliana esparramada no nosso sofá da sala, pensando em voz alta sobre quais meninos da turma ela gostaria de beijar durante a brincadeira de girar a garrafa, na festa de aniversário de treze anos de Susan, e quais meninos ela havia beijado no ano anterior. Jen ficou calada o tempo todo, as bochechas vermelhas, porque mamãe estava na cozinha e podia ouvir tudo.

– O quê? – Juliana disse, rolando de bruços. – Mas você não conta tudo para

ela? Eu conto tudo para a minha mãe.

A senhora Ruiz talvez soubesse o que mais cedo fez Juliana chorar, na noite em que foi morta. Poderia não ser nada sério – seu acompanhante do *homecoming*, por exemplo, mudando de ideia. Seja como for, preciso saber.

Procurar o nome dos pais de Juliana no Google não adianta nada: nenhum endereço, nenhum número de telefone, nenhum email. Só umas poucas reportagens mencionando brevemente o assassinato de Juliana. Alguns meses depois dos assassinatos, o senhor e a senhora Ruiz venderam a mercearia e se mudaram para mais perto da família, em Westchester. Os Berrys se divorciaram pouco depois de finalmente venderem a casa.

Vou até o armário e desencavo o celular de Jen; eu o enterrei na caixa de joias, para o caso de Tom dar pela falta dele e subir aqui para xeretar. Abro a agenda, mas Jen não tinha o número da senhora Ruiz.

A voz da minha mãe chega pela escada.

– Monica, estamos jantando.

– Desço num segundo – grito. Fecho todas as janelas do laptop e sento-me de volta.

Minha mente pula para o primeiro aniversário de morte de Jen. Naquela noite, minha mãe se trancou no quarto; eu fiquei do lado de fora ouvindo os murmúrios dela, tentando descobrir com quem ela estava falando ao telefone. Tom pôs a mão no meu ombro e me afastou dali; quando comentei que fazia quase uma hora que mamãe estava ao telefone, ele disse: "Ela precisa conversar com alguém que tenha passado pela mesma coisa".

Eu me esgueiro para fora do quarto e vou até o fim do corredor, atenta a uma interrupção no som de panelas batendo e no cronômetro do forno, que apita lá embaixo.

A porta da suíte principal está um pouco aberta; empurro e ela raspa contra o carpete. O quarto é em tons de creme: a tinta nas paredes, o carpete, a colcha de seda. É tão insípido, tão desnorteante. A única coisa fora do lugar é um jeans de Tom esticado na *chaise long* abaixo da janela saliente.

Tom não é do tipo *chaise long*. O jeans na dita *chaise* é do supermercado Costco. Se Jen estivesse aqui, acharia a cena toda hilária. Ela acharia esta *casa* hilária.

O iPhone da minha mãe está na mesinha de cabeceira, preso ao carregador,

onde ela sempre o deixa. Deslizo o dedo pela tela e digito a senha: o aniversário de Petey. O mesmo código de segurança do portão da garagem. Pelo menos eu entendo como funciona a minha família.

Percorro a agenda e percebo que não há nenhum contato com sobrenome Berry nem Steiger nem Coughlin.

Minha mãe pode ter perdido contato com os pais das outras garotas por uma questão de autoproteção, mas a senhora Ruiz não era apenas a mãe de uma animadora. Quando a senhora Ruiz veio se despedir, antes de eles se mudarem, mamãe se agarrou a ela e chorou mais do que eu a tinha visto chorar desde a morte de Jen.

E, conforme previsto, no fim da lista estava Tina Ruiz.

– O que você está fazendo?

Levanto a cabeça. Petey está à soleira do quarto, indicador enfiado no ouvido, tirando cera, apesar de estarmos sempre dizendo a ele que isso é nojento. Pouso o celular da mamãe.

– O que *você* está fazendo?

– Vim dizer que é pra você ir pôr a mesa. – Petey inclina a cabeça. – Você estava no celular da mamãe?

– Vai cuidar da sua vida.

Sei o que ele vai fazer no instante em que seus lábios se abrem. Voo da cama e cubro a boca dele com a mão, abafando um grito de "ô mããããe!".

– Tem uma nota de vinte na minha mesa de cabeceira. Fica quieto e é sua.

Petey se desvencilha do meu aperto e sai às pressas pelo corredor. Instantes depois, ouço a porta do meu quarto se abrir.

Sacudo a cabeça e mando o número de Tina Ruiz do celular da minha mãe para o meu, apagando a mensagem enviada ao terminar.

Quando os pratos são retirados da mesa e as migalhas de taco de carne já foram jogadas no lixo, volto para o quarto. Ninguém questiona meu comportamento antissocial, e está tudo bem. Quanto mais desagradável minha família achar que eu sou, mais provavelmente vão me deixar em paz para fazer isso que estou fazendo, seja lá o que for.

Depois de rascunhar umas respostas para os problemas de Pré-cálculo, sento-me na cama de pernas cruzadas, mãos úmidas de suor. Ensaiei o que quero

dizer, treinei cada palavra, mas isso não faz minha ligação para a senhora Ruiz parecer menos errada.

Encaro o número na tela por um minuto inteirinho, meus batimentos cardíacos imitando um metrônomo. Engulo em seco e aperto "ligar".

Uma mulher atende.

– Alô?

– É a senhora Ruiz?

– Não. Maria. Quem é?

Maria, irmã de Juliana, era mais nova que eu quando Juliana foi morta.

– Meu nome é Monica Rayburn – digo. – Posso falar com a sua mãe?

Espero até que Maria decida se sou uma golpista e minta dizendo que a senhora Ruiz não está em casa. Em vez disso, ela diz:

– Um minuto.

Ruídos na ponta de lá da linha. Capto um vago "Quem é?" seguido por Maria bufando com "Eu não sei!".

– Alô? – A voz da senhora Ruiz é precavida. Uma voz tipo "pode-desligar-se-quer-me-vender-alguma-coisa".

– Senhora Ruiz – digo. – Oi. Aqui é Monica Rayburn.

Silêncio. Respiração acelerada.

– Irmã de Jennifer – acrescento, sentindo minhas entranhas começarem a se contrair.

– Sim, claro, Monica. Desculpe.

– É um mau momento?

– Ah, não, eu só estava pondo o bebê no berço. Espere um instante.

Bebê?

O som de uma porta se fechando. Imagino a senhora Ruiz se trancando no quarto. Sentando-se na borda da cama, uma foto de Juliana encarando-a da cômoda. Eu quase desligo.

– A senhora teve um bebê? – pergunto.

– O nome dele é Matthew – ela diz.

– Parabéns. – *Matthew*. O nome significa "presente de Deus". Era o fato interessante favorito do meu ex, Matt, sobre si mesmo.

– Obrigada. Nós o adoramos. Como vai você, Monica? – A voz da senhora Ruiz soa mais animada. – Faz tempo.

– Eu sei. Desculpe. Eu deveria ter mantido contato.

– Você era só uma criança. É bom ter notícias suas agora.

– Eu só… Eu queria saber como vocês estavam. – Não consigo me forçar a contar a ela por que, realmente, estou telefonando.

– Que gentileza a sua – a senhora Ruiz diz, cautelosamente. – Há mais alguma coisa sobre o que você gostaria de falar?

Sua voz é delicada, paciente. Como se ela soubesse que, em algum momento, receberia esta ligação minha.

– Estou no anuário, agora – minto. – Estava vendo algumas fotos antigas e vi uma da noite… da noite anterior ao *homecoming*. Juliana parecia muito chateada.

– Oh – a senhora Ruiz diz. Isto é novidade para ela.

– A senhora sabe o que poderia ter sido a causa da chateação?

A senhora Ruiz fica em silêncio. Provavelmente está se perguntando por que preciso tanto dessa informação que telefonei para ela em plena hora do jantar, numa segunda-feira, cinco anos depois.

– Desculpe – digo. – Eu só… Não sei. Achei que poderia ter algo a ver com a minha irmã.

– Eu sinceramente não sei – a senhora Ruiz diz. – Fazia pelo menos uma semana que eu não via Jen.

Isso não pode estar certo. Jen passava metade dos fins de semana na casa de Juliana.

– Tem certeza?

– Eu perguntei para Juliana por que Jen não estava lá – a senhora Ruiz diz. – Ela disse que Susan e Jen não estavam se falando. Juliana quis ficar fora disso.

Minha boca está seca, minha pele se arrepia.

– Por que elas… A senhora sabe por que elas tinham brigado?

– Juliana não quis me contar.

– Isso era atípico dela? Não contar para a senhora?

– Monica, eu sei por que você está ligando.

Não sei o que responder. Quando a senhora Ruiz volta a falar, a voz é gentil.

– Nada disso teve alguma relação com o que aconteceu naquela noite. Foi um crime horrível, pavoroso, e nem consigo imaginar como deve ter afetado a sua irmã.

– É só que eu ainda tenho tantas perguntas.

– Eu também – a senhora Ruiz diz. – Mas, depois de certo tempo, buscar respostas começou a ser tatear no escuro. Em algum momento, você precisa escolher viver na luz.

---

[7] Livreto com imagens que parecem se mover quando as páginas são folheadas depressa. (N.T.)



Capítulo 10

Depois de me despedir da senhora Ruiz, prometendo passar lá e conhecer o bebê assim que tirar minha carteira de habilitação, volto ao laptop. Todas as imagens já foram descarregadas.

Começo com as da pasta chamada *Sunnybrook versus Shrewsbury*. A partida em que foi tirada a infame foto das cinco animadoras de torcida de Sunnybrook.

Clico nelas e paro em uma de Juliana com uma garota loira. As bochechas estão pintadas com um S em azul e amarelo. Elas estão soprando beijos para a câmera. A outra menina é cerca de trinta centímetros mais alta que Juliana, o rabo de cavalo claríssimo tão alto que parece estar brotando do topo da cabeça dela. Ela tem um piercing no lábio superior e um olhar tenso que não combina com o uniforme de animadora.

Eu esqueci que havia trazido para cima o anuário do segundo ano de Jen, depois de mexer nas coisas dela na outra noite. Pego o livro e me acomodo entre travesseiros na cama. Folheio todos os retratos da classe. Mango entra no quarto, farejando o ar. Quando se senta perto da mesinha de cabeceira, eu o suspendo e o ponho na cama. Enquanto ele anda em círculos, tentando encontrar um lugar confortável, volto ao começo do anuário e procuro outras imagens da garota loira: retratos de equipe, fotos meigas de apresentações de dança, da Noite Comunitária.

Ela não aparece em nenhuma. A menina devia ser nova na escola, no ano dos

assassinatos; não tem nenhuma chance de que ela fosse mais jovem que a minha irmã.

Olho para o telefone pousado na mesa de cabeceira. Antes de conseguir me convencer a mudar de ideia, ligo para Ginny. Ela atende no segundo toque.

– Monica? – ela diz. Não parece surpresa com minha ligação; soa quase como se ela esperasse que fosse eu.

– É. Oi – digo, subitamente nervosa. – É um mau momento?

– Não, de jeito nenhum. – Ela faz uma pausa. – Você está olhando as fotos?

– Isso. Estou tentando descobrir com quem mais Juliana tinha amizade, quem poderia saber por que ela estava chateada, quando estavam construindo o carro alegórico. – Penso no que a senhora Ruiz me contou sobre Susan e Jen estarem brigadas e Juliana ficar no meio, e hesito. Eu me sinto uma fofoqueira ou *voyeur*, tentando dissecar tudo que uma adolescente fez e sentiu em dada noite cinco anos atrás. – Conversei com a mãe de Juliana. Ela não sabia por que Juliana estava chorando naquela noite. Achou que talvez fosse porque minha irmã e Susan Berry não estavam se falando.

– Por que elas estavam brigadas? – Ginny pergunta.

– Não faço ideia. Jen nunca me falou nada. – Amplio a foto de Juliana com a loira. – Encontrei uma foto de Juliana com uma menina loira, mas ela não está no anuário da minha irmã do ano anterior. Posso ir ver os anuários antigos da senhora Goldberg amanhã na hora do almoço?

– Estou com eles aqui em casa – Ginny diz. – Ela me deu cópias dos últimos cinco anos, para eu poder comparar a diagramação. Como é essa menina?

– Alta e magra. O cabelo é platinado, como se fosse descolorido.

– Saquei – ela diz. – Vou procurar e te ligo de volta.

Ginny desliga, mas eu não solto o celular. Mango apoia a cabeça no meu joelho e bufa. Meus batimentos estão se acelerando, pela ideia de encontrar a loira, uma animadora de torcida de Sunnybrook que talvez possa me contar coisas que não sei sobre as meninas. Ou que não lembro.

Quando o celular vibra, aperto o botão de "aceitar" antes que ele tenha a chance de tocar de novo.

– E aí?

– Oi – Ginny diz. – Acho que a encontrei na foto da equipe de animadoras. Sobrancelhas superfinas e piercing no lábio de cima, certo?

– Isso, ela mesma.

– Certo. O nome dela é Carly Amato. Ela estava no último ano.

Carly Amato. Reviro o nome na cabeça, desapontada. Eu esperava reconhecer o nome da garota, esperava que uma informação há muito tempo esquecida se encaixasse no lugar.

– Nunca ouvi falar dela.

– Eu já pesquisei – Ginny diz. Ela soa constrangida. – Descobri no Facebook a página de uma menina parecida com ela. Está com o cabelo escuro agora. E o bronzeado é… menos falso.

– Me dá um segundo. – Tiro o laptop do modo descanso e procuro Carly Amato no Facebook. O primeiro resultado é a menina que Ginny descreveu.

De acordo com suas postagens, Carly Amato estuda Enfermagem na Orange County Community College. A maioria dos posts é sobre quantas provas ela faz e fotos de um *yorkshire* chamado Peanut, a quem ela se refere como "meu bebê".

Continuo clicando até chegar às fotos mais antigas e observo sua transformação ao contrário, até ela ser loira e ter piercing. Meu coração salta.

– Decididamente é a mesma menina.

– O que vai dizer a ela?

– Não sei. O que eu deveria dizer?

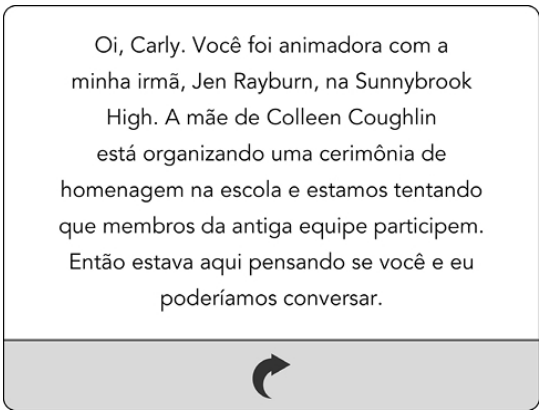
Ginny faz uma pausa.

– Talvez, simplesmente diga a ela a verdadeira razão pela qual você quer conversar.

– É. Tá. Valeu.

Ela me faz prometer que vou mantê-la atualizada, caso Carly responda, e encerramos a chamada. Ginny faz a ideia de dizer a verdade parecer tão fácil. *Simplesmente diga a ela a verdadeira razão.*

Penso na reação que Rachel e Tom tiveram quando falei das mortes. Por uns momentos, encaro o formulário de mensagem do Facebook, endereçado a Carly, antes de começar a digitar.



Enfio o polegar entre os dentes, leio e releio a última frase. Uma mentira tão descarada poderia sair pela culatra. Todo mundo que frequentou a Sunnybrook High sabe que a senhora Coughlin é o cão; o fato de eu citar o nome dela poderia fazer Carly mandar minha mensagem direto para a lixeira.

Apago a segunda frase e mantenho apenas *estava aqui pensando se você e eu poderíamos conversar*.

Quando acordo, checo minha inbox. Está vazia, mas tem uma confirmação de leitura na minha mensagem para Carly Amato.

Ela leu seis horas atrás.

Tom não está de folga neste sábado e minha mãe precisa trabalhar no teatro, então estou cuidando de Petey, usando fones com cancelamento de ruído para abafar a barulheira que ele faz enquanto treina trompete na sala.

Estou espalhando manteiga de amendoim em uma fatia de torrada para o almoço dele quando meu telefone começa a se mover, na outra ponta do balcão, e o nome de Ginny aparece na tela. Tiro os fones e aceito a chamada.

– Oi. – Tento não soar muito ansiosa e falho. Mas algo na dedicação de Ginny nisso tudo me revigorou, deu um propósito. Não só eu contei tudo para uma pessoa como, além disso, ela acredita em mim.

A resposta de Ginny é abafada pelo som de *La Cucaracha*.

– Me dá um minuto – digo a ela. Saio pela porta que liga a cozinha à garagem e me tranco. – Pronto, pode falar. E aí?

– Estou vendo a página de Carly no Facebook – a voz de Ginny mal passa de um murmúrio, como se houvesse alguém perto dela, ouvindo. – Ela acaba de

marcar a entrada na biblioteca da Orange County Community College.

Eu me sento mais reta, apoio as costas na porta.

– A que distância fica essa Orange County Community College?

– Vinte minutos. – Uma pausa. – Minha mãe só vai precisar do carro às sete.

– Você já tem habilitação? – pergunto. – Eu nem sabia que você já tinha dezessete anos.

– Desde segunda-feira passada. – Ela parece quase constrangida.

Segunda-feira foi o dia em que a encontrei na sala do anuário para olhar as fotos. Nós conversamos por mais de uma hora e Ginny não mencionou que era aniversário dela. A tristeza me percorre; eu me pergunto quantas outras coisas não sei sobre Ginny, apenas porque nunca me dei ao trabalho de perguntar. Ela volta a falar antes que eu encontre algo a dizer em seguida.

– Nós não precisamos ir, se você não quiser. Eu só pensei que, como Carly está lá, e já que ela não respondeu à sua mensagem…

Minha mãe não vai voltar do teatro nas próximas horas e não posso deixar Petey aqui sozinho. Carly provavelmente já terá saído da biblioteca quando minha mãe chegar em casa.

– Estou presa aqui, cuidando do meu irmão.

Um discreto tamborilar, como se Ginny estivesse batendo os dedos no telefone.

– Você pode trazê-lo?

Eu não tinha pensado nisso, mas…

– Vai exigir certa negociação. Você consegue estar aqui em quinze minutos?

– Até já, então – Ginny cantarola.

Encerro a chamada e volto para a cozinha. Na sala, Petey desistiu de *La Cucaracha* e se deitou esparramado. Vou por trás dele e apoio as mãos nas costas do sofá.

– Preciso ir rapidinho a um lugar – digo, tateando com cuidado. – Você precisa vir comigo.

Petey levanta a cabeça para mim. Pisca.

– Por que não posso ficar aqui?

– Porque a mamãe ia me matar. Você pode esperar no carro.

– Que carro? – Petey diz. – Você não dirige.

– Minha amiga está vindo me buscar.

Os olhos de Petey se iluminam.

– Rachel?

– Não – digo. – Mas essa amiga também é legal.

Petey pensa por um minuto. Balança a cabeça.

– Acabei de achar uma coisa para ver.

Cerro os dentes.

– Você pode baixar "Guerra dos Clãs" no meu celular e jogar no carro.

– A mamãe falou que eu não podia jogar "Guerra dos Clãs" hoje.

– Ah, bem, eu não conto, se você não contar.

Petey me observa, faz cálculos. Pode estar no quinto ano, mas reconhece um bom negócio quando vê. Suspiro.

– Eu te dou vinte dólares se você vier e não contar para a mamãe aonde nós fomos.

Dez minutos depois estou tirando Petey de casa e trancando a porta atrás de nós, enquanto Ginny sobe a entrada para carros. Está com a jaqueta térmica da Jessie's Gym, o cabelo preso em coque.

Entro na frete, Petey vai atrás. Ele analisa Ginny longamente.

– Quem é você?

– Não seja mal-educado – digo. – Esta é Ginny.

Petey se acomoda no banco. Encara Ginny pelo retrovisor.

– Você joga "Guerra dos Clãs"?

Ginny sorri e balança a cabeça.

– Não sei o que é isso.

Tento ser paciente, enquanto Petey explica para Ginny as nuances da construção e da pilhagem do vilarejo. Quando por fim há silêncio no carro, estou com as pernas dobradas contra o peito, meu telefone deslizando sobre os joelhos, eu me viro para Ginny e digo, suavemente:

– Sério mesmo, obrigada por fazer isso.

Ela dá de ombros.

– A ideia foi minha.

Percebo que isso é parte da razão pela qual gosto tanto dela. Sempre que Ginny diz alguma coisa, soa sincero. Basta para aliviar minha preocupação de que ela não queria realmente estar fazendo isso, que eu de algum jeito a prendi numa confusão da qual ela não consegue sair.

Ouvimos rádio e direcionamos a conversa para a equipe de dança, só para o caso de Petey estar ouvindo disfarçadamente no banco de trás. Quando aparece a saída para a Orange County Community College, entramos à direita no *campus* e seguimos as placas para a biblioteca.

Quando Ginny está estacionando, Petey lança um:

– Por que a gente está aqui, afinal?

Levo um instante para pensar em uma resposta.

– Preciso de um livro para a escola. A nossa biblioteca não tinha.

– Eu preciso entrar? – Petey pergunta.

Hesito; quero que Ginny esteja comigo, mas não posso deixar Petey sozinho no carro.

A voz de Ginny mal passa de um sussurro quando ela diz:

– Talvez seu irmão e eu devêssemos esperar aqui fora. Assim, Carly não vai se sentir emboscada.

Concordo com a cabeça. Uma vez, duas, três, como um joão-bobo.

– É. Tá certo. Você tem razão.

Saio do carro e rumo para a entrada da biblioteca. A paranoia me domina quando as portas automáticas se abrem para mim. E se a bibliotecária pedir meu cartão de estudante? E se Carly já tiver ido embora?

A biblioteca é térrea. Faço uma volta, passo pela mesa de circulação e por uma cafeteria. Na ponta oposta da biblioteca há várias mesas grandes, ocupadas por pessoas curvadas sobre laptops ou livros abertos. Um cartaz na parede acima diz: ÁREA EXCLUSIVA PARA ESTUDO.

Serpenteio entre as mesas e vejo uma menina de cabelos compridos, pretos como um corvo, que roçam seus ombros nus. Minha pulsação se acelera. Carly Amato vira a cabeça na minha direção. Boceja e pega o celular. De onde estou, consigo ver que a tela está toda rachada.

Um livro está aberto na mesa à frente dela, mostrando um diagrama repugnante do sistema digestório humano. Mas ela não está lendo. Está no celular, jogando um tipo de jogo de estourar bolhas.

Quero dar no pé, mas Ginny e eu não viemos até aqui para eu me acovardar no último minuto. Eu me aproximo um centímetro da mesa de Carly. Pouso a mão nas costas da cadeira em frente e digo:

– Oi. Posso me sentar aqui?

Ela olha para mim. Pisca. Carly Amato parece vinte anos mais velha do que nas fotos do anuário e do perfil, apesar de só ter vinte e dois, se acertei nas contas.

Carly assente e indica a cadeira, como que para confirmar que está livre. Sem olhar para mim, recosta e boceja tão alto que o cara ao lado dela pousa o livro e lança um olhar zangado.

– Você é a Carly?

Carly Amato parece o tipo de garota que responderia a esse tipo de pergunta com um rugido de fumante: *Quem quer saber?* Talvez eu esteja assistindo a filmes demais, porque, em vez disso, Carly para de jogar no celular. Inclina a cabeça. A voz que sai é rouca.

– Sou. Eu te conheço?

– Sou irmã de Jennifer Rayburn.

– Ah, vá. – Dessa vez Carly realmente larga o celular. Ela reclina a cadeira nas duas pernas traseiras e bate na cadeira de trás. O cara sentado nela se vira e faz uma careta, mas Carly o ignora, os olhos fixos em mim.

– Você é, tipo, grande agora. Eu me lembro de você dos nossos jogos.

Não quero contar que ela provavelmente está pensando na irmã caçula de outra pessoa, que eu raramente ia ver Jen animando, porque estava sempre na aula de dança ou na casa de Rach ou de Alexa.

– Acho que me lembro de você também – minto. – Você era loira na época.

Carly remexe a bolsa. Tira de lá um longo tubo de metal cor-de-rosa brilhante.

– Quer ir lá fora por um minuto? Preciso de uma pausa para baforar.

– Claro, vamos.

Ela deixa o livro na mesa e cutuca o ombro do cara sentado atrás dela.

– Você pode cuidar pra mim?

Ele concorda, parecendo aliviado com a nossa saída.

Carly me conduz para fora por uma das portas de emergência e se encosta na lateral do prédio. Suga o tubo e solta um jato de fumaça que tem cheiro artificial de morango com baunilha. Após alguns instantes, ela rompe o silêncio.

– E aí, você é animadora?

Balanço a cabeça.

– Estou na equipe de dança.

Carly certamente não lembra que o grupo de animadoras de torcida foi dispersado. Ela parece não se lembrar nem do que fez ontem.

– Maneiro, maneiro. – Ela dá outra chupada no vaporizador, já cansada de mim. – O que te traz aqui? Você ainda não está na faculdade, está?

– Não. – Não sei o que mais dizer. Desajeitadamente, aponto para o vaporizador dela. – Qual a diferença entre isso e um cigarro?

– Não tem tabaco, alcatrão, essas merdas. – Carly olha para o dispositivo que tem na mão como se alguém o tivesse posto ali sem que ela notasse. – Sinceramente, não sei por que me dou ao trabalho. Eu fumo desde os quinze.

– É difícil parar – digo. – Para o meu padrasto, levou tipo vinte anos.

Carly me encara, enquanto uma nuvem branca de vapor encobre seus lábios.

– Então, você veio conhecer o campus ou coisa assim?

A expressão no rosto dela é clara: *Que diabos você está fazendo aqui?*

– É – minto. – Reconheci você e pensei em dar um oi. Você era amiga da minha irmã?

– Bom, a gente fazia animação de torcida juntas. Mas eu era nova na escola naquele ano, então não cheguei a conhecê-la profundamente – Carly diz.

O frio congela a ponta dos meus dedos. Enfio as mãos nos bolsos da jaqueta North Face.

– E quanto a Juliana Ruiz?

Carly me encara.

– A gente foi para o mesmo acampamento de animadoras naquele verão. Saímos juntas algumas vezes. Por quê?

– Eu vi uma foto de vocês duas em um jogo de futebol. Vocês eram próximas?

– Mal conhecia. Quer dizer, e odeio dizer isso, mas as amigas da sua irmã eram meio convencidas.

Ela não soa nem um pouco como quem odeia dizer isso. Na verdade, parece que morria de vontade de dizer isso para alguém. Minha irritação é temperada por um pensamento incômodo: as amigas da minha irmã *eram* convencidas? Tento me lembrar de uma época em que Susan e Juliana realmente falavam comigo algo além de um *oi* obrigatório.

Todo mundo adora falar como as meninas mortas eram adoradas. Eu nunca parei para pensar nesta alternativa: que Juliana e Susan e talvez até a própria

Jen tivessem desafetos.

– Você se lembra de Ethan McCready? – pergunto para Carly.

Ela se vira e olha para mim.

– Quem?

– Ele fez uma lista de alvos naquele ano e foi expulso. As animadoras de torcida estavam nela.

– *Ah*. – Carly estremece ligeiramente. – Ele.

– Então você o conheceu? – pergunto.

– Não. – Carly leva o vaporizador à boca. – Nunca troquei uma palavra com o moleque, daí descubro que ele quer me matar? Foda-se isso.

Preciso fechar a boca com força para impedir que meu queixo caia, pois parece que Carly não percebe que Ethan queria matar *todas* as animadoras de torcida, e que cinco delas acabaram realmente mortas.

– Por que Ethan te odiava se ele nunca nem falou com você? – pergunto, com firmeza.

– Meninos assim sempre odeiam as animadoras de torcida. – Ela afasta o vaporizador dos lábios, os olhos fixos em mim. – Exceto uma animadora de torcida.

Meu estômago fica todo mole.

– Você está falando da minha irmã.

– Ahãn. – Carly me observa, os longos cílios postiços não piscam. É muito incômodo.

– Um monte de meninos gostava de Jen – digo. Desde o fundamental 2, todos os meninos gostavam dela.

– Bom, eu não sei se era unilateral. – As sobrancelhas de Carly, finas como lâmina, se arqueiam. – Com Ethan, quero dizer.

Meus batimentos se aceleram.

– Do que você está falando?

Os olhos dela brilham. *Eu sei de uma coisa que você não sabe*. Decido na mesma hora que a odeio.

– Ela era a única que não estava na lista dele – Carly diz. – Você não sabia?

– Isso não significa que *ela* gostasse *dele*.

– Bom, eles eram amigos quando crianças. Ele morava na esquina da casa dela – Carly diz, como se tivesse se esquecido que Jen e eu éramos irmãs e

morávamos na mesma casa. – Eles dois, tipo, iam para o bosque juntos o tempo todo.

Isso é impossível. A minha irmã nunca ia passear com uma pessoa como Ethan. Nunca o vi na nossa rua.

– Quem disse isso?

A boca de Carly se aperta, como se ela estivesse contendo um sorriso malicioso.

– Vamos dizer apenas que veio de uma fonte confiável.

Sinto outra rachadura na minha paciência.

– Quem?

– Susan Berry – Carly diz. – No mesmo dia em que ela viu Ethan escrever a lista de alvos, ela viu Jen enfiar alguma coisa no armário de Ethan. Quando ela comentou isso com umas animadoras do último ano, elas convenceram Susan a contar ao senhor Heinz.

Merda. A palavra fica rodando na minha cabeça como uma bolinha de fliperama.

– Susan pensou que *Jen* tinha algo a ver com a lista de alvos?

– Não sei o que ela pensou – Carly diz. – Mas ela contou ao diretor Heinz tudo o que tinha visto.

– Susan não faria isso com Jen. Susan não ia simplesmente inventar uma história de merda sobre ela ajudar Ethan a escrever uma lista de alvos.

– Bem, talvez ela não tenha inventado. – Carly sustenta meu olhar e chupa o vaporizador de novo. – Você não pode acreditar em tudo que ouve. Garotas estão sempre afiando faquinhas para esfaquear a outra.

Essa última parte é a única coisa que ela falou que faz sentido.

– Certo. – Engulo dúzias de palavras horríveis que tenho para essa garota. Essa garota estúpida, mentirosa e péssima, que insinuou que minha irmã teve algo a ver com a lista de alvos de Ethan McCready.

– Tenho de ir. Desculpa te atrapalhar de estudar.

– Tranquilo. – Carly põe uma mecha de cabelo atrás da orelha, revelando uma fileira de tachinhas. Depois, como se fosse uma ideia tardia: – Sinto muito pela sua irmã. Ela parecia mesmo ser muito legal.

– Obrigada – digo, a raiva ainda crescendo dentro de mim. Desço a calçada e rumo para o estacionamento o mais depressa que consigo, desesperada para

escapar de Carly e do cheiro doce e enjoativo de baunilha do vaporizador dela.

Conforme me aproximo do carro de Ginny, vejo Petey e ela conversando animadamente. Ela vira a cabeça para a janela do motorista. Sua expressão piora imediatamente. Deve estar bem óbvio como correu o papo com Carly; queria ter dado uma volta pela biblioteca, para me recompor.

Sento-me no banco do passageiro, Petey já com a mão no meu apoio para cabeça, sua voz e hálito de manteiga de amendoim na minha orelha.

– Eles fazem *slime*, nessa biblioteca? – Ele se vira para Ginny. – Na nossa biblioteca eles fazem *slime*.

Ginny levanta os olhos para encontrar os de Petey no retrovisor.

– Eu vi uma receita para tingir *slime* – ela diz. – Você devia dar uma olhada.

Petey entoa um "Show!" e afunda no meu celular. Fecho os olhos.

A voz de Ginny é suave ao meu lado.

– Você está bem?

Assinto, com a garganta apertada.

– Carly diz que não era amiga de nenhuma delas.

Quando inspiro e abro os olhos, Ginny está me observando com expectativa.

Não consigo me forçar a contar a ela o que Carly Amato disse sobre o papel que Jen enfiou no armário de Ethan. É uma besteira sem tamanho, não tem a menor chance de que o tal papel fosse uma lista de alvos. As amigas dela estavam ali. Amigas cuja morte a destruíram, de tanto que ela as amava.

A voz da senhora Ruiz entra no meu cérebro como uma faca. Jen e Susan não estavam se falando. Susan foi ao diretor quando viu a lista de alvos de Ethan McCready. De acordo com Carly, Susan viu Jen enfiar alguma coisa no armário de Ethan.

O bilhete. *Eu não estou bem*.

Um mal-entendido. Isso explica tudo. Jen estava apenas respondendo ao bilhete de Ethan: *Quer conversar a respeito?* Susan viu Jen pondo o bilhete no armário de Ethan no mesmo dia em que viu Ethan fazer a lista, e, em vez de ir conversar com Jen sobre isso, foi ao diretor Heinz. É claro que Jen ia ficar pê da vida o suficiente com Susan para parar de falar com ela.

– Ei, a gente devia ir comprar McFlurries! – Petey grita do banco de trás, interrompendo minha linha de raciocínio.

Minha mão vai ao bolso vazio, uma onda de pânico. Penso na minha carteira no balcão da cozinha. Exatamente onde a deixei depois de pagar o suborno a Petey.

– Esqueci a carteira.

– Não faz mal – Petey diz. – Agora eu tenho vinte dólares. Te peguei.

Não digo nada. Meu impulso é dizer que não, mas não consigo lidar com a ideia de ir para casa agora.

– Eu gostaria de um McFlurry – Ginny diz.

Será que ela consegue sentir que não estou pronta para ir para casa? Eu me permito respirar.

– Eu também gostaria.

Ginny e eu não voltamos a falar de Carly Amato no caminho de volta para casa. O McDonald's fica só a um quarteirão do teatro, mas a esta altura não tenho a presença de espírito de me preocupar com minha mãe nos flagrando. Quando Ginny estaciona, Petey sai em desabalada carreira do banco e corre na frente.

– Espera a gente – digo, ainda zonza demais para ficar irritada com ele.

Petey para na entrada e segura a porta aberta para mim e Ginny.

No balcão, peço sorvete de baunilha com pedaços de Oreo, e Ginny pede o dela com Butterfinger.

– Isso era o que Jen sempre pedia – Petey diz, sem rodeios, antes de pedir à caixa sorvete de baunilha com M&M's. Não tenho ânimo para dizer que ele está confundindo Jen comigo, que McFlurry Butterfinger era o meu favorito.

– Pega uma mesa pra nós. – Cutuco Petey, depois que ele paga. Eu o observo serpentear pelo restaurante e se jogar em uma mesa próxima. Ele pega meu celular e segura de lado, o que significa "Guerra dos Clãs". Esqueci que ele ainda estava com meu telefone. Minha cabeça está latejando por tantas perguntas.

– Você está bem? – A voz de Ginny é suave, mas me traz de volta.

– Não sei. Carly me contou que Susan viu Jen colocar alguma coisa no armário de Ethan naquele dia, antes que ele fosse expulso. Tem de ser o bilhete que eles estavam mandando de um para o outro. Mas Susan deve ter achado que tinha algo a ver com a lista de alvos e contou ao diretor Heinz.

– Você acha mesmo que Susan faria isso? – Ginny cochicha.

– Eu não sei.

Ginny me observa como se sentisse que tem mais coisa. Engulo em seco.

– Carly falou sobre como Jen estava envolvida, de algum jeito, e que ela não era a única pessoa que pensava assim.

Ginny fica em silêncio. A moça do caixa põe o McFlurry dela no balcão, mas ela não se mexe para pegar.

– Bela merda – ela finalmente diz.

É a primeira vez que ouço Ginny dizer palavrão; é como um choque para meu cérebro e me faz despertar.

– Não é? – Eu a olho nos olhos. – Não faz o menor sentido.

A atendente entrega meu McFlurry. Ginny e eu pegamos nosso pedido e nos juntamos a Petey na mesa. Sento-me ao lado dele e Ginny escorrega pelo banco à nossa frente.

Deixo que ela coma uma colherada do sorvete antes de a olhar e falar de novo.

– E tem outra coisa. Carly diz que Jen era a única animadora de torcida que não estava na lista de alvos.

Ginny olha de esguelha para Petey e baixa a voz até um sussurro.

– Tem certeza de que quer conversar sobre isso na frente dele?

– Não se preocupe com ele – digo. – Fica olhando.

Digo o nome de Petey em um volume normal. Uma vez, duas, três, antes de gritar "Peter Thomas Carlino".

– Quê?

Ele não tira os olhos do meu celular. Com um dedo, ele está construindo um novo acampamento. Com a outra mão, leva colheradas de sorvete à boca.

Viro-me de volta para Ginny:

– Viu só? Estamos tranquilas.

Ginny gira a ponta da colher ao redor do sorvete, alcança um pedaço de Butterfinger.

– Jen não estar na lista não significa nada. Só que Ethan gostava dela.

– A última coisa que ela escreveu para ele foi *sim*.

A voz de Petey finalmente rompe o silêncio. Ele aponta para meu McFlurry intocado.

– Você vai comer isso?

Jennifer

CINCO ANOS ANTES
OUTUBRO

Eu não sei. Se fosse para ser sincera, era assim que Jen responderia à pergunta de Ethan McCready.

Quer conversar a respeito?

Jen não sabia. Ela queria, *sim*, falar sobre estar se sentindo péssima, mas não queria falar sobre isso com Ethan McCready. E não era porque as pessoas achavam que ele era sinistro e um fracassado. Ela não conseguia olhar para ele sem pensar naquele beijo de tantos anos antes.

Ela se perguntou se iria gostar se ele a beijasse de novo; ela se perguntou se ele iria querer.

No dia seguinte àquele em que ele entregara o bilhete a ela, Jen o enfiara de volta no armário dele por uma abertura estreita; seus dedos tremiam. *Sim*.

Imediatamente, quis pegar de volta. Voltar a ter amizade com Ethan McCready não era a reação mais sensata a qualquer estranhamento que estivesse havendo entre ela e Jules e Susan.

Mas ele continuava invadindo sua mente. Todo pensamento que tivera nos dias anteriores parecia embebido de Ethan.

Mesmo agora, olhando-se no espelho do provador da Addie's Closet, ela imaginava Ethan observando-a no vestido que usaria no *homecoming*.

Todo mundo usava vestido curto no *homecoming*, o que deixava Jen ansiosa. Meninas altas e vestidos curtos eram a receita do desastre. Ela escolhera um vestido que aparentemente seria o que menos vulgar ficaria nela. Era coberto de lantejoulas rosa-douradas com uma fenda no corpete.

Ela sabia que os meninos da escola a achavam gostosa. *Gostosa* era a palavra que usavam: *Jen Rayburn é a garota mais gostosa da nossa série*. Mas Jen nunca soube o que sentir em relação a isso. Ela fizera coisas com garotos; no ano anterior tinha dado uns amassos em Chase Kenney no cinema, para depois precisar se desvencilhar quando ele guiou a mão dela para dentro da calça dele. A única coisa que ela sentiu, depois, foi desgosto com os caras e com o fato de

que eles só queriam uma coisa das garotas.

E agora lá estava ela, imaginando o olhar de Ethan McCready percorrendo suas pernas até o alto, até o lugar onde a bainha da saia encontrava suas coxas…

A cortina do provador se abriu. Jen deu um pulo para trás, o rosto quente, como se tivesse sido pega fazendo alguma coisa nojenta.

– Caramba, Jules.

– Foi mal. – Juliana entrou no provador com Jen. Ela estava usando um *cropped* de renda preta e dourada e uma saia longa de tule. Era o tipo de roupa que só Jules podia usar.

– Você está *ridiculamente* incrível. – Jules andou ao redor de Jen, puxando a bainha da saia como se fosse uma costureira. – Você vai comprar, certo?

– Não sei.

A Addie's Closet era a única butique da cidade. A maior parte das garotas dirigia quarenta minutos até as pontas de estoque em Ithaca, mas o ensaio de animação vinha roubando a maior parte dos fins de semana de Jen, e, entre as aulas de balé de Monica e os jogos de Petey, a mãe não tinha tempo de levá-la.

A senhora Berry deixara as meninas na Addie's e dissera que voltaria em uma hora. Susan ainda estava enrolando na arara de ofertas. Ela era a pessoa mais indecisa; Jen sabia que ela acabaria voltando à Addie's com a mãe no dia seguinte. Viu quando Susan pôs um tubinho preto em frente ao corpo e depois o devolveu à arara.

Juliana pagou e se juntou a Jen na porta.

– Suz! Pronta para ir?

Susan suspirou.

– Acho que sim.

As garotas saíram da loja e atravessaram o estacionamento, esperando até que o semáforo de pedestres mudasse para verde. O McDonald's de Sunnybrook era desnecessariamente agradável: a fachada parecia uma fazenda antiga, com um M dourado gigante acima da porta, em lugar daqueles arcos bregas. Lá no alto, o céu estava ficando da cor de *sorbet*.

McFlurries e fritas comprados, Susan foi para uma mesa perto da janela. Juliana e Jen a seguiram, acomodando as sacolas da Addie's Closet nos respectivos colos.

Susan girou o canudo no topo do sorvete.

– Eu não vou conseguir encontrar nada.

– Conseguiria, se não fosse tão pentelha – Juliana disse.

Susan atirou uma batatinha em Jules. Jen roubou uma do saquinho na bandeja de Susan, quando ela não estava olhando. Suz podia ser absurdamente possessiva quando se tratava de sua comida.

– Então – Susan disse. – Algo que você queira nos contar?

As entranhas de Jen congelaram. Ela não gostou do modo como a voz de Susan havia esfriado.

– Do que você está falando?

– Eu vi você colocar alguma coisa no armário de Ethan McCready hoje de manhã.

Juliana, que tinha acabado de pôr a mão na bandeja de Susan, congelou, com um punhado de fritas.

– McCredo?

Jen sentiu uma onda de irritação.

– Não o chamem assim. Vocês são muito más.

– E *você* pode ser boa demais – Juliana disse. – Tem alguma coisa errada com aquele menino.

Jen afundou a colher no sorvete, embora não o quisesse mais.

– Não era nada. Eu esqueci um livro na sala do senhor Ward. Ele pegou pra mim. Fim.

– Ah, claaaaaro. – Agora Juliana soava tão fria quanto Susan soara antes; acusatória, até, como se pensasse que Jen estivesse escondendo algo.

– Por que vocês estão fazendo isso? – Jen perguntou. – Me enchendo por causa de um menino, como se ainda estivéssemos no fundamental?

Suz deu um tapa na mão de Jules quando ela esticou o braço para roubar mais batatinhas. Os olhos de Suz estavam em Jen.

– Ethan está sempre olhando para você. Isso me deixa preocupada.

– Preocupada com o quê? – Jen perguntou.

– Que você desapareça e acabe afundada em um tambor de óleo.

– Sério – Jen rebateu. – Para.

– Caramba, também não é para isso tudo. – Juliana olhou para Jen como se ela fosse uma víbora prestes a atacar. Suas sobrancelhas se uniram como se Jen

estivesse sendo totalmente ridícula e elas não estivessem debochando dela pouco antes.

Jen baixou o McFlurry.

– Então tá. Não quero mais falar disso.

Então tá. A frase pairava entre ela e Juliana. Era como se tivesse se transformado em uma arma para elas usarem uma contra a outra.

Ethan não estava na escola na segunda-feira; na terceira aula, o prédio todo estava histérico.

Jen captou trechos da história pelos corredores, cochichados entre as pessoas da classe: "Um aluno do segundo ano ia atirar na escola", "É, ele ia matar todas as animadoras de torcida e os jogadores de futebol".

O nó no estômago de Jen cresceu quando ela ouviu seu nome no alto-falante. Estava sendo chamada à sala do diretor.

O senhor Demarco, seu orientador, estava lá, sentado em frente ao diretor Heinz. Encostado à estante de livros estava seu padrasto.

– Jen – Tom disse. – Você está bem?

– Por que eu não estaria?

– Por que não se senta? – O senhor Heinz ajeitou a gravata. O colarinho estava manchado de suor.

– Ethan McCready foi expulso hoje de manhã – o senhor Heinz disse.

O estômago de Jen subiu à garganta. *Um aluno do segundo ano ia atirar na escola. Ele ia matar todas as animadoras de torcida.*

Ela olhou nos olhos do senhor Demarco. A camisa polo dele, em geral impecável, estava amarrotada, como se ele tivesse se arrumado às pressas de manhã.

– Você não está encrencada, Jen. Por que não se senta?

Jen se abaixou na cadeira vazia ao lado do senhor Demarco. Ela percebeu que ele estava segurando alguma coisa – uma folha de papel pautado arrancada de um caderno. Ele entregou a ela.

– Você já viu isto?

Ela sentiu os olhos correndo pela página. Na caligrafia de Ethan estavam todos os nomes das animadoras de torcida do segundo e do terceiro ano: Juliana Ruiz, Susan Berry, Colleen Coughlin, Bethany Steiger. Stephanie

Kazmark, Ariella Lopes, Chloe Munro.

Todos, exceto o dela.

– Eu não estou aqui – ela disse, mais para si mesma que para qualquer outra pessoa.

– Era sobre isso que queríamos conversar. – O olhar do senhor Heinz se desviou por um momento para o padrasto dela.

Tom levantou uma mão.

– Jen, você não precisa falar nada, se não quiser.

Jen olhou para a lista.

– Eu nem sei nada sobre isto.

A voz do senhor Demarco era gentil, instigante.

– Mas está tudo bem, se você souber. Só queremos entender o que aconteceu.

– Não é óbvio o que aconteceu? Ethan escreveu isso e por alguma razão me deixou de fora. Ou se esqueceu de mim.

O senhor Demarco e o diretor Heinz trocaram olhares. Ao seu lado, Jen notou que Tom apertava com mais força a borda da estante de livros.

– Creio que Jen nos contou tudo que há para ser contado.

– Você e Ethan são amigos?

Jen olhou de relance para Tom.

– Ele mora no meu bairro. Nós não somos amigos.

– Está bem. Obrigado, Jennifer. – O diretor Heinz esfregou os olhos.

Quando chegaram ao corredor, Tom puxou Jen de lado.

– Você sabe que pode me contar a verdade.

Jen piscou. Ele estava falando a sério?

– Eu *já* contei.

O sorriso doloroso de Tom fez o coração dela se estilhaçar em um milhão de pedaços.

– Eu sei, garota – ele disse. – Vou acompanhá-la de volta à sala.

Alguma coisa estava errada. Na hora do almoço, Jen tinha certeza de que, por trás da reação bizarra de todo mundo na sala do diretor Heinz, havia algo mais do que eles estavam demonstrando.

Ela não achou que conseguiria almoçar; todos estariam falando sobre Ethan e sobre como ele parecia louco o suficiente para matá-los a todos, depois que

Mark Zhang derrubara a bandeja de suas mãos e sujara os tênis dele. Bethany, em especial, estaria histérica, pois era quem havia participado e atirado moedas contra Ethan.

Mas Colleen não estava envolvida; havia dado risada, claro, mas Jen ficara sentada ali e não fizera nada. Por que Ethan não a tinha incluído na lista?

Jen sabia por quê, mas pensar nisso e no que as pessoas diriam sobre ela, se soubessem, lhe provocava espasmos no peito.

O sinal do sexto período tocou, e Jen ainda estava parada no armário, esquivando-se dos olhares das pessoas reunidas no corredor da cafeteria. Stephanie Kazmark pedira à mãe que a fosse buscar; alguém na turma de Matemática de Jen havia jurado ter visto um policial levar um cão farejador ao armário de Ethan naquela manhã.

O ar ao seu redor estava carregado; era quase como se as pessoas estivessem mais *empolgadas* do que assustadas com tudo que estava acontecendo.

Ela precisava conversar com Ethan. Tinha de haver alguma forma…

– Liberem o corredor – a senhora Brown ordenou, provocando uma onda de pânico em Jen. Se ela se demorasse demais por ali, a segurança a obrigaria a ir para a cafeteria, onde estavam Bethany, Colleen e Mark.

Estúdio da banda. Jen disparou para o auditório, correndo pela porta lateral. No palco, o professor da banda, senhor Garner, estava dando uma aula para o naipe dos saxofones. Ninguém reparou em Jen quando ela se esgueirou pela lateral do palco e foi para os bastidores.

A porta para a sala do senhor Garner, que o naipe dos sopros tinha autorização de usar para ensaiar, estava aberta. Jen se trancou lá dentro, grata por todas as cadeiras estarem vazias. Ela se encolheu em um canto e pegou o telefone. Será que alguém como Ethan, que não estava propriamente cercado de amigos, teria uma página no Facebook?

Ethan McCready *tinha*, *sim*, uma página no Facebook. Na foto do perfil, seu rosto estava de lado para a câmera, e o capuz do moletom puxado sobre a cabeça, mas ela sabia que era ele. Seu dedo pairou sobre o botão de "Adicionar amigo"; ela claramente não poderia fazer aquilo. As pessoas iriam ver e falariam ainda mais.

Ela engoliu em seco e redigiu uma mensagem privada para ele.

Você está aí?

O tique-taque do relógio acima de sua cabeça entrou no mesmo compasso da pulsação atrás dos olhos. Uma enxaqueca a caminho. Ela a atacava quando Jen se estressava. Quando apareceu (1) em sua caixa de entrada, os batimentos cessaram por um instante. Ethan respondera.

Tô.

O coração dela estava acelerado; ela queria perguntar se ele estava bem, em quanta encrenca estava metido…

Uma voz brava surgiu em sua cabeça. *Para que fazer isso? Por que perguntar a ELE se está bem depois do que ele fez?*

Com o sangue esquentando seu rosto, ela digitou de volta:

Por que você fez isso?

Não foi minha intenção.

Então, por que fez?

Ethan levou alguns minutos para responder.

Não sei. Eu só estava puto com o que aconteceu na cafeteria no outro dia.

Jen pôs os pés em cima da cadeira, joelhos contra o peito. Encarou o telefone, desorientada quanto ao que responder.

Quando não escreveu de volta, Ethan mandou outra mensagem.

Eu nunca machucaria ninguém. Preciso mesmo que você acredite em mim.

Jen engoliu em seco. Escreveu de volta:

Por que você se importa, se eu acredito ou não?

Eu pensei que você soubesse por quê.

Seus olhos ardiam atrás. Ela imaginou a expressão que estaria no rosto de Juliana e de Susan, no rosto de todas as animadoras de torcida, se elas vissem essa conversa. Se a vissem *conversando* com Ethan McCready como se ele fosse um amigo.

Outra mensagem de Ethan chegou:

Não se preocupe. Eu jurei a todos eles que você não tinha nada a ver com isso.

As veias de Jen viraram gelo quando ela se lembrou de como o senhor Demarco e o diretor Heinz tinham ficado nervosos. E depois aquela expressão triste nos olhos de Tom, como se ele não estivesse seguro sobre dever ou não acreditar nela quando ela lhe disse que não estava envolvida.

Ethan deixar Jen fora da lista tinha uma explicação simples: ele gostava dela. Sempre havia gostado, ela desconfiava, e o mesmo pensamento deve ter ocorrido a todo mundo. Tinha de haver outra coisa, alguma razão, para que eles suspeitassem…

A mão de Jen voou até a boca. O bilhete. Ela enfiara o bilhete no armário de Ethan na sexta de manhã… Ethan foi expulso pela lista de alvos nessa manhã…

Alguém a viu. Alguém a viu colocar o bilhete no armário de Ethan, provavelmente a mesma pessoa que o viu rascunhar uma lista de nomes de animadoras de torcida depois da cena na cafeteria.

Jen se levantou com um pulo. Ela precisava voltar à sala do diretor Heinz, contar a ele que estavam entendendo tudo errado, que ela não fizera nada do que eles suspeitavam. Acrescentando nomes à lista de Ethan, talvez? Fantasiando vingança contra as colegas animadoras por alguma má ação desconhecida?

Ela serpenteou entre as cadeiras amontoadas na sala do senhor Garner, derrubando algumas pelo caminho até o corredor. Imediatamente, um

segurança apareceu à sua frente.

– Aonde pensa que está indo?

O corpo de Jen se tensionou. Ela não foi capaz de formular as palavras *Diretor Heinz. Preciso falar com Heinz agora mesmo*.

O som de uma porta de metal batendo, no fim do corredor, chamou atenção de Jen. Ela se virou. Seus olhos encontraram os de Susan, que estava guardando a flauta no armário.

As entranhas de Jen congelaram. Como ela pôde ter-se esquecido de que Susan a havia confrontado no outro dia, quando elas estavam comprando roupa? Ela vira Jen pôr o bilhete no armário de Ethan. Ela acreditava mesmo, a sério, que Jen tinha algo a ver com a lista de Ethan?

Susan desviou os olhos de Jen e saiu correndo em direção à sala da banda.

Sexta seria a Noite Comunitária, mas Jen tinha bem pouco espírito comunitário com o qual contribuir. Ela não conversara com Susan durante toda a semana, apesar de ninguém poder confirmar que fora Susan quem contou ao diretor Heinz sobre a lista de alvos, sobre como Jen deslizara um pedaço de papel para dentro do armário de Ethan McCready.

A mesa de bolos à venda do grupo de animadoras estava repleta de brownies, saquinhos de pipoca caramelizada, *fudge* de marshmallow.

Todas as coisas que as animadoras de torcida jamais comeriam na frente de Allie, que parecia sobreviver à base de amêndoas, suco de couve e garrafas de água de cinco dólares da Whole Foods.

A ironia de serem designadas para a venda de bolos não escapou às animadoras. Jen viu quando Colleen Coughlin examinou um cupcake descartado, a cobertura já remexida. Jen também estava nauseada, das lambidas roubadas da massa de brownie.

O sinal tocou dentro do ginásio, recebido por um coro de aplausos e vaias. As animadoras comandavam a mesa de bolos em turnos. O evento de Jen, corrida de revezamento, era mais tarde. Dentro do ginásio o anfitrião, fosse ele quem fosse, anunciou que estava quase na hora da apresentação dos praticantes masculinos de *kickline*.

O *kickline* masculino era sempre o ponto alto da Noite Comunitária. Todos os anos, algumas meninas de cada turma coreografavam sequências para que os

meninos da sala executassem. No ano anterior, o capitão do time calouro do *kickline* masculino, Cassidy Burns, escolhera "Like a Virgin"; os garotos haviam se enfiado em shorts jeans e luvas rendadas sem dedos, e alguns chegaram até a desenhar pintas nas bochechas, usando delineador. Os olhos do diretor Heinz quase saltaram do rosto quando eles começaram a rolar girando pelo chão. A senhora Coughlin quis interromper a apresentação no meio da música. No fim, os meninos foram desqualificados por conduta inadequada, e Cassidy foi banido da coreografia de classe de todos os futuros bailes da Semana Comunitária.

Não havia a menor dúvida de que neste ano a tarefa caberia a Juliana. Ela não precisou nem batalhar por isso; levantou a mão durante a reunião do conselho estudantil e a senhora Coughlin anunciou que a função era dela. Juliana Ruiz era uma garota responsável e respeitosa. Não havia nada rolando nem girando sob a supervisão de Juliana.

Jules tinha passado a semana inteira com cólicas de excitação com a Noite Comunitária; toda noite a equipe masculina de *kickline* se reunia em seu porão para ensaiar a sequência de *Barbie Girl*. Jen fora para lá, para assistir ao ensaio final, e precisou admitir que seria difícil vencer os alunos do segundo ano.

Ethan McCready e a lista de alvos eram as coisas mais distantes da mente de qualquer um. Uma morte de fato era a única coisa que poderia lançar uma sombra sobre a Noite Comunitária. Mais cedo na mesma semana a senhora Coughlin quisera cancelar o evento, apavorada pela ideia de que Ethan aparecesse e massacrasse todo mundo. Ela era assim, sempre se enervando por causa de alguma coisa.

No fim, a administração havia chegado a um meio-termo, e uma unidade móvel da polícia ficou estacionada em frente ao prédio. Mike Mejia era quem estava no estacionamento, e acabara de comprar um grande pedaço de doce de milho da mesa de venda de bolos.

Bethany se abanava com o papel onde constavam os preços dos doces à venda. O ginásio estava sufocante, com todos aqueles corpos adolescentes suados se chocando uns contra os outros. O calor chegava até onde Jen e as outras garotas estavam sentadas, fora do ginásio.

Bethany girou na cadeira e enfiou a cabeça pelas portas do ginásio.

– Onde estão aquelas vacas? Eu não vou perder o *kickline*.

Jen revirou os olhos. As calouras do time tinham se dado mal ao tirar a sorte, e ficaram presas cuidando da mesa de venda, enquanto as alunas de anos posteriores assistiam à apresentação dos meninos.

– Você precisa mesmo chamá-las disso?

Bethany fungou.

– Quer se sentar aqui, então?

– Elas vão vir. – Jen desviou os olhos, ainda sentindo os de Bethany em si. – O que foi?

– O que está rolando entre você e Susan? – ela perguntou.

Colleen pousou o *cupcake* que vinha saboreando, demonstrando um súbito interesse.

– Nada – Jen disse.

– Vocês duas não conversaram durante a semana toda – Colleen disse.

– É assunto nosso, tá?

Bethany encarou Jen.

– Você sabe que ela só está com ciúme de você, certo?

Bethany usava a maledicência como moeda de troca; Jen sabia que a outra só queria que ela dissesse algo malvado contra Susan, para depois poder trocar isso por alguma coisa. *Você nem imagina o que Jen disse, na Noite Comunitária*. Bethany falava constantemente até sobre Colleen, sua melhor amiga, dizendo a todo mundo que vadia ela era.

– Por que Suz teria ciúme de mim? – Jen disse. – Ela é mais bonita e mais inteligente que eu.

– Porque ela precisa trabalhar duro para isso – Bethany disse. – Será que ela dorme?

Uma menina irrompeu pelas portas do ginásio e deu um encontrão na mesa. Jen se assustou, com medo de que fosse Susan e que ela houvesse escutado tudo, mas era apenas uma das calouras; logo chegaram outras duas, prontas para substituir Jen, Bethany e Colleen em seu turno na mesa de doces.

Jen observou as arquibancadas, procurando alguém com quem pudesse se sentar. Susan estava na seção do segundo ano, sentada com as meninas com quem jogava tênis. Ela estava olhando ao redor do ginásio, usando *pink neon* – a cor do segundo ano daquela vez –, parecendo um tanto inquieta. Quando o olhar dela pousou em Jen, seus lábios se contraíram e ela olhou para a menina

ao lado dela, de repente muito interessada na conversa de ambas.

Bate nela. Jen estalou as juntas, um pouco perturbada pela ideia que tinha cruzado sua cabeça. Ela jamais batera em ninguém durante toda a vida, nem mesmo na irmã pequena, que definitivamente merecia. Mas a visão de Susan sentada ali, agindo como se *Jen* tivesse feito algo errado, era demais.

Jen escalou as arquibancadas até onde suas outras amigas estavam sentadas, um grupo de meninas com quem ela também havia crescido. A maioria estava em suas turmas de matérias avançadas; as demais tinham ou ido para a Jessie's Gym com ela, quando crianças, ou estado no time de futebol infantil.

Ela nem percebeu que não havia visto Juliana em lugar nenhum, até que o sinal tocou e o senhor Heinz anunciou o time de *kickline* dos calouros. A plateia foi à loucura; Jen precisou se levantar com eles para ver o centro do ginásio, onde os meninos estavam dando cambalhotas.

Quando a sequência chegou ao fim e o senhor Heinz gritou "Vamos aplaudir o pessoal do segundo ano", Jen esquadrinhou o ginásio em busca de Juliana; por fim a encontrou na lateral, animando os meninos do segundo ano conforme eles corriam para o centro da pista.

Todos os caras congelaram em diferentes posições. *Barbie Girl* começou a bombar, e durante três minutos Jen se esqueceu de Susan, se esqueceu de Ethan McCready, de quanto tudo era um saco. Juliana havia se superado. Os caras eram mesmo bons, e seus movimentos exibicionistas e pavoneados levaram a multidão a aplaudir e gritar.

A seu lado Christine Verni estava rindo tão descontroladamente que precisou agarrar o braço de Jen para se apoiar. Jen deu um sorriso, o primeiro de verdade em muito tempo, e celebrou junto, pondo as mãos ao redor da boca e gritando para os amigos que estavam dançando.

E daí acabou. Jen mal podia esperar para ir ao encontro de Jules e lhe dizer que trabalho fantástico havia feito. Jen se levantou da arquibancada e correu para a pista. Olhou a multidão ao redor, em busca da camiseta *pink* de Juliana, mas encontrou apenas um mar de meninas do terceiro ano vestidas de vermelho.

Quando teve certeza de que Juliana não estava entre elas, Jen olhou para a porta lateral. Estava se fechando; o senhor Heinz e a senhora Coughlin não pareceram notar, distraídos pela equipe de *kickline*, que agora se dirigia ao

centro do ginásio. Os meninos estavam vestidos de bombeiros, suspensórios sobre os troncos nus, e o rosto da senhora Coughlin estava da mesma cor que os chapéus das fantasias deles.

– Nós lhes dissemos claramente que todos deveriam estar *vestidos* – ela estava gritando para eles, quando Jen passou de fininho, correndo porta afora antes que alguém reparasse nela e tentasse detê-la.

O estacionamento dos fundos estava cheio de carros e vazio de gente, exceto por duas garotas que davam uma volta pelo campo de futebol, de costas para a cerca, como se não quisessem ser vistas.

Apesar de estar a dezenas de metros de distância, e apesar da escuridão, Jen conseguiu ver o *pink* neon da camiseta de Jules. Uma risada estridente e alta revelou a Jen quem era a acompanhante de Jules, embora ela de fato já soubesse.

Carly e Juliana não notaram Jen na calçada; alguns outros alunos também estavam lá, à espera da carona para casa. Alunos com limites rígidos de horário, dez da noite. Jen ficou de olho em Juliana e Carly e se escondeu atrás de um SUV a cerca de três metros da cerca.

– Sua mãe não notou que sumiu um pouco? – Juliana perguntou.

– Não. A médica dá pra ela tipo sessenta por mês – Carly disse.

Juliana ficou calada por um momento.

– Posso misturar isso com bebida?

– Tá tudo bem – Carly disse. – Eu faço isso o tempo todo, e essa é tipo a dose mais fraca.

Jen ainda estava processando o que Carly dissera quando uma picape preta encostou ao lado de onde as meninas estavam conversando. Jen esticou o pescoço pela lateral do SUV, mas os vidros escuros da picape impediram que ela visse o motorista.

– Você demorou – uma voz masculina disse, de dentro da picape.

– Foi mal. A dondoca Jules, aqui, precisou ver os bailarinos dela se apresentar.

– *Kickline* masculino – Juliana a corrigiu.

O motorista gargalhou; Carly se juntou a ele e Juliana começou a dizer algo, mas a porta da picape foi batida, cortando o som de sua voz.

Comprimidos. Jen tirou a mão do SUV, preocupada com a possibilidade de deixar uma marca de suor nela. Comprimidos: ela *sabia*. Carly Amato era uma

drogada.

Ela queria gritar para Juliana, informar que ela estava observando. Talvez assim Jules não entrasse naquela picape, sabe-se lá com quem, para tomar sabe-se lá que tipo de comprimido. Mas sua garganta se fechou, e tudo o que pôde fazer foi observar sua melhor amiga entrar em uma picape tão grande que pareceu engoli-la por inteiro.



Capítulo 11

Domingo de manhã, desço e saio pela garagem. Meu antigo bairro fica a uns oito quilômetros, e é intolerável a ideia de ficar sozinha com meus pensamentos pelo tempo necessário para pedalar até lá. Ponho os fones de ouvido, abro a última playlist que fiz e ponho as músicas no aleatório.

Os compassos iniciais da canção sobre um cara de olhos azuis e uma garota de olhos castanhos. Montei essa playlist na noite em que Brandon me deixou. Arranco os fones, de repente achando tudo bem ficar em silêncio. Jogo o celular no cestinho da bike e saio pedalando.

O ar está meio frio, e o céu está cinza-perolado, com nuvens baixas.

Preciso descobrir o que aconteceu a Ethan McCready depois que ele foi expulso. Ele sabe onde nós moramos e quero empatar o placar.

Cruzo a cidade e volto a velhas ruas conhecidas, até que minha antiga casa aparece à direita e minha respiração fica presa no peito. Os novos proprietários decoraram o gramado com falsas pedras tumulares com nomes como "BARRY'D ALIVE"[8].

Um boneco sinistro da morte está pendurado na saliência da varanda, o manto ondulando ao vento. Penso em bater à porta. Qualquer coisa por uma espiadinha do interior.

Norwood Drive era conhecida como a rua dos horrores, depois que Juliana e Susan foram mortas aqui. Mas eu não conseguia vê-la desse jeito, eu não estava em casa na noite dos assassinatos. Eu insisti em dormir na casa de Rachel,

longe da faringite estreptocócica de Jen. Mesmo depois que minha irmã morreu, Norwood Drive não me assustava.

À parte os Cannings, que eram discretos, nós conhecíamos todo mundo nesta rua. Norwood Drive era um pequeno município em si mesmo; cada um tinha seu papel. O senhor Brenner, um viúvo com cerca de cem anos, percorria o bairro todos os dias, encurvado, com as mãos atrás das costas. Se ele lhe parasse para conversar, você podia desistir dos planos que tivesse para a hora seguinte. A senhora Shaw, fiscal do bairro, era capaz de telefonar para dizer que sua lata de lixo tinha sido derrubada pelo vento; ela sabia, porque conseguia ver da própria janela.

Susan morava três casas depois da nossa, o que significa que tínhamos pouca interação com os Cannings. A casa deles era na ponta da rua que não tinha saída. A mãe de Jack Canning teve um derrame depois que o filho foi tachado de assassino e foi para um asilo; a hipoteca da casa foi executada. Ainda há no jardim uma placa que indica a propriedade do banco. No ano passado o senhor Brenner morreu.

Novas famílias se mudaram para a nossa casa e para a dos Brenners e a dos Berrys. As únicas pessoas que restaram, e que poderiam ter conhecido Ethan McCready, são os Shaws, que tinham amizade com a minha família. Se eu aparecer na soleira deles, vão ligar para minha mãe assim que eu for embora. Isso não pode acontecer. Tom não pode saber que vim aqui fazer perguntas sobre Ethan McCready.

Monto de volta na bicicleta e viro à direita na esquina, a caminho do quarteirão seguinte. Uma estreita abertura entre as árvores separa a Spruce Street da Norwood Drive. Minha mãe nunca me deixou brincar perto do riacho quando eu era mais nova. Antes de todas as coisas terríveis que aconteceram neste quarteirão, a coisa que mais a assustava era um de nós se afogar em quinze centímetros de água.

No momento, Spruce Street tem mais vida que Norwood Drive. Duas crianças, mais ou menos da idade de Petey, estão jogando futebol no jardim de um sobrado. Do lado oposto da rua, uma mulher está varrendo as folhas. Ela levanta a cabeça e interrompe a varrição ao me ver.

Desacelero até parar na entrada de carros dela. Sua casa é familiar; tenho uma lembrança rápida da minha última "gostosura ou travessura", no sétimo ano.

Recebi um pacote de chicletes orgânicos de frutas aqui. Quando cheguei em casa e mostrei à minha mãe, ela revirou os olhos do mesmo jeito como fazia quando eu comentava que a mãe de Rachel não a deixava tomar refrigerante.

– Com licença – digo à mulher. – Posso falar com a senhora por um minuto?

Ela se apoia no cabo do rastelo.

– Já ouvi a boa palavra do Senhor.

Levo um instante para perceber que ela está brincando. Retribuo seu sorriso.

– Eu morava aqui perto.

A mulher me olha rapidamente da cabeça aos pés, a pele da testa se enrugando.

– Bem que eu a achei familiar.

Indico o saco de lixo aos pés dela.

– A senhora quer ajuda?

Ela não responde. Só levanta e me entrega o saco de lixo.

– Segura isto aberto um instante. Você morava naquela casa da Norwood que foi vendida no verão? – Ela despeja um monte de folhas no saco, de olho em mim.

– É.

Ela faz uma pausa, a expressão severa se suavizando um pouco. Ela deve saber quem eu sou, o que aconteceu na minha casa, mas não toca no assunto e fico grata por isso.

– Para onde sua família se mudou?

– Waverly Estates – digo. *E odeio lá.* O pensamento é automático. Eu preferiria ainda morar aqui, porque é onde deveríamos estar.

– Então, o que a traz de volta?

– Estou tentando encontrar uma pessoa que morava aqui perto – digo.

A mulher franze o rosto.

– Quem? Pouca gente se mudou daqui da rua.

– O nome dele é Ethan McCready.

A mulher para a meio caminho das folhas que estava prestes a recolher.

– Minha nossa, por que uma garota como você está procurando Ethan McCready?

– Acho que ele conhecia minha irmã – digo. – Quero perguntar uma coisa para ele.

– Ele morou ali. – A mulher aponta para além de onde as crianças estão jogando futebol, para uma casa estilo rancho, na ponta sem saída da rua. – A mãe dele era tão bonita. Foi terrível como a doença acabou com ela.

– Que horror – digo. – Ouvi dizer que pai ele também não tinha.

– Ah, tinha, sim. – Há desprezo na voz dela. – Abandonou Kathleen quando ela estava grávida de Ethan. Eles nunca tinham sido casados.

– Então, para onde ele foi depois que a mãe morreu?

– Uma das primas dele o acolheu. Odeio dizer isso, mas foi um alívio quando ele partiu. Ele deixava todo mundo aqui com os nervos à flor da pele.

– Por causa do motivo que o fez ser expulso? – eu pressiono.

– Bem, isso. E o fato de perambular pelo bairro nas horas mais estranhas. – A mulher endireita o rastelo. Apoia-se nele, cruza um tornozelo sobre o outro.

Não sei por quê, mas a ideia de Ethan McCready perambular por aí sem ter para onde ir me deprime.

– Ele ainda mora com a prima?

A mulher descalça uma das luvas de jardinagem e enxuga a testa com as costas da mão.

– Ele durou poucas semanas lá. – Ela aponta para o fim da rua. – Ele era amigo de James Montick, um menino que morava na esquina. A mãe dele pegou Ethan dormindo no porão deles, pouco depois disso. Falou que ia chamar a polícia. Coitado do menino. Parecia que ninguém nunca o queria.

Então, que diabos aconteceu com ele?

– A senhora não o viu mais, desde então? – pergunto.

Ela balança a cabeça.

– Diabos me levem se sei onde ele está agora. Poderia ser em qualquer lugar, suponho.

Algo em mim murcha. Eu não esperava entrar no bairro e de cara ficar sabendo que Ethan McCready nunca tinha saído da casa da mãe morta e o encontrar na frente da TV, assistindo ao noticiário da tarde. E o que eu ia fazer caso *tivesse* encontrado Ethan aqui?

– Obrigada. – Entrego o saco de lixo para a mulher, de repente desesperada para ir embora. – Eu não pretendia ocupar tanto do tempo da senhora.

– Não seja boba.

A mulher levanta a mão livre. Hesita. Pousa-a no meu braço e dá um aperto

delicado. Penso que ela talvez vá dizer algo mais, que vá admitir que sabe quem eu sou, mas ela volta ao rastelo.

Monto na bicicleta. Passo pelas crianças que jogam bola e sigo pedalando até estar fora do campo de visão da mulher, desacelerando quando chego à casa onde ela disse que Ethan McCready morava.

Paro na frente. É pequena e parece bem-cuidada. Não há nenhuma decoração de Dia das Bruxas, mas um coração de madeira pendurado na porta, onde se lê "Abençoado seja o nosso lar". À esquerda da casa há um pequeno pátio delimitado por uma cerca branca. À direita, uma placa de "Rua Sem Saída" e um amontoado de árvores.

Empurro a bike pelo caminho que divide as árvores. Quando o riacho aparece, eu paro, recordando as palavras de Carly: *Eles dois, tipo, iam para o bosque juntos o tempo todo*.

Imagino Jen sentada na pedra que sai da água, um livro no colo. Ela estava sempre com um livro, sempre vinha aqui para ler. Se eu tentava ir junto, ela anunciava que, na verdade, não queria ir para os lados do riacho.

Ela estava tentando se livrar de mim para poder encontrar Ethan a sós? Será que Susan os viu?

Viro à direita e rumo em direção ao bosque. Após umas dezenas de metros, as árvores escasseiam e meu antigo quintal aparece.

Meus dedos dos pés se curvam diante da imagem plena da nossa casa. No parapeito da janela do quarto do canto, no segundo andar, alguém arrumou bichos de pelúcia em uma fila caprichada e pintou de azul-escuro as velhas paredes roxas. Meu antigo quarto.

Continuo andando e me mantenho perto do limite do bosque. Sigo reto até o ponto de onde consigo ver o antigo quintal dos Berrys. Os empreiteiros aterraram a piscina e instalaram uma estrutura para fazer fogueira. Dentro da casa, junto a uma porta de correr de vidro, que dá acesso ao deque dos fundos, está sentado um gato branco, a cauda se movendo para trás e para a frente como um metrônomo. Ele observa fixamente um esquilo, que se lambe, equilibrado no corrimão do deque.

Imagino Ethan onde estou agora. Espreitando através das árvores, fazendo fosse o que fosse que costumava fazer aqui, altas horas da noite. Será que através da porta de vidro ele observou Susan e Juliana dentro da casa naquela

noite? Estaria aqui esperando de propósito… esperando aqui, vigiando a casa da menina que o fez ser expulso?

As palavras de Daphne me voltam à memória: *Não havia nenhum sinal de entrada à força na casa dos Berrys naquela noite*.

Juliana não teria deixado Ethan McCready entrar pela porta da frente, e não era como se os Berrys costumassem deixar a porta dos fundos destrancada. Se era para deixarem Susan sozinha, teriam tomado todas as precauções para garantir que a casa estivesse segura.

Eu me permito imaginar um cenário alternativo. Um em que Ethan jamais entrou na casa naquela noite; um em que ele esteve o tempo todo parado bem aqui onde estou, observando a cena no deque se desenrolar.

Alguém chegando à porta dos fundos para encontrar Juliana. Alguém que ela ou Susan estavam esperando. Ethan teria então visto Juliana com essa pessoa dentro da casa.

Uma pessoa que definitivamente não era Jack Canning.

Eu sei que não foi ele. Tinha sido Ethan o tempo todo. Não ameaçando Tom, mas avisando-o. Ethan pensou ter visto o verdadeiro assassino naquela noite.

Empurro a bike até a rua e monto. Pedalo para casa tão depressa quanto minhas pernas permitem. Entro pela garagem, apoio a bicicleta contra a parede ao lado do carro da mamãe. Vou tratar de guardá-la direito mais tarde; agora preciso mandar para Ethan McCready a mensagem que compus na cabeça no caminho de volta para casa.

Eu sei quem você é, Ethan. O que você viu naquela noite, estando no bosque?

A resposta vem imediatamente, como se ele estivesse esperando por esse momento, esperando que eu juntasse as peças.

Essa é uma conversa que só estou disposto a ter pessoalmente.

---

[8] Trocadilho: a sonoridade se aproxima de “Enterrado vivo”. (N.T.)



Capítulo 12

Não há aula na quinta nem na sexta, porque os funcionários estão em treinamento. A folga começa no poente de quarta-feira, então a treinadora precisa cancelar o treino.

Faltam dez para as três. Ginny e eu estamos no carro da mãe dela, paradas no estacionamento atrás da Biblioteca Pública Millerton. Ficamos sentadas em silêncio, vendo uma garota jogar um saco de lixo em uma lixeira com uma faixa pintada na lateral: PROPRIEDADE DA COOL BEANS CAFÉ & CHÁ.

– Eu não acho isso seguro – Ginny diz.

Sei exatamente o que ela pensa sobre encontrar Ethan McCready, porque ela mencionou o fato umas mil vezes, desde que telefonei no domingo para lhe contar tudo que havia aprendido no meu antigo bairro.

Quando lhe disse que ele queria se encontrar na tarde de hoje na Cool Beans Café & Chá, ela ficou calada por um minuto inteirinho.

– Quer dizer, ele obviamente não está… *bem* – ela disse. – Guardar aquele bilhete da sua irmã por todos esses anos e se manter atualizado sobre onde você mora?

– Ele não pode me fazer nada em uma cafeteria pública – rebato, determinada. – Além disso, preciso ouvir o que ele tem a dizer.

Ginny insistiu em ir junto. Eu não comentei isso com Ethan, quando concordei em encontrá-lo. Quero que ele pense que vou sozinha.

Saímos do carro. Ginny tranca a porta e seguimos pela passagem. Fora da

Cool Beans, dois caras estão parados, distantes um do outro por poucos centímetros, um com as costas apoiadas no muro de tijolos. Estão se encarando de mãos dadas.

Não consigo desgrudar os olhos deles, enternecida pela intimidade da cena. Dois caras em plena Demonstração Pública de Afeto é o tipo de coisa que provocaria sobrancelhas erguidas, em Sunnybrook, onde as pessoas ainda substituem a expressão "bons e velhos tempos" por *antes que esses liberais chegassem ao poder*. Ouvi dizer que na escola secundária de Millerton eles tiveram autorização para fazer uma montagem de *Rent – Os boêmios*. Na minha escola, a professora de Inglês do nono ano foi demitida por exibir um DVD de *Romeu e Julieta* que mostrava o traseiro nu do ator.

– Ah, eu sabia que este lugar me parecia conhecido – Ginny diz, conforme nos aproximamos da entrada da Cool Beans. Uma lousa na frente anuncia *bubble tea* e wi-fi grátis. – Minha mãe trabalha no hospital mais acima, nesta rua. Ela às vezes vem aqui tomar café da manhã, depois do turno.

Paro do lado de fora, os olhos fixos na janela. Está cheio, e todo mundo na mesa mais próxima da janela está usando o laptop.

– Você pode entrar primeiro? – cochicho para Ginny, sentindo-me subitamente nervosa.

Ela abre a porta e entra. Fico atrás dela, meu coração apertado no peito. Não consigo parar de ver aquele número de telefone (o número de telefone de *Ethan*) no registro de chamadas da minha irmã, na manhã em que ela morreu.

Preciso saber por que ele foi a última pessoa com quem ela falou.

A Cool Beans está lotada. Não há uma única mesa vazia. Olho todas de uma em uma, procurando Ethan. Faz cinco anos, e só o conheço pela foto do anuário; ele pode estar com outra aparência.

– O barista – Ginny cochicha.

Olho para o balcão da frente: um cara de cabelo loiro desgrenhado está limpando a máquina de café *espresso* com um pano. Meu estômago se contrai. Quando ele se vira e começa a desamarrar o avental, vejo o rosto. Está mais fino, o que realça o queixo e o nariz. A pele, que na foto da escola tem marcas e manchas, está clara, exceto pela barba por fazer. É ele.

Estou pronta para virar e fugir, mas Ethan está me encarando direto nos olhos. Ele pisca, imóvel, quase como se não estivesse vendo Ginny. Solta o

pano e emerge de trás do balcão, com uma caneca de café em mãos. Para a vários metros de distância de mim. Quando fala, mal consigo ouvir, acima das conversas do ambiente e do som da máquina de moer café atrás do balcão.

– Você veio – ele diz. Seu olhar pousa em Ginny. – Quem é você?

– Minha amiga – digo, e minha voz parece a de um sapo. Engulo em seco, desconfortável por Ethan perceber medo nela. – Ginny.

– Tem uma mesa livre nos fundos, onde podemos conversar – Ethan diz para nós.

Ginny e eu nos entreolhamos. Ethan revira os olhos. São tão escuros quanto no retrato do anuário.

– Eu não sou quem vocês provavelmente pensam que sou, e mesmo que fosse há outras pessoas sentadas lá atrás para proteger vocês.

O tom de deboche na voz dele inflama alguma coisa em mim.

– Bem, pelo menos tem bastante café quente por aqui para jogar na sua cara.

Ginny fica horrorizada. A boca de Ethan se curva em um sorriso.

– Sigam-me.

Vamos para o fundo da cafeteria, que está vazio exceto por uma mesa de dois lugares. Ele puxa uma cadeira, de modo que nós três possamos nos sentar. É barulhento, aqui, barulhento demais para que eu consiga pensar e até para me sentir nervosa. Eu só quero respostas.

Ninguém diz nada enquanto nos acomodamos. Ginny olha para o colo, pressiona a articulação do polegar.

– Vocês querem alguma coisa? – Ethan pergunta, por fim. – Chá? Capuccino? Chocolate quente? – Ele olha para mim. – Para beber. Não para jogar na minha cara.

– Não, obrigada. – Olho para Ginny. Ela balança a cabeça.

Ethan dá de ombros.

– Vocês que sabem.

Ficamos sentados em silêncio por mais alguns momentos, antes que Ethan diga:

– Vocês parecem que estavam à espera de outra pessoa.

Ele está certo. Eu esperava o menino taciturno da foto no anuário. O esquisitão encurvado que sentava atrás da minha irmã na aula de Inglês.

Em vez disso, Ethan McCready parece perfeitamente normal. Olhos

impressionantes, cabelo de surfista, de aparência macia. Se eu não soubesse quem é e passasse por ele na rua, até acharia que é um gatinho.

Esse pensamento desperta algo violento em mim; de repente percebo que quero passar por cima da mesa e esganar o sujeito.

– Você entende como é sinistro que tenha estado naquela casa em frente à minha? – questiono. – Qual é o seu problema?

Ethan tamborila os dedos, com unhas roídas até o talo, na alça da caneca.

– Por onde devo começar?

– Isto não é engraçado.

Não percebo que estou levantando a voz, até que as pessoas sentadas perto da janela olham na nossa direção. Ao meu lado, Ginny está rígida.

– Não, não acho que seja engraçado – Ethan diz. Calmamente. Equilibradamente. – Você veio aqui em busca de respostas ou para gritar comigo?

Recosto na cadeira. Olho de esguelha para Ginny, que está estudando as próprias mãos. Ethan interpreta meu silêncio como concessão.

– Agora que essa parte está resolvida, você gostaria de ouvir o que tenho a dizer?

Meu rosto está quente de raiva. Mas confirmo.

– Eu gostaria de começar com o fato de que seu padrasto – Ethan diz – é o maior dos cuzões.

Mesmo incerta sobre poder ou não continuar confiando em Tom, minha vontade é de me levantar e ir embora. Ethan deve perceber, porque ergue a mão.

– Desculpe. Mas isso precisava ser dito.

– O que ele te fez?

– Vou chegar a isso – Ethan diz. – Mas preciso que você saiba que, apesar de se sentir cética com o que vou contar sobre o que aconteceu naquela noite, eu juro que estou dizendo a verdade.

O medo cresce no meu estômago. Antes que eu consiga falar, Ginny pigarreia.

– Você tentou contar ao Tom o que viu, não tentou?

Ethan olha de mim para Ginny.

– Tentei. Como você disse que se chamava?

– Eu não disse – Ginny diz, ao mesmo tempo que eu explodo:

– O que você viu naquela noite?

Ethan estrala uma junta. Sustenta meu olhar.

– Eu estava no bosque atrás da casa dos Berrys, por volta das dez. Tinha uma picape preta estacionada do lado oposto da rua, e duas pessoas estavam no deque dos fundos. Uma garota estava gritando com alguém. Eu não consegui ver se era um cara ou uma menina, porque a pessoa não conseguiu dizer uma palavra. Fosse quem fosse, a pessoa era alta e estava de capuz.

– Qual garota estava gritando? – pergunto. – Susan ou Juliana?

– Na hora eu não sabia. Agora sei que era Juliana, já que Susan estava no chuveiro. – Ethan dá um gole no café. – Parecia uma discussão à toa, então continuei andando.

– O que quer dizer com "à toa"?

– Algo tipo *Não me diga para me acalmar*, ou *Eu não vou me acalmar*. Eu não sei – Ethan diz. – Não pareceu sério, e a última coisa que eu queria era que Susan Berry me encontrasse rondando a casa dela e chamasse a polícia, depois de eu ser expulso por uma lista de alvos que tinha o nome dela.

Se ela tivesse chamado, as garotas talvez ainda estivessem vivas. Afasto esse pensamento.

– Quando você contou a Tom o que tinha visto?

– Não logo de cara. No começo os tiras deram a entender que tinham certeza de ter sido o vizinho, então eu na real não questionei nada. – Ethan dá outro gole no café. – Daí, umas semanas mais tarde, quando revelaram os detalhes para o público, a polícia falou que sabia exatamente a que horas Juliana havia morrido, por causa do Fitbit dela.

– E você percebeu que foi por volta da hora em que teve a briga no deque?

– Bingo. – Ethan tira do suporte de mesa um pacotinho de açúcar. Aperta entre dois dedos e dá uma sacudidela. – Fui à delegacia e pedi para conversar com um investigador. Eles me puseram numa sala com um tira jovem. Ele começou a tomar meu depoimento, até que seu padrasto entrou feito um furacão. Ele estava *puto*.

– Com o quê? – pergunto.

– Por eu estar ali? Por eu existir? Não sei. Ele fez o outro tira sair da sala para poder me virar do avesso. Ele se concentrou no fato de eu estar do lado de fora

da casa, como se eu tivesse ido lá para matar Susan, mas Jack Canning talvez tivesse chegado na frente. – Ethan aperta o sachê de açúcar, a ponta dos dedos se avermelhando. – Jen já estava morta nesse momento. Ele começou a gritar comigo dizendo que sabia que eu tinha telefonado naquela manhã. Era como se ele estivesse tentando me acusar de ter convencido Jen a… – Ethan engole. – Ele disse que, se eu continuasse contando mentiras sobre os assassinatos e causando mais sofrimento às famílias, ele ia me espancar até o coma.

– Isso não é típico de Tom – digo, e ouço a raiva borbulhar na minha voz. Ter um tiroteio em sua ficha seguiria Tom pelo resto de sua carreira e assombraria sua consciência pelo resto da vida. Ele não ameaçaria agredir uma potencial testemunha de um crime. – Tom não diria uma coisa dessas a *ninguém*.

Ethan abre a boca. Torna a fechar. Rasga o pacotinho de açúcar e derrama o conteúdo no café.

– O luto faz as pessoas perderem a cabeça.

– Então é sério mesmo que você quer me fazer acreditar que Tom interferiu em uma investigação e nunca contou a ninguém o que você viu? – questiono.

– Não ligo para o que você acredita. – Os olhos dele vão para o sachê de açúcar vazio. Ele o dobra ao meio. – Suponho que você queira saber por que eu lhe disse para não confiar em nada que Tom diga. Agora você tem a resposta.

Ethan põe a outra mão na mesa. Está segurando um isqueiro. Solta-o na mesa. Faz com que gire. Penso em todos os meninos das minhas classes. Suas mãos inquietas, sempre tamborilando, batendo lápis contra a carteira, desmontando canetas e remontando como se fossem quebra-cabeças.

Outra peça se encaixa no meu cérebro. Digo:

– Eu sei que não foi ele. Ligue os pontos.

Os dedos de Ethan se imobilizam em volta do isqueiro. Ele levanta os olhos para mim.

– Eu sei que foi você – digo. – Você anda mandando aquelas cartas para Tom.

Ethan desliza o dedo na borda da caneca.

– Como você sabe a respeito delas?

– Vi na escrivaninha dele. – Meus nervos estão vibrando de expectativa. – Você manda para ele fotos de todas as meninas, e não só de Juliana e Susan. Você não acha que as mortes são uma coincidência.

Ethan sustenta meu olhar.

– E você acredita?

Olho de soslaio para Ginny. As sobrancelhas estão franzidas, os olhos focados em mim. Eu venho aguardando por um momento como este há anos, aguardando que alguém me diga que Jen *não queria* morrer. Aguardando que a peça faltante provasse que a morte dela foi embrulhada nas outras, e que ela não se matou por culpa de sobreviver.

– Eu não sei – digo. Não sei ao certo com qual dos dois estou falando. Meu estômago afunda quando vejo o olhar de piedade no rosto de Ginny.

Volto a olhar para Ethan.

– O que você quer dizer com "ligue os pontos"? Que pontos?

– Bom, na minha opinião, você pode começar associando o acidente de carro aos assassinatos.

A intensidade da voz de Ginny me assusta.

– Isso é simplesmente ridículo. Como a batida de carro poderia ter qualquer coisa a ver com os assassinatos? Foi um acidente.

Ethan a encara, pisca.

– Você quer escutar isso ou não?

Lanço para Ginny um olhar suplicante. Ela fecha a boca com força, a mandíbula se movendo como se ela estivesse mastigando o interior da bochecha. Os olhos de Ethan retornam para mim.

– Você conhece os detalhes do acidente?

– Bethany estava correndo e perdeu controle do carro.

– Ela estava a 112 quilômetros por hora num trecho em que o limite é oitenta – Ethan diz. – Então, tecnicamente, ela estava correndo. Mas você já andou na Osprey Road?

– Já. As pessoas dirigem feito loucas nela.

– Exatamente. Então, em termos relativos, Bethany nem estava indo tão rápido assim. – Ethan põe as mãos em volta da caneca. – Registros do telefone celular mostram que ela não estava mandando mensagem. O exame toxicológico mostrou que ela não tinha bebido nem usado drogas.

Ao meu lado, Ginny se manifesta.

– Ainda estou esperando que você explique o que isso tem a ver com os assassinatos.

– Antes do acidente, Bethany e Colleen pararam numa 7-Eleven – Ethan diz.

– Um monte de gente viu dois caras em uma picape assobiarem para elas no estacionamento. Bethany gritou alguma coisa para eles e eles gritaram de volta para ela, e quando Bethany saiu do estacionamento, a picape foi atrás.

– Quem são essas pessoas? – pergunto. – Essas que viram o que aconteceu?

– Eram amigos meus – Ethan diz. Diante da expressão no meu rosto, ele acrescenta: – Apesar do que você pode ter ouvido, eu *tinha, sim,* amigos.

Penso no tipo de cara que dá rolé em estacionamento de loja de conveniência. Maconheiros.

– Então você acha que uma picape misteriosa jogou Bethany para fora da pista?

– Você faz parecer como se *eu* tivesse tido a ideia – Ethan diz. – Você de verdade não tem a menor ideia de como foi, nos meses depois que tudo aconteceu, né?

Engulo.

– Como assim?

– Eu não sou o único que ficou cético em relação ao acidente e aos assassinatos – Ethan diz. – Você provavelmente era muito pequena para prestar atenção, mas muita gente falava. Cinco meninas, todas conhecidas entre si, mortas no intervalo de um mês? Era insano demais para se acreditar.

Eu *era* muito pequena, talvez, mas estava também consumida pelo luto. A única coisa de que me lembro, daqueles dias, é de lamentar a morte de Jen e de me preocupar com o emprego de Tom. Jen e Tom. Tom e Jen.

Dois pontos.

– Não haveria marcas dos pneus da picape? – pergunto.

Ele estrala uma junta.

– Não. Estava chovendo.

– Mas zilhões de pessoas de Sunnybrook dirigem picapes – digo. – As chances são quase zero de que fosse a mesma picape que você viu fora da casa dos Berrys.

– E quais as chances de cinco meninas da mesma escola, todas amigas, morrerem no intervalo de um mês? – Ethan rebate.

Ginny faz um barulhinho com a garganta, como se para me lembrar de ainda estar ali.

– Desculpe. Mas isso soa como uma teoria da conspiração maluca.

– Eu entendo que seja difícil acreditar que o acidente de carro não tenha sido acidente – Ethan diz, encarando Ginny. – Mas pense deste jeito: não é estranho que Tom Carlino tenha sido o primeiro a chegar à cena, em todos os três casos?

Sinto uma dor aguda no estômago. Preciso fazer força para verbalizar:

– Você se dá conta do que o está acusando?

– De estar envolvido em todas as cinco mortes e de orquestrar um grande golpe para encobrir isso? – Ethan abana a cabeça. – Não, eu não acredito realmente que seja isso o que aconteceu.

– Então para que mandar as cartas? – digo. – Para que assombrar Tom, se você não faz ideia do que de fato aconteceu nem do envolvimento dele?

Ethan me encara por um momento. Algo em sua expressão se suaviza; eu me pergunto se ele a está vendo. Minha irmã. Faz meu sangue descer todo para os pés.

Ele balança a cabeça como se estivesse se recompondo.

– A única coisa que eu sei com certeza é que ele é a melhor chance de se encontrar a verdade. Ele só precisa querer.

Eu me lembro do que a senhora Ruiz me disse ao telefone: *Em algum momento você precisa escolher viver na luz.* Será por isso que Tom se recusa a conversar sobre os assassinatos, porque ele não suporta tatear por respostas no escuro?

Ou ele só tem medo do que vai encontrar?



Capítulo 13

Quando estamos de volta ao carro e minha pulsação se desacelera, viro-me para Ginny. Ela está batendo os dedos no volante.

– Eu não confio nele – Ginny diz, deixando que as palavras pairem no ar por um instante. – Eu não acho que ele seja confiável. Ele era obcecado por sua irmã e obviamente tem uma vendeta contra seu padrasto.

Minha garganta se aperta.

– O que ele falou sobre Tom o ameaçar… Preciso que você saiba que ele nunca faria isso.

– Você não precisa me convencer.

Uma sensação engraçada me domina. Ela nunca nem conheceu Tom. Ela deve perceber minha confusão, porque inspira profundamente.

– Quando eu era criança, estava no carro com o meu pai, uma noite. Ele tinha bebido e seu padrasto nos parou. – Ela puxa uma cutícula, evitando meus olhos. – Ele nos levou à delegacia, eu estava envergonhada e chorando, como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

"Minha mãe não conseguiu ninguém para cobrir a ausência dela no hospital, então precisamos esperar na delegacia por algumas horas. Seu padrasto… ele me deixou ficar na sala dele. Ele me trouxe algumas coisas para comer, da máquina automática, e me mostrou várias coisas, tipo como ele arquivava os relatórios policiais. – Ginny olhou para mim. – Eu não percebi, até que minha mãe veio nos buscar, que Tom fez isso para que eu não precisasse ficar sentada

na recepção, com as pessoas me encarando.

Isso parece típico do Tom que eu conheço. O homem que está sempre por perto para pousar uma mão tranquilizadora no ombro da minha mãe, quando ela está surtando com meu irmão ou comigo. O homem que eu sempre senti que cuidava de mim mais do que meu próprio pai, praticamente um estranho, que me telefona no meu aniversário e no Natal para uma conversinha mole de gente que não tem nada para dizer uma à outra.

– Então eu absolutamente não confio em Ethan – Ginny diz, interrompendo meus pensamentos. – Acho que toda aquela história de Tom não o levar a sério é mentira. Ele deve ter tido uma razão plausível para não acreditar em Ethan.

Minha garganta se aperta.

– O tiroteio… O emprego dele…

Ginny me corta, balança a cabeça:

– Eu não acho que seu padrasto seja o tipo de pessoa que deixa um assassino sair livre só para salvar o próprio emprego.

Suas palavras têm um efeito calmante sobre mim. O entulho nublando meus pensamentos começa a assentar, e outra possibilidade surge, uma em que a polícia e Tom não estão escondendo nada.

– Ethan não pensou logo em ir à polícia – digo. – Se mais alguém viu ou ouviu alguma coisa naquela noite, talvez não tenha pensado que fosse incomum. Se é que isso faz algum sentido.

– Faz – Ginny diz. – Certos detalhes podem ter sido negligenciados, se não se encaixaram no contexto geral. Outra pessoa além de Ethan pode ter visto a picape e contado à polícia.

Uma sensação engraçada me inunda. Os nervos, talvez, mas também um lampejo de claridade.

– Tem um jeito de descobrirmos com certeza o que os vizinhos viram.

Ginny para de bater os dedos no volante. Levanta as sobrancelhas.

– Os depoimentos das testemunhas – digo.

A casa está vazia quando volto, pouco depois das quatro. Minha mãe não vai chegar antes das cinco, e sei que Tom tirou meio período de folga para ir assistir ao jogo de futebol de Petey.

Ginny e eu estamos sentadas no balcão da cozinha, um grande pedaço de

cheddar entre nós. Com todo o capricho, ela arruma uma fatia de queijo em uma torrada da caixa que desenterrei da despensa, enquanto devoro a minha e corto mais um naco para mim mesma.

Passamos o caminho de volta pensando em jeitos de pôr as mãos nos depoimentos das testemunhas sobre a noite dos assassinatos. Meu laptop está no aparador à nossa frente, perto da tábua de queijo, um PDF sobre a Lei de Acesso à Informação aberto na tela.

Ginny lê a página em silêncio, movendo os lábios.

– Parece que a população civil tem permissão para solicitar registros policiais, apesar de as delegacias precisarem aprovar a liberação das informações pela LAI e de a pessoa que pede a informação ter de fornecer uma razão convincente para precisar deles.

Eu desanimo.

– "Preciso dos depoimentos das testemunhas de um assassinato de cinco anos atrás porque acho que vocês ferraram com a investigação" provavelmente iria disparar alguns alertas na pessoa que for responsável pelos arquivos na polícia de Sunnybrook.

Um sorriso faz estremecer os lábios de Ginny. Corto mais um pedaço de queijo para ela, mas ela não aceita.

– E quanto à repórter? – ela pergunta. – Aquela que te deu alguns detalhes, como Jack Canning ter sido preso quando era mais novo?

– Não sei. Achei que um policial tinha contado isso para ela – digo. – Mas acho que há uma chance de ela ter visto pessoalmente o registro.

– Vale a pena tentar – Ginny diz, mas eu já estou abrindo a carteira. O cartão de visitas que Daphne Furman me deu na Starbucks está guardado entre o cartão de débito e o forro da carteira.

Digito o número no celular, mas hesito, o dedo pairando acima do botão de chamar. Daphne falou que eu poderia entrar em contato quando quisesse.

A linha chama, chama, e estou prestes a desligar, quando uma voz apressada atende.

– Alô, aqui é Daphne.

– Oi. Aqui é Monica.

– Monica?

– Rayburn. Nós conversamos há algumas semanas.

– Ah, sim, claro. Desculpe. Estou no meio de um fechamento e não sei nem que dia é hoje. E aí?

– Eu tenho mais algumas perguntas sobre o assunto que discutimos. – Aciono o viva-voz, para que Ginny possa ouvir também. – O negócio que você me contou sobre a cena do crime, tipo a coisa da entrada à força… você conseguiu essa informação no relatório da polícia?

– Não exatamente – Daphne diz. – Eu tinha uma fonte na corporação que estava disposta a me passar alguns dados.

– Imaginei. – Faço uma pausa. – Existe alguma possibilidade de ele conseguir para você os depoimentos dos meus vizinhos?

Daphne se cala por um momento.

– Depois que minha reportagem foi publicada, o Departamento de Polícia de Sunnybrook percebeu que alguém estava vazando informação do banco de dados. Minha fonte foi demitida e a polícia trancou o caso.

– Espera. Sua fonte foi demitida do DP de Sunnybrook? – Sei que Daphne nunca me diria o nome dele ou dela, mas eu poderia facilmente descobrir de quem se trata.

– Não, ele não trabalhava para Sunnybrook – Daphne diz. – Ele trabalhava em outro departamento. Existe um banco de dados estadual, para que outros departamentos possam compartilhar informação e trabalhar juntos.

– Quando você diz que o caso está trancado, quer dizer que absolutamente ninguém tem acesso?

– Não sei. Suponho que as pessoas que trabalham naquele departamento poderiam ter acesso, se realmente quisessem.

– Está bem. Muito obrigada, Daphne. Desculpe ter desperdiçado seu tempo.

– Não, não, absolutamente. Eu é que desejaria ter sido de mais ajuda.

Faço uma pausa.

– Existe alguma possibilidade de sua fonte…

– Ah, Monica, você sabe que não posso te dar o nome dele.

Meu coração afunda, embora eu soubesse qual seria a resposta.

– Entendo. Só pensei em tentar.

Daphne faz uma pausa.

– Mas ele trabalha como investigador particular agora. Se algum dia você precisar de informação sobre uma pessoa específica, ele me deve um favor.

Ginny me olha e forma com a boca *Ethan?*

Cubro o bocal com o dedo.

– Não quero desperdiçar o favor desenterrando coisas sobre ele. A gente pode precisar de um favor maior mais tarde.

Ginny concorda com a cabeça e eu tiro o dedo do bocal.

– Obrigada, Daphne.

– Tranquilo. Até mais.

Quando encerro a ligação, Ginny diz:

– O banco de dados da polícia. Como poderíamos ter acesso?

Eu congelo, com um naco de queijo a meio caminho da boca, bastante surpresa.

– Não sei.

– Tudo poderia estar nele – Ginny acrescenta baixinho. – Os depoimentos das testemunhas, o relatório, a cena do crime…

Ela se interrompe pouco antes de dizer "as fotos". Meu estômago se revira. Sob o balcão da cozinha, Mango arranha minha panturrilha, os olhos fixos no pedaço de queijo. Parto um pedaço e lhe dou.

– O cartão de identificação de Tom – digo. – Ele usa para acessar o banco de dados em casa. Tem uma coisa que ele enfia, um tipo de leitor.

Ginny mordisca a quina da torrada, observando-me por cima dela.

– Mas é uma causa perdida – digo. – Ele guarda o cartão na carteira e nunca perde a carteira de vista. Mesmo que de algum jeito eu conseguisse pôr as mãos nele, não conseguiria acessar o banco de dados e devolver o cartão sem que ele notasse.

Aos meus pés, Mango se apruma. Uma porta de carro é fechada e ele sai em disparada, latindo. Fecho o laptop. Instantes depois, minha mãe me chama do corredor.

– Monica? De quem é esse carro?

Há certa tensão em sua voz, como se ela estivesse preocupada que a pessoa que me inseminou tenha voltado para a segunda rodada. Ela entra na cozinha, várias mechas de cabelo caindo do coque.

Ela se detém ao ver Ginny, que parece igualmente desconfortável.

– Esta é a minha amiga Ginny – digo. – Ela está na equipe de dança.

Minha mãe inclina ligeiramente a cabeça.

– Oi, Ginny.

– Oi, senhora Rayburn.

– É Carlino – minha mãe diz, e, embora sua voz seja gentil, o rosto de Ginny fica vermelho-escuro.

Percebo por que Ginny está tão constrangida; ela contou que minha mãe lhe deu carona da ginástica para casa uma vez, quando o pai não apareceu para buscá-la. Aparentemente, minha mãe nem a reconheceu.

– Eu ia pedir pizza – mamãe diz. – Será um prazer se você ficar, Ginny.

Ginny olha para mim, como que perguntando se deve. Ofereço um sorriso encorajador, mas ela diz:

– Vou jantar com a minha mãe hoje. Mas obrigada mesmo assim.

Minha mãe vai para o escritório e felizmente Ginny não vê o modo como minha mãe a olha de cima a baixo, o fantasma de uma careta no rosto. Acompanho Ginny até a porta, Mango andando entre nossas pernas, com medo de irmos para algum lugar e o deixarmos para trás. Não consigo parar de pensar na expressão de Ginny quando ela falou sobre entrar no banco de dados da polícia. O jeito como ela pareceu ficar mais viva, ao considerar fazer uma coisa tão obviamente ilegal, quando menos de um mês atrás ela era assustada demais para conversar comigo no ônibus na volta para casa.

– O que foi? – Ginny pergunta. – Você está me olhando estranho.

– Não sei – digo. – Você é boa nessas coisas. É como se em segredo você fosse uma malandrona.

Ela simplesmente dá de ombros. Mas, quando acena em despedida e vai na direção do carro, flagro um sorriso, antes que se vire.

Observo-a caminhar até o carro da mãe dela e me pergunto o que aconteceu com aquela garota do ônibus.

O fim de semana prolongado é destruído pela vingança dos professores contra os dias de folga: trabalhos de cinco páginas de Inglês e de História, uma lição de casa de Pré-cálculo e vários testes preparatórios de Química, graças à minha média deplorável. Temos um ensaio de três horas de dança no sábado para compensar quarta, quinta e sexta, e o domingo é dedicado a colocar gelo em um tendão distendido.

Na manhã de segunda-feira, minha mãe entra na cozinha quando estou

tomando o café. Ela me observa, enquanto leva o brinco à orelha.

– Você pode ficar na casa de Rachel ou Alexa na sexta à noite?

Pouso a colher na embalagem de iogurte.

– Por quê?

– Tom e eu vamos ao jantar anual da Associação Beneficente da Polícia e vamos voltar tarde. Seu irmão vai ficar com a vovó Carlino. Estou supondo que você não queira ir com ele.

A mãe de Tom até que é bacana e sempre tem nossos sorvetes favoritos no congelador (Rocky Road para mim, Cookie Dough para Petey), mas sou velha demais para dormir em uma bicama com meu irmão mais novo, enquanto nossos pais saem para farrear até de manhã.

– Não posso simplesmente ficar aqui? – pergunto. – Já tenho dezesseis anos. Eu dou conta.

– Você nos disse há pouco tempo que não se sente segura aqui sozinha.

– Tá – digo. – Vou falar com Rach.

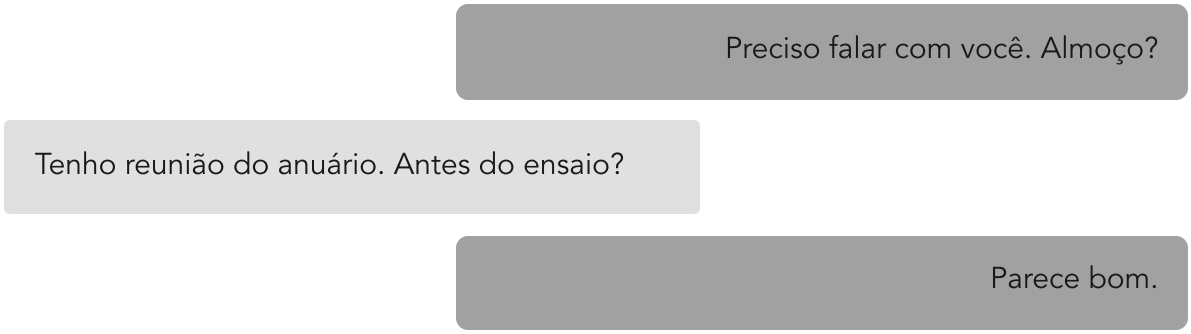
– Obrigada.

Minha mãe está se virando de costas quando uma coisa me ocorre.

– Mamãe, quem vai ficar na delegacia, se todo mundo vai ao jantar?

– Nem todo mundo vai – ela diz, ainda lutando com o brinco teimoso. – Mike vai ficar por lá, para o caso de acontecer alguma coisa.

Volto ao iogurte. Uso a ponta da colher para pressionar um morango fujão até esmagar, tingindo de vermelho a superfície do iogurte. Quando minha mãe sai, mando uma mensagem para Ginny.



Mando a mensagem, jogo fora o que sobrou do iogurte e acabo de me arrumar para ir para a escola.

Fica evidente, durante a reunião de avisos, que a febre do *homecoming* está a

todo vapor. Ainda faltam duas semanas para o jogo e o desfile, mas as pessoas já estão em campanha para compor a comissão. Fazer campanha era totalmente proibido quando eu era caloura, depois que um grupo de veteranos do time masculino de futebol fez um calendário com fotos sedutoras de si mesmos e uma foi parar direto no colo da senhora Zhang, a conselheira da comissão de alunos.

A senhora Barnes anuncia que a comissão de alunos vai fazer uma reunião aberta para todos os que quiserem participar da Noite Comunitária, e também que a biblioteca foi reaberta.

No almoço, Rach não está na mesa. Deslizo no banco ao lado de Alexa.

– Onde está Rach?

– Na tutoria – Alexa diz, esvaziando sobre a salada minúscula um sachê de molho *ranch* com baixo teor de gordura. – Ela tem até sexta para bater o Pré-cálculo e está surtando.

Atrás de nós, uma agitação. Um bando de caras do último ano está aprontando. Um deles derruba uma caixinha de ponche; forma-se um rio vermelho no piso. A senhora Brown grita com eles para que limpem, ou alguém vai ser mandado para a sala de reeducação disciplinar.

Joe Gabriel se abaixa para limpar o ponche de frutas, mas os caras ainda estão por perto, lançando olhares em nossa direção. Eu me viro para Alexa.

– Por que estão moscando aqui?

– Porque Jimmy quer convidar você para o *homecoming*.

Eu tinha me esquecido completamente de que as entradas para o *homecoming* começam a ser vendidas esta semana. Com a visão periférica, vejo Jimmy Varney me encarando. Ele dá um sorriso acanhado e levanta a mão.

Aceno de volta. Jimmy é gatinho e doce. É o tipo de cara que poderia suavizar minhas arestas afiadas. Mas, mesmo quando eu estava saindo com Matt, Alexa, Rach e eu saíamos para dançar como par uma da outra.

– Não quero me envolver com ninguém agora – digo.

Alexa corta uma fatia do tomate anêmico.

– Linda, Matt já era. Um cara bem gatinho está a fim de você. Se joga.

Não quero dizer a ela que não penso em Matt há semanas. Ela vai fazer perguntas e por nada no mundo vou contar sobre Brandon. Odeio sentir que não posso conversar com Rach e Alexa, mas não há uma só coisa que eu

pudesse contar às duas sobre as últimas semanas que não as deixaria horrorizadas.

– Jimmy está se juntando à equipe masculina de *kickline* – Alexa diz, sem notar o modo como de repente me tornei exageradamente interessada no meu sanduíche, para evitar os olhares dos garotos. – Ele vai estar na reunião de hoje.

Merda. Eu tinha esquecido totalmente dessa parte da Noite Comunitária. No ano passado, Alexa, Rach e eu escolhemos a música *Save a horse (ride a cowboy)* para a sequência de *kickline* masculina da nossa classe. Os caras improvisaram no meio, desabotoaram as camisas e as amarraram em volta da cabeça, o que nos rendeu uma dedução de cinco pontos, mas uma recepção bombástica do público. Ficamos em segundo, atrás dos veteranos.

– Acho que não vou conseguir este ano – digo para Alexa.

Ela me olha como se eu tivesse dito que estou com câncer.

– Por quê?

– Estou mal em Química – digo. Não é a verdade completa, mas quase poderia ser: minha média está por volta de 70, no momento. – Não tenho tempo, entre a lição de casa e os treinos.

– Você tem tempo para sair com Ginny Cordero – Alexa diz, olhando para o sachê de molho de salada.

– Ginny Cordero conhecia minha irmã. Às vezes quero estar perto de gente que realmente conversa sobre ela.

Talvez seja a coisa mais honesta que falei para Alexa ou Rach em semanas.

Mesmo parecendo magoada, Alexa não dá sequência ao assunto. Quando o sinal toca, percebo que só dei umas poucas mordidas no sanduíche. Tenho saudade de Alexa e Rach e não sei por quanto tempo vou conseguir sustentar isso, por quanto tempo consigo esconder o que está rolando.

A única coisa que posso fazer é torcer para que a verdade venha à tona e que elas me perdoem quando isso acontecer.

No último período há uma palestra sobre beber e dirigir. Os alunos do terceiro ano vão entrando no auditório; decido me separar da minha turma de ginástica e esperar por Ginny na porta lateral.

Ela levanta a mão e acena quando me vê e eu indico a última fileira da arquibancada, ao lado da cabine de iluminação. Normalmente essas cadeiras

são as primeiras a lotar, durante as reuniões, mas hoje tanto os meninos quanto as meninas estão disputando os assentos das fileiras da frente.

A razão está no palco: Mike Mejia está montando uma apresentação de PowerPoint junto com uma policial extremamente bonita, que eu nunca vi antes. Tom não comentou nada sobre Mike conduzir a palestra. Isso me incomoda um pouco, que Mike esteja por perto, dado o que estou prestes a contar para Ginny.

Ela e eu encontramos dois assentos no fim da última fila, depois de contornar um com manchas de aspecto especialmente nojento.

– Meu padrasto vai a um evento de arrecadação de fundos em Westchester na sexta à noite – digo, antes mesmo de dar oi. – A maioria dos policiais vai estar lá também. Exceto Mike. Aquele é Mike.

Aponto para o palco. Ginny entreabre os lábios, como se estivesse com dificuldade de processar o que acabo de despejar sobre ela. Mas quero contar tudo antes que a palestra comece e os professores nos mandem fazer silêncio.

– Pensei nisso o dia todo – digo. – Se eu conseguir encontrar um jeito de obter a chave da sala de Tom, posso passar por lá e fingir que preciso conversar com Mike. Posso criar algum tipo de distração e, quando ele estiver distraído, tirar o cartão de identidade dele do leitor e usar para entrar no banco de dados a partir do computador de Tom em casa.

– Você quer dizer roubar o cartão? Ele vai saber que foi você. E outra: e se o banco de dados mantiver um registro de quem acessa? Tom poderia ver que Mike acessou do computador doméstico dele e…

– Tá, tá, tem razão – digo, desanimada. – Eu me precipitei, acho. Esquece.

– Eu não falei que não vale uma tentativa – Ginny diz. – Mas você não pode roubar o cartão. Você tem de fazer que de algum jeito ele saia da delegacia, tipo uma emergência, e daí, se tivermos sorte e ele deixar o cartão no computador, você pode entrar no banco de dados e mandar os arquivos por email ou coisa assim.

No palco, Mike está conversando com a policial, braços cruzados no peito, ignorando as meninas apoiadas contra o poço da orquestra, fazendo de tudo para obter sua atenção.

Eu me viro para Ginny.

– Mas como faço para Mike sair por tempo suficiente?

– Você quer dizer "nós". Como *fazemos* para que ele saia.

A intensidade na voz dela me surpreende, tal como me surpreendeu no outro dia, na cozinha.

– Ginny, se me pegarem, estou ferrada. Não faz sentido ferrar nós duas.

– Eu não vou te abandonar agora – ela diz. – Isto é muita coisa para fazer sozinha.

Não consigo raciocinar direito, com o barulho no auditório. Quero lhe dizer que sim, claro que preciso dela, mas tem um tipo de força invisível me puxando para trás. Uma consciência, acho.

– Não posso te pedir para fazer isso.

– Você não está pedindo. Quando foi que você me pediu ajuda? – As bochechas dela estão totalmente vermelhas. – Eu ofereci ajuda. Eu *quero* ajudar você.

Sinto uma pressão atrás dos olhos.

– Certo, mas por quê? Por que *me* ajudar? Eu não sou como Jen.

Paro pouco antes de dizer *não sou boa como ela*. Prefiro morrer a ouvir Ginny mentir na minha cara que eu sou como Jen, que eu sou boa.

Mas Ginny não mente. Isso eu sei. Ela simplesmente olha para mim e diz:

– Na verdade, não é a você que estou ajudando. Jen não merecia aquilo. Nenhuma das meninas merecia.

Não sei o que dizer; olho para o palco lá embaixo, onde Mike está arrumando o microfone para a palestra. Atrás dele, a policial está percorrendo um PowerPoint com fotos de cenas sangrentas de acidentes, certificando-se de que o projetor está com foco.

Mike dá batidinhas no microfone, provoca apitos estridentes de estática pelo auditório. Isso concentra a atenção de todo mundo no palco. O diretor Heinz se aproxima de Mike para falar ao microfone.

– Senhoras e senhores, façam silêncio. Os agentes Mejia e DiBiase fizeram a gentileza de doar seu tempo…

Ele é abafado pelo barulho no salão. A senhora Coughlin, parada na base no andar de cima, enfia dois dedos na boca e dá um assobio agudo que nos cala a todos.

– Vocês vão dar a estes agentes sua total atenção – ela diz, antes de se sentar.

No palco, Mike limpa a garganta. Mantenho os olhos fixos nele, minha

cabeça gira. Enquanto ele está apresentando a agente DiBiase, que motiva gritos de aprovação dos caras no salão, eu me inclino e cochicho ao ouvido de Ginny:

– Como diabos vamos conseguir tirá-lo da estação por mais que uns poucos minutos?

Ginny está olhando para o PowerPoint na tela, para a imagem de um carro acidentado.

– Não é óbvio?

Na sexta à noite, Petey e eu nos acomodamos no banco de trás do carro de Tom. Ele põe o braço no assento de minha mãe enquanto dá ré; ela se afasta dele e deliberadamente ajeita o cabelo com uma mão.

Os olhos de Tom encontram os meus pelo retrovisor.

– Para qual casa estamos indo? A da Fulana Um ou a da Fulana Dois?

– Nenhuma delas – digo. – Vou ficar com a minha amiga Ginny.

– Ginny? Quem é Ginny? – Tom se vira para minha mãe.

– Eu a conheci outro dia – mamãe diz. – Ela está na equipe de dança. Parece uma menina boazinha.

Petey abre a boca, sem dúvida para se intrometer e contar a Tom sobre nossa excursão à biblioteca com Ginny, e eu o chuto na canela.

– Vai para a direita saindo da garagem. A casa dela é a oitenta e quatro.

– Nesta rua? – Tom soa surpreso.

– Eu falei para a mamãe que poderia ir a pé.

Minha mãe fica em silêncio; sei que ela não confiou que eu iria direto para a casa de Ginny, ou mesmo que eu sequer fosse para a casa dela, mas não vai se atrever a dizer isso na frente de Tom.

Menos de um minuto depois, Tom encosta em frente à casa de Ginny. A visão do carro na entrada me faz soltar o ar. Ela está de volta após levar a mãe ao trabalho, então meus pais não vão me encher quanto a haver ou não algum adulto na casa.

– Bem, vejo vocês amanhã, tchau. – Estou saindo do assento traseiro, quando minha mãe diz meu nome.

– Tem certeza de que a mãe de Ginny está em casa? – ela pergunta.

– Está, este é o carro dela. – Ajeito no ombro a alça da mochila de dança.

Minha mãe mastiga o interior da bochecha. Sei que ela quer me irritar, sair do carro, tocar a campainha e ver por si mesma, mas Petey está berrando: "São seis e trinta e três e você falou pra vovó que a gente ia pra lá às seis e meia!".

Mamãe suspira.

– Por favor, venha para casa quando acordar amanhã.

– Deixa comigo. Tchau. – Aceno uma última vez antes de fechar a porta. Tom se afasta e eu subo a entrada para carros, o coração socando as costelas por eu ter escapado por pouco.

Ginny abre a porta antes que eu bata. Um gato preto e branco aos pés dela me lança um olhar e sai correndo pelo corredor.

– Oi. – Ela me apressa em direção à cozinha e no caminho derruba uma mesinha no vestíbulo. Um porta-retratos cai; eu me abaixo para pegar, mas Ginny diz para eu não me preocupar com aquilo, só deixar lá. Percebo que ela deve ter estado à janela, à minha espera, quando chegamos.

Ela para de repente e vira-se para mim, como se tivesse esquecido alguma coisa.

– Você jantou? Eu poderia preparar alguma coisa…

– Acho que, se eu tentasse comer qualquer coisa agora, provavelmente vomitaria.

Ela me dá um ligeiro sorriso.

– Ótimo, porque sinto o mesmo.

Uso o lavabo ao lado da cozinha: é a terceira pausa que faço para fazer xixi na última hora. Quando termino, Ginny está sentada à mesa da cozinha. O gato escala o encosto da cadeira dela e pula na mesa.

Mantenho distância quando me sento.

– Qual o nome dele?

– Panda – Ginny diz. – É menina.

Um lado da cara dela é preto, e entendo de onde vem o nome. Ela se senta na mesa e me encara. Gatos não confiam em mim. Sinceramente, eu não os culpo.

– Odeio usar Mike desse jeito – digo para Ginny. – Não consigo parar de pensar como ele vai se sentir quando você ligar para o 911.

– Vai dar tudo certo – ela diz. – Talvez outro agente esteja de serviço esta noite, e não podemos arriscar que outra pessoa, e não Mike, pegue a chamada. Ele vai perceber rapidinho que foi alarme falso.

Ela parece muito segura de si, mas meu estômago é uma panela de pressão de ansiedade. E não apenas porque me dá náuseas fazer uma chamada falsa ao 911 sobre alguém invadindo o quintal de Mike.

Estudamos o plano uma dúzia de vezes ao longo da semana, e ainda não consegui contar a Ginny sobre a parte dele que está realmente me preocupando.

Panda cutuca o braço de Ginny. Ela se levanta e ruma para o balcão, onde está um saco grande de Friskies. Panda salta sobre o balcão e chega ao petisco antes dela.

Enquanto ela está de costas, inspiro profundamente.

– Estou muito nervosa com uma coisa. Que Mike fique desconfiado se eu disser que fui lá só pra dar um oi.

Ginny se vira para mim, a testa franzida.

– Mas é por isso que você está levando jantar para ele.

– Eu sei, mas e se ele não estiver no computador? Preciso que ele entre no banco de dados que a Daphne mencionou. Isso elimina o problema de ele potencialmente não estar logado.

Um suspiro escapa dos lábios de Ginny.

– Não acredito que não pensei nisso.

Meu coração sobe até a garganta, enquanto Ginny dá o biscoitinho a Panda. *Simplesmente diga*.

Engulo em seco.

– E se eu dissesse a ele que você precisa de ajuda para encontrar seu pai?

– Meu pai? – Ginny se cala, ainda segurando a embalagem de Friskies. – Eu sei onde meu pai está.

E é por isso que eu sabia que não deveria ter tocado no assunto. A expressão no rosto dela, agora… Nunca me senti uma merda tão grande quanto agora.

– Desculpa. Pensei que você tinha dito que ele foi embora e que você não falava com ele.

– Ele foi. E eu não falo. – Ela está se recolhendo em si mesma, uma expressão alheia nos olhos.

– Olha, esquece – digo. – Eu vou inventar outra desculpa…

– Não – ela diz. Olha para mim como se estivesse saindo de um transe. – Tudo bem. Pode perguntar a ele sobre o meu pai. Não é como se Mike fosse

perceber a diferença.

Ela me oferece um sorriso como se dissesse *De verdade, está tudo bem*, porém, ao se virar, vejo que se dissolve em seu rosto.

Às 19h10 Ginny e eu estamos no estacionamento da 7-Eleven em frente à delegacia, a seis metros do telefone público que Ginny vai usar quando eu lhe der o ok. Estou com uma sacola enorme do McDonald's no colo, aquecendo minhas coxas.

– Isso pode dar uma merda federal rapidinho – digo.

– Talvez. – Ginny estala as articulações de cada dedo, depois, distraidamente, enfia o polegar na boca. Dou um tapa em sua mão.

– Desculpa – digo. – Mas você tem dedos lindos. Deveria realmente deixar crescer as unhas.

Ginny estica os dedos diante de si e ri como se nunca os tivesse visto antes.

– "Dedos lindos"?

– Tá, concordo que ficou meio estranho.

Ginny abre um sorriso. Um dos dentes dela tem uma pontinha lascada, que nunca notei.

– *Muito* estranho. Quem fala isso?

Sorrio mesmo sem querer e em seguida estamos ambas gargalhando, e daí um cara grandalhão sai do 7-Eleven gritando com a mulher que vem atrás dele. Ginny e eu nos calamos e me lembro de por que estamos ali, o que fomos fazer, e de repente tenho vontade de vomitar.

– Olha só – ela diz delicadamente. – Você não precisa fazer isso.

– Foi a única ideia que me sobrou.

Ela concorda com a cabeça.

– Se você mudar de ideia, ou se alguma coisa começar a dar errado, me manda uma palavra, um código ou coisa assim.

– Tipo uma senha?

O lábio superior dela treme quando ri.

– É, tipo isso.

Dou risada, porque não sei o que mais fazer e porque é bom.

– E qual deveria ser?

Chutamos uma porção de frases saídas direto de um romance erótico, antes

de lembrar como tudo isso é sério e combinar *pare*.

Meus dedos tremem quando vou abrir a fivela do cinto de segurança. Estico a mão para o trinco da porta e Ginny me chama.

– Você consegue – ela diz. – Tenho a maior fé em você.

Pelo menos alguém tem. Faço um gesto com a cabeça e rumo para as portas duplas da delegacia.

Nunca vi a senhora atrás da escrivaninha da recepção, mas ela sabe quem eu sou.

– O agente Carlino estará fora a noite toda, meu bem. Jantar da Associação Beneficente da Polícia.

– Ah, eu sei. Queria dar um oi para o tio Mike. – Nunca na vida eu chamei Mike de "tio". Mas essa mulher não sabe disso. Suspendo a sacola do McDonald's e dou um grande sorriso inocente. – Trouxe jantar para ele.

– Que docinho, você – a mulher diz. – Acho que ele está prestes a fazer um intervalo. Sabe onde é a sala dele?

– Descendo o corredor, à esquerda. – Sorrio para a mulher outra vez e ela sorri de volta, indicando com a cabeça para que eu entre.

Isso vai me sair pela culatra.

Solto os ombros tentando parecer relaxada, e não como se estivesse prestes a cometer um crime, quando abro a portinhola do balcão e rumo para o corredor. Em uma das baias da sala coletiva, a policial da palestra, a agente DiBiase, está tomando Big Gulp e mexendo no computador. Ela não me vê.

Merda, merda. Eu deveria saber que Mike não seria o único policial de plantão esta noite. Passo pela sala coletiva e, adiante no corredor, escrevo para Ginny: *A mulher está aqui também!*

Ela responde imediatamente: *Não entre em pânico. Lembre-se da chamada para o 911.*

Inspiro. A porta da sala de Mike está aberta. Bato de leve no batente e aguardo à soleira.

Mike levanta os olhos do computador e fica radiante, feliz de me ver.

– E aí, garota?

– Oi. Eu trouxe isto para você. – Pouso a sacola do McDonald's na mesa dele.

Os olhos dele se iluminam, enquanto remexe o conteúdo.

– O que eu fiz para merecer ser mimado assim?

– Nada – digo. Eu poderia morrer de culpa, agora. – Ouvi dizer que você estaria aqui sozinho e pensei que talvez não fosse ter intervalo para jantar.

Mike levanta as sobrancelhas.

– Você precisa de um favor, né?

Sinto o rosto corar.

– Só de um pequenininho.

– Fico um pouco ofendido por você achar que precisava me subornar – Mike diz, mas já está devorando o Big Mac. Ele engole, e um fiapinho de alface fica preso no lábio inferior dele.

– Bom. – Sento na cadeira em frente à mesa dele e balanço o celular no joelho, enquanto Mike limpa a boca. – É o tipo de coisa que não fico à vontade para pedir a Tom.

– Em outras palavras, você não quer que ele saiba sobre isto.

Eu me remexo na cadeira, desconfortável. Mike pousa o hambúrguer.

– Você está encrencada ou coisa assim?

– Não, nada do tipo. Minha amiga precisa de ajuda para encontrar o pai. Ele foi embora há cinco anos e ela não teve mais notícias.

Mike põe os dedos sob o queixo. Assente.

– E é só isso… Tom não sabe que tenho amizade com essa menina. O pai dela tinha um monte de B.O. por dirigir bêbado – digo. – Não quero que ele fique julgando a minha amiga nem nada disso.

Mike pega o Big Mac de volta. Examina o recheio.

– Você se lembrou de pedir picles extras.

– Claro. Então, você acha que pode ajudar?

Mike desvia o olhar de mim. Mexe no mouse e traz o computador à vida.

– Eu não vi você. Você nunca esteve aqui.

Solto o ar e olho para a tela do computador, enquanto Mike clica em um ícone no desktop. O papel de parede dele é uma fotografia com a esposa, Anna, e a enteada dele, Danielle. Bochechas espremidas umas contra as outras, abóboras nos braços. Penso na pequena família de Mike em casa, a esposa grávida dando banho em Danielle.

Minha mão fica suada em cima do telefone, enquanto imagino mandar a mensagem para Ginny. *Pare*. Uma palavra poderia encerrar tudo isso.

Mike vai ficar apavorado a caminho de casa. Será o trajeto mais longo de sua

vida, preocupado com a segurança de sua família.

Mas só vai durar dez minutos, quinze no máximo. E, agora que estou aqui, só tenho duas opções: tentar entrar naquele arquivo ou abandonar totalmente o plano.

Tiro a mão do celular.

– Muito bem. Qual o nome do pai da sua amiga? – Mike pergunta.

Na tela, ele abriu o banco de dados que vi há algumas semanas no computador de Tom. Olho para o gabinete do computador; o cartão de identificação de Mike, com foto, está inserido no mesmo leitor de cartões que Tom tem em casa.

Preciso engolir para eliminar o som de sangue pulsando nos meus ouvidos.

– Phil Cordero. Como você vai procurar?

– Se ele foi preso, como você falou, ele vai aparecer no banco de dados do Estado. Se eu conseguir puxar uma carteira de habilitação ou coisa assim, vai ser mais fácil rastreá-lo.

Agora que ele está com o banco de dados aberto, preciso puxar o gatilho. Afasto os pensamentos sobre tudo que poderia dar errado, como Mike tirar o cartão de identificação do leitor antes de sair, ou insistir que eu saia da sala junto com ele…

Escrevo para Ginny. *Vai. Faz.*

Meus ouvidos zumbem, enquanto Mike rola a página de resultados que o banco de dados oferece à busca por Phil Cordero.

– Ele morava na Pond Way número 84?

Assinto.

– Isso. Minha amiga e a mãe dela ainda moram lá.

Meus batimentos estão acelerados. Mike murmura para si mesmo enquanto continua rolando a página.

E daí o rádio sobre a mesa dá um estalido.

"Central, preciso de um agente para a North Howell's Road. Mulher passeando com o cachorro ligou sobre uma pessoa suspeita escalando um muro, possivelmente armada…"

Mike agarra o rádio.

– Qual o endereço da casa?

– Ela acha que é um, cinco, meia. Não tinha certeza.

Mike se levanta da cadeira com um pulo. Passa a mão pelo rosto. Meu estômago vai para os pés.

– Monica, preciso ir – ele diz, com o rosto cinzento. – Lamento muito, é a minha casa.

Minha voz está trêmula quando me levanto.

– Espero que esteja tudo bem.

Quando ele se vira e tira o casaco do gancho atrás da mesa, dou uma cotovelada na Diet Coke gigante. Faz um som de granizo quando cai no chão, cubos de gelo se espalhando por todo lado. Mike dá um pulo para trás para evitar ser atingido.

– Merda, desculpe. Vou limpar tudo – digo.

– Não se preocupe com isso – Mike diz, mas, antes de poder discutir e me dizer para deixar assim, já está fora da sala. Gritando para a mulher atrás da mesa da recepção para ligar para a casa dele, dizer à esposa que tranque as portas e feche as janelas.

E se foi. O único barulho na sala é meu batimento cardíaco. Não me lembro de alguma vez já ter sentido tanto nojo de mim mesma. Nem mesmo depois do que aconteceu com Brandon.

Meu telefone vibra com uma mensagem de Ginny. *Acabei de vê-lo sair. A outra policial foi com ele.*

Enfio o telefone no bolso de trás da calça e sento-me na cadeira dele atrás da mesa. Uma fotocópia da carteira de habilitação de Phillip Cordero está na tela. Clico de volta à página inicial e faço uma busca por Juliana Ruiz.

RUIZ, JULIANA. HOMICÍDIO
STATUS: NÃO RESOLVIDO/INATIVO

Não consigo fazer isso. Há coisas aqui que não serei capaz de esquecer. Fotografias da cena do crime. Fotografias delas.

Mas Ginny já fez a chamada. Mike está a caminho de casa e, embora não vá encontrar nenhum invasor no quintal, ele e a família vão passar a noite com medo. Se eu não pegar o arquivo, terá sido tudo em vão.

Enxugo os dedos suados nos joelhos e abro o arquivo.

Há dúzias de subpastas. Pastas nomeadas com jargões que não entendo. Meu coração se acelera; não há a menor possibilidade de checar tudo antes que Mike

retorne, ou antes que a mulher na recepção se dê conta de que continuo aqui e venha me procurar.

Rolo a página para baixo e paro quando vejo uma pasta chamada *Depoimentos escritos*.

Há diversos arquivos em PDF na pasta. Depoimentos escaneados. Minha respiração fica presa na garganta; eu não fazia ideia de que a polícia havia conversado com tanta gente. Sinto uma onda de ira indignada: é claro que Daphne estava errada. A polícia fez, *sim*, o trabalho dela.

Aperto control + P. Um aviso alerta que o arquivo tem mais de cinquenta páginas e pergunta se tenho certeza de querer imprimir. Olho para a porta. Aperto *sim*.

Enquanto a impressora no canto vai cuspindo as páginas, olho por cima os depoimentos na tela. Nos rabiscos cheios de volteios de uma mulher, identifico o nome Jack Canning. Está assinado *Alice Berry*. Quando chego ao fim do PDF, a impressora dá um zumbido e silencia.

Passos no corredor. Clico para fechar o banco de dados e salto da cadeira de Mike. Pego um guardanapo da sacola do McDonald's e enxugo a Diet Coke que pinga no canto da mesa dele.

A recepcionista enfia a cabeça pela porta, de olhos arregalados.

– Oh.

– Eu só queria limpar isto. – Eu me posiciono de modo a impedir que ela veja a impressora.

A mulher faz um gesto com a mão.

– Não se preocupe com isso. Vou pegar umas toalhas de papel do banheiro.

Quando ela sai da sala de Mike, apanho o maço de folhas na bandeja da impressora. Enfio tudo na mochila e saio para o corredor. Sigo apressada para a recepção.

Uma luzinha vermelha pisca na câmera de segurança presa acima da porta. Mantenho os olhos baixos e saio para a rua. Aperto o passo até a esquina e me apoio no poste de telefonia, meu estômago bombeando ácido.

Ginny se aproxima no carro da mãe; seus olhos são órbitas brancas na noite. Abro a porta e desabo no banco.

– Consegui.

Ela fica calada enquanto o carro se afasta. Observo a delegacia diminuir, no

espelho lateral. Quando estamos de volta à avenida, eu me forço a verbalizar "Encosta".

Ginny acende o pisca-alerta. Aproxima-se do acostamento. Eu me inclino para fora do carro ainda em movimento e vomito, os braços em volta da barriga.

Não sai nada. Um suor frio se espalha por meu corpo. Fecho os olhos e deixo que os batimentos nos meus ouvidos abafem o som dos carros que passam por nós a toda velocidade.

Estou sentada à mesa na cozinha de Ginny, com o rosto enterrado nas mãos. Afasto-as e olho para cima quando Ginny me cutuca no ombro. Ela pousa na minha frente uma caneca de água quente.

– Eu não sabia se você queria um ou então dois. – Ela me mostra um punhado de sachês de chocolate em pó. – Eu sempre uso dois – ela acrescenta.

Pego dois sachês.

– Pensei que eu fosse a única que faz isso.

Ela sorri e senta-se na cadeira em frente. Envolve a caneca com as mãos, o sorriso sumindo aos poucos.

– Eu informei um nome e um número falsos para a telefonista do 911.

– E tem certeza de que ninguém viu você na cabine telefônica?

Ela com certeza não aguenta mais que eu fique perguntando isso, mas simplesmente assente.

– Absoluta. – Ela me encara. – Você está legal?

Tomo um gole da caneca. Lambo um pouquinho de chocolate em pó doce, granulado, preso no lábio. O que acabamos de fazer a Mike e à família dele não é nem um pouco legal.

O baque de algo caindo na mesa nos faz dar um pulo. Panda gira em volta do porta-guardanapos. Entorta o pescocinho, fareja o chocolate quente de Ginny. Ela e eu olhamos uma para a outra e trocamos uma risada nervosa.

Meu olhar pousa sobre a pilha de papéis entre nós. O de Ginny segue o meu. A gata senta-se nas patas traseiras, bate o rabo na mesa. Ela me encara fixamente, os olhos brilhantes parecendo dizer *Bem, o que está esperando?*

Divido a pilha em dois e empurro a metade inferior na direção de Ginny. Enquanto ela avalia o tamanho da pilha, pego uma caneta na mochila e viro a

folha de rosto do primeiro depoimento à minha frente. Rabisco *Linha do tempo* no alto da página.

A primeira página está preenchida com uma caligrafia trêmula, inclinada. Praticamente ilegível. Pulo para o rodapé e vejo que está assinada pelo senhor Joseph Brenner; ele morava em frente aos Berrys. Viro a página e vejo a seguinte da pilha – felizmente, alguém datilografou o depoimento do senhor Brenner.

> …quando eu estava levando o lixo para fora, por volta das 21h45, notei uma picape parada na rua em frente ao meu vizinho, na diagonal em relação à casa dos Berrys. Uma garota miúda, de cabelo escuro, saiu do veículo e atravessou a rua. Acenei para ela quando ela entrou na entrada para carros dos Berrys, mas ela pareceu não me ver. A picape continuou estacionada na porta vizinha, com o motor ligado. Eu entrei, fiz um chá e arrumei a cozinha. Antes de ir para a cama, olhei pela janela e notei que a picape tinha ido embora.

Digo de supetão:

– Mais alguém viu a picape.

Ginny levanta a cabeça depressa.

Seguro o papel, um tremor de excitação percorrendo meu braço.

– Esse homem, senhor Brenner, eu o conheci. Ele morava mais para baixo na nossa rua, na frente de Susan. Ele nos dava moedas no Halloween. – Torno a ler o depoimento. – Você viu alguma coisa sobre quando Juliana e Susan voltaram da montagem do carro alegórico para casa?

Ginny franze a testa. Folheia as páginas que já leu. Para.

– Este aqui é do pai de Juliana. Ele falou que foi buscar as duas pouco depois das nove e que as deixou na casa dos Berrys por volta das nove e vinte.

Olho mais uma vez para as palavras do senhor Brenner. *Uma garota miúda, de cabelo escuro.* Tem de ter sido Juliana. Mas, se o senhor Ruiz deixou as meninas às nove e vinte, o que Juliana estava fazendo, saindo de uma picape às quinze para as dez?

Uma garota miúda, de cabelo escuro. Isto não pode estar certo. O senhor Brenner falou que viu alguém deixar Juliana às nove e quarenta e cinco.

Ginny empurra o papel na minha direção.

– Olha. O pai da Juliana disse que até acompanhou ambas até a porta e perguntou se tinham certeza de que não queriam ficar na casa da família dele,

mas Susan respondeu que não podia deixar o cachorro sozinho a noite toda.

Ela está certa. O senhor Ruiz falou que a montagem do carro alegórico acabou às nove e que ele deixou as meninas dentro de casa no máximo às nove e vinte.

Se o senhor Brenner se enganou, e não foi Juliana que ele viu sair da picape e entrar na casa de Susan… significa que havia uma terceira menina naquela noite.

Uma menina que foi poupada.

Mas se foi mesmo Juliana…

– Ela saiu da casa de Susan para se encontrar com alguém – digo. – A pessoa que estava estacionada ao lado da casa do senhor Brenner; ela provavelmente encontrou esse indivíduo dentro da picape dele.

– Ele diz que isso aconteceu às nove e quarenta e cinco? – Ginny para. – Ethan falou que ele viu a discussão no deque por volta das dez.

Dou um gole no chocolate, agora frio há muito tempo.

– Então a pessoa que Juliana encontrou a seguiu até a casa depois que o senhor Brenner voltou para dentro.

Um calafrio sobe pelas minhas costas. *Ele esperou. Ele esperou até que ninguém pudesse vê-lo.*

Mas alguém o viu: Ethan.

Ginny verbaliza o que eu estava pensando:

– Por que a polícia não deu sequência ao depoimento do senhor Brenner?

O relógio do forno informa que já passa das dez. Faz quase duas horas que estamos na cozinha.

– Ele era muito velho, tipo noventa e alguma coisa, parece. Acho que pensaram que ele se confundiu com o que viu. – Esfrego os olhos. – Ou talvez tenham investigado, mas não deu em nada.

Volto a me encostar na cadeira, a náusea subindo em ondas.

– E se não tiver nada aqui? Eu poderia ter metido nós duas em problemas sérios a troco de nada. – Não consigo nem cogitar a possibilidade de que na verdade nós não escapamos ilesas e de que Mike vai descobrir o que eu fiz. – Desculpa – digo para Ginny. – Eu quase destruí tudo.

Ginny tamborila na alça da caneca. Tem uma mancha de sangue seco no polegar dela, onde a cutícula encontra a pele.

– Monica? Podemos, por favor, manter o foco?

Assinto, a garganta apertada. Voltamos à leitura; sinto os olhos cada vez mais pesados. Por volta da meia-noite, levanto a cabeça e vejo Ginny dormindo profundamente, usando a pilha dela de depoimentos como travesseiro.

Estico o braço e a cutuco com a caneta. Ela se mexe e pisca.

– Acho que está na hora de encerrar – digo. – De toda forma, não encontrei nada útil.

Ginny boceja.

– Nem eu.

Reunimos os papéis, guardamos em uma pasta que Ginny encontra na gaveta da cozinha e coloco tudo na sacola de dormir fora. Espio o pijama em cima da sacola.

Ginny os espia e diz, bocejando de novo:

– Meu quarto é lá em cima.

Eu a sigo pela escada, fazendo uma parada no banheiro do lado oposto do corredor para escovar os dentes e mudar de roupa.

No quarto de Ginny, uma cama de solteiro está encostada na parede. Há luzinhas de Natal penduradas de um lado a outro no teto; em todos os intervalos entre as lâmpadas há uma foto presa com pregador de roupa. Vejo uma de um grupo de meninas usando maiô de ginástica. Ao lado, uma de Ginny em ação, de pé na base das barras assimétricas, braços acima da cabeça, no movimento para a barra superior.

Paro de olhar, consciente de que Ginny está me observando do *closet*.

– Você sente saudade? – pergunto.

Ela dá de ombros.

– Às vezes sinto. Mas na maior parte do tempo isso me lembra de quando as coisas estavam ruins.

Engulo, pensando na reação dela quando mencionei seu pai. Ginny volta para o *closet*. Sai de lá segurando um cobertor de lã e o estica por cima do tapete. Senta-se nele, de pernas cruzadas, e afofa o travesseiro a seu lado no chão.

– Eu durmo no chão – digo.

– Está tudo bem.

– Não, sério. Não vou te expulsar da própria cama. – Sento-me ao lado dela

no cobertor.

Ela suspira.

– Bom, não vamos as duas dormir aqui embaixo. Cabemos as duas na cama, se deitarmos invertidas.

– Combinado, é um acordo justo.

Subo na cama primeiro e me aproximo o máximo possível da parede, para dar espaço a Ginny. Ela deita e se acomoda, os pés de meia a centímetros de mim, e estica o braço para apagar a luz na parede junto ao pé da cama. Deveria ser estranho dividir a cama com uma pessoa que mal conheço, mas não é.

– Posso perguntar uma coisa? – digo, quebrando o silêncio.

Ginny se mexe no travesseiro.

– Aham.

– Você já fez alguma coisa da qual acha que nunca vai conseguir se perdoar por ter feito?

Ginny congela.

– Tipo o que fizemos esta noite?

– Não sei. – Penso nos lábios de Brandon no meu pescoço. No olhar da minha mãe quando minha médica a trouxe para dentro da sala de exames. Como ela me perguntou o que eu queria fazer. Respondi automaticamente; eu tinha dedicado mais reflexão a cortes de cabelo.

Engulo.

– Você acha que fazer uma cagada é menos cagada se você acreditar de verdade que não tinha escolha?

O assobio do vento nas árvores, para lá da janela, preenche o silêncio do quarto.

– Acho – ela diz, após um instante. Parece que ela quer dizer mais alguma coisa, mas sinto que ela se vira de lado e abandona o assunto.

Quando abro os olhos poucas horas depois, com a boca seca por causa do chocolate quente, eu me viro, incerta sobre como vou conseguir sair da cama e encontrar um copo de água sem incomodar Ginny. Mas o espaço onde ela adormeceu está vazio.

Saio do quarto para o corredor. A porta do quarto em frente ao de Ginny está aberta, o luar entrando pela janela iluminando a cama vazia. O quarto da mãe dela.

As tábuas do piso gemem sob meus pés quando avanço para a ponta do corredor. Tento me fazer não pesar nada, ao dar passos minúsculos pelos degraus. Estou no meio da escada quando vejo uma silhueta na janela saliente da sala de estar.

Ginny está sentada no parapeito, virada para a direção oposta a mim. Joelhos puxados para o peito, braços apertando-os o máximo possível. Por alguma razão, a imagem dela sentada ali, olhando para a rua, a pele pálida, quase espectral sob a lua, me faz sentir como se tivesse flagrado alguém pelado.

Subo a escada de volta e sigo pelo corredor até o quarto de Ginny. Até porque esqueci por que me levantei.



Capítulo 14

Acordo sozinha na cama outra vez. Meu telefone me diz que são sete e vinte; o turno da mãe de Ginny no hospital termina em dez minutos. Ginny deve ter saído há pouco para ir buscá-la.

Desfaço o coque e passo os dedos pelo cabelo. Minha mãe me disse para ir direto para casa quando acordasse, e não quero dar a ela nenhuma razão plausível para duvidar de que estive na casa de Ginny a noite toda. Tom pode ser policial, mas minha mãe é quem vai me interrogar até que minha história desabe.

Enfio as coisas na sacola de dormir fora e desço. Um Post-it está grudado na maçaneta. *Não precisa trancar*. Nunca tinha visto a caligrafia de Ginny antes; é caprichada e despretensiosa.

Minha mãe está faxinando loucamente a bancada da cozinha quando chego em casa, o que significa que ela bebeu demais ontem à noite. Ela só entra nesse estado quando está de ressaca; uma pessoa vem limpar nossa casa duas vezes por mês.

Nesta manhã ela está até usando as luvas de borracha. Largo a mochila de dança no balcão da cozinha para anunciar minha presença e ela gira nos calcanhares. Sua expressão cai quando me vê, como se ela estivesse esperando alguém melhor.

– Como foi o jantar? – pergunto, animada.

– Difícil. – Ela pousa o produto de limpeza na bancada. – Precisamos nos

sentar ao lado de Heidi Coughlin.

– A senhora Coughling? – Essa mulher é uma pentelha, não consigo me manter longe dela. – Por que ela estava em um jantar da Associação Beneficente da Polícia?

– O pai dela foi morto em serviço, alguns anos atrás. Ela vai todos os anos, em memória dele.

Mantenho os olhos na fruteira sobre o balcão. Escolho a banana menos machucada e tiro a casca. Mamãe nunca suportou a mãe de Colleen. Ela e minha irmã se encolhiam toda vez que o nome da senhora Coughlin aparecia no identificador de chamadas do telefone de casa. *Acho que todas as mães das animadoras deveriam usar jaquetas térmicas combinando com as das garotas! Como vai contribuir para a festa, senhora Carlino? Todas as outras mães já concordaram em ajudar com alguma coisa!*

A força do olhar da minha mãe é tão intensa que não consigo continuar ignorando. Ela está me observando daquele jeito assustador, em que não sei dizer o que fiz para que ficasse tão brava.

– Ela disse que pediu sua ajuda para organizar uma cerimônia *in memoriam*, mas que nunca recebeu resposta.

Claro que a senhora Coughlin ia dizer alguma coisa. Ela sempre foi um pé no saco.

– Ela não me pediu pessoalmente. Foi o senhor Demarco.

Os olhos de mamãe chispam.

– Eu quis dizer a ela que minha filha nunca seria tão sem consideração. Deveria ter dito?

– Desculpe. Se você quiser, direi a ela na segunda-feira que vou ajudar.

– Você pode fazer o que quiser, Monica – ela diz, como se não desse a mínima. Eu quase preferiria que ela tivesse gritado comigo.

Ela retoma a limpeza e sinto que deveria me desculpar de novo. Mas não consigo me forçar a fazer isso. Seja como for, nunca faz a menor diferença.

Após uma noite maldormida na cama de outra pessoa, estou cansada o suficiente para tirar um cochilo, apesar de meu corpo ainda estar acelerado pelos eventos de ontem à noite. Acordo por volta das dez com o celular tocando. Ver o nome de Mike Mejia na tela me faz entrar em pânico.

Merda, merda, merda. Ele sabe. Penso em deixar cair na caixa de recados, mas sei que vai ser pior se eu fizer isso. Ele vai ligar para Tom se eu não atender. Talvez eu possa convencê-lo a não contar para ele. Tomo fôlego. Atendo.

– Oi – cantarolo.

– E aí, garota? Desculpe fugir de você às pressas ontem à noite.

Solto a respiração com tanto barulho que tenho certeza de que ele escuta.

– Não se desculpe. Está tudo bem?

– Está, está. Alarme falso. Uma mulher de voz histérica pensou ter visto um arrombador. De toda forma, está tudo bem.

Meus nervos se acalmam um pouco; até me permito me divertir com a descrição que ele faz de Ginny.

– Que bom.

– Então, verifiquei o histórico do pai da sua amiga – Mike diz. – Não sei quanto ela te contou, mas descobri umas coisas bem pesadas.

Eu me endireito na cama. Não achei que Mike iria realmente checar o pai de Ginny.

– Ah, bom, ela comentou que Tom o mandou encostar, por dirigir bêbado.

Uma batida leve, um pouco de estática, como se Mike estivesse tamborilando os dedos no telefone.

– Talvez ela devesse contar sobre a outra coisa.

Ginny deve ter sabido que Mike ia investigar o pai dela quando concordou em usá-lo como artifício. Ela deve ter imaginado que Mike me contaria, e uma parte dela estava de acordo com isso.

– Não acho que ela queira ver o pai nem nada disso – digo. – Ela só quer saber onde ele está.

– Bem, parece que o documento da caminhonete dele está vencido. O único endereço que consta da ficha dele é a casa aqui em Sunnybrook.

– O que isso significa?

– Significa que ele poderia estar em praticamente qualquer lugar. Mas deve estar se mantendo longe de problemas. Faz cinco anos que não recebe nem uma multa de trânsito.

– Cinco anos? – Ginny não mencionou que o pai dela foi embora no ano em que minha irmã e as outras garotas morreram.

– Isso mesmo. Parece que ele saiu da cidade antes de uma audiência agendada

no tribunal. Ele não apareceu.

– Quando era a data da audiência? – pergunto.

– Me dá um segundo. – O som de teclas batendo, na ponta da linha de Mike, imita os batimentos do meu coração. – Trinta de outubro.

Três dias depois que Juliana e Susan foram assassinadas. Preciso me sentar.

– A audiência era sobre o quê?

– Sobre uma coisa que provavelmente o levaria a ser preso. Não me sinto bem em contar mais do que isso, Monica. – Mike suspira. – Em resumo, o cara desapareceu. E provavelmente foi uma bênção disfarçada para a sua amiga.

Mas ela diz que sabe onde ele está. Ou Ginny mentiu ou sabe onde o pai está escondido, e o está protegendo.

– Bem, preciso ir. Estou trabalhando dobrado aqui, enquanto os outros dormem para curar a ressaca do jantar beneficente – Mike diz. – Desculpe não poder ajudar mais.

– Não, imagina. Obrigada. – Meus pensamentos estão confusos e misturados; não quero que ele desligue. Não quando algo que disse está me espetando.

– Espera – digo. – Você falou que Phil Cordero dirigia uma caminhonete. Sabe de qual tipo?

– Uma Sierra da GM, 2005 – Mike diz. – De aluguel.

– Isso é uma picape?

– É, sim – ele confirma. – E bem ruim.

– Obrigada – eu me forço a dizer, a náusea crescendo no meu estômago.

– Posso tentar ajudar a sua amiga, se ela realmente quiser encontrar o pai – Mike diz. – Mas talvez seja melhor ela não ir adiante com isso. Quando um membro da família vai embora… Bom, se procurar com afinco, provavelmente encontrará alguma coisa que vai te fazer desejar não ter procurado.

Fico sem saber o que dizer. Ginny me disse que sabia onde o pai estava.

– Monica? Ainda está aí?

– Estou. Preciso ir. Mas obrigada.

– Tranquilo. Aliás, obrigado por derramar uma Diet Coke enorme na minha sala.

Eu forço uma risada para acompanhar a dele, e Mike encerra a ligação.

Abro meu email e resgato o histórico de conversas com Daphne Furman. Abro

uma nova página.

Oi, Daphne,
Você acha que seu amigo investigador particular poderia procurar uma pessoa para mim? O nome dele é Phil Cordero e ele morava em Sunnybrook até cinco anos atrás.

Estou sentindo dormência na ponta dos dedos. É muito errado fazer isso sem que a Ginny saiba.

Mas ela mentiu para mim sobre saber onde o pai está. Ou é isso ou ela realmente sabe onde ele está e o está protegendo, apesar de ele ter faltado à audiência no tribunal.

Fecho os olhos e repasso todas as interações que tive com Ginny. As palavras que ela falou no outro dia me perseguem. *Na verdade, não é a você que eu estou ajudando.*

E se ela já desconfiasse de que Jack Canning não matou Susan e Juliana? E se ela estava me ajudando a esclarecer a dúvida que tinha na cabeça, sobre o próprio pai estar envolvido, e no processo descobriu algo que desejava não ter descoberto?

Aperto o "enviar", com a voz de Mike ecoando na memória: *se procurar com afinco, provavelmente encontrará alguma coisa que vai te fazer desejar não ter procurado.*



Capítulo 15

Temos outro ensaio de sábado hoje. Minha mãe me deixa na escola a caminho do teatro, para a sessão das duas da tarde de *A importância de ser prudente*. Enquanto ela está se afastando do meio-fio, a mãe de Ginny encosta. Ela dá um beijo rápido no rosto da filha e fico chocada com a aparência jovem dela.

Só de observá-las por alguns poucos momentos você já vê que não há uma parede de tensão entre Ginny e a mãe dela como há entre mim e a minha. Tudo na relação delas parece fácil.

Quando Ginny sai do carro, a mãe dela me flagra olhando, e antes de ir embora ela acena para nós duas, sorrindo como se eu fosse uma velha amiga, embora ela não faça ideia de quem eu seja.

Sorrio de volta para a mãe de Ginny.

– A sua mãe é muito bonita – digo, quando Ginny chega perto.

– A maioria das pessoas acha que ela é minha irmã. – Ginny ajeita a bolsa de carteiro no ombro. – Ela tinha vinte e um anos quando me teve.

Contenho o impulso de provocá-la para obter mais informações sobre a família dela, sobre o pai. Observo-a enquanto passamos pela porta do ginásio; a treinadora deixou aberta para nós. Ginny está olhando para baixo, para as mãos, esfregando uma cicatriz na junta.

Onde ela fez isso? Quem ela é de verdade?

Quem diabos sou eu, duvidando dela apenas porque o pai dirigia uma picape?

O astral no ginásio é sinistro. Uma das meninas do segundo ano está de muletas, parada na frente da treinadora. Ela não consegue nem olhar de frente para a treinadora, enquanto gagueja "E-eu ca-caí".

Um tornozelo estirado, obtido quando o menino que a levava de cavalinho durante uma festa, ontem à noite, a deixou cair. Uma semana de molho longe do ensaio. Uma vida, em termos de competição. A treinadora mal olha na cara dela.

Meus olhos encontram os de Rachel; ela está de pé no canto, olhando pálida para mim. Vou até ela; ela me agarra pelo braço e cochicha:

– Alexa me escreveu. Acabou de acordar, porra.

A treinadora faz o restante de nós pagar por isso. Cinquenta abdominais e várias voltas ao redor do ginásio. Quando Alexa entra correndo, quinze minutos depois, todo mundo lança a ela olhares mortais. Esse é o *modus operandi* da treinadora. Punir o grupo pelos pecados de uns poucos. Colocar-nos umas contra as outras.

A treinadora nos diz para descansar por cinco minutos. Até Rachel se recusa a olhar para Alexa, quando vai encher a garrafa de água no bebedouro do corredor. Enquanto Lex praticamente se joga aos pés da treinadora, despejando pedidos de desculpa, eu procuro Ginny.

Está sentada na arquibancada, tomando Gatorade. Sento-me perto dela, agravando uma dor de estômago pavorosa.

– Oi.

Ela bebe mais do Gatorade e enxuga o vermelho que a bebida lhe deixou no lábio superior.

– Oi.

Ambas observamos a treinadora, de pé ao lado das caixas de som, de braços cruzados, analisando-nos como se fôssemos um grupo particularmente decepcionante de animais de zoológico. Alexa está no banco abaixo, amarrando os cadarços, bem desanimada. Eu não esperava que a conversa dela com a treinadora fosse longa. Vários metros além de Lex, a aluna do segundo ano que se machucou está sentada na arquibancada, o tornozelo enfaixado apoiado no banco. Ao lado dela, outra menina do segundo ano está curvada sobre si mesma, os braços apoiados nos joelhos, parecendo sofrer de espasmos secos de vômito.

Eu me viro para Ginny:

– A treinadora vai nos mandar para o túmulo antes de chegarmos às competições regionais.

Ela dá mais um gole no Gatorade.

– Ela obviamente não entende a Convenção de Genebra. Nós não somos responsáveis pelos crimes delas.

Com a cabeça, Ginny indica Alexa e a segundanista. Seu rosto absolutamente inexpressivo provoca em mim uma risada nervosa. Por alguma razão, minhas mãos estão tremendo. Enfio-as debaixo das coxas.

Ginny para com a garrafa de Gatorade a poucos centímetros da boca.

– O que foi? Você está nervosa.

Ginny me falou que eu podia pedir a Mike para procurar o pai dela. Mas mandar um email para Daphne sobre ele passou do limite. Não sei se ela vai me perdoar se eu contar.

Inspiro fundo. Opto por uma meia-verdade.

– O parceiro do meu padrasto, Mike, telefonou hoje de manhã.

Ginny olha ao redor. Baixa a voz:

– Ele sabe que a gente…

– Não, não é nada disso.

Ginny cutuca o rótulo da garrafa de Gatorade. Espera.

– Ele me ligou para falar do seu pai – digo. – Ele procurou.

Seus dedos se imobilizam.

– O que ele te contou?

– Nada. – Minha pulsação se acelera. – Ele só falou que fez a pesquisa e não conseguiu encontrar.

A mandíbula de Ginny se tensiona; percebo que isso soa como se eu a estivesse acusando de ter mentido.

A voz da treinadora preenche o ginásio.

– Mais dois minutos!

Estou tentando reelaborar o que falei quando, mais abaixo na arquibancada, Kelsey B deixa o pé cair no banco com um barulho alto.

– Nem a pau que já passaram cinco minutos.

Estremeço. Observo quando a treinadora encara Kelsey com uma expressão sinistra de calmaria.

– Mais dez voltas.

Um gemido ecoa pelo ginásio. Ao meu lado, Ginny não dá mostras de ter escutado a treinadora. Sua voz mal passa de um sussurro.

– O que mais Mike disse sobre o meu pai?

– Nada – digo, um pouco rápido demais.

A picape. A data em que ele saiu da cidade. Engulo em seco. Eu não deveria ter dito nada; não tenho chance de me explicar. Em silêncio, Ginny se levanta da arquibancada e se junta às garotas, que começaram a segunda rodada de voltas. Ela não me olha na cara de novo pelo resto do treino.

Está chovendo de novo e só para lá pelas dez da noite. Estou à escrivaninha no meu quarto, observando a casa do outro lado da rua, mesmo sabendo que Ethan não vai voltar.

A troca de emails com Daphne Furman está aberta no laptop, minha última mensagem ainda não respondida.

A luz do poste lá fora está borrada atrás da chuva que escorre na minha janela. *Eu não confio nele.* Isso foi o que Ginny disse sobre Ethan mais de uma vez. Ela parecia convencida de que ele estava mentindo sobre o que tinha visto do lado de fora da casa dos Berrys.

Ou ela queria convencer a *mim* de que ele estava mentindo.

Volto à pilha de papéis que Ginny e eu não lemos. O senhor Brenner não conseguiu descrever a picape, mas pode ter havido alguma outra pessoa na rua que a tivesse visto e se lembrasse do modelo e da cor.

Folheio os depoimentos, pulando aqueles redigidos com uma caligrafia familiar. Paro em uma página coberta por uma escrita quase ilegível. Viro em busca da versão datilografada.

O depoimento é da senhora Diane Cullen. Endereço: Norwood Drive, 54. Espio a data na página: 19 de abril. Seis meses antes dos assassinatos. O campo chamado *Incidente* contém três palavras: *queixa de vizinho*.

A versão datilografada do depoimento de Diane Cullen tem apenas um parágrafo:

> Na noite de 18 de abril, cheguei em casa por volta das oito e meia e encontrei o portão aberto. Várias das minhas flores tinham sido pisoteadas, como se alguém houvesse pulado a cerca para entrar no jardim dos fundos. Nada foi roubado de minha

casa, mas creio que o invasor tenha sido o senhor Jack Canning, que mora na Norwood Drive, 61. Diversos outros vizinhos em minha rua relataram incidentes estranhos, e acreditamos que o senhor Canning esteja por trás deles. De fato, os vizinhos dele precisaram instalar uma cerca para privacidade, devido ao fato de o senhor Canning ficar observando a filha deles tomando banho de sol ao lado da piscina.

Leio o depoimento três vezes. Os Berrys tinham uma cerca de privacidade ao redor do jardim dos fundos. Os novos proprietários a retiraram quando refizeram o jardim; eu tinha me esquecido desse detalhe, enquanto Ethan estava contando para Ginny e para mim sobre o que viu do bosque naquela noite.

Então, Ethan McCready não poderia ter visto *nada* do bosque; não teria conseguido enxergar por cima da cerca e para dentro do jardim, a menos que tivesse três metros de altura.

Uma sensação incômoda se infiltra no meu estômago. A história de Ethan sobre o que viu é bobagem, e a polícia sabia. Foi por isso que nunca incorporaram o depoimento dele: não por causa de alguma conspiração para manter Ethan de boca fechada, mas porque ele é um mentiroso.

Inspiro fundo tentando controlar minha raiva fervente. Nós roubamos estes arquivos por causa do que Ethan nos contou. Ginny não confiava em Ethan e eu não dei ouvidos a ela, e, graças à minha impulsividade, agora ela está pê da vida comigo.

Preciso encontrar um jeito de pedir desculpas. Por insinuar que ela é mentirosa, pelo que deduzi sobre o pai dela, por quase nos mandar para a cadeia por roubo de evidência, por tudo. Vou encontrar um modo de consertar as coisas.

Depois de trocar umas palavrinhas com Ethan McCready.

Ethan vai fazer turno duplo no domingo e não pode me encontrar antes de segunda-feira à noite. Insisto em segunda de manhã, antes de ir para a escola.

No domingo à noite, digo para Rachel que preciso ir para a escola mais cedo para uma tutoria em Química, e digo para minha mãe que Rachel e eu precisamos ir para a escola mais cedo para uma tutoria extra. Quando mamãe entra no chuveiro, umas 6h15 naquela manhã, vou de fininho até a garagem e monto na bicicleta.

Osprey Lake fica a um quilômetro e meio da minha casa e a oitocentos metros da escola. Toda manhã tem gente correndo e passeadores de cachorro na trilha que circunda o lago. Um lugar público em plena luz do dia.

Consegui que Ethan concordasse em se encontrar comigo ao mandar uma mensagem dizendo ter encontrado uma coisa estranha entre as coisas da minha irmã e afirmando querer mostrar a ele. Eu sabia que ele cairia, era obcecado pela minha irmã. Por mais que me revire o estômago, agitar Jen na frente de Ethan McCready é minha melhor chance de conseguir arrancar alguma coisa dele.

Empurro a bike até um banco vazio sob um olmo. O céu está rosado acima do lago. Eu mal dormi, mas meu corpo está desperto e bombando. Pego a térmica de café no cestinho da bicicleta e encaixo entre os joelhos, enquanto tiro o celular da mochila.

São 6h35. Estou cinco minutos atrasada e Ethan ainda não chegou. O nó no meu estômago se aperta.

Alguém senta-se na ponta oposta do banco e eu levanto a cabeça: vejo Ethan baixar o capuz do moletom. Ele tira os fones do ouvido e esfrega os olhos, que estão vermelhos e com olheiras.

Por um instante, nenhum dos dois diz nada. Daí ele boceja. Diz:

– Cadê a sua amiga?

– Ela não está muito feliz comigo, no momento.

– Que droga. – Ethan se espreguiça. Ouço as articulações do pescoço estalando. – Ela não pareceu gostar muito de mim também. Do que foi que ela me chamou? Um teórico da conspiração maluco?

– E você a culpa? – Sinto meus batimentos se acelerando. – Você mentiu na nossa cara.

Ethan pisca, confuso.

– Sobre o que os meus amigos viram na noite do acidente?

– Não isso – digo. – Quando você falou sobre o que viu nos fundos da casa dos Berrys, eu me esqueci da cerca. Eles puseram uma bem alta, por causa de Jack Canning.

Ethan não diz nada. A adrenalina inunda meu corpo, encurta minha respiração e faz meus dedos tremerem. Odeio que ele tenha me enganado e tenha misteriosamente perdido a capacidade da fala, agora que o confrontei.

Não vou sair daqui até descobrir por que ele mentiu para mim.

Uma folha de olmo, escarlate e cheia de veios, cai no joelho de Ethan. Ele a espana para longe. A mandíbula está tensa; o rosto, inexpressivo. Uma mulher com dois grandes labradores pretos na coleira passa por nós. Os cachorros param para fazer xixi em uma árvore a poucos metros de nós. Resisto à vontade de gritar com Ethan.

– Você não viu ninguém no deque dos fundos da casa de Susan. Você não poderia ter visto ninguém do bosque, porque ninguém poderia ver *nada* por cima daquela cerca.

Quando Ethan finalmente desembucha, a voz é monótona.

– Eu não estava no bosque. Eu estava saindo da sua casa.

Reprimo uma risada rouca.

– Você esteve na *minha* casa.

– Jen me pôs para dentro – Ethan diz. – Eu saí pela janela do quarto dela. O que ficava em cima da garagem. Eu estava no telhado quando vi o que estava acontecendo no jardim dos fundos da casa de Susan.

– Você estava no quarto de Jen – falo devagar.

Não há um pingo de constrangimento no rosto de Ethan, mas ele começa a sacudir o joelho como se estivesse nervoso.

– Não foi isso. Ela estava bem mal. Eu só fiquei com ela até que pegasse no sono. Não quis acordar e pedir que me botasse discretamente para fora de novo, então saí pela janela. Machuquei a perna quando pulei do telhado da garagem.

Fecho os olhos. Estou de volta ao quarto de Jen, espiando pela janela acima da garagem, tentando obter um vislumbre dela e de Juliana, três casas abaixo, tomando sol na piscina de Susan. Qualquer um no telhado da garagem teria tido uma visão perfeita do deque dos fundos.

– De que cor era o quarto dela? – pergunto.

Ethan me encara, pisca.

– O quê?

– O quarto de Jen. Para eu saber se você esteve mesmo lá dentro.

O joelho dele para de balançar. Ele olha para o lago.

– Não me lembro da cor das paredes. A colcha era rosa-clara e franzida, pregueada ou sei lá como se chama. E ela tinha foto das amigas por todo lado.

Quando fecho os olhos de novo, consigo ver tudo. Eu me lembro da sensação daquela colcha sob os joelhos quando subi atrás da minha irmã e trancei o cabelo dela para o velório de Juliana. A voz de Ethan me traz de volta.

– Então agora você sabe por que mudei um pouco meu depoimento – ele diz. – Se seu padrasto descobrisse que eu estava no telhado fora do quarto de Jen naquela noite, eu não teria vivido o suficiente para contar nada à polícia, porque Tom teria mandado me matar.

– É, mas seu depoimento foi inútil – digo. – A polícia sabia que era impossível que você tivesse visto alguma coisa se estivesse no bosque atrás da casa dos Berrys. Daria no mesmo se você não tivesse falado nada.

– Na época, mentir me pareceu uma opção melhor do que não fazer nada.

Quando não respondo, Ethan suspira.

– Eu planejei te contar na cafeteria o que realmente aconteceu. Mas, quando te vi, tive medo. Nunca falei com ninguém sobre Jen antes.

Penso no bilhete com a caligrafia de Jen. *Eu não estou bem.* A tristeza me espeta. Não quero chegar ao ponto de imaginar o que teria acontecido se Ethan *tivesse* contado imediatamente a alguém sobre aquele bilhete.

– Por que você não fala sobre ela?

– Quem iria acreditar em mim? Quem iria sinceramente acreditar que alguém como Jen Rayburn e eu… – Ethan fecha a boca. Apoia a mão no joelho, a perna balançando de novo. Ansiando por um cigarro, concluo. Tom fazia a mesma coisa quando parou, dez anos atrás.

Minha garganta está apertada.

– Alguém como Jen e você o quê?

Ethan dá de ombros.

– Sei lá. Ela se foi antes que eu pudesse descobrir.

Do lado oposto do rio, vejo o contorno de um ônibus avançar pela Osprey Road. Pego o celular; faltam dez para as sete. Preciso sair daqui a pouco ou chegarei atrasada, mas quero continuar sentada aqui, conversando sobre a minha irmã. Vim aqui para descobrir por que Ethan mentiu sobre o que viu naquela noite, e, agora que sei que ele não mentiu, estou exatamente no ponto de partida. Separando dúzias de peças que podem até não pertencer ao mesmo quebra-cabeça: os assassinatos.

Ethan me observa.

– No que você está pensando?

Meus pensamentos estão acelerados demais para que eu consiga transformá-los em palavras. Ethan viu Juliana Ruiz discutindo com a pessoa que a matou, que pode ou não ser o proprietário da picape que o senhor Brenner viu. Um cara misterioso cujo nome nunca surgiu na investigação, muito provavelmente porque ninguém jamais teve motivo para suspeitar dele. Ele poderia ser qualquer um.

– Juliana Ruiz estava na sua lista – digo, por fim.

As bochechas de Ethan ficam vermelhas.

– Vamos voltar a isso? Você acha que eu as matei?

– Não, não acho, ou não chegaria nem perto de você. Mas parece que Juliana era o verdadeiro alvo naquela noite, então estou tentando entender por que alguém poderia querer matá-la.

– Eu não sei – Ethan diz. – Ela era muito popular. Todo mundo gostava dela.

– Todo mundo exceto você.

– Eu não *des*gostava dela. Acho que Juliana nunca me dirigiu uma palavra – Ethan diz. – Não sei dizer por que coloquei o nome dela na lista. Não sei dizer nem por que fiz aquela lista idiota, exceto pelo fato de que um bando de animadoras de torcida e jogadores de futebol me humilhou um dia, e cometi um erro.

Ethan leva a mão ao bolso e tira o isqueiro. Acende, mas não se move para pegar um cigarro ou seja lá o que for que ele fume. Após um momento, ele acrescenta:

– Juliana parecia legal. Sempre pareceu que Jen gostava mais dela que de Susan.

– Jen alguma vez contou algo sobre elas? Aparentemente, Jen e Susan estavam brigando, e isso deixou as coisas estranhas entre Juliana e Jen.

Ethan enfia o isqueiro no bolso.

– Jen não disse nada específico. Só que ela sentia estar perdendo as amigas.

– Você sabe com quem mais Juliana saía, além de Jen e Susan?

– Eu sempre a via com outras animadoras. Mesmo as mais velhas. Eu tinha ginástica no mesmo horário que ela, e ela estava sempre pendurada numa aluna esquisita, mais velha.

– Esquisita como?

– Não sei. Ela era lesada, mas sempre tentando parecer durona. Ela era nova.

– Carly Amato – digo.

– É, essa aí. Você conhece?

– Conversei com ela algumas semanas atrás – digo. – Ela me disse que mal conhecia Juliana.

Ethan acende o isqueiro de novo, mantém o olhar fixo na chama, que bruxuleia na brisa que sopra sobre nós.

– Bom, isso é asneira. As duas estavam sempre juntas.

Fico sem fala. Ethan me encara.

– Isso muda as coisas?

– Isso complica as coisas. – Minha cabeça gira. Quero explicar, mas vou mesmo me atrasar para a escola. – Tenho de ir.

Ethan assente. Ele me observa ajeitar a mochila no ombro. Parece que quer dizer mais alguma coisa. Retribuo o olhar fixo.

– O quê?

Ethan volta a encarar o isqueiro. Sua voz soa distante.

– Quando eu liguei para ela, naquela manhã, perguntei se estava bem. Ela disse que estava, e eu acreditei nela.

Eu paro, a alça da mochila escorrega pelo meu ombro. Engulo.

– Você não acha que ela fez aquilo.

Ethan levanta os olhos para encontrar os meus.

– Você acha?

– Vou para a frente e para trás – digo. – Às vezes não acredito que ela fizesse isso conosco. Às vezes penso que, talvez, se eu tivesse passado pelo que ela passou…

– Você se pergunta se iria se questionar se tivesse escolha.

Concordo com a cabeça. Ouvi-lo dizer isso é como levar um soco.

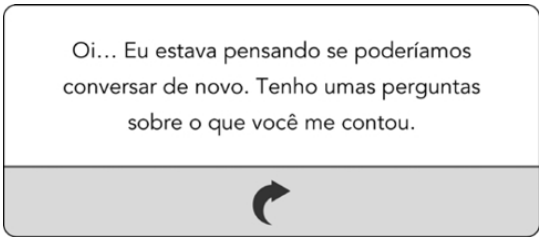
Ethan ainda está me analisando quando monto na bicicleta.

– Você acha que seria mais fácil se descobrisse que ela foi assassinada? – ele pergunta.

Reflito por um momento, esmagando o piso com os calcanhares.

– Só se eu descobrisse quem foi – digo, levantando o pezinho da bike e pedalando na direção da escola.

As aulas só vão começar daqui a quinze minutos, e por enquanto ainda não chegou nenhum ônibus. Prendo a bicicleta no suporte, minhas narinas vibrando devido ao cheiro de baseado pairando no ar. Não posso imaginar que os maconheiros já estão na escola assim tão cedo, e me pergunto se os boatos sobre o senhor Ward e os outros professores de Inglês brisando no estacionamento são verdadeiros. Antes de entrar, abro o perfil de Carly Amato no Facebook e mando uma nova mensagem.



Ginny está me esperando no meu armário.

– Sinto muito – ela diz. – Por sábado.

Ela escolhe as palavras cuidadosamente, como se não tivesse certeza de estar pedindo desculpas da forma correta. Tenho certeza de que não é algo que ela precise fazer com frequência.

– Você não fez nada errado. Eu não te escutei.

– Bom, mas eu não precisava ter surtado daquele jeito. – Ginny inspira e fecha os olhos. Abre-os. – Meu pai nos abandonou em 18 de outubro. Isso foi uma semana antes dos assassinatos.

Todo o meu sangue desce para os pés. Quando abro a boca para falar, Ginny levanta uma mão.

– Está tudo bem. Eu sei o que parece. Na semana em que foi embora, ele tinha batido na minha mãe, e ela finalmente decidiu prestar queixa.

Meu peito se aperta.

– Ginny, isso é terrível. Sinto muito.

– Eu sei. Então eu não gosto de conversar sobre ele.

Eu queria que o chão me engolisse. Qualquer coisa para fugir daquele olhar triste no rosto dela.

– Eu na verdade nunca pensei…

– Sério, está tudo bem. – Ela ajeita a mochila no ombro. – Vamos esquecer isso?

Assinto. O nó que eu tinha no peito desde sábado se afrouxa um pouco.

– O que você tem agora?

– Ciências – ela diz. – E você?

– Química. Eu vou te acompanhar.

Serpenteamos pelos grupos do lado de fora das salas de aula. Quando as pessoas ficam para trás, baixo a voz para que apenas Ginny possa me ouvir.

– Preciso contar uma coisa.

– O que é?

Espio o telefone; o perfil de Carly ainda está aberto. Atualizo, na esperança de que tenha respondido à minha mensagem quando a página for recarregada.

– Não dá tempo, antes do sinal – digo para Ginny. – Podemos conversar no almoço?

Ela assente.

– A senhora Goldberg está fora hoje, mas tenho a chave da sala dela. A gente pode se encontrar lá. Monica? Você está me ouvindo?

Estou encarando a tela do celular. A página foi recarregada, mas o perfil de Carly Amato sumiu e foi substituído por uma mensagem de erro.

– Qual o problema? – Ginny pergunta.

Olho para ela me sentindo um tanto chocada.

– Carly Amato acabou de me bloquear.

Jennifer

CINCO ANOS ANTES
OUTUBRO

Tom sempre falava que não existe isso de acidente. Ele voltava para casa contando histórias de adolescentes que batiam em postes porque estavam ao celular e idosos em Buicks engatando a primeira marcha em vez da ré e batendo em todos os carros do estacionamento.

– Não é acidente, poderia ter sido evitado.

Tom compartilhava as histórias durante o jantar, enquanto tinha uma plateia que não podia fugir. Ele queria que Jen e Monica soubessem, ele dizia, para quando começassem a dirigir. Queria que elas entendessem que mesmo a pior possibilidade poderia ser evitada por meio de habilidade e atenção.

Desde que Bethany Steiger bateu em uma árvore, matando a si mesma e a Colleen, porém, Tom não havia dito mais muita coisa.

Ninguém conseguiu explicar o que havia acontecido. Todos os que já tinham estado no carro com Bethany disseram que ela era boa motorista, e os registros do celular mostraram que ela não estava mandando mensagem na sexta à noite.

Naquela noite, depois que a mãe a despertou para lhe contar sobre o acidente, Jen havia esperado até Tom chegar em casa. Ele passou pelo sofá da sala onde ela estava encolhida, ouvindo a mãe falar ao telefone na cozinha. Passou direto por Jen, como se nem a tivesse visto.

Ela captou fragmentos do que ele contou à esposa. *O pior que já vi. Nem deu para dizer qual menina era qual. Um dos paramédicos vomitou para todo lado.* Ela ouviu choro, mas era de Tom.

Isso foi na sexta. Era noite de domingo, agora, e Jen estava encarando o *closet*. O único vestido preto que tinha era o que usara no casamento da prima, no verão. Ela podia usar a mesma roupa nas duas cerimônias? Alguém notaria?

Jen não sabia qual era a etiqueta social porque ninguém que ela conhecia já havia morrido. Ela achou estranho que em quinze anos não tivesse tido contato com a morte. Quase começara a pensar que a tragédia não poderia atingi-la. Mas daí aconteceu com Bethany e Colleen.

Allie cancelou o ensaio de animação de torcida pelo resto da semana, e a cerimônia de Bethany ocorreu primeiro.

O senhor Steiger era judeu, a senhora Steiger era católica, e Bethany fora criada fora de ambas as religiões. A família havia optado por uma cerimônia em uma casa funerária, em vez de um velório e um sepultamento tradicionais.

Como Petey e Monica tinham passado o fim de semana com faringite estreptocócica, a senhora Berry telefonou para a mãe de Jen na noite anterior e ofereceu-se para levar Jen à cerimônia de Bethany.

Jen não suportou a ideia de contar que ela e Susan não estavam se falando, então inventou uma desculpa sobre ela e Juliana precisarem fazer um projeto juntas; ela voltaria da escola para casa de ônibus com Jules e pegaria uma carona para a cerimônia com Juliana e a vizinha dela, uma menina mais velha da equipe.

De sua parte, Jules embarcou, embora tenha deixado claro como se sentia, por estar no meio da briga entre Susan e Jen. Elas mal conversaram no ônibus para a casa de Juliana; o choque e o horror pela morte de Bethany e Colleen pairavam sobre elas, mas, de certa forma, parecia que estavam lamentando a ausência de Susan também.

Agora Jen estava sentada na beira da cama de Juliana, endireitando a meia-calça que a mãe lhe comprara na loja de conveniência pela manhã. Jules estava no centro da cama, sentada de pernas cruzadas, a caixa de joias no colo, analisando o conteúdo. Seus grandes olhos castanhos estavam avermelhados. Ela havia chorado muito nos últimos dias, muito mais que as outras animadoras, apesar de Susan e Jen serem mais próximas de Colleen e de Bethany do que Jules era.

Juliana suspendeu um par de brincos de ouro de tachinha em forma de arcos.

– É inadequado usar joias em um velório?

– Não – Jen disse. – De toda forma, não é um funeral.

– Nunca fui a uma dessas coisas. – Jules guardou os brincos de volta e olhou para Jen. – Preciso que você faça uma coisa por mim esta noite.

Algo ferveu no estômago de Jen.

– O quê?

– Você vai falar com a Suz? Por mim?

Jen tirou um fiapinho solto da meia-calça.

– Não acho que esta noite seja o momento apropriado.

– Por quê? Tudo isso só prova que a vida é curta – Juliana disse. – E se alguma coisa acontecesse com ela enquanto vocês estão brigadas? Como você ia se sentir?

Juliana parou de remexer na caixa de joias, decidindo-se por uma cruz de ouro. Pôs a corrente ao redor do pescoço. Lutou com o fecho antes de levantar os olhos para encontrar os de Jen.

– Ajuda?

Jen engatinhou e encaixou o fecho na nuca de Juliana.

– Você sabe que isso é tudo bobagem, certo? O negócio sobre mim e Ethan.

Os ombros de Juliana se retesaram quando ouviu o nome dele. Ficou em silêncio por uns momentos. Bem quando Jen estava prestes a explodir, Juliana falou.

– Eu sei que você nunca iria querer machucar nenhuma de nós.

O coração de Jen parou. Aquilo não era bom o suficiente.

– O outro assunto. Sobre mim e ele… não é verdade.

Juliana se virou, ficou de frente para Jen.

– Eu sei. Mas, tipo, você tem de ver do ponto de vista de Suz. Estar na lista de alvos de alguém é de dar um baita medo, Jen.

– Eu sei – Jen disse, mas é claro que não sabia. Como poderia saber? Ela não estava na lista. – Foi pior ainda porque ela não veio me perguntar sobre o que viu no armário dele antes de ir falar com Heinz.

Os olhos de Juliana baixaram para a cruz que tinha no pescoço. Deslizou o dedo pela corrente.

– E o que você *pôs* no armário de Ethan?

– Nada. – Jen corou. – Não era nada. O ponto é que ela supôs o pior sem nem mesmo me perguntar.

– Talvez ela tenha sentido que não podia te perguntar.

– Ela disse isso?

Juliana não estava olhando para Jen.

– Eu também reparei. Você não é mais a mesma.

– A mesma que o quê?

– Não sei como explicar.

– Você pode pelo menos tentar? – Jen pediu.

– A antiga você me teria dito a verdade quando perguntei o que pôs no armário de Ethan McCready.

Uma batida à porta; a senhora Ruiz enfiou a cabeça no quarto e perguntou se elas estavam prontas para ir.

Jen não precisou ir atrás de Susan na cerimônia. Antes que começasse, enquanto Jen estava aguardando na cadeira, Susan se sentou ao lado dela. Do lado oposto do salão, onde Jules estava conversando com os pais de Bethany, Jen a flagrou olhando disfarçadamente para elas. Ela se perguntou se Juliana teria falado com Susan também.

– Não gosto disso – Susan falou para Jen.

– Nem eu.

Jen ouviu Susan inspirar fundo. Depois, delicadamente, ela apoiou a cabeça no ombro de Jen. Susan raramente era afetuosa.

– Me desculpe – ela disse.

– Me desculpe também. – Uma lágrima escura de rímel escorreu pelo rosto de Jen, caiu no vestido de Susan, mas ela não disse nada nem pareceu minimamente se importar.

Uma semana havia se passado desde o acidente de carro de Colleen e Bethany, e Jen estava notando uma mudança no astral da escola. Quase como um relâmpago antes da tempestade. A cada dia desde que haviam retomado, os ensaios de animação de torcida se tornavam menos sérios. As meninas começaram a rir outra vez, em surtos e sobressaltos.

Allie havia finalmente rearranjado a pirâmide para eliminar o vazio deixado por Bethany e Colleen.

Não deveria ser assim tão fácil, Jen pensou. *O luto não é para ser fácil.*

Ela sabia que era diferente para a senhora Coughlin, que, segundo rumores, tinha tirado licença pelo resto do ano, e para o senhor e a senhora Steiger, que estavam falando sobre vender a casa e ir embora de Sunnybrook. Jen não conseguia imaginar como os buracos nas respectivas vidas poderiam ser corrigidos por rearranjos e mudanças.

Até suas melhores amigas pareciam ter superado o acidente. Susan voltara a arrancar com os dentes as borrachinhas dos lápis, por ansiedade em relação ao

vestibular.

Quinta-feira foi o último ensaio antes da apresentação. A noite de sexta foi dedicada aos preparativos do fim de semana festivo: o carro alegórico, o anúncio da comissão do *homecoming*.

Quando Allie as liberou, naquela tarde, Jen se instalou na arquibancada com Juliana e Susan. Ouviu-se o *rrrip* do velcro quando Susan tirou a joelheira. Jen massageou a própria nuca, dolorida do chute que uma das atletas tinha acertado nela sem querer, ao ser arremessada para o alto em uma manobra aérea.

– Então – Juliana disse. – Tem uma festa no sábado à noite em Osprey's Bluff.

O estômago de Jen se contraiu. Depois do *homecoming* do ano anterior, elas haviam ido à casa de Levi Heckman. Levi era o primeiro da turma na classe delas, e eram amigas dele desde o fundamental 1. Os pais dele não se importavam com a bebida, desde que todo mundo ficasse do lado de fora. Jen, Susan e Juliana tinham ficado meio zonzas com o vinho gelado e dado Cheetos aos cavalos do estábulo.

– Pensei que íamos ao Levi de novo – Jen disse.

– Todo mundo vai estar no penhasco – Juliana disse.

Todo mundo que você acha importante, Jen teve vontade de resmungar.

Susan apertou a garrafa de água que tinha em mãos.

– Quem vai nos levar até o penhasco?

Susan, sempre preocupada com o funcionamento das coisas.

Juliana deu de ombros.

– Carly falou que poderíamos ir com um dos amigos dela.

– Eu não vou entrar em um carro com um aluno do último ano que nem conheço – Jen disse. – As pessoas são presas no penhasco o tempo todo. E meu padrasto é a droga de um policial.

– Vai dar tudo certo – Juliana disse. – Por que tudo é problema para você, de uns tempos para cá?

A garganta de Jen se fechou. Susan estava olhando para os tênis, amarrando os cadarços, embora eles tivessem sido amarrados com firmeza apenas um minuto antes.

Juliana se levantou, o assento da arquibancada gemeu sob elas.

– Preciso fazer xixi.

Quando ela se afastou, Susan se inclinou para a frente, cotovelos apoiados nos joelhos.

– Não entendo o que está rolando.

– Ela está mudada. – Jen afastou as lágrimas que se formavam.

– Você não percebe? – Susan disse. – Todas estamos mudando.

Os lábios de Jen se abriram, mas o som de alguma coisa batendo no armário a levou a fechar a boca. Ao lado de Jen, Susan pulou como um gato arisco. Houve o ruído perturbador de um tapa, seguido de um berro:

– Sua puta, me solta!

Uma menina estava apanhando.

Jen saltou sobre o banco e correu na direção do grito, sem olhar por cima do ombro para ver se Susan vinha atrás. Ela parou junto aos armários em frente à sala de atletismo.

Carly Amato segurava Allie por um punhado do cabelo. Jen se jogou entre as duas e tirou Carly de cima de Allie. Na confusão, o cotovelo de uma das meninas esmagou o queixo de Jen.

Jen recuou, os olhos marejando de dor. Allie avançou contra Carly, pôs as duas mãos nos ombros dela e a empurrou. Houve um estalo repugnante quando Carly caiu para trás, a cabeça loira batendo no armário como uma bola de borracha.

Atrás de Jen, a voz de Susan era entrecortada, trêmula.

– Será que a gente deveria chamar alguém?

Allie se virou para olhar para as meninas, como se finalmente percebesse que ela e Carly não estavam sozinhas. A torrente de adrenalina nas veias de Jen se acalmou. Ela sentiu que poderia vomitar. Jen se acercou de Carly, que estava amontoada contra um armário, massageando o queixo. Um filete de sangue escorria de um dos cantos da boca.

– Qual é o seu problema? – Jen gritou.

Carly inclinou a cabeça na direção da treinadora e estremeceu de dor.

– *Ela* partiu para cima de mim.

Todos os olhos se viraram para Allie. Observando de perto, Jen viu que Allie tinha se saído bem melhor na briga. O rabo de cavalo dela estava desfeito e a pele da testa estava vermelha, onde Carly tinha puxado seu cabelo, mas não

havia um arranhão nem ferimento nela.

A respiração difícil de Allie preenchia o silêncio, evidenciando que ela não ia negar a acusação de Carly. Em vez disso, ela abriu a mão até então fechada, revelando algo que cintilou à luz. Um brinco de argola de prata. Allie o atirou contra Carly. Ele quicou no peito dela e rolou pelo chão do vestiário.

Jen deu um passo para trás e acabou quase tropeçando em Susan quando Allie passou por elas. A porta do vestiário foi batida com força, levando Jen a se encolher tanto que seu braço instintivamente se levantou para proteger o rosto.

O lugar estava em silêncio quando Carly se levantou do chão. Lambeu o sangue acumulado na boca.

Antes que Jen pudesse dizer qualquer coisa, antes que qualquer uma delas se afastasse para lhe dar passagem, Carly irrompeu porta afora, na direção oposta à tomada por Allie.

Naquela noite Jen não conseguiu dormir. Cochilou depois da meia-noite, mas acordou poucas horas depois banhada em suor frio. Jen tocou a garganta; por um momento pensou que estivesse no vestiário e que Carly Amato estava com as mãos ao redor de seu pescoço, apertando…

Jen tentou engolir. A cabeça estava pesada e parecia haver lâminas em sua garganta. Cambaleou para fora da cama e foi ao banheiro, que dividia com a irmã. Uma palavra atravessou a névoa em sua mente: *doente*.

Ela não podia ficar doente. Não hoje.

Jen piscou ao acender a luz acima do espelho, abriu bem a boca. O fundo de sua garganta parecia carne crua.

O esquenta era depois da primeira aula, dali a poucas horas. Jen era base; sem ela, Allie precisaria rearranjar a pirâmide. Uma imagem atravessou sua cabeça latejante. Allie saindo como um furacão do vestiário; Carly Amato esparramada no chão, sangue escorrendo da boca. O queixo de Jen estava dolorido no lugar onde uma das duas a havia atingido com o cotovelo.

Jen vasculhou o armarinho de remédios até encontrar uma caixa de remédios para gripe. Ela tirou da embalagem um comprimido cavalar. Seu corpo lutou contra a deglutição.

Sua mãe a sacudia para acordá-la. Jen rolou, a nuca e o travesseiro molhados de suor. Ela não se lembrava de ter voltado para a cama nem de haver

adormecido.

– Você está queimando de febre – a mãe disse. Jen abriu a boca para falar; sua garganta estava viscosa.

– O esquenta – ela se forçou a dizer.

– Querida, você não vai fazer animação hoje. Vou ligar para a doutora Ramdeen.

Jen sentiu a luta abandonar seu corpo. Ela embarcou em um sono nebuloso e gemeu quando a mãe acendeu a luz e delicadamente lhe disse para se levantar.

Ela recebeu a médica de pijama. As mãos da doutora Ramdeen eram frias ao redor do pescoço de Jen quando ela massageou seus gânglios linfáticos.

A doutora Ramdeen tirou as luvas e as descartou na lixeira.

– Vou mandar a amostra para o laboratório, mas parece estreptococo.

– Quanto tempo – Jen gemeu – até sarar?

– O *homecoming* é amanhã – sua mãe disse da cadeira no canto do quarto. – Ela está no time de animadoras de torcida.

A doutora Ramdeen apertou o ombro de Jen.

– Sinto muito, querida. Isto é contagioso, e você não está em condição de voar.

Eu sou base, Jen quis dizer. *Posso me apresentar. Eu não preciso gritar…*

Como que antevendo um motim, a mãe de Jen se levantou.

– Quanto tempo, até os antibióticos ficarem prontos?

– Vou mandar a receita agora mesmo. – A doutora Ramdeen apertou de novo o ombro de Jen. Parou ao constatar a tristeza no olhar dela. – Haverá outros *homecomings*.

A ardência das lágrimas acompanhou Jen até o carro. Depois de afivelar o cinto de segurança, a mãe esticou o braço e pôs uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

– Minha filhota, é só um jogo de futebol.

– E o esquenta e o baile.

Ela conseguia sentir a paciência da mãe se esvaindo.

– Jennifer. Você está muito doente e isso é contagioso. Você quer passar estreptococo para Susan e Juliana?

A festa do pijama na casa de Susan. Jen havia se esquecido; os Berrys estavam em Vermont para um casamento, e Jen e Jules iam ficar com Susan essa noite,

depois da montagem do carro alegórico.

Agora Juliana ficaria sozinha com Susan. Jen devia ter-se sentido mal ao pensar nas amigas saindo sem ela. O que elas diriam?

Em vez disso, Jen sentiu uma onda de alívio.

O esquenta já teria acabado, agora. O celular de Jen tinha quase explodido de tantas mensagens enquanto ela estava no consultório da doutora Ramdeen. Várias eram de Juliana.

Cadê você??
Allie falou que você está doente??
Me respondeeeee

Jen digitou uma resposta:

Desculpa. Estava na médica. Ela falou que é estreptococo.

O quê?? Você ainda vem esta noite?

Mesmo que eu comece o antibiótico agora mesmo, ainda posso passar a doença até domingo.

O QUÊ? Você não vai ao baile nem ao penhasco amanhã também?

Ao penhasco eu não iria de qualquer forma, Jules.

Só não entendo o motivo.

Sério?

Sério.

Lá estava outra vez a ameaça de lágrimas. Jen estava tão cansada de chorar, de brigar com as amigas, de contornar todas as mentiras de Juliana.

Porque Carly é problema e não quero estar perto dela.

A pequena elipse que sinalizava que Jules estava digitando apareceu e desapareceu. Jen achou que ela acabaria não respondendo, até que:

É por isso que você vem agindo tão ridícula?

Eu sou ridícula?

Segundos depois de enviar a mensagem, Jen começou a digitar de novo, piscando para afastar os pontos de raiva diante dos olhos. A barragem havia finalmente se rompido.

Eu vi você depois da Noite Comunitária, entrando com ela em um carro estranho. Você está se drogando com Carly Amato, agora? Jesus Cristo, Jules, quem você se tornou?

A adrenalina bombava nas veias de Jen. Quando viu que Juliana estava digitando, sentiu um cubo de gelo descer por suas entranhas. Ela esperava que Jules disparasse de volta algo igualmente sórdido. Talvez uma acusação de que Jen estava *stalkeando* Carly e ela.

Ela nunca teria imaginado a resposta de Juliana:

Tenho tanta coisa para te contar. Não é o que você está pensando.

Mesmo? Porque eu vi Carly sair do banheiro, na feira do condado, e parecia total que ela tinha cheirado cocaína.

POR FAVOR. Eu vou te contar tudo.

Então me conta.

Você pode fugir mais tarde e ir para a casa de Suz, depois da montagem do carro alegórico? Tem que ser pessoalmente.

O carro apitou. Jen deu um pulo; a mãe sentou-se no banco do motorista segurando uma sacola de papel da farmácia. Jen virou o telefone e o apoiou no colo.

Mesmo depois de estar devidamente acomodada em casa, de ter engolido o antibiótico com um copo de Powerade, por insistência da mãe, Jen não escreveu de volta para Juliana. Ela não tinha a menor intenção de ficar acordada até que Juliana voltasse para casa depois de decorar o carro alegórico. Se Jules quisesse mesmo conversar, que viesse até ela.

Jen abriu a conversa com Juliana e mandou uma mensagem dizendo exatamente isso. Mal tinha dado meio-dia; Jules veria a mensagem e passaria lá depois da escola.

Ela vai vir, Jen pensou, já adormecendo. *Eu sei que vai*.

Jen acordou sobressaltada. O céu lá fora estava cor de índigo com manchas douradas. Tateou o lençol em busca do telefone. Eram quase oito horas.

Por que a mãe deixara que dormisse tanto? Jen engoliu, massageou os gânglios linfáticos. A garganta ainda doía, mas a dor de cabeça tinha sumido e a pele estava fresca ao toque.

Jen saiu da cama e desceu. A casa estava estranhamente tranquila para uma sexta-feira à noite. A cozinha estava vazia, as luzes, apagadas. Estava tudo em silêncio, exceto pelo zumbido da lavadora de louças trabalhando.

A mãe estava na sala, e-reader em uma mão, copo de vinho na outra.

– Cadê todo mundo?

A mãe virou a cabeça, parecendo surpresa por ver Jen.

– Monica foi dormir na casa de Rachel. Seu irmão está dormindo. Tom está no trabalho. Como você está?

– Um pouco melhor – Jen disse.

– Acha que consegue comer? Vou preparar alguma coisa. – A mãe se inclinou para pousar o copo de vinho na mesinha de centro.

– Não. Vou pegar um picolé.

Jen não quis que a mãe se mexesse. Havia algo de tão estranho na cena: a mãe, sem Monica nem Petey azucrinando. Era como encontrar Mango sentado calmamente ao lado de um gato. Jen não quis perturbar o momento.

– Avise caso queira alguma coisa mais tarde – sua mãe disse.

Quando Jen voltou para o quarto, foi para a janela. Conseguia ver a casa de Susan mais abaixo na rua, três casas além. A entrada de carros estava vazia, e os temporizadores ainda não haviam acendido as lâmpadas da varanda. Susan e Juliana ainda deviam estar na escola, trabalhando no carro alegórico.

Juliana não havia respondido.

No fim da rua, uma figura alta. Ethan.

O coração de Jen subiu à garganta. Ela abriu a janela perto da mesa. Tamborilou no vidro até obter um barulhinho. A pessoa levantou a cabeça. O brilho da lâmpada do poste banhou o rosto de Ethan em uma luz alaranjada.

Jen acenou. Ethan retribuiu cautelosamente.

Jen esticou um dedo. *Um minuto*. Ela abriu a gaveta em busca de um marca-texto. Tirou a tampa e rabiscou uma coisa em dois pedaços de papel de impressora.

Segurou os pedaços lado a lado junto à janela, torcendo para que os números fossem grandes o suficiente para que Ethan conseguisse ler da rua. Ethan piscou; a confusão em seu semblante se dissolveu. Ele tirou algo do bolso. Momentos depois, o celular de Jen vibrou na mesinha de cabeceira.

Oi.

Jen escreveu de volta:

Oi. Aonde está indo?

Lugar nenhum, na verdade.

Jen engoliu.

Quer entrar?

Ok.

Jen pensou na mãe, absorta no livro. Deu a Ethan instruções para encontrá-la no portão lateral.

Jen calçou os mocassins. Atravessou a cozinha em silêncio para não alertar Mango e destrancou a porta dos fundos. A grama do quintal fez cócegas em seus tornozelos.

Ethan estava do outro lado do portão. Jen abriu o trinco e o deixou entrar no quintal. Ele estava com as mãos no bolso do blusão de moletom.

Jen levou um dedo aos lábios e conduziu Ethan pela porta até a cozinha e dali para a escada. Seu coração golpeava a caixa torácica quando eles chegaram à porta do quarto. Que diabos ela estava pensando? Se a mãe os flagrasse… Se *Tom* descobrisse…

Uma calma a dominou quando Ethan entrou em seu quarto. Ela fechou a porta atrás deles e trancou, para o caso de a mãe subir para ver como ela estava. Ethan observava o quarto; Jen tentou enxergar o cômodo pelos olhos dele.

Será que ele só via os troféus de animação, o uniforme dobrado com capricho na cadeira ao lado do espelho de corpo inteiro? Ele reparava nas dúzias de fotografias das amigas, que agora mal faziam parte de sua vida?

Ethan começou a se sentar do lado oposto da cama.

Jen apertou os joelhos contra o peito e se espremeu contra a cabeceira.

– Estou com faringite estreptocócica.

– Vou ficar nesta ponta – Ethan disse. Ele se sentou na borda da cama, observou o pequeno espaço entre si e Jen. – Assim está bom?

Jen concordou com a cabeça, apesar de desejar que ele pudesse ficar mais perto. Analisou o rosto de Ethan. Assim de perto, sob a iluminação do quarto, ele parecia tão menos pensativo e sério. O cabelo dele caía quase divertidamente sobre a testa.

– Por que você caminha por aí de noite? – ela perguntou.

Ethan hesitou.

– Minha mãe. Ela está morrendo.

– Sinto muito.

– Tá tudo bem. Faz muito tempo que ela está doente. Às vezes é difícil ficar vendo.

Jen não soube o que dizer, mas Ethan parecia ansioso por mudar de assunto.

– E você? Está bem?

Jen deu de ombros.

– Não sei.

– Você pode conversar comigo a respeito, se quiser.

– É ridículo, comparado com o que você está passando.

Ethan sustentou seu olhar.

– Você não precisa fazer isso.

– Fazer o quê?

– Todo mundo enfrenta umas merdas, e em algum lugar sempre tem alguém se ferrando mais. Isso não torna menos real ou menos difícil o que você está sentindo. – Ethan deu de ombros. – Você pode me contar qual é o problema.

– Sinto que estou perdendo as minhas amigas – ela disse.

Ethan a estava observando, esperando que ela explicasse, mas, agora que Jen tinha dito aquilo em voz alta para alguém, não queria falar sobre as amigas. Ela não queria admitir que havia furtivamente seguido Juliana até o estacionamento nem que, às vezes, odiava o robô hipercompetitivo em que Susan estava se transformando. Jen não queria que Ethan visse a feiura dentro dela.

Assim, indicou os fones de ouvido pendurados para fora do capuz do moletom.

– O que você está sempre ouvindo?

Ethan tirou os fones, como se houvesse esquecido que estavam ali.

– Livros.

– Posso ouvir com você? – Jen perguntou.

A voz de Ethan era doce.

– Não sei se os fones chegam até você.

Jen o encarou de volta. A expressão no rosto dele a fez corar. Ele se aproximou aos poucos, até que ficaram a quinze centímetros de distância.

– Eu estou na fase contagiosa – ela cochichou.

– Eu não ligo. – Ethan se abaixou e ficou deitado de frente para ela. Ele

esticou o braço, afastou uma mecha de cabelo dela e encaixou um dos fones em seu ouvido.

A voz do narrador era suave. Jen não sabia sobre o que era a história, mas poderia ter escutado por horas.

Quando despertou, várias horas depois, o espaço a seu lado na cama estava vazio. Ela tateou, desesperada por algum sinal de que não havia imaginado a coisa toda.

No travesseiro ao lado dela, algo se amassou. Sua mão voltou de lá com um Post-it laranja grudado.

Você adormeceu no capítulo três.

Talvez possamos descobrir juntos o que acontece depois.



Capítulo 16

Caminhando para a sala de aula, tento raciocinar sobre a razão de Carly para me bloquear. Talvez eu tenha sido um pouco agressiva, na tentativa de fazê-la conversar comigo. Qualquer pessoa razoável teria fugido.

Mas há pouca evidência de que Carly Amato seja, de fato, uma pessoa razoável. Ela mentiu sobre a amizade com Juliana. Falou que *mal a conhecia*, o que simplesmente não é verdade.

Expulso Carly da cabeça quando chego à primeira aula. Não posso me dar ao luxo de bombar em outro teste de Química; ainda dá tempo de subir minha média neste bimestre, mas o senhor Franken vai chamar minha mãe se eu tirar menos de 70 hoje.

Coeficientes. Some os coeficientes primeiro.

Por que Carly mentiria?

Sacudo a cabeça e acrescento um O_2 à equação. Ao meu lado, flagro Dave Camarco olhando furtivamente para meu teste. Se não tivesse certeza de que o senhor Franken acusaria *a mim* de estar colando, eu me inclinaria na direção de Dave e cochicharia para ele *Boa sorte com isso*.

Sou a penúltima a terminar o teste. Depois que entrego e volto à carteira, tiro o telefone do bolso lateral da mochila, enquanto o senhor Franken está distraído grampeando fichas de avaliação às longas folhas de respostas.

– Monica.

Estremeço ao ouvir meu nome e fecho os olhos. Quando os abro, o senhor Franken está me encarando. Ele gesticula para que eu vá à frente da sala.

– Desculpe – murmuro, quando chego à mesa dele. – Eu só precisava dar uma olhadinha muito rápida numa coisa.

Em silêncio, ele suspende o cesto de arame onde guarda os celulares confiscados. Ponho o meu lá dentro e o senhor Franken me diz que posso pegar de volta no fim do dia. Quero chorar ao fazer o desfile da vergonha de volta para a carteira.

Estou tão ansiosa para conversar com Ginny sobre Carly ter me bloqueado que estou prestes a explodir. Sem meu celular, os minutos até o almoço se arrastam mais lentamente do que em geral. Quando o sinal bate depois da quinta aula, saio em disparada para a escada.

Quando chego à sala da senhora Goldberg, as luzes estão apagadas e a porta está trancada. Bato três vezes, mas não aparece ninguém. Tenho de lutar contra as lágrimas quando o sinal toca.

Eu me viro para ir para a cafeteria e quase trombo com Ginny.

– Desculpa – ela diz, sem fôlego. – Mandei mensagem avisando que ia me atrasar um pouco.

– O senhor Franken pegou meu telefone.

Uma voz masculina ecoa pelo corredor: um vigia está fazendo a ronda pós-sinal, para garantir que ninguém se demore. Ginny enfia uma chave na porta da senhora Goldberg, me empurra para dentro da sala e a tranca atrás de si.

Eu a sigo até a saleta dos fundos, onde ela pousa a embalagem com o almoço na mesa redonda no canto. Abaixo há um frigobar. Ginny tira um iogurte e me oferece, mas abano a cabeça.

Ela se joga em uma das cadeiras junto à mesa.

– O que está rolando?

– No sábado à noite, olhei os arquivos de novo. Descobri um de uma mulher da Norwood Drive que disse que Jack Canning invadiu o quintal dela; falou que os Berrys instalaram uma cerca de privacidade por causa dele. Eu não me lembrei na hora, mas é verdade. Eles tinham uma cerca bem alta ao redor do quintal.

Ginny inclina a cabeça um pouco, como se não estivesse segura sobre aonde eu queria chegar com o relato.

– Ethan não poderia ter visto nada do quintal dos Berrys estando no bosque – digo. – Eu me encontrei com ele em Osprey Lake hoje de manhã, para perguntar por que ele mentiu.

Ginny congela, os dedos imóveis na tampa de alumínio do iogurte.

– Espera. Você o encontrou sozinha?

– Tinha milhões de pessoas ao redor. – Tento ignorar o desconforto que Ginny demonstra. – Enfim, ele me contou a real. Ele esteve no quarto de Jen, naquela noite, e viu a discussão de cima do telhado da garagem quando foi embora.

– Você acreditou nele?

– Ele descreveu o quarto dela – digo. – E tem mais: Jen contou a Ethan que sentia que estava perdendo as amigas, e ele acha que isso é porque Juliana estava o tempo todo com Carly Amato.

– Mas Carly disse que mal conhecia Juliana. – Ginny bate os dedos na lateral do iogurte. Levanta-se, abandonando o almoço na mesa. – Preciso te mostrar uma coisa.

Sigo-a até o computador da senhora Goldberg e fico atrás dela, observando enquanto ela acessa o URL substituto que usamos para contornar os sites que a escola bloqueia.

Ginny abre uma página do Facebook e insere os dados de login. A página carrega e mostra o *feed* de uma pessoa chamada Elizabeth Lewis. É uma moça loira de rosto redondo. Pouco menos de trinta anos, talvez.

– Quem é? – pergunto. – Nunca a vi antes.

– Membro da Sociedade Internacional de Honra em Enfermagem. – Ginny cora. – Não sei quem é a mulher na foto. Encontrei no Google.

Ginny se afasta para que eu consiga ver o *feed* de Elizabeth Lewis. Elizabeth gosta de postar imagens cômicas sobre o curso de Enfermagem, várias receitas preparadas em panelas *slow cooker* e fotos de Luke, o labrador chocolate dela.

Olho para Ginny.

– Espera. Você inventou tudo isso?

Sua expressão é humilde.

– Precisei ser convincente, para que Carly aceitasse meu pedido de amizade.

– Não, é impressionante. Como você fez tudo isso hoje?

– Não fiz. Depois que fomos à biblioteca, olhei de novo a página de Carly.

Mas ela pôs no modo privado. Eu queria acessar as fotos e ver o que mais poderia descobrir sobre ela.

Ginny se levanta, para que eu possa analisar o perfil. Percorro a lista de amigos de Elizabeth; ela tem quarenta e nove amigos, um dos quais é Carly Amato.

Encaro Ginny.

– Você é um gênio. Como conseguiu que todas essas pessoas aceitassem seu pedido?

– Eu só incluí um bando de gente aleatória formada em Enfermagem. Tive o cuidado de escolher algumas da faculdade OCCC. A maioria das pessoas simplesmente clica em "aceitar".

Ginny puxa uma cadeira para o computador da senhora Goldberg. Ela vira o monitor, de modo que nós duas conseguimos ver a tela por inteiro.

– Enfim, não encontrei nas fotos dela nada que parecesse relevante e abandonei o perfil de Elizabeth, até hoje de manhã, quando você contou que Carly bloqueou você.

Ginny abre a página de Carly Amato. Abre o álbum de fotos.

– Tive intervalo na última aula, então fui à biblioteca para olhar isso de novo.

O zumbido nos meus ouvidos está aumentando.

– E o que descobriu?

Em silêncio, Ginny amplia uma foto de Carly de bermuda jeans rasgada e regata branca. Está segurando uma garrafa de Corona, uma fatia de limão enfiada no gargalo. O céu atrás dela é preto e sem estrelas.

Ela está na carroceria de uma picape preta.

A voz de Ginny soa no meu ouvido e me traz de volta.

– Olhei todas as outras fotos dela. Esta é a única em que a picape aparece.

Eu desanimo.

– Então não tem a placa nem nada.

– Também procurei outras fotos da mesma noite, para ver com quem ela pode ter estado, mas não havia nenhuma.

Esfrego os olhos.

– Mas que *droga*. E não podemos nem mandar uma mensagem perguntando de quem é a picape, porque ela vai desconfiar e bloquear Elizabeth.

– Eu pensei nisso – Ginny diz. – Mas ela tem diversas outras fotos. A gente

pode descobrir com quem mais ela tinha amizade em Sunnybrook… Tem de haver alguém que saiba quem dirigia aquela picape.

Percorro as fotos do perfil de Carly outra vez, começando com as mais antigas. Carly no baile da escola, de vestido preto de cetim com uma fenda na coxa. Paro e aponto para a menina negra ao lado de Carly na foto do baile. Ela está usando um vestido branco com decote de coração e acabamento em pedraria, o cabelo sedoso solto e ondulado sobre os ombros.

– Eu conheço esta. Tenho quase certeza de que era uma animadora de torcida.

Ginny se inclina para ver melhor o rosto da garota.

Uma batida à porta faz nós duas darmos um pulo. Depois, uma voz feminina:

– Quem está aí?

Ginny se encolhe.

– Deixei a luz da sala acesa.

Meu estômago vai para os pés quando a porta da sala da senhora Goldberg se abre. A senhora Coughlin observa o ambiente, o olhar finalmente pousando em Ginny.

– O que você está fazendo aqui?

Ginny parece que vai vomitar.

– Coisas do anuário.

– Não me diga. – A senhora Coughlin segura o cordão que tem no pescoço. Ela espia em volta de Ginny, o olhar perfurante me atravessando. – *Você* não está no anuário.

– Estou ajudando – digo estupidamente.

– A senhora Goldberg está fora hoje – a senhora Coughlin diz. – Estou cobrindo a falta dela na próxima aula. Não há absolutamente nenhuma razão para que vocês estejam aqui sem supervisão.

– Temos autorização – digo, quando Ginny não se manifesta.

– Monica, não urine em minha perna e depois diga que está chovendo. – A senhora Coughlin arranca uma folha da lista de chamada e pergunta para Ginny: – Qual é o seu nome?

Ginny encara a senhora Coughlin como se tivesse acabado de passar por uma lobotomia.

– Isto não é justo. – Minha voz está trêmula; a senhora Coughlin só está

sendo rancorosa porque eu não ajudei com a homenagem.

A senhora Coughlin arranca outra página, violentamente. O som de rasgado me cala.

– Você gostaria de ser suspensa por *duas* tardes, Monica?

Algo em Ginny parece ter-se descolado. Seus olhos brilham quando encara a senhora Coughlin.

– Eu disse para Monica que podíamos estar aqui. Eu mereço a suspensão. Não ela.

– Ah, claro, banque a mártir. – A senhora Coughlin rabisca alguma coisa no papel e entrega para Ginny. – Vocês podem fazer companhia uma para a outra na suspensão amanhã.

Um adulto responsável precisa assinar o aviso de suspensão, para que saibam que criaram um delinquente. Eu poderia forjar a assinatura de mamãe ou de Tom, mas não correria o risco de a senhora Coughlin ligar para ela.

Mamãe está sentada no balcão da cozinha quando chego em casa do ensaio, curvada sobre um formulário de reforço. Observo-a por um momento, absorvendo suas particularidades: ela bate a caneta no queixo quando está refletindo; bufa pelo nariz quando o pensamento é desagradável. Ela sacode a cabeça e risca alguma coisa no documento, sem reparar que estou do lado oposto do balcão.

– Recebi isto. – Pouso o aviso de suspensão e empurro na direção dela.

Ela levanta a cabeça. Enfia os dedos por baixo dos óculos e massageia as pálpebras, antes de me olhar.

– O que é isso?

– Estou suspensa amanhã.

O rosto dela é inexpressivo.

– O que você fez?

– Nada. Estava na sala do anuário durante o almoço e a senhora Coughlin me suspendeu por não ter um passe. Uma idiotice.

Minha mãe ignora o aviso de suspensão e volta para o formulário de reforço.

– Vou telefonar para ela depois do jantar e tirar você dessa.

– Não.

– Como? – Ela tira os óculos e os apoia no balcão. – Você vai perder o ensaio

se estiver suspensa.

E Ginny também.

– Eu não ligo. De toda forma, a treinadora está prestes a me tirar do time de competição.

Espero pelo grito dela. Mas ela só suspira.

– Que seja. Sem computador e sem celular até o fim da semana.

Agora sinto uma onda de pânico.

– Você não pode me tirar o computador. Tenho de fazer um trabalho de Inglês hoje à noite.

Ela empurra a banqueta para longe do balcão, assustando-me. Ela atravessa meia cozinha como um furacão e vai direto para o escritório de Tom. Um segundo depois, Petey grita, da sala:

– Ei! Quem desligou o wi-fi?

Minha mãe sai do escritório de Tom e me encara.

– Pronto. Você não precisa de internet para fazer a lição de Inglês.

– Isso é um absurdo.

– Você precisa ir ver o doutor Feit?

Meu estômago começa a produzir ácido. Doutor Feit é o terapeuta dela; minha irmã foi vê-lo uma vez, depois que Juliana e Susan foram mortas. Não sei como minha mãe suporta a visão dele.

– Jura que você está ameaçando me mandar para um psiquiatra?

– Não sei o que mais fazer, Monica. Estou cansada de ver você se transformar em outra pessoa. – O rosto dela cora. – Se continuar agindo assim, você vai acabar fazendo algo que Tom e eu não poderemos consertar por você.

– Eu não pedi que vocês consertassem nada – digo.

Ela se vira de costas para mim, e dentro da cabeça eu grito *Não chora, porra!*

– Você se dá conta de que nem me abraçou? – pergunto. – Depois da consulta com o doutor Bob. Você nem tocou em mim.

Minha mãe se encolhe quando digo "doutor Bob". Estica o pescoço na direção da sala, obviamente preocupada com a possibilidade de que Petey tenha escutado, como se meu irmão menor tivesse alguma ideia do que ela está falando.

– Eu cuidei de você. Tudo que eu faço é por você e seu irmão.

– Ele você abraça – digo. – De mim você não chega nem perto. Eu realmente

te faço lembrar-se dela tanto assim?

– Sobe para o quarto, Monica. Estou cansada de falar disso.

– Falar do quê? De Jen? Você não fala sobre ela. Esse é o ponto. – Estou prestes a explodir. Estou cansada de guardar essa merda só para mim e estou cansada de minha mãe agir como se o nome de minha irmã fosse uma palavra proibida nesta casa.

– Não, eu não quero falar sobre ela. – Minha mãe está tão pálida quanto eu. – Eu não quero pensar no pior dia da minha vida e em tudo que eu poderia ter feito para evitá-lo. Eu não consegui protegê-la e eu não consigo proteger você.

Não sei o que dizer. Giro nos calcanhares, porque não quero nem olhar mais para a cara dela.

– Monica. Espera.

Eu me viro. A mão dela está esticada.

– Entregue seu telefone.

Tateio o bolso e estremeço. Esqueci totalmente de parar na sala do senhor Franken para pegar de volta o celular.

– O professor de Química confiscou – digo. – Nem está comigo.

– Que maravilha. Sobe. Jantar daqui a uma hora. – Ela abana a cabeça, e só o que o gesto faz é me enfurecer, porque é como se a esta altura ela espera que eu estrague tudo todos os dias.

Saio da cozinha pisando duro e subo a escada. É só quando estou trancada no quarto que agradeço silenciosamente a Deus por o senhor Franken estar com meu telefone, e minha mãe não poder ler quatro semanas de troca de mensagens entre mim e Ginny.

O céu está azul como uma flor e totalmente sem nuvens pela manhã. Rachel e Alexa não falam muito a caminho da escola, lançam olhares furtivos na minha direção sempre que há um silêncio. Não tenho energia para perguntar por que estão cheias de dedos comigo.

Quando chegamos à escola e vejo os lírios brancos arrumados ao redor do poste da bandeira, fora do ginásio, entendo a estranheza delas. Hoje é o aniversário da morte de Bethany e de Colleen, e hoje é a homenagem.

Depois dos avisos no início do dia, a voz da senhora Barnes soa nos alto-falantes, instruindo todos os alunos a se dirigir ao pátio para uma cerimônia

especial. Depois do anúncio, uma turma de calouros de Ciências se amontoa no corredor, alguns moleques gritam e assobiam. *Não tem primeira aula! Show, eu tenho ginástica!*

Não consigo fazer isso. Mesmo com Rachel ao meu lado, não posso ir lá fora e enfrentar os olhares dos meus colegas de classe. Hoje não quero ser a irmã da menina suicida.

O aperto no meu peito piora quando nos juntamos à galera que se afunila pelas portas duplas que levam à área externa. A senhora Coughlin passa levando um punhado de bexigas cor-de-rosa.

Sinto minha mão livre se fechar.

– Para que diabos é isso?

Rach gira o brinco de pérola.

– Ouvi alguém dizer que vão fazer uma soltura de balões.

– Uma soltura de balões? Sério mesmo?

Rach olha por cima do ombro.

– Caramba, Mon, relaxa.

– Eles sabem o mal que balões fazem ao ambiente? Eles matam aves. Elas comem os balões e morrem.

– A senhora Coughlin quis fazer – Rachel diz. – Pega leve com ela. A filha dela morreu.

Relembro o rosto da senhora Coughlin ontem, quando me deu a suspensão, e como ela parecia alegre. Como se nada lhe agradasse mais, naquele momento, do que me ferrar.

O calor sobe pelas minhas costas, conforme corpos vão me pressionando, rumando para a porta.

– Não consigo fazer isto – digo. Antes que Rachel possa me chamar, dou uma guinada e vou para a saída no fim do corredor, do lado oposto ao pátio.

Ninguém me vê saindo do prédio a caminho do estacionamento. Fujo na direção da cerca que rodeia o campo de futebol, esperando conseguir me esconder antes de ser pega. Não sei aonde estou indo, mas não posso continuar na droga daquele prédio nem mais um minuto. Vou voltar para casa a pé, se for preciso.

– Monica.

Estanco na hora, pronta para sair correndo, mas quando me viro vejo

Brandon. Ele está indo na direção oposta, para a escola.

Ele ajeita a mochila no ombro. Parece um aluno, com a jaqueta térmica de corrida ao ar livre de Sunnybrook High. O rosto está barbeado, uma pequena espinha nascendo no pescoço.

– Aonde está indo?

– Não sei – digo. – Você vai me dedurar?

A boca de Brandon forma um meio-sorriso.

– Acho que não seria muito inteligente de minha parte. – Ele aponta para a escola. – Tem certeza de que quer perder a homenagem?

– Eu não consigo – começo, inspirando fundo. – Eu simplesmente não consigo lidar com isso. Brandon vem para o meu lado, põe a mão nas minhas costas, tão de leve que mal me toca.

– A vigilância vai vê-la se continuar parada aqui. Vem.

Deixo que ele me conduza pela parte do estacionamento destinada aos professores. O Jeep dele está parado bem no fim da fila, ao lado das quadras de tênis.

Brandon destrava o carro e abre a porta do passageiro para mim. Eu me encolho e fecho a porta, embora estejamos longe o suficiente da escola e ninguém possa me ver.

Enquanto enxugo os olhos, sua voz soa ao meu lado. Ele sentou-se no banco do motorista e nos trancou.

– Você pode ficar aqui pelo tempo que precisar. Mas não deveria cabular o restante das aulas.

Odeio estar chorando na frente dele. Brandon pega minha mão.

– Ei. Você vai ficar bem.

Ele entrelaça os dedos nos meus. Ou vai ver fui eu que comecei, não sei. Mas meus lábios se encontram com os dele e em seguida ele está me beijando de volta. Mesmo estando bem nos fundos do estacionamento e ninguém podendo nos ver, isso é tão burro…

Brandon pousa uma mão no meu ombro. Ele me afasta delicadamente.

– Essa é uma ideia muito ruim.

– Eu sei. – Deslizo um dedo sob o olho; um borrão de rímel sai da minha pele. – Eu sei. Sinto muito.

– Há inúmeras razões pelas quais isso não pode mais acontecer,

especialmente…

– Agora que você está namorando. Eu entendo.

– Não quero ser esse tipo de cara – ele diz.

Assinto.

– Você não precisa explicar.

Brandon suspira. Inclina-se para trás e apoia a cabeça no encosto.

– Posso perguntar uma coisa?

– Alguém diz "não" a essa pergunta?

– O que a levou a fazer aquilo? – ele pergunta. – O que você fez. Comigo.

Não sei o que ele espera que eu diga. Tenho certeza de que não quer ouvir a verdade: que fazer sexo com ele era como ser outra pessoa. Mas não consigo me forçar a pronunciar as palavras. *Você era gostoso, meu namorado rompeu comigo e você estava bem ali.*

– É que eu estava triste.

Brandon põe a cabeça entre as mãos.

– Desculpe – digo. – E você, por que fez?

– Porque eu gostava de você. – Brandon ri. – E disse a mim mesmo que você parecia mais velha, agia como se fosse mais velha, então não era tão errado.

– Mas agora você acha que foi errado.

– Não sei. Só parece que você me usou para evitar seus problemas.

Minha garganta se aperta. Ele está certo: eu sabia que o que estávamos fazendo era errado e não me importei, porque estava pronta para jogar minha vida perfeita na fogueira e sair andando enquanto ela queimava.

– Volte para a cerimônia – digo. – Vou esperar até todo mundo começar a ir embora, quando acabar, e vou para dentro.

Por um instante, parece que ele quer ficar. Nem estou totalmente segura de que quero que fique, mas meu coração afunda quando ele leva a mão ao trinco.

Brandon sai do Jeep e olha para mim.

– Isso que acabou de acontecer… Não vou fingir que foi tudo culpa sua ou que não gostei. Mas não pode acontecer de novo.

Não quero ficar pensando no que aconteceu neste carro durante o verão, mas ainda não posso voltar. Então inclino o banco do passageiro para trás e observo o céu acima da escola até ver balões cor-de-rosa subindo no ar. Cinco, um para cada menina.



Capítulo 17

A sexta da suspensão acontece no porão, ao lado da sala de musculação. Precisei perguntar a um professor qualquer como encontrar a sala, porque, por mais que os professores tenham me ameaçado por ser muito *conversadeira*, eu nunca tinha recebido realmente uma suspensão antes.

Um coro de gritos me recebe quando entro. Na fila de mesas junto à janela, os suspeitos de sempre: os que cabulam, os que não param de falar, os caras que encrencam com qualquer um que só olhe para eles. Um deles é da minha série: Chris Tavares, um menino magricelo com calças caídas bem baixo no quadril. Pelo cós aparece a cueca, com estampa de pimentas vermelhas.

Ele posiciona as mãos ao redor da boca para imitar um megafone.

– RayBURN! Puta merda!

O professor na mesa da frente (um substituto, sem dúvida) pousa o exemplar do *New York Post*.

– Tavares. Você quer se sentar ao meu lado pelas próximas duas horas?

– Não, senhor. – Chris afunda de volta na cadeira. Mas é tarde demais. Todos os olhos nesta sala estão agora focados em mim. Mantenho a cabeça baixa enquanto me apresento ao professor. Ele risca meu nome em uma lista e me diz para sentar onde eu quiser.

Vejo Ginny mais para o fundo da sala, o rosto enfiado em *As vinhas da ira*. Deslizo na cadeira ao lado dela e cochicho seu nome.

Ela apoia o livro.

– Ei.

O professor estala os dedos duas vezes para chamar nossa atenção.

– Nada de conversa. Vocês podem fazer lição de casa, ler, dormir ou olhar o vazio em silêncio.

Olho para os meninos perto da janela. A maioria escolheu as duas últimas opções. Um deles está com as mãos enfiadas no bolso frontal do moletom. Espero que ele esteja mandando mensagem escondido, e não fazendo outra coisa.

Quando o professor volta a ler o jornal, Ginny pega a bolsa tipo carteiro. Tira duas folhas de papel grampeadas e põe na minha mesa.

É a impressão de uma página da internet. O título diz *The Pioneer*; é a edição online do jornalzinho interno da Newton High School East.

Na época em que nosso time de futebol ainda vencia, a NHSE era nossa principal adversária. No ano seguinte àquele em que as meninas foram mortas, antes da primeira partida da temporada, uma galera da NHSE invadiu o nosso estacionamento e pendurou um uniforme de animadora de torcida ensanguentado no mastro da bandeira.

Lanço para Ginny um olhar confuso. Ela aponta para o fim da página.

ANIMADORA DE TORCIDA DE PIONEER CONQUISTA OURO NAS PARCIAIS DO CONDADO DE ULSTER

Há um breve parágrafo sobre a trajetória do time até a vitória, complementado com umas aspas da treinadora, Patrice Johnson. Ginny move o dedo até a foto que acompanha o artigo e pousa em uma mulher negra maravilhosa de jaqueta térmica de treinadora. Patrice me parece familiar.

– Ela estava na foto do baile de Carly – Ginny cochicha.

O professor substituto nos encara.

– Eu disse *em silêncio*.

Como que obedecendo a uma deixa, alguém grita no corredor. Depois, a explosão de uma gargalhada. Quando não para, o professor suspira e se levanta.

– Volto em *um minuto* – ele diz, ao sair da classe.

Assim que se vai, Ginny se inclina e sussurra:

– Newton East tem uma partida de futebol amanhã. Patrice deverá estar lá.

Antes que eu consiga responder, Chris Tavares grita em nossa direção.

– Ei, Rayburn, o que está fazendo aqui?

– É, por que está suspensa?

Um dos caras da janela, um veterano grandão, encara Ginny e a mim. O amigo dele, um cara com a barba cheia de falhas, se intromete:

– Por que você não vem sentar comigo? É aqui que está a festa.

– Obrigada pelo toque – digo.

Chris e o outro cara gargalham até roncar quando o grandão responde que posso lhe tocar sempre que eu quiser. Ginny observa os próprios dedos, o rosto vermelho.

– Velho, você está fazendo a outra corar – o sujeito da barba com falha diz.

– Eu pegaria aquela também. Não tem peito, mas aquele rabo…

– Eu já vi essa no site da escola – diz Barba. – Em um daqueles maiôs de ginástica. Me dá seu celular que eu te mostro.

O grandão entrega um iPhone e Chris Tavares se vira na cadeira. Ratos se reunindo para ver o corpo de Ginny.

Eu me levanto e o barulho das pernas da cadeira guinchando no chão assusta os caras. São pegos tão de surpresa que Barba nem tenta reagir quando arranco o telefone da mão dele.

– Guarda isso, ou vou enfiar tão fundo no seu cu que nenhum médico vai conseguir encontrar.

Bato o telefone na mesa e volto para minha cadeira, os amigos de Barba uivando de tanto rir.

– Cara, ela é *selvagem*.

Chris Tavares solta um assobio de admiração, enquanto o professor substituto entra de volta na sala e grita para nos calarmos se não quisermos nos juntar a ele de novo, em uma nova suspensão, na segunda-feira.

– Obrigada – Ginny murmura quando me sento. Os caras perto da janela não dão mais um pio, nem mesmo olham para nós, até que o professor nos diga que podemos sair.

Tanto a suspensão quanto o ensaio de dança terminam às cinco horas, então ainda consigo pegar uma carona para casa com Rachel e Alexa. Espero por elas do lado de fora, e não dentro do ginásio, porque sou uma covarde e não consigo encarar a treinadora agora.

As competições regionais começam em duas semanas e eu perdi o treino. Estou bem consciente de que, quando Rachel chegar aqui, talvez tenha de transmitir o recado de que a treinadora me tirou da equipe. E nem posso culpá-la por isso.

– Ela ficou brava? – pergunto. Estamos no carro de Rach; ela está vasculhando o fundo da bolsa em busca da chave.

– Não sei – Alexa diz, olhando nervosamente para Rachel.

Mas Rach está me observando por cima da capota do carro.

– Por que você foi suspensa?

– A senhora Coughlin – resmungo. – Não quero falar sobre isso.

Alexa abre a boca, mas Rach a congela com um olhar. Ela deve ter contado para Alexa sobre meu surto, antes da homenagem do período da manhã. Ambas devem supor que discuti com a senhora Coughlin em algum momento, hoje, pois nenhuma me pergunta por que ela me suspendeu.

Rach abre o carro. Nem ela nem Alexa perguntam por que Ginny também faltou ao ensaio, e eu não ofereço a informação. Ginny já saiu para pegar o último ônibus, do lado oposto da escola.

– Bem, finalmente chegou a Noite Comunitária – Alexa diz.

Estremeço. Esqueci totalmente de dizer a ela que não poderei participar esta noite.

– Por falar nisso – digo –, eu não posso ir.

– Mas que diabos, Monica? – Rachel está me estudando em silêncio. Não consigo olhar para ela.

– Minha mãe me proibiu, por causa da suspensão.

Alexa se inclina para a frente e apoia o braço no meu encosto de cabeça.

– Vamos para a sua casa. Rach e eu vamos convencer sua mãe de que você precisa ir.

– Lex. Sério. Você não quer fazer isso.

Minha voz deve ter soado bem assustadora, porque Alexa prontamente fecha a boca. Ela se enterra no celular pelo resto do caminho até sua casa. Rach precisa ligar o rádio, de tão desconfortável que é o silêncio.

Quando deixamos Alexa em casa, Rachel me olha firmemente.

– Estou preocupada com você.

– Não fique – digo. – As coisas só estão meio zoadas lá em casa, no momento.

Sempre ficam nesta época do ano.

Rachel engata a ré e se afasta da casa de Alexa. Quando estamos na rua outra vez, ela me olha.

– Por que você não conversa comigo a respeito? Bethany era minha prima. Eu compreendo.

Viro para o lado oposto, para que ela não veja o vermelho de irritação nas minhas bochechas. Não existe a menor chance de que ela compreenda. Jen era minha irmã e não há comparação possível entre a morte dela e a de uma prima de quem Rachel nem gostava.

– Não quero conversar com ninguém sobre isso – digo. – Não é nada pessoal.

Depois de um instante, Rach fala, e a voz é gélida.

– Com Ginny Cordero você conversa sobre isso?

Fecho os olhos e apoio a cabeça.

– Rach, não faz isso.

Ela não tem mais muito a me dizer até chegarmos à minha casa e eu sair do carro.

– Consegui fazer o salto triplo hoje – ela diz. – Caso você estivesse se perguntando.

Não quero que minha mãe perceba que me impedir de ir à Noite Comunitária é o melhor presente que ela poderia ter me dado nesta semana, então me certifico de ficar calada e contrariada durante o jantar.

Enquanto estou recolhendo da mesa os pratos descartáveis de pizza manchados de gordura, me obrigo a olhar para minha mãe.

– Posso ir ao jogo de futebol Newton contra Shrewsbury amanhã?

Ela pisca, atônita, como se não pudesse entender como tenho a cara de pau de pedir uma coisa dessas.

– Você ainda está de castigo.

A cabeça de Tom surge de trás do pão de alho que ele estava devorando.

– De castigo? Por quê?

Mamãe não olha para ele quando recolhe da mesa os guardanapos sujos e amassados.

– Ele foi suspensa.

– Sério? – Tom olha para mim.

– Pela razão mais boba – digo. – Lamento muito. Voltarei direto para casa depois do jogo.

Minha mãe inspira audivelmente, e Tom volta a se recostar na cadeira,

– Por você quer assistir a Newton contra Shrewsbury, afinal?

– O primo da minha amiga Ginny vai jogar – digo. – Ele é atacante do Newton.

Tom é incapaz de dizer não para futebol. Ele levanta as sobrancelhas para mamãe. Os lábios dela são uma linha reta, e sei que está se sentindo culpada por me fazer perder a Noite Comunitária, quando ela própria também não suporta a senhora Coughlin.

– Está bem – ela diz. – Mas direto para casa.

Quando ela está de costas, Tom me dá um sorriso triunfal. Por alguma razão, faz meu estômago se revirar.

Acordo cedo na manhã seguinte. Fui para a cama às dez, por falta de coisa melhor a fazer, e o sol entrando pela cortina me fez revirar em várias posições, incapaz de adormecer de novo.

A senhora Cordero só vai trabalhar no período da noite, então Ginny e eu podemos pegar o carro dela emprestado para ir ao jogo. Tomo banho, lavo e seco o cabelo, e quando Petey acorda, às oito, até me sento com ele na cozinha enquanto toma o café da manhã, e ouço seus planos para a maquete do Memorial aos Veteranos do Vietnã que ele está projetando para a aula de Estudos Sociais.

O jogo só começa às duas da tarde, e a escola fica a apenas vinte minutos de distância, mas Ginny me busca à uma. O time da Newton High School East está na primeira colocação no condado. Os ingressos se esgotam depressa, e queremos garantir que conseguiremos vaga para estacionar.

O campus da Newton East é bem maior que o da Sunnybrook, e, apesar de o jogo só começar em meia hora, Ginny precisa lutar por uma vaga a centenas de metros do campo.

A vaga é apertadíssima; saio do carro para ajudar Ginny a manobrar. Quando ela sai, veste um gorro de tricô com protetores de orelha.

– Pronta?

Concordo com a cabeça e nos juntamos à multidão que ruma para o campo. Um grupo que faz piquenique ao redor de um fogareiro começa a vaiar. Eu me

enrijeço, preocupada com a possibilidade de que tenham de algum modo reconhecido Ginny e a mim. Depois vejo o verdadeiro alvo do desprezo deles: um bando de gente do ensino médio atrás de mim, usando verde e branco. As cores do Shrewsbury.

Ginny protesta quando pago os catorze dólares para ambas as entradas.

– Para com isso – digo. – É o mínimo que eu posso fazer.

– Eu de verdade não estou brava por causa da suspensão. – Ela enfia as mãos no bolso frontal do moletom, enquanto abrimos caminho pela arquibancada em busca de assentos livres. Sentamos em uma fila a três quartos do caminho do primeiro nível. Assim que nos acomodamos, Ginny tira uma garrafa térmica da bolsa e me entrega.

– Chocolate quente.

Só de pensar em chocolate quente e ver Ginny despejar dois sachês dentro da garrafa já me aquecem, antes mesmo do primeiro gole. Tiro as luvas para poder abrir a garrafa. Da última vez que estive aqui foi para uma partida entre calouros da NHSE contra Sunnybrook, com Rachel, Alexa e Matt. Um dos amigos de Matt havia trazido às escondidas uma garrafa de rum, que misturamos com sidra quente da barraquinha. Ainda era o primeiro fim de semana de novembro, mas a previsão do tempo anunciou que poderia gear. Sob o cobertor que trouxemos, Matt deslizou o dedo pelo interior da minha coxa e eu me arrepiei, pensando: *Se eu não fosse eu, seria capaz de matar para ser eu.*

– Você está bem? – Ginny pergunta.

– Tranquilo – digo, e apesar de tudo é verdade.

– Olha. – Ginny aponta para o lado de lá do campo, onde um grupo de meninas de saias marinho e brancas está reunido. Alguém grita, elas se separam e voltam a se juntar, atrapalhadas, em trincas. Ginny e eu as observamos se curvar e suspender em formação as atletas das manobras aéreas. As voadoras dobram as pernas em posição de escorpião. Elas as seguram enquanto alguém grita uma contagem até três, antes que as bases as ponham de volta no chão. As meninas entram em formação de pirâmide.

Quem está contando, uma mulher negra alta e esguia, se afasta para a lateral, admirando a pirâmide como se fosse uma obra de arte. O cabelo dela está preso em um coque alto, e ela está usando uma jaqueta térmica marinho e

branca, combinando com o uniforme das garotas.

– É Patrice.

Fico de olho nela durante o hino, durante o ritual de entrada do time da casa, acompanhado por uma música do AC/DC, e no início da partida.

– Você já pensou no que vai dizer a ela? – Ginny pergunta.

O Shrewsbury faz a primeira descida e a multidão vaia. Abaixo de nós, na base da arquibancada, uma fileira de animadoras de torcida de verde e branco tenta induzir nosso lado do campo a uma celebração, agitando os pompons.

– Não exatamente – digo. – Mas Patrice e Carly não são amigas no Facebook. Não estou preocupada que isso chegue até ela.

No meio do jogo, o placar está 21 a 14 para o Shrewsbury. O campo é esvaziado para que as animadoras do NHSE possam fazer sua apresentação; explode nos alto-falantes um remix em estilo tecno da música pop mais executada no último verão. As meninas estão fora de sincronia de tal maneira que faria nossa treinadora arrancar os olhos, mas a plateia vai à loucura com os movimentos de solo.

O Shrewsbury acaba vencendo por 34 a 27. Ginny e eu permanecemos sentadas, enquanto as arquibancadas ao nosso redor vão se esvaziando. Mentalmente faço uma prece para que ninguém do Shrewsbury seja espancado no caminho de volta até o estacionamento.

Lá embaixo no campo, Patrice está fazendo para as animadoras um discurso de consolo. Elas levantam os pompons em um ato de solidariedade, antes de se afastarem e seguirem para o vestiário abaixo do campo. Patrice fica para trás, recolhendo pompons.

– Vamos – digo.

Ginny está nos meus calcanhares quando descemos a arquibancada correndo. Patrice levanta a cabeça. Olha através de nós e volta a recolher os pompons.

– Patrice? – digo.

As costas dela se enrijecem quando ela olha para mim e Ginny.

– Sim?

– Tem um minuto?

Patrice estuda meu rosto.

– De onde eu conheço você?

– Eu sou irmã de Jennifer Rayburn.

Os olhos de ônix de Patrice se suavizam.

– Monica, certo?

Confirmo.

– Esta é Ginny. Estamos ambas na equipe de dança.

A boca de Patrice se contrai em um sorriso educado.

– Estou contente que tenham vindo dar um oi. – Sem dúvida perguntando-se que diabos está acontecendo.

Engulo para tirar os nervos da garganta.

– Eu queria perguntar… Você era amiga de Carly Amato no ensino médio?

Patrice pisca.

– Carly. Eu a conhecia, mas não a chamaria de amiga.

– Eu só estava me perguntando porque vi uma foto de vocês duas juntas no baile.

A testa de Patrice se enruga.

– É, eu sei do que você está falando. Quer dizer, tínhamos alguma amizade, mais ou menos, mas eu só tirei aquela foto no baile porque ela pediu.

– Mas vocês foram animadoras juntas – continuo.

– Por pouco tempo. – Patrice fecha a caixa com os pompons e faz uma pausa. – Por que estão interessadas em Carly? Aquela garota era problema.

Olho de soslaio para Ginny; sei que ela também captou o tom sombrio na voz de Patrice. Por alguma razão, não acho que Patrice falou que Carly era problema porque ela passava cigarro escondido no estacionamento da escola.

– Problema como? – pergunto.

Patrice se endireita e espana um fiapo de pompom preso em sua mão.

– Bom, eu não a conhecia muito bem. Ela só frequentou Sunnybrook no último ano. Tinha sido expulsa da escola católica por brigar. Arrancou um punhado de cabelos de uma garota e a mordeu tão forte que a outra precisou levar pontos – Patrice diz. – Pelo menos é isso que as pessoas falavam.

– Isso é horrível – digo. Quando conheci Carly, tive a impressão de que ela era briguenta. Mas Patrice está descrevendo alguém claramente cruel.

Patrice dá de ombros.

– Ela entrou em algumas brigas em Sunnybrook, mas em geral era só conversa. Ela era meio desesperada, tipo, sempre querendo sair comigo e as minhas amigas, como se isso fosse dar a ela prestígio ou sei lá o quê. Eu não sei,

todo mundo a acusava de drogada ou de querer entrar para uma turma, mas eu sentia pena dela. Ela não tinha nenhum amigo.

– E Juliana Ruiz? Todo mundo diz que elas eram amigas. – Todo mundo exceto a própria Carly.

– É, a doce Jules. – Patrice suspira. – Sinceramente, era meio triste.

– Como assim? – pergunto.

– Nos ensaios, Carly fazia questão de comentar bem alto sobre as festas em que ela e Juliana tinham estado no fim de semana, com uns caras mais velhos que Carly conhecia. Acho que Carly queria se exibir, como se fosse descolada demais para as bobagens do ensino médio. Mas isso, tipo, não era nem um pouco a praia da Juliana. Nenhuma de nós nunca entendeu de verdade a influência que Carly tinha sobre ela.

– Quando você falou que Carly só ficou na equipe por pouco tempo – digo –, quer dizer que ela parou de ser animadora antes que Juliana morresse?

Patrice balança a cabeça.

– Ela foi expulsa do time antes.

Olho de esguelha para Ginny. Ela está com as sobrancelhas levantadas, olhando fixamente para Patrice.

– O que Carly fez para ser expulsa? – Ginny pergunta.

– Corriam boatos. Mas ninguém sabe de verdade o que aconteceu, exceto Carly e Allie.

– Allie?

– Nossa treinadora – Patrice diz. – Você nunca conheceu Allie?

Um *flash* da treinadora da minha irmã na arquibancada, em uma das competições regionais de Jen para a qual minha mãe arrastou a mim e Petey. Barbie Animadora de Torcida.

Abano a cabeça.

– Qual era o boato?

Uma rajada de vento passa por nós. Patrice sobe o zíper da jaqueta térmica.

– Que Carly tinha dormido com o namorado de Allie.

– Que doideira – digo.

Patrice dá de ombros.

– Se for verdade, é a coisa menos escandalosa que aconteceu quando eu estava na escola. Uma menina da minha sala era parte de um trisal. Quando nós

éramos *calouras*. Jesus, não tenho a menor saudade daquele lugar.

Patrice pega a caixa de pompons.

– Preciso ir. Mas, afinal, por que vocês estão interessadas em Carly? Não podem conversar pessoalmente com ela?

– Acho que ela pode me contar alguma coisa que aconteceu entre minha irmã e as amigas dela – digo. – Carly não foi exatamente cooperativa quando tentei conversar com ela.

Patrice balança a caixa de pompons no quadril e fica pensativa.

– Talvez vocês devessem perguntar para Allie. Ela sabia tudo que estava acontecendo conosco. Estava sempre consolando alguma garota chorosa na sala dela. – A voz de Patrice indica que ela definitivamente não era uma dessas garotas chorosas.

Uns gritos desviam nossa atenção para a ponta oposta do campo de futebol; uns jogadores de uniforme marinho e branco estão quase testa com testa com dois caras do time de Shrewsbury. Reconheço o grandão do meio como o zagueiro que sofreu um pênalti brutal do Shrewsbury durante a partida.

Rolam uns xingamentos e empurrões, uma multidão se reúne ao redor dos caras, as vozes se elevam como se uma confusão estivesse prestes a explodir. Patrice solta a caixa de pompons e corre na direção deles, gritando:

– *Sério mesmo* que vocês vão sair na mão?

Uma ideia me ocorre. Eu grito:

– Patrice, espera! Um segundo!

Patrice estanca.

– Que foi?

– Carly tinha uma picape?

Patrice pisca.

– Não. Ela não sabia dirigir.

Pais descem a arquibancada correndo em direção à briga. Patrice desaparece em meio ao caos; Ginny e eu saímos às pressas do campo e deixamos o estádio para trás, serpenteando através de uma multidão que vibra de tensão. Pessoas exultantes, de verde, evitando a aglomeração sombria de pessoas de marinho e branco.

Quando chegamos de volta ao carro, o céu está cinza-perolado, com nuvens ameaçadoras passando. Ginny destrava o carro e sento-me no banco do

passageiro, sentindo-me de repente com um humor muito azedo.

– Então foi um baita desperdício de tempo. Eu arrastei nós duas até aqui para ouvir um drama de vestiário e quase acabamos participando de uma briga entre torcidas.

– Não foi desperdício de tempo – Ginny diz. – Ela contou que Allie estava sempre escutando os problemas das garotas.

Será que minha irmã teria se aberto com a treinadora sobre o que estava havendo entre ela, Juliana e Susan? Quando Jen estava feliz (o que parecia ser quase o tempo todo, antes daquele ano), ela espalhava alegria ao redor como se fosse luz do sol. Todas as outras emoções, porém, como medo, tristeza e solidão, ela mantinha bem presas dentro de si. Depois que Jen morreu, uma das únicas vezes que ouvi minha mãe perder a cabeça foi ao telefone com vovó Carlino: *Ela nunca me contou nada. Eu tentei tanto, mas ela nunca me contava nada.*

– Não sei – digo. – Jen era bem reservada.

Ginny liga o aquecimento. Mexe os dedos na frente das saídas de ar. Espio pelo espelho lateral: o caos ainda reina no estacionamento. Pessoas demais tentando sair ao mesmo tempo, prendendo-nos onde estamos.

– Juliana, porém… – Viro-me para Ginny. – Se ela estivesse em algum tipo de problema e não pudesse conversar com a mãe nem com Jen, consigo imaginá-la recorrendo a uma pessoa mais velha em quem confiasse. Alguém como Allie, talvez.

Ginny diminui o aquecimento, de modo que eu consiga ouvi-la por cima das saídas de ar trepidantes.

– Talvez Juliana tenha descoberto algo que tenha sentido vontade de contar para Allie.

Olho para Ginny.

– Você acha que Juliana contou para Allie que o namorado dela estava traindo?

Ginny dá de ombros.

– Juliana pode ter sido mais leal à treinadora do que a uma menina que só conhecia desde pouco tempo antes. Especialmente se ela queria se livrar de Carly.

Reviro essa teoria na cabeça.

– Se você fosse Allie, e Juliana lhe contasse que seu namorado traía você, e Juliana fosse assassinada pouco depois… Você desconfiaria de Carly?

– Não – Ginny diz por fim. – Eu não pensaria que tivesse nada a ver com os assassinatos. Especialmente se a polícia dissesse que sabia quem tinha sido.

Um barulho de pancada balança o carro de Ginny. Nós duas pulamos de susto; pelo espelho retrovisor, vejo um bando de garotos gritando, andando entre os carros, dando tapas fortes nas costas uns nos outros. Eu me pergunto se a briga em campo já acabou.

– Você tem razão – digo para Ginny. – Carly parece meio assustadora, mas daí a *matar* duas meninas porque Juliana a dedurou para a treinadora… Não combina. Fora isso, Patrice confirmou que a picape não era de Carly.

– Isso não significa que Carly não estivesse lá naquela noite, ou que não estivesse envolvida de alguma forma.

Ginny está perdida em pensamentos. Fico calada, permitindo que ela junte as peças.

– Eu continuo pensando numa coisa que Patrice falou. Como ninguém entendia a influência que Carly tinha sobre Juliana. – Ginny leva o polegar à boca, pronta para roer a cutícula. Quando me vê olhando para ela, baixa a mão para o colo. – E se Carly envolveu Juliana em alguma coisa realmente feia? Talvez Juliana estivesse enrolada até o pescoço e confiou em Allie. A gente deveria conversar com ela – Ginny diz. – Se conseguirmos encontrar um jeito de entrar em contato.

– Conseguiremos. – Olho para fora da janela, meu estômago de repente está apertado. – A primeira pessoa na lista de contatos da minha irmã se chama Allie.

Quando chego em casa, vou direto para o *closet* e abro a caixa de joias. O celular de Jen está por cima de tudo, onde o deixei.

Sento-me sobre os calcanhares e abro a lista de contatos. Bem no alto está o nome Allie Lewandowski.

Mango entra no *closet*, focinho erguido, tentando farejar comida. Ele me vê no chão, de mãos vazias exceto pelo telefone de Jen, e vira-se para ir embora, entediado.

Roubar o número de Allie Lewandowski da minha irmã morta é errado.

Obviamente eu sei disso. Mas Ginny e eu chegamos até aqui, e não vou parar por causa de algum falso senso de decência. A decência foi embora com o vento muito tempo atrás.

Copio o número de Allie no meu telefone e digito uma mensagem.

> Oi, Allie, aqui é a Monica Rayburn. Espero que você não se importe que a senhora Barnes, da escola, tenha me dado seu número. Você foi treinadora da minha irmã, Jen. Estou pensando em me candidatar à faculdade de Oneonta e queria saber se você teria um tempinho para conversar comigo sobre dicas e conselhos. Café por minha conta. Obrigada ☺

Fico acordada até depois da meia-noite, encarando o telefone à espera de que ela responda. Mas a caixa de entrada permanece vazia até que adormeço, e continua vazia quando desperto.

É noite de segunda-feira, depois do treino, e estou tirando os sapatos no vestiário. Alexa e Rach estão enchendo as garrafinhas de água no bebedouro ao lado da sala da treinadora. Vozes ecoam pelo vestiário. A conversa delas vai da sequência do *kickline* masculino, que estão planejando para a Noite Comunitária, para as competições regionais em duas semanas, e ouvir isso me faz sentir tão sozinha que quase vomito.

Ginny enfia a cabeça pela quina. Senta-se no banco ao meu lado.

– Notícias de Allie?

Sacudo a cabeça. Tiro o pé de cima do banco e remexo os dedos, finalmente livres dos apertados sapatos de dança.

– Escrever para ela provavelmente foi má ideia. Eu provavelmente a assustei como assustei Carly.

Espero que Ginny discorde, mas ela só dá de ombros.

– Aquele número é de cinco anos atrás. Ela pode estar com um novo.

Saímos juntas para o corredor. Os meninos da corrida ao ar livre estão saindo do vestiário, trazendo em seu rastro um coquetel de cheiros de suor e desodorante Axe. Meu corpo se enrijece. Treino de corrida acabando significa que Brandon está por perto.

Ao meu lado soa a voz tranquila de Ginny.

– Você está bem?

Assinto.

– Estou. Apenas exausta.

Ela me estuda com aquele interessante olhar, que diz que ela não acredita em mim mas não vai insistir.

– Preciso pegar o ônibus. Me avisa se ela responder.

– Claro.

Enquanto observo Ginny descer o corredor rumo ao estacionamento, um menino diz:

– Ei, Monica.

Jimmy Varney vem andando em minha direção, o cabelo grudado na testa suada. Por cima do ombro dele vejo Brandon sair do vestiário, conversando com um garoto com metade do peso dele. Ele olha para cima; seus olhos se conectam aos meus quando ele dá um tapinha no ombro do garoto. Brandon continua me observando enquanto o menino se afasta pelo corredor. Engulo e me viro para Jimmy.

– Ei.

– Como você está? – Jimmy pergunta.

– Suada e nojenta. – Soa como *Vai embora*, então mudo o tom de voz para uma oitava mais amigável. – Como foi seu treino?

Abro a garrafa de água e começo a beber. Jimmy aperta um dos bíceps e gira o ombro para trás até dar um pequeno estralo.

– As eliminatórias estaduais são na próxima semana. O treinador está pegando bem pesado com a gente.

Penso em Brandon a poucos metros de nós e engasgo com a água que desce pela minha garganta. Tusso até meus olhos marejarem, e a preocupação faz a testa de Jimmy se franzir.

– Você está bem?

– Estou. Desculpe. – Forço outra tossida e enxugo a boca. Olho disfarçadamente para Brandon; ele está na soleira da porta da sala de atletismo, usando um pé para coçar a panturrilha oposta.

A voz de Jimmy me chama de volta.

– O que você vai fazer depois do baile no sábado? Vai para a casa de Kelsey

G?

Lembro o que Alexa falou no outro dia, *Jimmy quer convidar você para o* homecoming. O desfile, o baile e a festa são as coisas mais longe da minha cabeça este ano.

– Não sei. Você vai para a casa dela?

– Vou – Jimmy diz. – Acho que Kelsey espera que você vá.

Tenho certeza de que Kelsey Gabriel não pensa em mim, absolutamente, mas o rubor de nervosismo nas faces de Jimmy faz um sorriso curvar o canto da minha boca. A vontade de flertar com ele me pega de surpresa.

– Esse é seu jeito de dizer indiretamente que você espera que eu vá à casa de Kelsey?

– Sim. – Ele sorri. – É, sim.

Mais caras da corrida ao ar livre jorram do vestiário, e Jimmy é engolido por um grupo que pede carona para casa. Ele olha para mim por cima da cabeça deles, pois é mais alto que a maioria, e sorri de novo.

Meu clima evapora quando vejo Brandon nos observando. Ele desvia o olhar, espalma a porta da sala de atletismo masculino, conversa com alguém lá dentro. Ele está se esforçando para se manter distante de mim, o que sugere que ouviu tudo que Jimmy e eu dissemos um para o outro.

Meu estômago produz aquela sensação de sucção, como sempre quando Brandon está por perto. Penso na terça passada, no Jeep dele, o contato de seus dedos nos meus cabelos. Abafo a imagem, porque a ideia de Jimmy saber o que fizemos me dá enjoo.

Não tenho mais vontade de jogar minha vida na fogueira. Quero adiantar para a parte em que olho para Brandon e não sinto absolutamente nada.

A voz de Alexa ecoa do vestiário para o corredor; ela e Rachel saem abanando as axilas. Como um falcão, Alexa me encara.

– Por que você está corada?

– Porque acabamos de fazer um treino insano – digo.

– Não, isso é vermelho-paquera. – Alexa observa o corredor, ignora Brandon, que está de costas para mim. Quando localiza Jimmy Varney e os amigos dele, ela me cutuca no ombro.

– Para – digo. – Sério.

Rachel solta o elástico do rabo de cavalo, deixando que o cabelo se espalhe

pelos ombros.

– Monica, ele é apaixonado por você, tipo, há séculos.

Estou prestes a dizer a ambas que calem a porra das bocas, quando a mochila vibra contra meu quadril. Pego o telefone. Mensagem de texto de um número que não está na minha agenda.

Allie Lewandowski respondeu à minha mensagem.

> Oi, Monica! Desculpe demorar tanto a responder. Eu adoraria conversar sobre Oneonta. Você ainda mora em Sunnybrook, certo? Dou aula às 20h na cidade, então posso te encontrar qualquer noite antes desse horário.

Agora passa pouco das cinco; digito uma resposta para Allie.

> Na verdade, estou saindo de um ensaio agora. Por acaso você estaria livre hoje à noite?

Mordo a unha, distraída, de olho no telefone, enquanto Rach, Alexa e eu saímos do ginásio.

> Acho que funciona. Que tal o Earth Lily Café? 18h15 está bom?

Olho para Rachel.

– Ei, acha que pode me deixar no centro, a caminho de casa?

O Earth Lily Café é a dois quarteirões de distância. Entro no vestíbulo da biblioteca para disfarçar e fico de olho na janela que dá para a rua. Quando o carro de Rach some, puxo até o queixo o zíper da jaqueta North Face e rumo para a cafeteria.

O Earth Lily abriu há um ano, mas nunca fui. Tom uma vez chamou a comida de *porcaria hippie*, durante um de seus ataques sobre Sunnybrook estar fadada a ser dominada por tipos jovens e naturebas como Millerton.

Não quero ocupar uma mesa sem comprar nada, então peço a única coisa que

reconheço no cardápio, um cappuccino. Peço descafeinado, e quando fica pronto sento-me em um canto do salão, em uma poltrona forrrada de veludo. São seis e vinte e Allie não está aqui.

– Monica?

Alli Lewandowski está usando uma malha preta de gola canoa. O cabelo está preso em um coque alto elegante.

– Desculpe. Estacionar é muito difícil por aqui.

– Não tem problema. – Enfio as mãos entre os joelhos, ao perceber que estão trêmulas. – Obrigada por vir. Sei que você provavelmente tem coisa melhor para fazer.

– Que nada, não seja boba. Vou pegar alguma coisa para tomar e daí conversamos.

Concordo com a cabeça. Mantenho os dedos em volta da caneca para aquecê-los, tentando não encarar Allie enquanto ela faz o pedido no balcão. É a pessoa mais bonita que eu já vi. Quando ela se vira, senta na poltrona à minha frente. Dá um sorriso amigável.

– O que você leciona? – pergunto.

– Pilates na Barre-ing It All. – Ela dá um ligeiro sorriso. – Não é o emprego dos meus sonhos, mas estou fazendo mestrado em tempo integral. No que você quer se graduar?

Minha cabeça fica vazia. Era minha irmã quem sempre foi muito segura sobre o que queria ser, ao passo que eu dava uma resposta diferente a cada ano. Bailarina. Professora. Editora de revista.

– Não sei – digo. – Talvez Psicologia.

Os olhos de Allie brilham.

– É nisso que sou formada! Estou estudando para ser assistente social.

– Que incrível – digo. – Incrível mesmo.

Allie leva o canudo à boca e olha disfarçadamente para o celular. Estou agindo de um jeito totalmente bizarro e ela está procurando uma desculpa para ir embora.

– Desculpe eu estar sendo estranha – falo de repente. – É só que minha irmã também queria ser assistente social. Ou veterinária.

– Oh. – Os olhos de Allie se suavizam e ela gira o canudo no *iced latte*. – Jen era uma menina tão bondosa. Ela teria sido muito boa em qualquer uma dessas

coisas.

– Ela falava muito de você – digo. É mentira, e uma mentira péssima. Basta que Allie pergunte o que Jen dizia a respeito dela e estou frita. A partir do momento em que entrou no ensino médio, minha irmã nunca conversou comigo sobre Allie nem sobre animação de torcida nem, na verdade, sobre qualquer coisa.

– Você deve sentir muita a falta dela. – Allie inclina a cabeça e me oferece um olhar encorajador. Há solidariedade em sua expressão, mas não piedade. Ela vai ser uma boa assistente social.

O fundo dos meus olhos arde.

– Eu gostaria de poder conversar com ela. Só queria perguntar o que aconteceu.

Os dedos de Allie enrijecem em volta do canudo.

– Como assim?

– Não sei. Mesmo antes de as amigas dela serem mortas, eu notei que estava acontecendo alguma coisa com Jen. – Arrasto o cappuccino mais para perto de mim e mantenho os olhos na xícara. – Tinha uma animadora que minha irmã não suportava, Carly Amato. Ela foi expulsa da equipe.

Uma breve sombra de alguma coisa feia passa pela expressão de Allie.

– Eu nunca expulsei Carly. Ela desistiu.

Meus pensamentos giram. Patrice parecia tão segura de que Allie havia expulsado Carly da equipe.

– Ah. É que eu ouvi uns boatos…

– Eu conheço os boatos. – A voz amigável de Allie se torna seca. – Foi por isso que você me chamou aqui? Para descobrir se meu namorado me traiu com Carly?

Minha garganta se fecha. Não consigo encontrar palavras para me defender, se é que existe alguma capaz disso.

Allie me encara com expressão gélida.

– Não sei por que isso te interessa, mas não, não é verdade. A coisa toda tomou uma proporção exagerada. Eu encontrei um brinco de Carly no carro do meu namorado – Allie diz. – Obviamente perguntei a ele como tinha ido parar lá. Ele disse que o melhor amigo dele tinha conhecido Carly no verão e que os dois começaram a sair. Uma noite Carly ligou para eles, pedindo que

comprassem cerveja para ela. Eles a buscaram e o brinco dela deve ter caído no banco de trás do carro do meu namorado.

– E você acreditou nele?

– O amigo confirmou a história. E isso pode parecer cruel, mas meu namorado nunca teria se interessado por uma garota como Carly. – Os olhos de Allie brilham. – Mesmo assim, foi muito idiota da parte deles. Tipo, sair com uma menina do ensino médio e comprar bebida alcoólica para ela? Eles poderiam ter se mentido num problemão. Seja como for, eu não expulsei Carly da equipe. Antes de saber o que havia realmente acontecido, falei umas coisas horrorosas para ela. Eu meio que perdi a cabeça. Ela saiu do time e a boataria começou. – Allie me encara. – O que tudo isso tem a ver com a sua irmã?

Isso é exatamente o que eu esperava que ela pudesse me dizer ao vir aqui. Allie é um dos únicos vínculos que restam entre Carly e minha irmã e as amigas mortas dela, e tudo que consegui fazer foi deixá-la irritada.

Ligue os pontos. Talvez Carly e Allie e o namorado dela nunca tenham sido pontos, para começo de conversa.

– Não sei – digo. – Eu não pretendia desperdiçar seu tempo.

– Tudo bem. Agora preciso ir dar aula. – Allie se levanta e me olha como se não tivesse certeza de como havia chegado até ali. – Boa sorte com Oneonta. Se é que você quer mesmo ir para lá.



Capítulo 18

Minha mãe não pode me buscar na escola até que o ensaio que ela está supervisionando no teatro termine, às 19h30, então preciso matar o tempo na biblioteca. Levo uma cadeira até a seção de revistas e escrevo para Ginny.

Conversei com Allie. Foi um desastre.

Uh-oh

Pois é. Ela diz que pegou o namorado comprando cerveja para Carly. Allie discutiu com ela sobre isso e Carly saiu do grupo.

Você acha que foi isso mesmo que aconteceu?

Eu paro e reflito.

Não sei. Sinto que tinha alguma coisa que Allie não estava me contando. Ela não comentou sobre Juliana estar sob a influência de Carly.

Talvez Allie simplesmente não soubesse que

Juliana saía com Carly.

Não sei. Seja como for, Carly obviamente não vai nos contar.

Uma elipse aparece e desaparece. Aparece de novo. Como se Ginny estivesse digitando uma resposta e apagando. Daí, finalmente:

Talvez eu conheça alguém capaz de fazer Carly conversar com a gente.

??? Quem???

Elizabeth Lewis ☺

São quase dez da noite e Ginny não mandou mensagem me atualizando. Faz horas que ela escreveu para Carly, como Elizabeth Lewis, convidando-a para tomar um café e conversar sobre a Sociedade Internacional de Honra em Enfermagem.

Essa sociedade não existe, o que Carly poderia descobrir muito depressa no Google. Nosso plano para atraí-la ao centro de atividades estudantis se baseia no fato de Carly não ser a pessoa mais inteligente do mundo.

Existe também a chance de ela ainda estar em alerta depois da minha visita; Carly pode não ter pensado duas vezes antes de adicionar Elizabeth Lewis como amiga, mas o convite para um encontro pessoal pode parecer suspeito para alguém com tanto a esconder. E, desde que conversei com Ethan em Osprey Lake, estou convencida de que tudo que Carly me contou é mentira e que ela tem a chave para revelar o que realmente aconteceu na noite em que Juliana foi morta.

Se Ginny e eu não conseguirmos arrancar nada de Carly, não sei onde tudo isso nos deixa. Podemos tentar encontrar o cara com quem ela estava saindo (o amigo do namorado de Allie), mas, depois da partida abrupta de Allie, quando eu o mencionei, ficou claro que ela não está disposta a facilitar que eu remexa fatos de cinco anos atrás.

Quando Ginny me telefona, atendo no primeiro toque.

– Ela está livre na sexta às seis e meia – Ginny diz. – Ela tem provas práticas esta semana, então é a única noite possível.

– Tudo bem.

Ginny hesita.

– Você vai perder uma boa parte da decoração do carro alegórico.

– Eu não dou a mínima para o carro alegórico, se você não der.

– Monica, eu não fui nem uma vez à montagem do carro – ela diz. – Eu não poderia me importar menos com o assunto.

Resta a questão de fingir entusiasmo com o esquenta de sexta-feira e com o desfile, o jogo e o baile de sábado. Não sei por quanto tempo mais Alexa e Rachel vão tolerar meu mau humor.

Se mais alguém percebeu como venho sendo desagradável, aparentemente isso não o incomoda. Na quinta de manhã, a presidente do conselho estudantil diz que estou na comissão do *homecoming* do terceiro ano.

Eu me endireito um pouco na cadeira, as bochechas pegando fogo diante dos aplausos da minha turma. Forço a audição para ouvir o nome das outras meninas.

– Alexa Santiago e Sharaya Tompkins! E agora os meninos…

Deixo de escutar, meu estômago se contrai. Rachel está absolutamente arrasada.

Durante o ensaio, ela vira para o lado errado quando estamos mudando de formação e tromba com Kelsey G.

Após o treino, quando Alexa pergunta a que horas vamos decorar o carro alegórico, Rach murmura uma desculpa sobre cãibras e diz que não vai participar. Espero até chegar em casa para escrever para Alexa informando que também não vou, então a pior coisa que ela pode fazer é mandar uma foto de si mesma me mostrando o dedo médio.

Alexa vai superar; ela sempre supera. Mas não consigo parar de pensar em Rachel e em como todo dia parece que estou deixando que ela se afaste de mim. Quando Ginny me apanha, às seis, pergunta qual o problema.

– Só umas merdas com as minhas amigas – digo.

Ginny não rebate e, como que sentindo que não quero falar a respeito, liga o

rádio. Meus pais pensam que estou indo para a montagem do carro alegórico, então peço que Ginny saia da nossa garagem para a direita, como se estivéssemos a caminho da escola, para o caso de alguém em casa estar me observando.

Nós (ou melhor, Elizabeth Lewis) vamos encontrar Carly no centro de atividades estudantis da Orange County Community College, onde há uma cafeteria.

– Tem certeza de que deveríamos confrontá-la? – digo para Ginny quando entramos no estacionamento. – Isso tem potencial para ficar bem feio.

– Eu sei. – Ela mastiga a cutícula. – Trouxe isto.

Ela enfia a mão no decote em V da camisa e de lá tira um pequeno apito roxo. – Minha mãe distribui isso nas aulas que dá no hospital todo mês sobre prevenção a assédio sexual.

Não digo a ela que o apito é um consolo bem pequeno. Os carros no estacionamento são esparsos, e penso que gostaria que Carly pudesse ter se encontrado conosco mais cedo, quando haveria mais gente por perto.

Às 18h30, pontualmente, um Volkswagen entra no estacionamento. Carly sai do carro. Segura a chave por cima do ombro e tranca.

– Ali. – Aponto para o Volkswagen. – É ela. Vamos.

Ginny e eu saímos do carro da mãe dela e a seguimos às pressas por entre os carros. Gesticulo para que Ginny contorne o SUV que bloqueia nossa visão de Carly. Vou pelo outro lado e intercepto Carly.

– Oi – digo.

Carly Amato dá um pulo para trás.

– Mas que porra é essa?

– A gente só quer conversar com você – digo. – Dez minutos. Por favor. E você nunca mais vai ver a gente de novo.

Carly enfia a mão na bolsa e me encolho atrás de um carro. Fecho os olhos com força e me preparo para um jato de spray de pimenta no rosto. Mas ela tira o vaporizador e o leva à boca.

– Não tenho nada a dizer. – Carly sopra a fumaça pelo nariz.

– Você era amiga da Juliana – digo. – Então por que diz que mal a conhecia?

– Você não entende – Carly diz. – Eu fiz muita coisa no ensino médio de que me arrependo. Mas minha vida está nos trilhos agora, então desculpe se tenho

problemas com vocês duas desenterrando merdas antigas.

– Sabemos que você saiu com o namorado de Allie e o melhor amigo dele – digo. – Você os apresentou para Juliana, não foi?

– E daí se apresentei? – Os olhos de Carly vão de mim para Ginny como os de um hamster. – Qual a importância disso?

– É importante se o namorado de Allie ou o amigo dele dirigiam uma picape.

Carly entreabre os lábios.

– Por quê?

– Porque alguém viu Juliana sair de uma picape na noite em que foi morta. E outro alguém a ouviu dizer, aos gritos, "Não me diga para me acalmar".

Alguma coisa brilha nos olhos de Carly. Ela engole em seco. Olho para Ginny.

– Carly – ela diz. – A gente não liga se você usava drogas. A gente só quer saber quem realmente matou Juliana.

Carly cruza os braços em frente ao peito e enfia as mãos no cardigã.

– Aquele vizinho grandão esquisito matou Juliana.

– Você não acredita nisso – digo. – Só queremos o nome do cara que dirigia a picape.

– De jeito nenhum. Eu comprava de um daqueles caras. Eu vi quando ele espancou a sério um moleque que contou aos pais que comprava oxicodona dele.

Eu congelo, embora desconfie de que nada mais me surpreenda a esta altura.

– Você comprava comprimidos do namorado da sua treinadora?

– Não dele. Do amigo. – A garganta de Carly estremece. – Ela me atacou, sabia? Allie, pensou que eu estava transando com o namorado dela. Eu teria adorado jogar na cara dela que o melhor amigo dele estava faturando alto vendendo bolinhas.

– Esse cara. Juliana comprava dele? – pergunto.

– Juliana não usava drogas. – Carly dá outra baforada no vaporizador. – Ela não quis mais sair com ele quando descobriu que ele vendia. A gente saiu um dia, só para beber, nós quatro. Ele precisou parar para fazer uma entrega, e Juliana meio que surtou.

– E você não pensou em contar a ninguém quando ela foi assassinada?

Carly funga.

– E quem teria acreditado em mim? Eram caras da Hamilton.

– Hamilton?

– A faculdade. Gente rica e metida e o cacete a quatro. E eu não tinha nenhuma prova nem de que eles *conheciam* Juliana. Tirando a festa onde eu os conheci, a gente nunca saiu com eles para lugares públicos nem nada do gênero.

Um vaso sanguíneo abaixo do meu olho direito começa a tremer.

– Qual é o nome deles, Carly?

Ela solta uma baforada no meu rosto.

– O vizinho matou Juliana e Susan. É só isso que tenho a dizer.

– E se Jack não as matou? – Ginny fala alto.

Olho para Ginny; seu rosto está roxo, e ela respira com dificuldade.

– Como você vai viver com a sua consciência se esses caras forem culpados e você tiver ajudado os dois a escapar?

Pela primeira vez Carly Amato parece realmente triste.

– Caras assim sempre escapam. Lamento ser eu a te contar isso.

Nós conseguimos: descobrimos quem mais teria desejado que Juliana e Susan morressem. O namorado de Allie e o amigo dele devem ter ido à casa dos Berrys naquela noite para confrontar Juliana. Talvez quisessem argumentar com ela ou intimidá-la para que ficasse de boca fechada quanto ao negócio das drogas.

Em vez disso, ela revidou.

Ginny e eu estamos no quarto dela, sentadas na cama.

– Faz sentido – digo. – Eles entraram numa briga com Juliana no andar de baixo e daí a mataram; e, quando Susan ouviu a confusão, saiu do chuveiro. Então um deles ou ambos a perseguiram escada acima de novo.

Ginny senta-se com os joelhos afastados, pressiona a sola dos pés uma contra a outra.

– Definitivamente faz mais sentido do que Jack Canning entrar na casa e matar Juliana só para chegar até Susan.

Pressiono os dedos nas pálpebras.

– Isso é absolutamente irritante. Temos dois caras com um motivo e zero ideia de como se chamam, porque Carly Amato é uma covarde.

Os olhos de Ginny se acendem.

– *Não*. Vamos encontrá-los.

A intensidade da voz dela me surpreende. Encaro Ginny, incerta sobre quando isso aconteceu com ela. Talvez ela sempre tenha sido assim, mas ninguém se deu ao trabalho de prestar atenção.

– E daí falar o quê? – pergunto. – Quem vai acreditar em nós se acusarmos dois caras aleatórios de um crime de cinco anos atrás?

– Ethan deporia. – O rubor nas faces de Ginny se aprofunda. – Se eles conseguirem associar a picape aos caras…

– Ninguém vai acreditar em Ethan.

Ginny se cala.

– Odeio isto.

– Eu também – digo.

Eu não apenas odeio isso, eu me sinto completamente destruída. A ideia de que o assassino de Juliana e Susan está vivo e andando livre por aí, e não há nada que possamos fazer a respeito, é pior do que se não tivéssemos conseguido nenhuma resposta.

Era nesse ponto que Jen se encontrava? Ela havia entendido tudo? Ela era mais próxima de Juliana do que qualquer outra pessoa.

Jen descobriu algo que não deveria ter descoberto? Eles chegaram a ela?

Preciso saber o que aconteceu à minha irmã.

Jennifer

CINCO ANOS ANTES
NOVEMBRO

– Não consigo fazer isso.

Jen estava deitada de lado, encolhida como uma bola, o travesseiro manchado de lágrimas e baba. A mãe, sentada na cama, afagava seus cabelos.

– Você precisa, amorzinho. Por ela.

Jen sentiu a garganta se fechar. A mãe nunca a chamara de "amorzinho", nem uma só vez na vida. Jen se encolheu ao toque dos dedos ossudos na mãe. Ela perdera tanto peso na semana anterior. Ambas perderam.

A mãe teve de ajudá-la a se vestir. Jen nem se importou que a mãe a estava vendo de calcinha e sutiã. Quando a mãe saiu para ir se vestir, Jen se sentou na borda da cama. Olhou para o espelho de corpo inteiro, incapaz de pegar a escova de cabelos a seu lado.

No espelho, viu um borrão de cabelo castanho à porta. Virou a cabeça a tempo de ver Monica sair apressada de volta para o corredor.

Jen chamou o nome da irmã e Monica voltou à soleira de Jen, calada no vestido preto de veludo. Quando Jen foi perguntar a Monica por que estava espionando, só o que saiu foi um choro estrangulado.

Monica entrou no quarto de Jen. Em silêncio, pegou a escova e começou a desfazer os nós nas pontas do cabelo de Jen. Jen ficou sentada, encarando o espelho, as lágrimas escorrendo pelas bochechas, enquanto a irmã, a pentelha de sua irmãzinha, fazia tranças nela com o mesmo cuidado e a mesma ternura que dedicava às bonecas.

A fila para o velório de Juliana contornava toda a lateral de Maroney e invadia o estacionamento. Quando Jen saiu do carro, sentiu os joelhos trêmulos. *Eu deveria esperar por Susan aqui.*

Jen estava consciente do olhar da mãe pousado nela, e quando olhou para cima, a compreensão a esmagou. Susan estava morta também. O velório dela seria em dois dias.

A mãe tomou sua mão, mas Jen continuou pregada no chão. As pessoas estavam olhando, demorando-se um instante a mais na família Rayburn/Carlino.

– Estão olhando para mim – ela cochichou.

Tom pôs a mão no ombro da mãe dela.

– Nós podemos ir pelos fundos. Ninguém vai se importar.

Jen manteve os olhos baixos enquanto Tom as conduzia para a lateral do prédio, onde um homem de paletó, o senhor Maroney, fumava. Até ele parecia abatido.

O senhor Maroney acenou para Tom e deixou todo mundo entrar sem fazer perguntas. Jen soltou a respiração quando a porta se fechou atrás deles. O corredor estava vazio, exceto por um homem vestido como o senhor Maroney. Ele parecia estar montando guarda na menor sala da funerária. A porta estava entreaberta; Jen viu de relance a foto na mesa de apoio, cercada de lírios brancos. Seu estômago foi aos pés.

– O velório dele está sendo aqui?

Tom pousou a mão em seu ombro.

– A mãe dele merece poder enterrá-lo também.

Jen se sacudiu para se livrar do toque de Tom.

– Ele é um *monstro*.

O homem parado à porta do velório de Jack Canning estava olhando para eles agora; o senhor Maroney havia voltado para dentro, dada a agitação. Até Monica e Petey olhavam para Jen como se nunca a tivessem visto antes.

Jen cobriu a boca e correu para fora. Teve espasmos por cima do gradeado, mas não saiu nada. Provavelmente foi melhor assim. Ela teria destruído as violetas lá embaixo. As violetas não tinham feito nada errado.

– O truque é enfiar o dedo na garganta.

Jen olhou para cima. Carly Amato, de olhos vermelhos e cílios grudados, a observava. Um cigarro queimava entre o indicador e o dedo médio.

– Não fala comigo – Jen disse.

– É isso aí, desconta na vadia. – Carly apagou o cigarro com o salto do coturno.

Jen sentiu uma onda de raiva. Lembrou-se da mancha de sangue na boca de Carly, o olhar maníaco quando Allie a atacou. Parecia que a briga tinha sido

várias semanas antes. Mas haviam passado apenas seis dias.

– Você teve alguma coisa a ver com isso, não teve?

Carly deu um sorriso malicioso.

– É, eu falei ao doidão para ir lá e matar as duas. Você me pegou.

Jen precisava parar de culpar Carly, transferindo a raiva para ela como Allie fizera. Ela pensou em uma coisa cruel. *Você cheira cocaína no banheiro, Carly? Porque sua aparência mostra que sim.*

Mas Jen não conseguia ser cruel, por mais que quisesse. As pessoas mais cruéis eram as que pareciam levar a vida na flauta, como se toda aquela maldade fosse um escudo.

– Eu queria que ela nunca tivesse conhecido você – Jen disse. – Talvez ela ainda estivesse viva.

Carly piscou. Jen pensou talvez ter visto lágrimas nos olhos dela, antes de virar e se afastar, deixando-a parada ali.

Quando voltaram para casa após a cerimônia, Jen disse que iria para a cama cedo. Saiu pela janela e atravessou o quintal, o brilho da TV na sala atrás dela.

Ele a deixou entrar.

– Você está bem?

Jen mordeu o lábio. Balançou a cabeça.

– Podemos ir para o seu quarto?

Ethan entrelaçou a mão na de Jen e a conduziu pelo corredor. Com a mão livre, abriu a porta do quarto. O olhar de Jen foi de Ethan para a cama dele. Ela se deitou e Ethan a seguiu, mantendo cerca de trinta centímetros de distância entre eles. O edredom dele era fresco contra o rosto dela.

Jen tomou o rosto de Ethan nas mãos. Ele a manteve afastada e deslizou os dedos pelos cabelos dela. Não se moveu para beijá-la; dessa vez ela o beijou primeiro. Ele a beijou de volta até ficarem ambos afogueados e precisarem interromper para recuperar o fôlego.

Jen encarou Ethan. Passou o dedo pelo lábio dele. Ele beijou a ponta de seu dedo; ela estendeu a mão para trás e abriu o zíper do vestido. Ethan pôs a boca no ombro dela.

Jen moveu a mão para baixo, mais para baixo, até sentir a pele quente da barriga dele. Quando chegou ao zíper da calça, ele enlaçou os dedos nos dela.

Levou a mão dela para seu peito.

Ela se sentou.

– Você não quer?

O rosto de Ethan estava vermelho, a boca inchada pelos beijos.

– Quero muito, muito. – Ele a estreitou junto a si. Puxou-a de modo que ela ficou encaixada no espaço entre as pernas dele. – Só não quero com você assim triste.

Os olhos de Jen arderam quando ele afastou uma mecha de cabelo do ombro dela e roçou os lábios por sua clavícula.

– Eu estou sempre triste.

Ela não percebeu ter dito aquilo em voz alta, até que ele parou. Ela se virou para encará-lo, o rosto agora molhado.

– Eu estou sempre muito triste.

Ethan enxugou uma lágrima dela com o polegar.

– Quando foi a última vez que você esteve feliz?

Ela não sabia. Mesmo quando recuperava suas recordações mais felizes, era como se as estivesse vendo em um rolo de filmes. Coisas que tinham acontecido com outra garota.

– Não sei se alguma vez já fui feliz. – Jen enxugou uma lágrima com as costas da mão. – Isso não tem importância. Elas se foram, e era para eu estar com elas. E todo dia, desde então, eu acordo desejando poder morrer também.

O dedo de Ethan, o que acarinhava sua bochecha, ficou imóvel.

– Eu tentei fazer isso no oitavo ano. Morrer.

Ela sentiu como se todo o ar fosse sugado de seu corpo.

– Como?

– Não vou te contar isso. Não é o ponto. Eu mudei de ideia e ainda estou aqui. – Ethan pôs as mãos em concha em volta do rosto dela, a milímetros do seu. – Tem tanta gente que te ama.

Aquele era o problema. Jen sabia que era amada e que sempre tinha sido amada. Ela sabia que, mesmo que fizesse o indesculpável e os destruísse, eles ainda a amariam. E isso tornava tudo muito pior.

– Era para eu estar lá – Jen cochichou. – Era para sermos nós três.

Ethan não falou nada. Moveu os dedos da bochecha para a testa dela. Afastou um cacho de cabelo que se molhara com as lágrimas, provocando um arrepio

em Jen. Ethan não disse *Você não pode pensar assim* nem *Você não pode se culpar*, como todo mundo. Jen ficou grata por isso.

Quando ele voltou a falar, sua voz era um sussurro no ouvido dela.

– Você ainda está aqui. Isso é tudo que importa agora.

Jen fechou os olhos. Uma lágrima desceu pela bochecha, passou pela boca e parou na depressão da clavícula.

Ethan a enxugou.

– Repete: *eu ainda estou aqui.*

Jen obedeceu, a voz lutando contra o aperto invisível na garganta.

– Eu ainda estou aqui.

Ela repetiu as palavras mentalmente. Mas, quanto mais ecoavam em sua cabeça, menos as palavras pareciam uma afirmação.

Eu ainda estou aqui.

Começava a parecer uma maldição.



Capítulo 19

Mango arranha minha porta por volta da meia-noite. Eu o enxoto de volta para o quarto de minha mãe e Tom. Ele me olha de um jeito que me faz sentir a pessoa mais malvada que já existiu.

Espero mais meia hora para ter certeza de que ele não vai voltar, antes de sair do quarto na ponta dos pés. O ronco de Tom invade o corredor; desço a escada parando em cada degrau, atenta ao som do ronco às minhas costas.

O computador de Tom é protegido por senha. Tento o nome de minha mãe, o nome de Petey, até o meu próprio, com todas as trocas possíveis de nossos aniversários. Nenhuma combinação funciona, nem mesmo quando substituo nossos nomes por *NYGiants*.

Abro a primeira gaveta da escrivaninha e procuro um Post-it solto com as senhas anotadas. Movo a mão para a terceira gaveta, mas ela não se mexe quando puxo a maçaneta.

Poças de pânico no estômago. Eu deixei esta gaveta destrancada; Tom deve tê-la encontrado assim e sabido que alguém esteve em seu escritório. Eu o imagino vasculhando o conteúdo. Percebendo que o celular de Jen tinha sumido. Concluindo que só há uma pessoa nesta casa com um motivo para roubá-lo.

Levanto-me com tamanho ímpeto que a cadeira roda para trás. Preciso dar o fora daqui. Quando me viro em direção à porta, dou um gritinho.

Tom de braços cruzados em frente ao peito. Olha para mim como se houvesse

um milhão de coisas que gostaria de dizer, mas opta por uma única palavra:

– Senta.

Tom aponta para a namoradeira perto da janela. Obedeço, enquanto ele acende a luz e senta-se à escrivaninha. Une as pontas dos dedos em frente à boca. Fecha os olhos e faz pequenos semicírculos com a cadeira.

Não sei se ele está ou não esperando que eu me defenda.

– O que você está fazendo? – pergunto por fim.

Após um instante, ele diz:

– Estou tentando decidir se existe uma forma lhe dar um corretivo que não envolva sua mãe.

– Você não me disse que a mamãe não precisa saber de cada mínima coisa que acontece por aqui?

Tom abre os olhos de repente.

– Você acha isso engraçado? Eu guardo minha arma no cofre aqui.

A voz dele falha na palavra *arma*, e meu estômago dá um nó.

– Como ela se matou? – Eu já perguntei antes, é claro. A resposta nunca muda. Mas agora a recusa de Tom em me contar a verdade parece mais um ponto a favor de Ethan.

Tom me encara de volta, nem um pouco comovido.

– Eu jurei à sua mãe que jamais lhe contaria isso.

– Bobagem. Eu aguento.

Tom dá um tapa na mesa.

– A decisão não é sua.

Por um segundo acredito mesmo que ele vai perder as estribeiras comigo. Mas sua expressão se suaviza. Ele desliza a mão pelo rosto. Inspira audivelmente e me encara como se, por um momento, tivesse esquecido que estou sentada aqui.

– Você precisa acordar cedo para o desfile de amanhã – ele diz. – Conversaremos sobre isso em outra hora.

– Eu quero conversar sobre isso agora – retruco, odiando soar como uma criança petulante.

Tom suspira e abre a segunda gaveta. Enfia a mão e traz do fundo uma garrafa de uísque e um copo. Pisco, desacreditando quando ele se serve de cinco centímetros e manda para dentro.

– Por que você tem isso na sua mesa?

Tom gira o copo, os olhos no restinho no fundo.

– Sua mãe não gosta que eu beba.

– Porque você bebeu demais depois que Jen morreu?

Tom se serve de mais uma dose generosa do uísque.

– Errada você não está.

Quando ele entorna o segundo copo, o buraco no meu estômago aumenta.

– Você precisa fazer isso?

– Monica, se você quer que eu fale sobre uma coisa que eu realmente não quero falar, então, sim. Eu preciso.

Tom fecha os olhos. Inclina a cabeça para trás. Quando volta a abrir os olhos, concentra-os em mim.

– O que você quer saber?

Tudo.

– Por que você não me confrontou quando percebeu que peguei o telefone de Jen?

– Eu não estava totalmente seguro de não ter sido sua mãe quem pegou. Ela não sabe que guardei o aparelho quando cancelei a linha de Jen.

– Mas por que você guardou?

– Monica, se sua filha tirasse a própria vida, você iria querer examinar qualquer mínima coisa que ela tivesse feito até aquele momento, para tentar entender o porquê.

– Então você sabia que ela estava conversando com Ethan McCready. Ele foi a última pessoa que ligou para ela.

– Sim. Quando eu soube que o número era dele, perdi a cabeça e falei para ele coisas que não deveria ter falado. Eu o acusei de coisas.

– Você pensou que ele tinha algo a ver com isso?

– O menino tinha uma tentativa de suicídio no histórico. – Tom gira o restinho do líquido no copo. – Então, sim. Eu pensei que ele tinha algo a ver com isso.

– Mas ele sabia que tinha alguma coisa errada e tentou te contar. E você não ouviu. Você não ouviu quando ele tentou contar sobre o que viu na casa dos Berrys na noite dos assassinatos.

– Ele *não viu nada*, Monica.

Engulo o caroço de raiva que aperta minha garganta.

– Você *alguma vez* parou para pensar que ele talvez tenha visto? E que talvez não tenha sido Jack Cannnig?

– Uma porção de vezes, sim.

Não é o que eu esperava que ele dissesse. A resolução de aço que ele demonstrou quando o confrontei algumas semanas atrás desapareceu.

– Então por que você não se esforçou mais? – exijo.

– Nós conversamos com os amigos de Juliana e Susan – Tom diz. – Não deixamos nenhuma pedra por revirar. Ninguém queria ferir aquelas meninas.

– Vocês conversaram com Carly Amato?

Tom pisca; suas pálpebras estão pesadas.

– Quem?

– Ela era amiga de Juliana.

– O nome não me soa familiar. Mas, se elas eram amigas, alguém deve ter conversado com ela.

– Bem, ela pode ter mentido para proteger a pessoa que fez aquilo. Você *acabou de dizer* que refletiu sobre não ter sido Jack Canning.

– Meu bem. – Os olhos de Tom estão vermelhos e vidrados. – Só porque não estou cem por cento seguro não significa que eu não acredite, do fundo do coração, que foi ele. Acredito que o homem que matou aquelas meninas está morto.

Ouvi-lo dizer isso é como um soco direto no coração.

– Acredito que o homem que matou Jen está morto – ele diz, e meus olhos estão molhados de lágrimas quentes. – Eu culpo Jack Canning por matá-la. Eu sei que você gostaria que ainda houvesse alguém aqui a quem pudéssemos culpar. Às vezes eu desejo a mesma coisa.

Enxugo o rosto com a manga do pijama. Tom pega a caixa de lenços da mesa e me oferece, antes de voltar a se sentar.

Depois de limpar o nariz, olho para Tom.

– Você sabia que foi Ethan McCready quem mandou as cartas que estão na gaveta?

Tom fecha os olhos.

– Sim, eu suspeitei.

Quando ele abre os olhos, serve-se de mais uma dose de uísque. Ao sustentar

meu olhar, pousa o copo na mesa em lugar de virar e mandar para baixo.

– Por quê? – cochicho. – Por que você guardou o telefone dela?

Tom me observa através dos olhos enevoados.

– De vez em quando eu olho as chamadas. Já decorei os números, mas continuo voltando a eles como se fossem um código que não consigo solucionar. – Ele faz uma pausa, olhos postos na bebida sobre a mesa. – Ouço os recados da caixa postal, esperando escutar alguma coisa nova. Suponho que seja a mesma razão de McCready ao me enviar aquelas cartas. Nós acreditamos que, se perguntarmos vezes suficientes, a resposta mudará.

Minha garganta está apertada.

– Eu não consigo parar de ouvir o som do grito da mamãe – digo. – No carro, depois que ela foi me buscar naquela manhã. Há coisas que você não consegue parar de ver ou ouvir?

Tom assente. Fecha os olhos e inclina a cabeça totalmente para trás, até que eu mal consiga ver seu rosto. Quando torna a se endireitar, diz:

– O cachorro estava encolhido ao lado do corpo de Susan, tremendo. O pobrezinho tinha sangue de Jules pelas patas todas.

Tom nunca havia me contado nada sobre o que viu na casa dos Berrys. Ele deve estar bêbado para me contar algo tão íntimo quanto Beethoven, o amado cão de Susan, estar deitado ao lado do corpo dela sem vida.

Uma ideia me ocorre.

– O cachorro. Ele não teria tentado atacar o assassino?

– Alguém do tamanho de Jack teria sido capaz de tirar um cachorro de cima de si mesmo.

– Mas o cachorro estava ferido? Mancando ou algo assim?

A expressão de Tom desmorona, e sei que ele não tinha pensado nisso. Ou pensou, porque é um bom policial, e descartou a ideia, porque mesmo bons policiais cometem erros.

Uma tempestade perfeita para uma investigação ruim. A polícia estava cega pela emoção, mais propensa a deixar escapar importantes detalhes.

Tipo, como era estranho que Jack Canning saísse da casa dos Berrys sem uma grande mordida de cachorro.

Pela manhã, me arrumar para o desfile da Semana Comunitária é como

sonambular pela vida de Monica 1.0. Não me reconheço no espelho do banheiro, enquanto cumpro a rotina de maquiagem, aplico cílios falsos e delineio a boca de vermelho. Tudo é igual, mas é diferente.

Estamos marchando no desfile e nos apresentando ao som da música da fanfarra; é uma sequência simples, batida, centrada no *kickline*. Mesmo assim, a treinadora mandou que usássemos a roupa de competição completa: coque atrás, *strass* aplicado nos cantos dos olhos.

O desfile começa no estacionamento da escola. Quando estamos todas reunidas, a treinadora nos põe em fila e inspeciona. O estacionamento está se enchendo depressa com os membros uniformizados das equipes esportivas, membros da banda carregando instrumentos desajeitados. Uma menina está tocando clarinete, afinando-o estridentemente.

Um assobio atravessa o barulho. Por todo o estacionamento as pessoas param o que estão fazendo para procurar de onde vem. A senhora Lin, orientadora do conselho estudantil, sobe na caçamba de uma picape presa ao carro alegórico da turma do último ano. Ela enfia dois dedos na boca e assobia de novo.

– Encontrem seus grupos, por favor. Membros da comissão de alunos devem se dirigir aos respectivos carros alegóricos. Se você está desfilando *e também* participa da comissão da Semana Comunitária, encontre seu carro alegórico no fim do trajeto do desfile para a cerimônia de coroação.

A banda começa a ensaiar o hino do time de Sunnybrook, e nós executamos a sequência.

Eles abrem o desfile, nós dançando atrás deles, e as outras equipes esportivas e os carros alegóricos na retaguarda.

Quando chegamos à esquina da Rua Principal, alguém na multidão grita meu nome. Meu irmão está pulando e acenando para mim. Está acampado em frente à mercearia dos Aldens, com TJ Blake e a mãe dele. As calçadas estão lotadas, e a polícia bloqueou as ruas laterais. A multidão vai à loucura com os nossos chutes altos. Enquanto estão aplaudindo, aceno discretamente para o meu irmão.

Um *flash* de cabelos loiros e nossos olhos se conectam. Os meus e os de Allie Lewandowski. Ela me encara com frieza e eu tropeço, dou o passo seguinte com o pé errado.

O que ela está fazendo aqui?

Ela não frequentou a Sunnybrook High School; ela não é treinadora aqui há anos. A paranoia me domina, quando penso que Allie estar aqui tem alguma coisa a ver com o nosso encontro.

Estrago totalmente a sequência e acrescento um movimento extra, colidindo com a dançarina à minha frente. Estamos no fim do trajeto, no estacionamento da loja CVS. Não consigo pensar, com o zumbido nos ouvidos.

Ginny. Preciso encontrar Ginny e dizer a ela que Allie está aqui. Vaguei pela multidão ao fim do trajeto, procurando cabelos loiros com mechas de sol. Todas nós temos a mesma aparência, de uniforme e penteados idênticos.

Alguém me pega pelo ombro e me puxa para trás.

– Monica – Alexa diz. – A gente tem de ir para o carro alegórico, para o desfile do *homecoming*.

Abro a boca para lhe dar uma desculpa, mas a multidão começa a enlouquecer. Os carros alegóricos estão se aproximando do fim do trajeto; um agente da polícia orienta as caminhonetes que os puxam para o estacionamento.

Alexa pega minha mão e seguimos para o carro do terceiro ano. É uma cabeça de tubarão gigante de papel machê. Pendurada entre duas palmeiras há uma faixa onde se lê PEGUE SHREWSBURY COM OS DENTES.

Os outros membros do desfile já estão no carro alegórico, com colares havaianos de plástico no pescoço. O motorista, pai de um dos alunos, desacelera e para em frente à CVS.

– Vamos, vamos. – A senhora Lin apressa Alexa e a mim, entrega os colares. Essa parte sempre a irrita, o fato de as meninas da equipe que fazem o desfile do *homecoming* escolherem dançar no desfile em vez de andar no carro alegórico. Ou pelo menos ela pensa que nós temos escolha.

Um dos caras no carro estende a mão para Alexa e ajuda a puxá-la para cima. Quando ela está em posição, ele oferece a mão a mim. Eu hesito.

– Monica – a senhora Lin diz, cortante. – Preciso de você neste carro para podermos começar a cerimônia. A polícia precisa reabrir as ruas em quinze minutos.

– Declino da indicação – digo. – Atribua a outra pessoa.

Alexa olha de mim para a senhora Lin.

– Mas ela pode fazer isso?

Antes que eu consiga abrir a boca, dois caras no carro alegórico se esticam e me pegam pelos antebraços, puxando-me para cima.

A senhora Lin sai correndo para se certificar de que as Kelseys, ambas no desfile do *homecoming*, conseguiram chegar sem incidentes ao carro do último ano, atrás de nós. Esfrego os antebraços, a pele sensível onde os meninos me agarraram.

A imagem da multidão se reunindo no estacionamento, à espera da coroação, dispara uma onda de pânico em mim. Enrolo o colar havaiano por cima da cabeça, o coração aos pulos, escrutinando o bando de gente em busca de Allie Lewandowski.

Finalmente eu a localizo em frente à agência dos correios, vizinha da CVS. Está de pé ao lado de um cara alto, de gorro e moletom de corrida de Sunnybrook. Ele é uns trinta centímetros mais alto que ela; está com a cabeça virada para a treinadora de futebol ao seu lado, mas tem o braço na cintura de Allie.

Brandon. Brandon e Allie.

Em algum lugar alguém está gritando no alto-falante portátil.

– E agora, o desfile de *homecoming* da turma do terceiro ano!

Mais aplausos, que quase abafam nossos nomes. Quando chegam ao meu, tento me esconder atrás de Alexa, mas é tarde demais; os dois me viram. Brandon está batendo palmas devagar, assustado como um cervo diante dos faróis de um carro. Os braços de Allie estão cruzados sobre o peito. Ambos parecem alheios ao fato de que o outro está me encarando diretamente.



Capítulo 20

Kelsey Butler e Joe Gabriel vencem como rainha e rei do *homecoming.* Enquanto estão sendo coroados, desço do carro alegórico e abro caminho por entre a multidão, que se dispersa. O policial que cuida do fim do trajeto está tendo pouco sucesso na tentativa de afastar as pessoas da rua.

Atravesso o estacionamento da CVS e chego à calçada. Continuo andando até os localizar, na frente do teatro. Ginny e meu irmão. Petey está falando pelos cotovelos e ela sorri para ele, acenando com a cabeça. Sempre uma boa técnica.

– Onde está a mamãe? – pergunto a Petey quando os alcanço.

– Em casa, trabalhando. A mãe de TJ me trouxe.

Os olhos de Ginny encontram os meus; ela percebe que estou aborrecida. Balanço a cabeça. *Aqui, não*.

Ponho a mão no ombro de Petey.

– Você pode ir procurar TJ? Ginny e eu temos de ir a um lugar, por causa da equipe de dança.

– Mas ela baixou "Guerra dos Clãs". Eu estava contando para ela sobre a atualização – ele choraminga.

– Petey. Por favor.

Ele me lança um olhar gélido e sai andando para onde TJ e a senhora Blake estão conversando com uma mulher, em frente à Alden. A voz de Ginny soa ao meu ouvido:

– O que foi?

Com a cabeça, indico a alameda de pedestres entre o teatro e a biblioteca. Ginny e eu entramos por ela e emergimos nos fundos de um estacionamento.

– Allie Lewandowski está aqui – digo. – Com Brandon, o treinador de corrida ao ar livre.

Não sei dizer se ela está juntando as peças: ter me visto saindo da sala de Brandon e minha reação ao vê-lo aqui com Allie hoje. O fato de eu o chamar de Brandon e não de senhor Michaelson, como todo mundo chama.

Se Ginny sabe, não diz nada. Mas sua expressão está fechada.

– Ontem à noite… Eu dei uma navegada na internet. Tentei encontrar o nome dos caras da região de Sunnybrook que também se formaram na Hamilton no ano anterior aos assassinatos.

Minha boca fica seca.

– Só havia três que cumpriam esse critério. Um deles é Brandon Michaelson. – Ginny me encara. – Pesquisei mais sobre ele e o encontrei nos registros de atletismo do site da Newton High West. Allie aparecia também. Ela se formou no ano anterior. Ganhou uma bolsa para Oneonta, por animação de torcida.

Eu me abaixo até a sarjeta, sento-me e me inclino, apoiando os cotovelos nos joelhos. Se Brandon estava saindo com Allie na época dos assassinatos, isso não significa que ele esteja envolvido. Carly falou que o amigo do namorado de Allie era quem vendia os comprimidos. Era dele que Juliana tinha medo.

Mas Brandon sabia. Se Carly disse a verdade, Brandon estava no carro quando o outro cara parou para fazer a transação. Brandon ajudou o amigo a espancar o cara que o denunciou.

Isso foi há cinco anos. As pessoas mudam.

Dentro da minha cabeça, uma voz desafiadora se intromete. *Ele ainda assim era mais velho do que você é agora. Ele deveria saber.*

– Não importa – murmuro, como se dizer em voz alta fosse tornar a frase verdadeira. Não importa quem Brandon era naquela época, porque não tem mais nada rolando entre mim e Brandon.

Você ficou com ele no carro durante a cerimônia de homenagem.

Enterro o rosto nas mãos. Respiro profundamente por um minuto, antes de olhar para Ginny.

– Brandon era namorado de Allie e o melhor amigo dele era o traficante. Carly não disse a qual dos dois pertencia a picape.

– Então, o que vamos fazer? – Ginny pergunta.

– Não sei. Não temos prova de nada. Temos um boato de Carly de que Brandon era amigo de um traficante que poderia, talvez, ter matado Juliana e Susan. Temos o depoimento de um homem morto, de que viu uma picape naquela noite. E depois uma história sobre alguém brigando com Juliana no deque, que a polícia já acha que é mentira. – Esfrego os olhos. – Quem vai acreditar em nós?

A boca de Ginny se contrai. Gritos de excitação ecoam na alameda atrás de nós. As pessoas vêm passando por ela, rumo aos carros parados no estacionamento.

– Parabéns! – Um homem acompanhado de três crianças me manda um joinha. Levo um instante para me lembrar do colar havaiano ao redor da cabeça. Quando ele e as crianças entram no carro, tiro o colar.

– Não dou conta de fazer isso – digo para Ginny. – Não posso ir ao jogo ou ao baile e agir como se tudo estivesse normal.

– Você precisa – ela diz. – Não há nada que a gente possa fazer agora. Você só vai deixar sua mãe e seu padrasto mais preocupados com você.

Ela tem razão. Meus olhos ardem de choro.

– Você pode ir? Sei que você não comprou ingresso para o baile, mas você pode ir à festa de Kelsey.

O mais pálido sinal de um sorriso cruza os lábios de Ginny.

– Monica, isso seria exatamente o oposto de agir como se tudo estivesse normal.

Para surpresa de todo mundo, Sunnybrook derrota Shrewsbury por 50 a 44. É o primeiro jogo de *homecoming* que vencemos em quatro anos; em consequência, o clima no baile está ainda mais barulhento que o normal. Três alunos do último ano são expulsos por aparecerem bêbados, e ao longo de toda a noite os professores precisam desatracar as pessoas umas das outras, por violação da regra de não assédio.

Na volta para casa, Alexa está sem fôlego, inabalada pelo fato de que a senhora Coughlin a denunciou por dança imprópria com Joe Gabriel, chegando ao ponto até de ameaçar contar à treinadora.

– Eu amo aquele cara – Alexa diz, baixando o vidro e inclinando o rosto para

o ar frio da noite. – Vou lamber aquele rosto todinho esta noite.

– Você está louca. Ele é um babaca. – Rach não está olhando para nenhuma de nós, concentrada na estrada. Ela esteve calada o dia todo. Isso me preocupa; estar nesse estado de humor significa que ela está mais propensa a ficar doidona na festa de Kelsey.

Durante todo o caminho para a casa de Alexa, elas se espetam quanto a Joe Gabriel ser ou não um babaca. Eu não consigo acompanhar; Brandon não para de invadir meus pensamentos. A expressão no rosto dele quando me viu no desfile.

Ele estava só nervoso por eu estar perto da namorada dele? Ou ele sabe que conversei com Allie na semana passada e está entrando em pânico porque perguntei a ela sobre Carly Amato?

Rach, Alexa e eu vamos direto para cima quando chegamos à residência dos Santiagos. Eu me aboleto na beira da cama de Alexa e descalço as sapatilhas brilhantes que usei na apresentação. Vamos dormir aqui esta noite; a mãe de Alexa está sempre dizendo que sabe que nós bebemos e, se vamos beber de qualquer forma, ela prefere nos dar uma carona segura até em casa. Rachel e eu não temos mães tão de boas assim; elas acham que estamos dormindo na casa dos Santiagos esta noite e fazendo tranças no cabelo uma da outra, ou alguma outra bobagem do tipo.

Tom me olhou e suspirou quando contei para ele e mamãe que ia dormir aqui.

Enquanto Rachel tira o vestido do desfile do *homecoming* e o substitui por um jeans *skinny*, pego o celular na bolsa. Há uma mensagem de texto perdida. Reconheço o número de Brandon.

Preciso falar com você.

Tento controlar a respiração enquanto digito a resposta.

Sobre o quê?

– Não posso usar isso. – Rachel está se estudando no espelho de corpo inteiro de Alexa, deslizando as mãos pela regata preta. – Meus peitos estão escapando.

– É essa sua purificação estúpida. – Alexa está enrolando uma mecha de cabelos na chapinha. Meu celular vibra.

Acho que você sabe.

Guardo o telefone no bolso, sentindo-me enjoada. Ele sabe que conversei com Allie. Se ela contou tudo para ele, ele pode ter juntado as peças. Ele pode saber que estou pesquisando os assassinatos.

– Aqui. Veste isto. De qualquer forma, vai estar um frio de rachar no lago. – Alexa joga para Rach uma malha de gola canoa. Ela a veste por cima da regata. Examina-se no espelho.

– Só toma cuidado para não acontecer nada com esta – Alexa diz, voltando ao reavivamento dos cachos. – Eu gosto dela.

A expressão de Rach se fecha, sem dúvida pensando no moletom da equipe de dança que ela pegou emprestado de Alexa e perdeu.

Eu tiro o vestido quase convicta de que Rach e Alexa conseguem ouvir meu coração bater acelerado. Quero conversar com Ginny, mas terei de contar a ela por que Brandon Michaelson tem meu número.

Eu simplesmente não vou responder para ele. Ele não pode forçar, não pode tentar me encurralar na escola na segunda-feira. Não sem ter de responder a perguntas desconfortáveis sobre o nosso relacionamento. A ideia me relaxa o suficiente para rir, quando a senhora Santiago e Rachel provocam Alexa a respeito de Joe, no carro, a caminho da casa dos Gabriels.

Kelsey mora em uma propriedade afastada, no lado norte de Osprey Lake. É uma daquelas casas que têm uma entrada para carros com portão. O deque dos fundos dela dá vista para o lago e tem banheira aquecida.

Quase todo mundo está do lado de dentro, porque fora está quatro graus, provavelmente a noite mais fria da estação até o momento. Uns poucos trouxas corajosos estão na banheira aquecida.

A festa é um show de horror. Rachel fica bêbada quinze minutos depois de chegarmos, e Alexa está agarrada feito uma craca à mesa de *beer-pong*[9]. Deixo-a lá e vou à cozinha preparar para mim mesma uma vodca com cranberry. Bebo em dois goles, esperando que me relaxe um pouco, antes de ser arrastada para um grupo de meninas do time de dança.

– Vamos tomar um *shot* juntas – diz uma delas.

Não me oponho; quando terminamos, dou uma volta na casa procurando Rachel. Incapaz de encontrá-la, sirvo mais uma bebida e volto para a garagem.

Alexa ainda está à mesa de *beer-pong*. Eu a vejo jogar com Joe Gabriel e com outro cara do último ano.

– Ei. – Jimmy Varney surge ao meu lado, com uma lata de Diet Coke em uma mão.

– Tem rum aí, pelo menos?

Fico surpresa com o esforço necessário para pronunciar as palavras. Baixo os olhos para o restinho de vodca com cranberry. Minha cabeça está zonza e não lembro se é minha segunda ou terceira. Não, decididamente é a segunda. Eu sempre paro depois de duas. Mas o *shot* que tomei, porém… Aquilo foi um erro.

Jimmy sorri.

– Estou dirigindo – ele diz. – Rachel Steiger está te procurando.

A decepção me espeta. Essa é a única razão pela qual ele veio falar comigo? Imediatamente fico com nojo de mim mesma. Minha necessidade patológica de atenção masculina é o motivo de eu estar nessa confusão com Brandon.

– Valeu – digo. – Vou atrás dela então, acho.

Jimmy aponta para a mesa de *beer-pong*.

– Parceiros na próxima rodada?

Antes que eu possa responder, meu bolso traseiro vibra. Pouso a bebida e luto para pegar o telefone, com as pontas dos dedos amortecidas pelo frio na garagem.

Viro de costas para que Jimmy não veja a mensagem de Brandon.

> Estou estacionado mais abaixo no quarteirão.
> Você pode sair? Precisamos conversar. Agora.

Meu coração para. O barulho na garagem fica amortecido; eu me encosto na parede para me apoiar.

Jimmy põe a mão no alto das minhas costas.

– Mon, você está bem?

– Estou. Tá tudo bem. Preciso pegar uma coisa lá dentro.

Subo a escada para entrar na casa ao mesmo tempo que Rachel está descendo para a garagem, cambaleando nos saltos como uma girafa recém-nascida. Os olhos dela, com o rímel já borrado, se fixam nos meus.

– Gata! O que tá fazendo?

– Tenho de ir a um lugar por um minuto – digo, contornando-a. – Volto já.

Rachel faz beicinho.

– Mas *aonde* você tá indo?

– Lá fora, só por um minuto. Já volto.

– Posso ir junto?

– Não. – Sai mais ríspido do que eu pretendia. – Caramba, Rach, *eu já volto*.

Rach dá um passo para trás, diante da intensidade do meu tom. O copo balança junto com ela e derruba suco de cranberry na malha de Alexa.

– Nããããão! – Ela torce o rosto como um bebê que tivesse derrubado o sorvete no chão. – Não, não, não!

– Calma – digo. – Pergunta para Kelsey se ela tem água mineral com gás.

– Alexa vai me matar! Estou sempre pegando coisas emprestadas dela e perdendo ou estragando.

É quando perco a cabeça.

– Rachel. Você precisa se recompor.

Ela explode em lágrimas. Alexa, que estava nos observando da mesa de *beer-pong*, me olha como se eu fosse um monstro. Terei de me desculpar mais tarde, mas agora preciso sair daqui antes que alguém veja o Jeep de Brandon.

Como ele pôde vir até aqui? Será que não entende quanto isso é uma burrice? Se ele for pego perto de uma festa do ensino médio…

Meu estômago se contrai quando vejo o Jeep de Brandon estacionado no fundo do beco sem saída, faróis apagados. Bato na janela. Ele baixa o vidro.

– A porta está destravada.

– Acho que vou ficar aqui fora. – Enlaço os braços na cintura.

Brandon suspira. Desliga o motor.

– Tá.

Dou um passo para trás quando ele sai do Jeep. Passa a mão para afastar o cabelo da testa e olha para mim.

– Você conversou com Allie. Que porra é essa, Monica?

– Não foi sobre você. Eu nem sabia que vocês estavam juntos.

– Mesmo assim – ele diz. – Você percebe o que poderia acontecer se ela descobrisse?

– Eu não vou contar nada. Acabamos aqui? Ótimo. Tchau. – De repente, percebo que estou bêbada e que preciso me tirar dessa situação. Quando me viro para ir embora, Brandon agarra meu punho.

– Espera. Por que você perguntou sobre Carly Amato para Allie?

Meus joelhos estão tremendo. Fecho as pernas para estabilizá-los.

– Você e Allie estavam juntos quando ela era a treinadora das animadoras, não estavam?

Brandon se cala.

– Não sei aonde você quer chegar com isso.

– Só responde o que perguntei, Brandon.

– Você está claramente bêbada – ele diz. – Por que não me deixa te levar para casa?

Percebo que ele ainda está me segurando pelo punho.

– Fica longe de mim! – Puxo o braço com um safanão tão potente que distendo um músculo do ombro. Brandon dá um passo para trás. Levanta as mãos.

– Jesus, Monica.

– Nunca mais chegue perto de mim – digo.

Ele volta para o carro e eu começo a chorar. Desmorono no gramado da casa diante da qual Brandon está estacionado. E telefono para minha mãe.

Minha mãe parece estar profundamente contrariada quando encosta na frente da casa de Kelsey. Abro a porta do passageiro com força e tombo para dentro.

Minha mãe bufa.

– Quanto você bebeu?

– Duas vodcas com cranberry e um *shot*.

Ela suspira e se afasta da casa. Eu me recosto no banco, de olhos fechados, as lágrimas se acumulando sob as pálpebras.

Quando chegamos em casa, ela desliga o motor, mas não se move para sair do carro. Por fim, ela fala.

– Simplesmente me diga o que fazer. Minhas ideias se esgotaram.

Minha garganta está seca e arranhando. Engulo, mas não consigo encontrar

as palavras. Os soluços saem de mim em espasmos secos violentos.

– Eu me odeio.

Não sei o que ela esperava que eu dissesse, mas não era isso. Ela se encolhe como se eu a tivesse xingado. Não aguento olhar para ela, então cubro o rosto com as mãos e choro. É um som feio, horrível; só um pouco mais alto e Tom e Petey provavelmente conseguiriam ouvir de dentro da casa.

– Monica, me escuta.

Eu soluço. Arquejo em busca de ar. Minha mãe diz meu nome de novo; ela me pega e aninha minha cabeça no ombro. Ela me embala como se eu fosse uma criança e me deixa chorar.

– Eu odeio quem eu sou. Eu me odeio tanto.

– Monica – ela diz, ainda me afagando –, mesmo em sua pior forma, eu amo você mais que a própria vida.

Mamãe me faz tomar uma garrafa inteira de água antes de eu subir para a cama. Dou uma espiada para o banheiro, mas ainda não estou pronta para vomitar. Cambaleio até a cama e mando uma mensagem para Ginny.

ele foi na kelset gs, brandon

Meu celular vibra um instante depois. Ela está me ligando. Aperto "atender".

A voz de Ginny é suave.

– Monica? Não consegui entender seu texto. Você está bêbada?

– Estou – digo. – Brandon foi à festa de Kelsey. A gente discutiu e eu falei para ele ficar longe de mim.

– Monica, espera. Brandon Michaelson?

– Isso. Namorado de Allie.

– Como ele… O que ele estava fazendo, aparecendo na festa de Kelsey para conversar com você?

– Ele… Nós… Ah, eu fodi tudo tanto, *tanto* – choramingo, soluço, e Ginny me interrompe dizendo meu nome.

– Monica, olha, não é culpa sua. Ele é muito mais velho… Monica, você entende o que aconteceu com você, certo?

– Eu sei. Acho que preciso contar tudo para Tom.

– Ele está acordado agora?

– Não. Acho que preciso esperar até de manhã. Ele… ele não vai acreditar em mim, eu estando desse jeito. Ginny – acrescento –, eu não mereço uma amiga como você.

Não sei o que ela diz em resposta, porque o quarto começa a girar e fica tudo preto.

Acordo pronta para vomitar e vou aos tropeções até o banheiro. Mas não sai muita coisa. Aperto a descarga e me inclino sobre o vaso, ainda sem a ambição de me levantar.

Finalmente, estou pronta para me arrastar de volta à cama. Antes de me ajeitar, olho o telefone. São só duas da madrugada; devo ter desmaiado brevemente, depois de encerrar a chamada com Ginny.

Tenho uma mensagem de Rachel, de quase uma hora atrás.

> Gata, você tá bem??? Alguém falou que sua mãe veio te buscar. Desculpa ter sido tão escrota. Tirei o suco da blusa com água gasosa.

Escrevo de volta, os olhos apertados, as bochechas banhadas em lágrimas:

> Eu que sou a escrota. Te amo.

Gostaria de estar amontoada com as minhas amigas na cama de Alexa. Em uma noite normal, a esta altura estaríamos rindo da incapacidade de Rach de nos devolver qualquer coisa que pegue emprestada. Brincos, malhas, livros. Não sabemos aonde as coisas vão parar, mas continuamos emprestando mesmo assim, porque é isso que amigas fazem.

Estremeço, sento-me aprumada e bato na cabeceira da cama. Um único pensamento se cristaliza. Algo está errado. Por que não consigo entender o que está errado?

Brandon e Carly. Brandon não estava traindo Allie com Carly. Allie disse que os caras não deveriam estar saindo com *uma menina do ensino médio*. Não *meninas*.

Allie não sabia sobre Juliana. Brandon não *queria* que ela soubesse sobre Juliana.

Cubro a boca. Gemo, sentindo a bile subir pela garganta.

Eu me obriguei a apagar a foto algumas semanas atrás. Eu a tirei no trabalho no último verão. Brandon no quiosque do salva-vidas, mostrando a língua para mim de brincadeira.

Atrapalhada, procuro meu telefone. Minha lixeira armazena fotos apagadas por trinta dias.

Aumento a imagem nas pernas musculosas e bronzeadas de Brandon. Minha cama parece estar afundando.

Bem acima do tornozelo direito, na panturrilha, há uma cicatriz branca em forma de lua crescente, do tamanho da mordida de um cachorro grande.

---

[9] *Beer-pong* é um jogo no qual cada participante tenta acertar uma bola de pingue-pongue no copo de cerveja do adversário. (N.T.)



Capítulo 21

Acordo de bruços na cama, ainda com a roupa que usei para a festa de Kelsey. Meu telefone informa que é quase meio-dia. Vou para baixo, cada degrau sacudindo meu cérebro. Quero morrer.

Meu irmão está no sofá da sala, assistindo a um filme dos Vingadores. Uma explosão na tela intensifica o latejamento da minha cabeça.

– Cadê todo mundo? – pergunto.

– Papai está no estande de tiro, e mamãe está no teatro, dã.

Uma nova onda de pânico me atinge. Meus pais deixaram Petey e a mim sozinhos; mas claro que sim. Estamos em plena luz do dia, é domingo e não somos bebês. Eles não sabem o que aconteceu ontem à noite. Talvez Ginny estivesse certa e eu deveria ter acordado Tom e contado tudo.

– Eles falaram que você está de ressaca e que eu não podia te acordar, mas se você acordasse era para eu falar pra você não pôr os pés pra fora de casa – Petey diz.

– Entendido. – Massageio as têmporas.

Ando penosamente até a cozinha e estremeço diante da luz que entra pela janela acima da pia. Água. Preciso me hidratar, talvez me forçar a comer alguma coisa para poder tomar um Tylenol.

O som de uma porta de carro batendo me congela. Talvez seja Tom, voltando mais cedo do estande. Olho pela janela, a entrada para carros está vazia.

Soa uma batida à porta que leva da cozinha para a garagem. Tom deve ter

deixado o portão da garagem aberto quando saiu.

Reprimo a vontade de vomitar. Avanço lentamente e abro só uma frestinha.

Brandon me encara de volta. Meu estômago afunda.

– Eu só quero conversar – ele diz.

Eu o imagino na porta dos fundos da casa de Susan Berry.

– Você precisa ir embora antes que eu chame meu padrasto – digo. – Já comentei que ele é policial?

– E o que você diria a ele? – Há um tom de pânico na voz de Brandon. – Você está com uma ideia errada sobre tudo.

Penso no meu irmão deitado no sofá. Mango enrodilhado aos pés dele, incapaz de ouvir a batida à porta por causa do volume do filme.

Eu me posiciono de modo que Brandon não consiga me ver, e após certo esforço encontro o aplicativo de gravação do celular e pressiono "iniciar". Enfio o celular no bolso da calça do pijama e saio para a garagem, fechando a porta atrás de mim.

– O que você quer, Brandon? – O nome dele é amargo na minha boca, mas preciso de uma forma de provar que é ele na gravação.

– Sinto muito por ontem à noite. Eu estava totalmente errado. – Seus olhos estão avermelhados ao redor das pupilas, e a pele sob eles está cinzenta e brilhando. – Mas a gente precisa conversar sobre por que você está tão interessada em Carly Amato e Allie.

– Você sabe por que elas me interessam. – Penso nas câmeras de segurança que Tom nunca providenciou. Alguém viu Brandon chegar aqui? E será que isso vai fazer alguma diferença, se ele me arrastar e me enfiar no carro dele? Meu irmão não ouviria meus gritos, por causa do filme, mas, mesmo que ouvisse, não sei o que Brandon vai fazer com ele.

– Monica, seja lá o que for que você está pensando, está errado.

– Então você não traiu Allie com Juliana Ruiz?

A reação dele ao nome dela é toda a confirmação de que eu preciso. Ele se encolhe e a expressão endurece. Uma tremor mínimo no maxilar. Eu quase vomito. Tenho razão: o brinco, o brinco de Carly…

– Eu a conheci por intermédio de Carly – Brandon diz. – Foi estúpido de minha parte. Eu rapidamente acabei com tudo.

– Na noite em que ela foi morta, certo? Uma pessoa viu você do lado de fora

da casa de Susan.

Brandon entreabre os lábios. Eu tremo loucamente. O olhar dele vai até meu bolso, do qual esqueci de tirar a mão. Fica óbvio, por sua expressão, que ele entendeu tudo.

– Você está gravando isto?

Ele dá um passo na minha direção ao mesmo tempo que a porta da cozinha se abre.

Eu giro nos calcanhares; Petey está parado à soleira. Olha de Brandon para mim.

– Quem é esse?

– Ninguém. Volta para dentro, Petey.

Empurro Brandon para o lado pelo braço, minha pulsação latejando nos ouvidos.

– Ele sabe que você esteve aqui. Conhece sua aparência. Você não é um assassino de crianças, Brandon. Por favor, vá embora e eu vou fingir que você nunca esteve aqui.

Os olhos de Brandon se alternam entre mim e meu irmão, que não se moveu.

– Por favor – digo baixinho. – Você não pensou direito sobre tudo isso. Ele é só uma criança. E, se você me levar, ele vai conseguir levar a polícia direto até você. Você não tem como escapar.

Uma gota de suor brota no lábio superior de Brandon. Eu acertei seu ponto fraco. Ele não é um assassino de crianças.

Quando sinto a tensão deixar seu corpo, dou-lhe uma joelhada nas bolas e grito para que Petey corra.

– Vai direto para a casa da Ginny. Número oitenta e quatro. De lá, chama a polícia.

Brandon se dobra ao meio e geme de dor. Ele se endireita enquanto tropeço na bancada de trabalho de Tom, e me agarra pelo ombro.

Ele está machucado, dá para perceber pela respiração difícil. Eu provavelmente conseguiria empurrá-lo, mas preciso dar uma vantagem ao meu irmão. Luto com Brandon, de olho no portão aberto da garagem; assim que vejo Petey correndo rua abaixo, me viro e dou uma cotovelada no rosto de Brandon.

Quando começo a me afastar dele, uma onda de dor se espalha pela parte de

trás da minha cabeça. Ele está me segurando pelo rabo de cavalo; grito quando ele me prende e me obriga a parar. Cobre minha boca com a mão. Mordo com toda a força. Quando ele se encolhe, tiro da prateleira perto da bancada de trabalho o taco de beisebol de Petey. Uso uma mão para mantê-lo apontado para Brandon.

– Se mexe e eu esmago sua cabeça. Mãos pra cima.

Brandon obedece. A mão que mordi está vermelha, gotas de sangue se formam onde meus dentes encontraram a carne dele. Penso no cachorro de Susan Berry tentando impedir Brandon de sufocá-la. Aperto o taco com mais força.

– Senta aqui. – Indico o caixote onde deixamos os sapatos enlameados. Brandon obedece. – Muito bem. Você disse que queria conversar. Pois converse.

Ele estremece de dor na virilha ou na mão, ou as duas coisas.

– Não sei o que devo dizer.

– Por que você as matou? – pergunto. – Juliana ameaçou contar para Allie?

Brandon fecha os olhos e balbucia "Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus". Ele provavelmente achou que este momento nunca chegaria.

Bato com o taco na rótula do joelho dele e grito, por cima dos gemidos de *ai, meu Deus*:

– Por que você matou as duas, Brandon?

– Não era só por receio de Allie descobrir. Eu tinha vinte e dois anos, Juliana tinha quinze – ele diz. – Se ela contasse para alguém, eu poderia ir para a *cadeia*. Você deveria saber disso.

O tom irônico na voz dele me dá vontade de bater em seu joelho de novo e com mais força.

– O que aconteceu naquela noite?

– Eu falei para Juliana que precisávamos parar, na manhã seguinte àquela em que Allie encontrou o brinco na minha picape. Juliana ficou muito, muito enfurecida. Ela pensava que eu ia romper com Allie para ficar com ela; ela não *entendia* que eu não podia ficar com uma menina de quinze anos. – Brandon engole. – Ela me pediu para ir à casa de Susan para conversarmos. A gente sentou na picape. Correu bem no começo, mas, quando falei de novo que não ia terminar com Allie, ela começou a chorar e gritar que ia contar tudo para

Allie. Daí saiu do carro e bateu a porta.

– E você a seguiu para dentro.

Brandon fecha os olhos. Lágrimas escorrem dos olhos até a boca.

– Ela não atendeu à porta da frente. Quando ela disse que ia chamar a polícia, eu surtei. Escalei a cerca e vi a porta dos fundos; ela me viu, abriu a porta e começou a berrar comigo. Quando a segui para dentro da casa, ela enlouqueceu. Fiquei com medo de que Susan ouvisse, então cobri a boca de Juliana. Ela me mordeu e, quando me largou, caiu sobre o espelho. A cabeça dela estava sangrando e ela partiu para cima de mim com um caco; eu simplesmente entrei em pânico.

– Daí, em vez de gritar por ajuda para Juliana, você a matou e depois matou Susan.

– Susan ouviu. Ela desceu por causa do barulho. Começou a correr de volta para cima quando viu a cena, então corri atrás e a agarrei. – Brandon reprime o choro. – Eu não fui lá planejando machucar ninguém. A coisa toda só saiu do controle.

– Você é nojento! – grito. – Foi tudo encenação comigo, não foi? Você fingiu que dormir comigo era má ideia por causa da minha idade, quando na verdade é um pedófilo de merda…

Ele se lança contra mim e dá um murro na minha boca antes que eu consiga levantar o taco de beisebol. Cambaleio para trás, mas ele pressiona o braço no meu pescoço e me prende contra a parede. Quando tenta pegar o taco, eu o atiro o mais longe que o movimento travado me permite. Cai com estrépito no chão, mas Brandon não vai atrás; seus olhos estão fixos em mim. Estou encarando um animal encurralado.

– Foi isso que você vez com ela? – arquejo.

Pontos pretos começam a dançar diante dos meus olhos. Depois, gritos. Gritos dele. Ele me solta e cambaleia para trás; eu me curvo e ponho a mão no pescoço, tentando processar a cena à minha frente.

Ginny está de pé na frente de Brandon com o taco em mãos. Ela está calma, as mãos firmes ao redor do pescoço dele; Brandon está deitado de costas sem se mexer.

– Onde está meu irmão? – Minha voz sai estranha, meus lábios estão inchados e sinto gosto de sangue. – Onde está Petey?

– Na minha casa. Ligamos para a polícia e para Tom.

Olho de Ginny para Brandon. Somos só nós três agora. Ainda não ouço sirenes. Brandon me observa do chão; de sua têmpora escorre sangue. Caio em mim que Ginny o golpeou na cabeça com o taco.

As pálpebras de Brandon estremecem. Ele precisa de uma ambulância; sofreu uma concussão ou coisa pior. Volto a olhar para Ginny.

– Me dá o taco.

– Monica – ela diz.

– Por favor.

Ginny o entrega a mim. Os olhos de Brandon viram para trás. Ele finalmente desmaiou, seja por causa da dor, seja por me ver parada sobre ele com o taco. Ele deve ter visto na minha cara o tamanho da minha vontade de matá-lo. Em toda a minha vida, eu nunca quis nada tanto assim. Seriam apenas uns poucos golpes.

Meus dedos tremem em volta do cabo do taco. Olho para Ginny. Sua expressão é calma.

– Se você for adiante, eu direi o que você quiser.

Ela dirá a todo mundo que foi autodefesa. Que eu não tive escolha a não ser matar Brandon.

– Eu quero. – Uma lágrima escapa do meu olho. – Quero tanto.

– Eu sei – Ginny diz.

Os pensamentos giram na minha cabeça e pousam no que minha mãe me disse ontem à noite, no carro. *Mesmo em sua pior forma, eu amo você mais que a própria vida.* Ela ainda vai me amar se eu executar Brandon agora mesmo. E sei que Tom também, e talvez até Petey.

Mas os Ruizes, os Berrys, todas as pessoas cuja vida ele destruiu, elas também merecem a oportunidade de olhar para a cara de Brandon. Se eu tirar isso delas, não vou conseguir conviver comigo mesma.

Os olhos de Brandon se abrem. Sustento seu olhar enquanto o chuto na barriga. Continuo chutando até ficar sem fôlego, até uma sirene indicar que está descendo a rua, até meu pé ficar amortecido e Ginny ter de me afastar do corpo desfalecido dele.



Capítulo 22

– Podemos ir para casa agora.

A voz de Tom me arranca do transe. Ele pousa o telefone na mesa e esfrega os olhos. Minha mãe puxou a cadeira dela tão perto da minha que está praticamente em cima de mim.

Quando Tom fala, o aperto dele no meu ombro fica mais forte.

– E quanto a *ele*?

– Sob cuidados. Muito provavelmente, não será possível falar com ele até amanhã.

– Por que ele está recebendo atendimento médico? – mamãe pergunta. – Ele deveria estar em uma cela.

Tom fecha os olhos. Levanta uma mão.

– Phoebe, por favor.

Toco a pele macia no meu pescoço, onde Brandon tentou me esganar. Os socorristas disseram que manchas bem feias podem surgir ali. Eles me examinaram em casa, em busca de ferimentos graves, e me liberaram, o que é a única razão pela qual minha mãe me liberou de ir para o hospital.

Eu os vi transportar Brandon para o hospital. Não posso estar no mesmo prédio que ele. Não quero nem respirar o mesmo ar que Brandon Michaelson.

Uma onda de pânico.

– Eles não podem liberá-lo, certo?

– Eles têm o suficiente para mantê-lo detido por assédio. – Tom não olha

para mim ao dizer isso, mas minha mãe põe sua mão na minha. – Assim que possível, eles vão alterar isso e acusá-lo de estupro de menor.

Minha mãe se encolhe ao ouvir a segunda parte.

– E quanto aos assassinatos? – pergunto. – Eu o gravei praticamente confessando.

– Quando terminarem de colher o depoimento de Ginny sobre o que aconteceu hoje, alguém virá conversar com você de novo. Depois disso, o promotor vai querer ouvir sua versão. – Tom alisa a barba. – Pediram que eu me mantenha afastado enquanto eles investigam.

Meus olhos ardem. Se Brandon for acusado dos assassinatos de Juliana e Susan, o Ministério Público vai reabrir o inquérito sobre a morte de Jack Canning. Tom pode perder o emprego.

– Sinto muito – digo. – Tudo isso é culpa minha.

Minha mãe põe a mão no meu joelho e aperta de leve.

– Para com isso.

Ela está chorando, eu estou chorando e dali a pouco Tom está chorando e pondo os braços ao redor de nós duas, e nós estamos todos chorando.

– E se Jen soubesse que foi ele? – consigo balbuciar, meio engasgada. – E se ela soubesse e ele tivesse descoberto e feito parecer que ela se matou…

– Monica. – Minha mãe intensifica o aperto. – Ela deixou um bilhete. Jen deixou um bilhete. Ela menciona você. Ela queria que você fosse conhecer a Califórnia por ela…

– Para – digo. – Por favor, para.

– Filhinha, não. Você precisa entender.

Estou chorando demais para conseguir pronunciar o que quero dizer a ela: que eu jamais vou entender.

Acordo na minha cama, com a mão da minha mãe na minha testa e a luz do sol atacando minhas pálpebras.

– Ginny está aqui, caso você queira vê-la.

Eu me endireito na cama.

– Que horas são?

– Quase dez. Eu quis deixar você dormir. Quer que eu peça a ela para subir?

Minha cabeça está latejando.

– Não. Eu vou descer.

Ginny está no sofá da sala. Inclina a cabeça. Fica de pé quando me vê. Eu levanto uma mão.

– Senta, senta.

Ginny baixa de volta para o sofá e eu me largo ao lado dela.

– Caramba, está doendo tanto.

– Seu pescoço?

Isso e todo o resto.

– É.

– Eu só queria que você soubesse que não contei nada para a polícia – ela diz. – Bem, obviamente contei algumas coisas para eles. Mas não a última parte de ontem.

– Valeu. Mas você não precisa mais mentir por minha causa. – Aperto o alto do nariz até enxergar tudo branco. – Todo mundo vai descobrir sobre mim e Brandon. Seja como for, minha vida está praticamente acabada.

– Você não fez nada errado. – A voz de Ginny é suave. – Ele usou você assim como usou Juliana.

– Fui eu que usei ele. Eu estava cansada de me sentir amortecida e quis provar a mim mesma que conseguia sentir alguma coisa.

Ginny se cala por um momento. Depois:

– E conseguiu?

– Agora, sim.

Só percebo que estou chorando quando Ginny põe os braços ao meu redor.

Tom disse para esperarmos que o caso de assassinato avance devagar. Quando sai a notícia de que Brandon está sendo acusado de estupro de menor e assédio, não há menção aos assassinatos de Juliana e Susan.

Não há menção à vítima não nomeada de Brandon Michaelson, mas todo mundo na escola sabe que sou eu.

Não sei ao certo quem descobriu, mas não é preciso ser detetive para juntar as coisas. Minha ausência de dois dias, começando na manhã em que Brandon foi despedido de Sunnybrook High, os boatos já correndo de que ele foi preso.

Rachel e Alexa são as únicas para quem contei, tirando Ginny e minha família. Elas me protegem ao longo do caminho para dentro do prédio da

escola; quando a notícia estourou, ontem à noite, minha mãe disse que eu podia ficar em casa hoje, mas há uma coisa que eu ando querendo fazer.

Em lugar de olhares de desprezo e de uma palavra ofensiva pintada no meu armário, encontro sorrisos solidários. Desconfio de que Rach e Alexa fizeram controle de danos.

Eu sou uma vítima, eu me sinta assim ou não. Talvez um dia eu acorde esmagada pelo peso do que Brandon me fez. Por enquanto, a única coisa que sinto é a lembrança daquele taco de beisebol atingindo o corpo dele e do meu pé em suas costelas.

No fim do dia, antes que o ensaio da equipe de dança comece, encontro a treinadora na sala de Atletismo preenchendo formulários de inscrição para as próximas competições. Ela levanta a cabeça e me olha; não parece surpresa ao ver que não estou usando as roupas de dança.

– Vou sair – digo. – Eu deveria ter feito isso antes. Mas você tem uma semana, antes das competições regionais, para retrabalhar as posições.

A treinadora leva o polegar à ponta da caneta, que faz um clique.

– Tem certeza de que é isso que você quer?

Eu não consegui comer, na manhã seguinte aos testes para a equipe, no meu primeiro ano. Tentei cavar um acordo com Deus: *Se eu conseguir entrar no time, prometo ser boazinha com mamãe e Petey e doar todo o meu dinheiro de Natal para um abrigo de animais*. Eu nunca tinha desejado tanto alguma coisa.

A Monica caloura teria me dado um soco na cara.

– Sim – digo à treinadora.

Ela pisca, surge em seus lábios um discreto sinal de sorriso, e depois volta à papelada.

– Você está bem, Rayburn.

Não sei em que sentido ela diz isso. Mas, quando saio da sala dela, eu me sinto mais leve do que quando entrei.

Tomo o ônibus 33 para voltar da escola para casa. Os dias estão ficando mais curtos. É estranho estar em casa antes de escurecer. Subindo a entrada para carros, vejo a silhueta da minha mãe na janela, pendurando um fio de lâmpadas cor de laranja de Natal. A fachada da casa também está diferente: ela estendeu fibra de algodão por cima dos arbustos e pôs um esqueleto de cartola

no gancho da porta principal.

Quando a porta se fecha às minhas costas, Mango começa a latir. Minha mãe põe a cabeça no vestíbulo, o fio emaranhado de Halloween em mãos.

– Você chegou.

– Saí do grupo de dança.

Ela vem para o meu lado, põe o braço em meus ombros e me puxa para um abraço. Sou quase tão alta quanto ela agora. Deixo que me aperte por um minuto inteirinho, antes de pôr as mãos em seus ombros e a afastar delicadamente.

– Você precisa de ajuda com as luzinhas?

Quando as lâmpadas estão penduradas, subo para o quarto, tiro o jeans e o substituo por calça de pijama. Eu me jogo na cadeira do computador e abro meu email, preparada para encontrar mensagens anônimas de ódio sobre eu ser uma vaca destruidora de vidas.

Tenho uma única mensagem, e é de Daphne Furman. Meu coração para; não tem como ela saber que sou a vítima de Sunnybrook High. Não apareceu na mídia nenhuma conexão de Brandon com os assassinatos das animadoras de torcida…

As rodas dentadas na minha cabeça se imobilizam quando vejo o título do email.

Phil Cordero.

Puxo os pés para cima da cadeira e os enfio debaixo de mim.

Oi, Monica,

Meu contato quebrou a cabeça com isto. Ele não conseguiu encontrar nenhum registro de emprego, impostos nem prisão de Phil Cordero nos últimos cinco anos.

Quatro anos atrás a esposa dele abriu uma solicitação para que ele fosse declarado morto, mas parece que o juiz negou. O relatório informa que a esposa de Phil depositou cinco mil dólares de fiança por uma acusação anterior de direção sob efeito de álcool, pela qual ele deveria responder antes de desaparecer (sem relação com a acusação de violência doméstica; esse cara parece ser mesmo uma flor de pessoa). Se um réu morre antes que o caso vá a julgamento e se a fiança tiver sido depositada em dinheiro, a pessoa que fez o depósito pode receber o dinheiro de volta. É bem complicado fornecer prova de morte sem um corpo ou

sem evidência de ter havido má-fé.

Enfim, a solicitação para que Phil fosse declarado morto afirma que a última vez que a esposa o viu foi na manhã de 27 de outubro. Diversas outras pessoas o viram em um bar naquela noite. Você certamente notou que Phil Cordero foi visto pela última vez uma semana antes dos assassinatos.

Sinto muito, sei que você esperava que isso fosse uma pista viável. E admito que eu também esperava. Meu palpite? Phil Cordero estava prestes a encarar quinze anos de prisão por acusações de violência doméstica e por conduzir embriagado e fugiu. Seja onde for que ele está se escondendo, está fazendo um bom trabalho. Provavelmente vivendo amigado com alguma pobre mulher, que não tem ideia do que ele fez.

Avise, caso haja mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.

Até,

Daphne

Li toda a mensagem de novo, para garantir que havia entendido direito. Ginny disse que o pai foi embora em 18 de outubro, três dias inteirinhos antes de quando o relatório diz que ele foi visto pela última vez.

Ou Ginny confundiu a data em que o pai desapareceu ou mentiu a respeito.

O pai de Ginny foi visto pela última vez na noite do acidente de Bethany e Colleen.

Acordo na manhã do aniversário de morte de Jen me sentindo diferente do que me senti no ano passado. O torpor que sempre me dá ainda está aqui, mas consigo sentir emoções também.

Consigo chorar, então choro. No banho. Rachel manda mensagem dizendo que está lá fora me esperando, enquanto eu ainda estou passando corretivo nas olheiras. Fecho o tubo. Encaro meu reflexo no espelho, observando o subir e descer do peito conforme respiro.

Na escola, ninguém é delicado comigo, exceto Rach e Alexa. Ninguém sabe que dia é hoje, e para mim está tudo bem desse jeito. Não quero ser tratada como se fosse frágil.

Quando paro no armário ao fim do dia e encontro Jimmy Varney me esperando, minha respiração fica presa na garganta. O irmão mais velho dele estava na sala de Jen; ele deve se lembrar. Ele deve estar aqui para dizer como

lamenta, como pensou em mim e na minha família hoje.

A última coisa que eu esperava que ele dissesse era:

– Quer ir ao Big Hero's?

– Agora?

– Bom… Dizem os boatos que você saiu da equipe de dança, e, como eu não tenho mais um treinador de corrida ao ar livre, imaginei que nós dois temos a tarde livre.

Ele certamente percebe como endureço ao ouvir o nome de Brandon.

– Monica – ele diz delicadamente. – Eu não ligo para isso.

Sustento o olhar dele.

– Isto vai ser só um sanduíche entre amigos?

– Um sanduíche entre amigos. É isso. Mas só se for um Louisiana Lightning.

Sorrio.

– Obviamente.

Jimmy não me pressiona tentando saber detalhes sobre os fatos das últimas semanas. Na verdade, parece estar se esforçando bastante para provar que não dá a mínima para o que aconteceu entre mim e Brandon.

Quando os lanches ficam prontos, ele deve perceber que não quero comer na lanchonete movimentada, porque pergunta se quero ir para algum lugar mais tranquilo.

– Que tal Osprey's Bluff? – digo.

Ele concorda, e ao longo do caminho conversamos sobre as opções de faculdade dele. Ele está sendo sondado pela SUNY Binghamton, onde Matt estuda, mas Jimmy não quer ir para lá, porque Matt diz que o lugar fede a curral.

Jimmy vira na Osprey Road; do lado oposto da rua vejo vários buquês de flores, incluindo um maço de lírios-tigre de um rosa vibrante. As favoritas de Bethany.

– Pode encostar ali?

Jimmy para no acostamento a uma distância segura da estrada e da placa onde se lê: EM MEMÓRIA DE BETHANY STEIGER E COLLEEN COUGHLIN. Jimmy está de pé, apoiado no carro, os pés cruzados na altura dos tornozelos. Braços cruzados também. Ele não me pergunta o que estou fazendo quando atravesso para o lado que dá vista para o lago.

A grade de proteção está desgastada, mas resta um vestígio mínimo de tinta vermelha. A encosta íngreme desce inclinada até a margem do Osprey Lake. Seria muito fácil que um carro em alta velocidade voasse por cima da grade de proteção e rolasse até o lago.

Penso na reação visceral que Ginny teve com a senhora Coughlin naquele dia, na sala do anuário. O modo como Ginny se esforçou para evitar Rachel naquele outono. Engulo em seco, lanço um último olhar para o lago e me junto a Jimmy no carro dele.

– Qual o problema? – Jimmy pergunta, ao ver meu rosto.

– Absolutamente nada.

Quando chego em casa e vejo a correspondência, não há nenhuma carta de Ethan McCready. Não há razão para que ele escreva para Tom perguntando se ele se importa com a verdade. A verdade está aí, agora.

Mas mando uma mensagem para ele mesmo assim.

Nenhuma carta hoje.

Ele responde imediatamente, como se estivesse esperando que eu entrasse em contato.

Você parece surpresa.

Não. Grata, talvez.

Quando um minuto transcorre sem resposta, escrevo outra vez.

Por que ela te ligou naquela manhã?

Nós ouvimos juntos uma parte de um audiolivro. Ela queria saber como terminava.

E você contou?

Falei que contaria quando a encontrasse de novo.

Cubro a boca. Reprimo um soluço, enquanto uma lágrima escorre pelo meu rosto, por cima da mão. Ela sabia que ia morrer naquele dia. Saber isso com certeza não faz doer menos. Pisco para afastar as lágrimas e leio a mensagem de Ethan, que acaba de chegar.

Obrigado.

Pelo quê?

Ele não responde por vários minutos.

Porque agora eu talvez consiga deixar que ela vá.

Isso provoca uma nova onda de esperança em mim. Talvez Ethan esteja certo e agora todos nós possamos seguir em frente. Nós podemos esquecer o ato hediondo e o que ele nos causou e, no processo, o fardo das meninas mortas possa se tornar um pouquinho mais leve.

Prometo a mim mesma tentar ir em frente. Pensar nelas um pouco menos a cada dia. Nunca vou me esquecer de Bethany e Colleen e Juliana e Susan e Jen.

Não posso, porque minha história está ligada à delas para sempre.

Ginny

CINCO ANOS ANTES
OUTUBRO

Ela sempre adorou a aparência da chuva quando batia no vidro da janela da picape do pai. Estava apenas chuviscando de leve, mas a previsão do tempo alertara para uma tempestade mais tarde.

– Aonde estamos indo? – Ginny perguntou, embora soubesse a resposta.

Era sexta à noite e sua mãe estava trabalhando no hospital. Da última vez que ela chegou em casa às duas da manhã, encontrou Ginny no sofá, assistindo a infomerciais no Nickelodeon, e papai fora de casa. Mamãe telefonou e disse que o mataria se ele tornasse a deixar a filha dela sozinha de novo.

Ele voltou do bar para casa fedendo a cigarro e uísque barato. Mamãe disse para Ginny ir para o quarto, para o *closet*, que fechava por dentro. De manhã, o olho da mamãe estava roxo e inchado, e, quando se levantou da mesa do café da manhã, sua coluna se enrijeceu e seu rosto se contraiu como se ela estivesse tentando não chorar.

Dessa vez ela foi ao pronto-socorro devido a um punho fraturado, e levou Ginny junto. Dessa vez, quando a assistente social do hospital perguntou se deveria ligar para a polícia, a mãe de Ginny assentiu entre lágrimas, o corpo pastoso como se toda capacidade de luta a tivesse abandonado.

Mamãe tentou proteger Ginny de tudo que aconteceu depois: conversas sobre fiança, data de comparecimento no tribunal, a seriedade das acusações que o pai estava enfrentando e rumores sobre ele estar hospedado em um hotel barato em Beaverton. Mais cedo naquela noite, mamãe não tivera alternativa a não ser deixar Ginny na casa da vovó Cordero, já que ninguém mais poderia cuidar da menina.

Quando o pai de Ginny apareceu na casa da vovó Cordero, gritou com a própria mãe até que ela lhe permitiu levar Ginny consigo. *Ela é minha filha. Tenho o direito de ver minha própria filha!*

– Vamos tomar sorvete – papai resmungou, os dedos amarelados e calosos tamborilando o volante da picape. – Só preciso fazer uma paradinha rápida

antes.

Ginny se perguntou que tipo de sorveteria estaria aberta às dez e meia da noite, mas sabia que não deveria questionar. O pai nunca havia encostado um dedo nela, mas ela não sabia ao certo se algum dia isso não poderia mudar.

Papai parou em frente a uma 7-Eleven e estacionou a picape.

– Não saia daqui.

Ginny sabia que não deveria perguntar quanto tempo ele ficaria lá dentro. Seria suficiente para que ela chegasse à cabine telefônica? Ela não sabia se o pai tinha permissão para buscá-la e levá-la a algum lugar, e ele claramente já tinha bebido bastante.

– Tá bom.

Ele deixou o motor ligado e saiu da picape cambaleando. Enquanto andava até a loja, passando pelos meninos skatistas que sempre fumavam no estacionamento, Ginny notou que o caminhar inclinado dele estava piorando. Esse fato, associado ao recente azedume do humor do pai, levou Ginny a desconfiar de que o ortopedista não estivesse receitando tantos analgésicos quanto o pai precisaria tomar.

Ela olhou pelo retrovisor lateral, entortando o pescoço para enxergar atrás de si, na direção da Jessie's Gym, do lado oposto da rua. Quando ela tinha quatro anos, a mãe a havia matriculado em "saltos infantis", e Ginny gostara tanto que acabou indo para a aula três noites por semana assim que atingiu a idade necessária. A mãe a teria matriculado em todos os cursos que Jessie oferecia, se tivesse condição de pagar. Ginny sabia que a mãe queria tirá-la de casa, afastá-la do pai.

Ginny fechou os olhos e sentiu cheiro de suor e resina. Escutou a picape do pai subir guinchando na guia em frente à Jessie's Gym e quase derrubar a placa que anunciava o sanduíche do dia na lanchonete ao lado.

Quando Jennifer Rayburn viu e marchou para contar a Jessie o que tinha presenciado, com o cabelo esvoaçando atrás de si, Ginny conseguiu pensar apenas em como Jen era um anjo. Um anjo loiro de olhos verdes.

Mas depois Ginny ficou constrangida, preocupada com o que todas as outras pessoas no ginásio iam pensar, que ela era uma coitada, cujos pais nunca a buscavam pontualmente ou o pai aparecia bêbado.

O pai tinha conseguido destruir a ginástica também.

Fora da picape, alguém estava gritando. Seu *pai* estava gritando. Ela reconheceria aquele som em qualquer lugar. Ginny espiou pela janela.

Seu pai estava parado na frente de uma picape velha. Um homem estava encostado na lateral, e um estava sentado no banco do motorista, com o braço para fora da janela. Ginny reprimiu o medo e baixou o vidro apenas o suficiente para ouvir o que eles estavam dizendo. Captou metade da frase do pai.

– …tão, qual o seu problema? – ele gritava. – Essas meninas não têm nem metade da sua idade.

O sujeito encostado na lateral da picape deu risada, claramente não amedrontado pelo pai dela.

– Dane-se, velhote.

O sangue de Ginny congelou quando o pai estufou o peito.

– De que porra você me chamou?

O motorista da picape parou de rir. Abriu a porta, provocando uma torrente de pânico em Ginny. Ela baixou o vidro e chamou o pai.

– Papai, por favor! Não.

O homem do lado de fora da picape virou a cabeça na direção dela. Boquiaberto, ele se virou para o pai dela.

– Você está aí surtando de bêbado e está com a porra de uma criança na picape?

Ginny oscilou para a frente e para trás entre torcer para que os homens chamassem a polícia e rezar para que o pai não pousasse a cerveja e atacasse o motorista. Ele podia ser mais forte que a mãe dela, mas aquela era uma briga que ele não podia vencer.

– Papai – ela suplicou. – Vamos embora. Vem.

Para sua surpresa, ele não deu mais um passo na direção dos homens na picape. Ele suspendeu a embalagem de doze cervejas e deu a volta rumo à própria picape, enquanto o outro homem entrava na dele. Eles partiram, deixando Ginny trêmula no banco.

– Eu te falei pra não se meter nessas merdas.

A voz do pai a assustou. Ele jogou a cerveja no banco de trás e bateu a porta com força. O coração de Ginny batia enlouquecido, quando ele se acomodou no banco do motorista.

– Eu não queria que você se machucasse – ela falou bem baixinho.

O pai resmungou. Ginny sentiu nele um fedor de cerveja que não estava lá quando ele entrou na loja, e desconfiou fortemente de que faltava uma lata na embalagem de doze unidades.

– Aqueles caras estavam assediando umas meninas – ele disse. – Não gosto quando animais desses olham para meninas daquele jeito. Uma delas poderia ser você um dia.

Ginny respirou pela boca, enquanto ele lutava para engatar a ré da picape. Ela não disse nada, mas duvidava que houvesse algum homem por aí que fosse mais perigoso para ela do que seu próprio pai.

A chuva caía de lado como lençóis agora, uma daquelas tempestades de outono que mudam de aspecto sem muito aviso.

– Está chovendo demais – Ginny disse. – É muito perigoso dirigir. – *É muito perigoso* você *dirigir*.

Papai a pegou pelo queixo.

– Ei, olhe para mim. Alguma vez eu te pus em perigo?

As palavras dele se embaralhavam. Ginny balançou a cabeça. O pai a soltou e Ginny sentiu um ponto vermelho surgir no lugar de seu rosto onde os dedos dele tinham estado.

– Eu não ponho minha família em perigo. Você está mais segura comigo do que com qualquer outra pessoa, entendeu?

Ginny concordou com a cabeça. Pensou no celular no bolso da jaqueta do pai. Se ela conseguisse pegar sem que ele visse…

Ele se inclinou e começou a girar o botão do rádio pelas estações. No instante em que seus olhos se desviaram da estrada, a picape guinou para o acostamento.

– O que você acha? The Stones ou Moody Blues?

Ginny apertou os olhos com força.

– O quê? Agora você não está falando comigo? – Papai se virou bruscamente no banco para olhar Ginny de frente, e com isso invadiu a pista oposta. Ginny agarrou o painel, ao ver através da chuva os faróis de outro carro…

Ela sentiu como se estivesse saindo do corpo, como se fosse outra pessoa berrando *Papai, papai, papai*…

Com um safanão, ele endireitou o volante. O som aterrorizante da buzina do

outro carro, depois o rangido de metal contra metal; papai pisou fundo no freio e a picape deu um giro completo, 360 graus. Ginny sentiu os pneus se levantarem do asfalto; eles estavam caindo, ambos aos berros. O crânio dela bateu no teto e depois tudo ficou em silêncio.

De ponta-cabeça. Eles estavam de ponta-cabeça. Com as mãos trêmulas, Ginny desafivelou o cinto de segurança. Ao seu lado, o pai estava imóvel, e escorria sangue pelo rosto dele.

Ginny baixou o vidro e se arrastou para fora, a cena girando ao seu redor. A picape tinha voado por cima da grade de proteção; embaixo de Ginny, o terreno era inclinado, seus pés estavam enfiados na lama. A água do lago mais abaixo estava subindo por causa da chuva.

Aos tropeções, ela escalou a colina de volta para a estrada, os tênis soando como ventosas na lama. Ela andou apesar da dor que sentia no ombro, ou talvez fosse na clavícula. Nunca tinha quebrado um osso antes, mas imaginava que era assim que doía.

Ajudar, eu tenho de ajudar aquelas pessoas…

Ginny estancou quando o outro carro entrou em foco. Estava partido *ao meio*, a parte da frente abraçando uma árvore.

Quando, no meio da grama, ela viu um membro totalmente separado do respectivo corpo, dobrou-se para a frente e vomitou.

No carro, as duas meninas (ou pelo menos Ginny achava que eram meninas) estavam mortas. Isso estava claríssimo. Elas estavam mortas por culpa de seu pai; ou talvez por culpa *dela*, que não havia respondido quando ele perguntou que música ela queria ouvir, e com isso o deixado bravo e desviado os olhos da estrada.

Nos dois sentidos só havia escuridão e chuva. Por que não passava ninguém? Onde estavam os outros motoristas? Ginny atravessou a estrada de volta e deslizou para a encosta, segurando-se em galhos enquanto descia para não cair. Se conseguisse pegar o celular do pai, poderia ligar para a polícia.

Foi quando o ouviu gemer o nome dela. Com o ranço do vômito ainda azedo na língua, Ginny chegou ao fim da descida. O pai tinha conseguido baixar a janela. O rosto dele estava vermelho pelo sangue que escorria da cabeça.

– Ginny, meu bebê – ele disse. – Preciso que você solte o cinto para eu conseguir sair.

Ginny olhou do braço dele, dobrado em um ângulo antinatural, para o sangue que pingava da testa. Ela pensou no olho da mamãe, roxo e inchado.

A voz de papai penetrou através do crânio dolorido de Ginny.

– *Agora*, Ginny. Estou sangrando pra cacete aqui.

Ginny levou a mão à sobrancelha e examinou os dedos manchados de sangue.

Os olhos do pai eram suplicantes.

– Vamos lá, nenê. Você precisa me ajudar a sair daqui. Eu não tenho como soltar o cinto.

Só o que ela precisava fazer era enfiar o braço dentro do carro e abrir a fivela do cinto de segurança, e seu pai sairia pela janela do motorista. A encosta estava ficando encharcada, a picape balançava, ameaçando cair no lago…

Papai estava dizendo seu nome aos berros agora. Um trovão ribombou acima do lago e ela soube que dentro das casas ninguém, mesmo que estivesse prestando atenção, conseguiria ouvir os gritos dele. Com um braço ao redor de uma árvore, ela observou a picape escorregar para o lago.

Depois, deu meia-volta e subiu de novo até a estrada, para longe das sirenes que se aproximavam, e desapareceu na chuva.

Horas mais tarde, quando sua mãe chegou em casa e quis saber por que Ginny estava deitada na cama com um saco de cenouras congeladas pressionado sobre a clavícula fraturada, Ginny falou que o pai fizera aquilo antes de ir embora.

Era verdade, afinal.

Ela sabia que a imagem daquele carro destroçado a assombraria pelo resto da vida, mas qual seria a vantagem de admitir o que realmente acontecera? O pai não havia recebido o que merecia por ter matado aquelas duas meninas, por machucar a mãe dela, por destruir quase tudo que tocava?

Não, Ginny decidiu. Ela não contaria a ninguém.

Há certas coisas que nem todo mundo precisa saber.



Agradecimentos

Este livro foi um esforço em equipe com a minha editora, Krista Marino. Obrigada por responder no meio da madrugada aos meus emails com ideias. Obrigada pela sua paciência e orientação e pelo seu entusiasmo (assim como pelo amor que compartilhamos por coisas sombrias e arrepiantes).

Obrigada à minha agente, Suzie Towsend, que está ao meu lado há muitos anos, e a contagem continua. Também tenho muita sorte por contar com a equipe da New Leaf Literary na minha retaguarda: Sara Stricker, Joanna Volpe, Mia Roman, Kathleen Ortiz, Pouya Shahbazian, Chris McEwen e Hilary Pecheone.

Obrigada à equipe da Random House Children's Books: Monica Jean, Barbara Marcus, Beverly Horowitz, Cayla Rasi, Elizabeth Ward, Kate Keating, John Adamo e Aisha Cloud, uma divulgadora de primeira categoria.

Obrigada aos Sleuthers, os melhores fãs que uma garota poderia pedir: Mithila, Brittany, Gabriella, Ashley, Maren, Eileen, Natasha, Ryley, Olivia, Emily, Chelly, Anna, Angel, Jess, Joe, Lisa, Jordan, Inah, Rachel, Bianca, Kristen, Nicole, Alice, Bailey, Danielle, Diana, Emma, Sarah, Veronica, Whitney, Jeddidiah, Stephanie, Jessica, Hazel, Kaitlin, Tawney, April, Amber, Hallie, Krysti, Kat, Jessica, Troix, Desirai, Regina, Meigan e Kester.

Ao meu paciente marido, aos meus familiares e amigos, especialmente às minhas manas.



Quatro bons mentirosos

Wishart, Sarah

9786583060044

384

Compre agora e leia (Publicidade)

A IRMÃ MAIS VELHA ASSUSTADA. O SURFISTA PROBLEMÁTICO. O GÊNIO INSEGURO. A PRINCESA MIMADA. Eles não têm nada em comum, exceto o fato de que estavam juntos no ônibus escolar no dia do acidente. Aquela manhã em que encontraram a mala do motorista morto, contendo um milhão de libras – e uma arma. Todos eles têm segredos. Todos precisam de dinheiro. Mas há alguém perigoso atrás deles. Se quiserem sobreviver, precisam se manter unidos.

Compre agora e leia (Publicidade)



Como sobreviver a um filme de terror

Dunmore, Scarlett

9786583060174

288

Compre agora e leia (Publicidade)

Entusiasta de filmes de terror, Charley está determinada a se manter discreta ao ser matriculada em um internato para meninas em uma ilha remota. Isto é, até que alguém comece a matar as alunas da turma do último ano! De elaboradas táticas de intimidação a cabeças decepadas em geladeiras, num piscar de olhos Charley está no centro de um filme de terror adolescente. E essa não é a única coisa alarmante que está acontecendo: ela agora vê os fantasmas!? Assombrada por suas colegas mortas e com todos começando a suspeitar dela, Charley decide fazer algo a respeito. Ela e sua única melhor amiga, Olive, vão resolver os assassinatos e descobrir quem está matando a turma antes da formatura. Charley só precisa que aqueles fantasmas irritantes calem a boca e lhe dêem uma mão... Um romance YA em ritmo acelerado sobre duas amigas tentando sobreviver ao último ano literalmente! Perfeito para fãs de "Rua do Medo", "O clube da meia-noite" e da franquia "Pânico".

Compre agora e leia (Publicidade)



Atraídos pelo caos

Micciche, K. J.

9786583060112

384

Compre agora e leia (Publicidade)

Entre e-mails atrevidos, memórias do ensino médio e a escrita de um novo romance, Grace Landing está à beira de um desastre — ou será de um grande recomeço? Na vida de Grace, as palavras sempre foram suas maiores aliadas e suas maiores inimigas. Quando, impulsivamente, ela envia um e-mail para Colin Yarmouth, ela se vê enfrentando fantasmas do passado e revisitando as cicatrizes da juventude. Com humor ácido, momentos emocionantes e um toque de romance na medida certa, Atraídos pelo caos explora os desafios de entender os próprios sentimentos e a beleza das segundas chances.

Compre agora e leia (Publicidade)



Intrigas de verão

George, Erica
9786583060068
384

Compre agora e leia (Publicidade)

Em um mundo onde expectativas passam pela presença nos salões de baile, Blythe Rowley luta para encontrar sua verdadeira identidade enquanto equilibra a inteligência afiada e a paixão pelas abelhas com as demandas da família e da sociedade. Quando Briggs Goswick, seu inimigo de infância e a fonte de suas maiores irritações, retorna a Brumbury como o novo senhor de Mistlethrush Hall, Blythe é forçada a enfrentar velhas rivalidades, segredos familiares e a si mesma. Repleta de diálogos espirituosos, tensão romântica e um charme irresistível, Intrigas de verão é uma celebração do crescimento, da resiliência e do poder de escolher o próprio caminho, mesmo quando a sociedade insiste em ditar outro.

Compre agora e leia (Publicidade)

Book Love

para apaixonados por livros



mood

Book Love: para apaixonados por livros

Tung, Debbie

9786583060204
144

Compre agora e leia (Publicidade)

Esta é uma obra escrita sob medida para bibliófilos acumuladores de livros e bebedores de chá que adoram enfiar o nariz no miolo dos livros para sentir o cheiro do papel. Os quadrinhos de Debbie Tung são característicos e divertidos, provocando risos nos leitores enquanto retratam com precisão os pensamentos e hábitos dos ávidos por leitura. É o presente ideal para que um amante de livros saiba que é compreendido e admirado.

Compre agora e leia (Publicidade)